

Hoje
52 páginas**O "DL" faz
62 anos**

Ser o mesmo e mudar

A 7 de Abril de 1921, completam-se hoje sessenta e dois anos, o «Diário de Lisboa» iniciou uma caminhada que tem tido os seus dias difíceis e os seus dias fartos. Sem triunfalismo, com a consciência do trabalho realizado, com a noção das possibilidades que se nos abrem e das deficiências que importa vencer, consideramos o presente e encaramos o futuro. Contamos com os leitores para vencer as dificuldades e para explorar o vasto campo de possibilidades que se nos oferece. Para um público certo e dedicado publicamos o «Diário de Lisboa». Esse público constitui suporte e apoio de nossa presença na vida portuguesa. Mas há que alargá-lo, que conquistar novos leitores, que conquistar os leitores jovens.

Aqueles que nos acompanham diariamente — muitos dos quais nos acompanham há largos anos — têm compreendido que o «Diário de Lisboa», sem alardes, sem pressas, sem sensacionalismos, vá evoluindo de acordo com uma realidade social em movimento e o novo tempo português. Entre renovação e continuidade, o necessário equilíbrio e a clareza de posição foram mantidos.

O inconformismo, e até a irreverência, o espírito crítico, a autonomia, a independência na apreciação dos acontecimentos, das ideias e dos homens, são timbre do «Diário de Lisboa». Jornal livre, sem amarras que o vinculem e o impeçam de julgar livremente, sem compromissos a condicionarem uma atitude de verticalidade e de independência.

Não poderá surpreender — a grande maioria dos leitores não só não o estranham como o consideram necessário — que, no quadrante político nacional, a voz do «Diário de Lisboa», porque livre e independente, seja uma voz de esquerda. É de «esquerda» a atitude crítica e a abertura que, já no tempo do fundador, dr. Joaquim Manso, neste jornal era assumida por um João de Barros, um João de Deus Ramos, um Aquilino Ribeiro e tantos outros. Não se trata de um alinhamento que constitua compromisso, mas de uma coerência que se justifica, e é, em si mesma, garantia da independência do jornal.

Com a colaboração literária de Aquilino Ribeiro — a novela regional «O Esconjuro» começa a ser publicada, em folhetim, na nossa primeira edição — inicia o «Diário de Lisboa» uma vida de convívio com os valores literários e artísticos do país. No n.º 2 do «Diário de Lisboa», Almada Negreiros marcará a presença dos artistas. As páginas do «Diário de Lisboa» estarão abertas aos poetas. É com uma vibrante homenagem ao Soldado Desconhecido que o poeta João de Barros surge num dos primeiros números do «Diário de Lisboa».

É uma tradição que vamos respeitar: a da ligação da vida cultural e da vida política, assegurando, à «opinião» um espaço diário e às ideias, às letras, às artes e à crítica a importância que se impõe. Só pelas ideias o mundo se move, as sociedades se transformam, a humanidade avança. Estamos em dias de mudança. A grande palavra de ordem do futuro é mudar: mudar de atitude perante a sociedade, mudar de atitude perante a cultura, mudar de atitude perante a política, mudar de vida.

O «Diário de Lisboa» vai acompanhar essa mudança. Mudar — com a vida — para ser sempre o mesmo «Diário de Lisboa».

**Hoje:
"Especial aniversário"
e o suplemento
"Ler/Escriver"**

Primeira grande derrota do "novo" Abecasis Projecto Hilton rejeitado

Pág. 5

No Congresso da IS em Montechoro Soares condena intervensões de países estrangeiros na América Central

Na abertura do 16.º Congresso da Internacional Socialista, hoje iniciado em Montechoro, Algarve, o vice-presidente da IS e secretário-geral do Partido Socialista Português, Mário Soares, criticou as intervenções estrangeiras na América Central. Num discurso de 4000 palavras, Soares afirmou peremptoriamente que, «qualquer que sejam os pretextos invocados, as intervenções es-

trangeiras são sempre condenáveis». Sobre a situação no Médio Oriente, o dirigente socialista português referiu-se ao relatório da Comissão da IS que visitou a zona, comissão presidida pelo próprio Mário Soares, e condenou energicamente os massacres no Líbano. No segundo dis-

curso da manhã, o presidente da IS, Willy Brandt, acentuou a necessidade de uma nova ordem

económica internacional, como condição essencial para a Paz. A anteceder o Congresso, decorreu uma reunião do «Bureau», acerca de cujas discussões nada de concreto se sabe, a não ser os problemas levantados pela questão do convite feito a um palestino. Willy Brandt desmentiu declarações anteriores feitas à Rádio portuguesa segundo as quais o palestino pre-

sente em Montechoro ali se encontrava em nome da OLP e convidado para participar como observador. Esta «explicação» de Willy Brandt deveu-se, sem dúvida, a acalmar os ânimos e a ultrapassar as dificuldades que a atitude intransigente do Partido Trabalhista Israelita estaria a suscitar. No entanto, pensa-se que os trabalhos do Congresso se verão enredados na teia do Médio Oriente... **Págs. 9 e 10**



Com "Balada da Praia dos Cães" José Cardoso Pires ganha Prémio do Romance e Novela

O Grande Prémio do Romance e Novela, instituído pela APE, foi atribuído a «Balada da Praia dos Cães», último livro de José Cardoso Pires. Entre trinta obras concorrentes, a decisão do júri foi tomada por unanimidade. Só ontem tornado público, aquando do anúncio da concessão do galardão a JCP, o júri integrou Álvaro Salema, Jacinto Prado Coelho, Maria da Glória Padrão, Maria Lúcia Lepecki e Oscar Lopes. São 750 contos. «Dinheiro para pagar impostos e dívidas pessoais» — diria o romancista. **Pág. 24**



Benfica nada ensinou aos romenos

Setenta mil viram o Benfica espartilhado, impotente para encontrar soluções ante uma muralha defensiva de se lhe tirar, o chapéu. Os universitários de Craiova, que vinham assim a modos que pudins para atapearem a refeição, acabaram por fazer render a multidão, finalmente a entender da razão da Roménia ser grande favorita no grupo europeu onde os campeões mundiais (italianos) estão baixado bandeira. Alves (na imagem), tal como Chalana e Humberto brilharam no palco da Luz: mas o **chuveirinho** sobre a defesa contrária não conseguiu uma só vez perturbar o branco do marcador. Agora, tudo depende do dia 20. **Pág. 17**

ARMAZÉM pretende-se

Pretende-se alugar, comprar ou tomar de trespasse na zona da Misericórdia, Camões, Príncipe Real, Bairro Alto ou perto desta zona, com a área total mínima de 400 metros quadrados, devendo o piso térreo ter o mínimo de 200 metros quadrados, com bons acessos para cargas e descargas. O objectivo é instalar escritórios, armazém, e, no piso térreo, uma pequena indústria não poluente, sem fumos, cheiros ou ruídos. Resposta à Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telefone 321154 ou 320271.

PRECISAM-SE

Cabeleireiros competentes em Cortes
Ajudantes competentes em Permanentes e Cores

**SÉRGIO E MARGARIDA
CABELEIREIROS**

Av. da República, 5. Metro-Saldanha
Telef. 572401

VISITE A CHECOSLOVÁQUIA

JULHO — 9 a 21
Praga e Região dos Tatras,
Lidice.
AGOSTO — 6 a 18
Praga, Medlov, Lidice.
Todas as despesas incluídas.
Visitas sociais e programa cult.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA:

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-CHECOSLOVÁQUIA
RUA ARTILHARIA UM, 105-4.º - TEL. 68 85 87 - LISBOA
EM COLABORAÇÃO COM A AG. MUNDIRAMA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do número 7.1 do artigo 7.º dos Estatutos, convoco a **ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do UNIÃO E PROGRESSO DA VENDA NOVA** para funcionar na Sede Social, sita à Rua Marquesa de Alorna, 2-A, Venda Nova, pelas 20,30 horas do dia 15 de Abril de 1983 com a seguinte **ORDEM DE TRABALHOS**:

1. Apreciação, discussão e votação do **RELATÓRIO E CONTAS DA Direcção e PARECER DO CONSELHO FISCAL** relativos ao exercício do Ano Social findo em 30 de Março;

2. Questões gerais de interesse para o Clube.

Se à hora do início dos trabalhos não estiver presente número suficiente de Sócios para a Assembleia funcionar validamente, a mesma reunirá uma hora depois com qualquer número de Sócios presentes, nos termos estatutários.

União e Progresso da Venda Nova, 30 de Março de 1983

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral,
Manuel José Teixeira

Vento no arame da roupa

Pedro Alvim

O avental, no arame da roupa, está grávido. Grávido de vento — um vento que atravessa todos os quintais, todos, e termina aqui. Aqui, neste pátio, neste muro, nas traseiras desta casa.

— Maria!

— Senhora!

— O vento rasga o avental!

A criada surge no pátio, os cabelos desfeitos no vento, as mãos atiradas ao arame. Mas o avental esvoaça, tremula, açoita-lhe a cara, enrodilha-se nas molas, cada vez se prende mais ao dia ventoso.

— Ai que o não consigo tirar!

É uma tarde de brusca tempestade: e a criada luta no arame para salvar o avental, teimosa, sob os olhos da senhora lá na janela de cima.

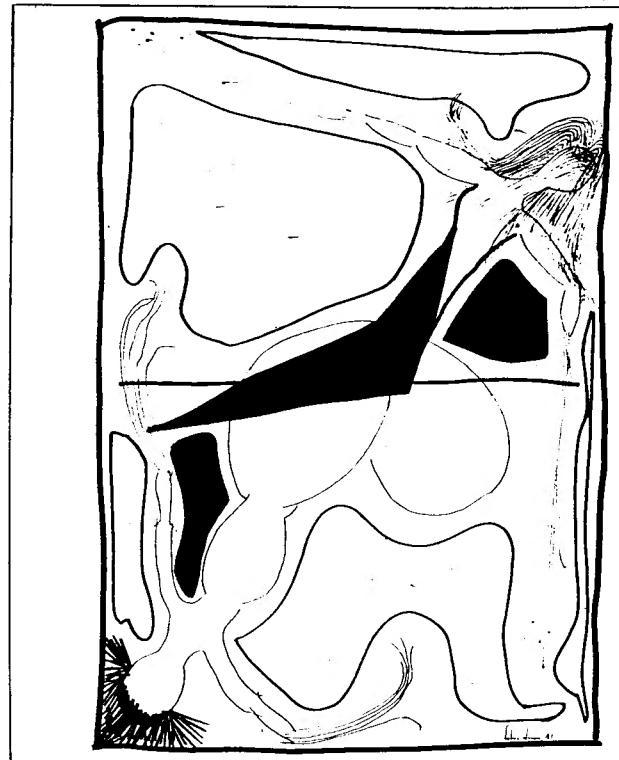
Um assobio precipita-se, com muitos «vvvvv...», na água ensaboada do tanque — e um novo grito cai no pátio cinzento:

— Maria, que tens tu...?

Maria, presa no arame pelos pés, oscila no vento como coisa que é. Avental e criada estão irmanados. Irmanados de um lado para o outro.

— Espera que já aí vou!

Mas a senhora também fica presa no arame, de lá para cá, presa também pelos pés, também coisa como a criada, como o avental. Breve a chuva desaba, oblíqua pelo vento, e avental, criada e senhora ficam a pingar até mais não... Ali ficam, ali se mostram, ali ondulam: e a combinação da senhora é preta, e a combinação da criada é branca.



Liberdade para o sindicalismo

Manuel de Azevedo

Ainda está fresca na memória de todos a expressão utilizada para dar sentido ao «1.º Congresso dos Jornalistas Portugueses» **Liberdade de Expressão — Expressão da Liberdade**.

E de tal maneira ainda estava fresca na memória de todos os jornalistas que nas últimas eleições do Sindicato dos Jornalistas se verificou uma grande afluência de associados os quais votaram em plena liberdade e exemplar equilíbrio. Este foi o fruto meritório e benefício real para todos deste «1.º Congresso».

Se os profissionais de jornalismo em todo o país demonstra-

ram um profundo interesse pelo sindicalismo e pelo seu sindicato, facto que há muitos anos não se verificava, já com os profissionais da política se notou uma intromissão abusiva na vida sindical. Assim, Mário Soares e Amaldo Matos, dirigentes respectivamente do PS e do MRPP, meteram-se onde não eram chamados e desrespeitaram grosseiramente a liberdade sindical.

Os srs. doutores da política não podem esquecer que a independência e a liberdade dos sindicatos são um direito verdadeiramente democrático.

O respeito é muito bonito. Pois é.

As línguas mortas

Maria Judite
de Carvalho

ESTE português (e, ao que me consta, muitas outras línguas da velha Europa) estão cada vez mais escuras, quase tão impenetráveis como as línguas ditas mortas. Preparar-se-ão para o seu fim, as pobres, de cansadas de ler e escrever e dizer coisas tão assustadoras

como euromísseis, armas nucleares, mísseis solo-ar e solo-solo, minas, armas de médio e longo alcance, armas convencionais, armas sofisticadas, etc.? Pois o que há-de uma pobre língua viva fazer em tais circunstâncias se não pôr-se a sofrer de qualquer coisa grave e começar a morrer?

Não sei nem quero saber como foi a morte do latim. Esta nossa língua, porém, que ainda

há pouco nos parecia tão viva, está a sofrer de desintegração em compartimentos estanques. Os literatos falam e escrevem para literatos, os economistas para economistas, os políticos para políticos. Já só há uma língua para todos os portugueses, o português popular. Na língua culta ou um pouco culta ou que culta se julga, também acontece, os átomos compartimentos separaram-se antes mesmo de

serem separados à força por uma das armas construídas por grande amor aos europeus.

Aquele ministro é muito inteligente, disse-me há dias dona Fausta, telespectadora fiel e que até nem é totalmente analfabeta. E acrescentou, porque é uma senhora muito franca: Não percebo muito bem o que ele diz mas vê-se mesmo que é um homem sabedor.

SENSACIONAIS DESCONTOS

Durante a campanha de Páscoa

Agora também com abastecimento de gás até às 21 h. do próprio dia

Na nossa gama de electrodomésticos, facilitamos o pagamento até 12 meses. Pagamento até 3 meses sem encargos.



Assistência técnica garantida, em fogões, esquentadores até às 21 horas

VEJA EM EXPOSIÇÃO O TELEVISOR SALORA

COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES DE ALHOS VEDROS, LDA.
AGENTES BUTAGAZ • PROPAGAZ • CAMPING GAZ
PRACETA DA BELA ROSA, 6
TELEFONE 204 02 22 • 2860 ALHOS VEDROS

"CLAVE"

DELEGADOS DE PUBLICIDADE

Para jornal diário e outras publicações, com e sem experiência:

EXIGE-SE:

- Boa apresentação
- Bom nível cultural
- Facilidade de argumentação
- Dinâmico

Resposta detalhada com curriculum ao n.º 6302 deste jornal.

ROTÁRIOS

* VAMOS A TORONTO *

CONVENÇÃO MUNDIAL
5-8 JUNHO 83
HOTEL DE 1ª CLASSE
GARANTIDO

INSCRIÇÕES até 18/3

NÚMERO LIMITADO DE LUGARES

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

abreu
OPERADOR TURÍSTICO N.º 35
fundada em 1840

PORTO - Av. Alados, 207 - Tel. 317921
PORTO - R. Eug. Castro, 256 - Tel. 61151
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
ALMADA - R. de Oliveira, 9-C - Tel. 2755756
BRAGA - Av. Central, 171 - Tel. 711623
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
F. A. R. O. - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
PORTIMÃO - R. Inf. D. Henrique, 83 - Tel. 27151
FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8



Lisboa é rua
não deste lixo na rua

Internacional Socialista

Os caminhos de Abril no Congresso em Montechoro

Alice Nicolau

A PESAR de todos os maus auspícios, esperamos que a Internacional Socialista, reunida a partir de hoje em congresso, em Montechoro, corresponda aos anseios nela depositados e siga, sem tibiézas, a linha política que adoptou em Genebra, que reafirmou em Vancouver e que confirmou em Madrid: «Servir a paz através da cooperação entre o Leste e o Oeste.»

Na verdade e, como os acontecimentos das duas últimas semanas têm revelado com toda a clareza, as tendências nefastas do percurso da Administração Reagan confirmam-se, dando razão — mais que razão — aos partidos socialistas e sociais-democratas, que, em Madrid, manifestaram o receio de que, com a mudança de inquilino na Casa Branca se agudizasse o confronto Leste-Oeste, se aban-

do mundo opõem à cegueira belicista de meia dúzia de monopólios, à busca frenética de superlucros de um punhado de multinacionais, à lucidez da luta inflexível pela paz, como único meio de recuperar as economias e de libertar a Humanidade das servidões multisseculares que nada justifica a vinte anos do século XXI.

As tergiversações em que certos partidos da Internacional Socialista têm caído, a carta «atlantista» em que têm jogado constituíram uma via suicida, que os tenores do imperialismo estimulam e aplaudem, porque conduzem à divisão das forças da esquerda e ao revigoramento das forças mais retrógradas e conservadoras.

A experiência governativa do SPD oeste-alemão bem o demonstra. O «atlantismo» de Schmidt e a sua política económica conduziram a RFA a uma

vai apresentar ao Congresso responde a objectivos muito concretos que a actual crise económica impõe: um novo crescimento dos países industrializados através de um arranque económico e de reformas estruturais; um esforço de fomento das relações, Norte-Sul, único meio de recuperar mercados no Terceiro Mundo; a reconstituição da nova ordem monetária internacional.

Mas como conseguir tais fins, se os recursos humanos, tecnológicos, naturais e financeiros continuarem a ser desviados para os gastos improdutivos e cada vez mais desenfreados com os armamentos? Como fomentar as relações Norte-Sul e recuperar os mercados do Terceiro Mundo, mantendo as iniquidades da ordem internacional vigente? Como reconstituir a ordem monetária internacional, continuando sob a asfixiante dependência do dólar?

tação de alcançar o estatuto nuclear.

É isso precisamente o que está a acontecer, com o estímulo directo da Administração Reagan. Veja-se o caso japonês, mais recente, e os casos bem conhecidos de Israel e da África do Sul.

As situações conflituosas nas zonas nevrálgicas do Mundo, onde se travam os grandes combates pela libertação dos povos (desses povos oprimidos de que a IS se fez porta-voz na sua Declaração de Francoforte e com os quais tem alargado as suas ligações desde os anos 70), constituem, conjuntamente com os problemas do armamento, os maiores desafios do nosso tempo.

O que se espera da Internacional Socialista é que detenha o passo da Administração Reagan na América Latina (sobretudo na América Central e nos Caraíbas), na África Austral, na Ásia e no Médio Oriente. O que se espera da Internacional Socialista é que, uma vez mais, esqueça as divergências que a opõem às outras correntes do movimento operário e dos movimentos de libertação e se una com elas, numa plataforma comum.

Há quatro domínios em que essa unidade é um imperativo da sobrevivência da nossa civilização: **no campo internacional**, o aprofundamento do processo de desarmamento, a luta pelo desarmamento, assente no princípio da paridade estratégica e da redução progressiva, mútua e equilibrada dos armamentos existentes, sobretudo nucleares; a solidariedade com os povos em luta contra o racismo, o colonialismo; o empenho na democratização das relações económicas internacionais; **no plano político**, deter o passo às forças conservadoras mundiais que espreitam todas as brechas para reerguerem a cabeça e que ousam fazer soar de novo na Europa os clamores fascistas que tão recentemente ainda conseguimos liquidar em conjunto; **no campo social**, a acção comum na defesa dos direitos e das conquistas dos trabalhadores, a colaboração tendente a assegurar que as sociedades humanas se libertem das amarras anacrónicas da desigualdade e injustiça.

Estes caminhos não são novos para a Internacional Socialista. Nem constituem nenhuma viragem para as direcções de certos partidos nela integrados. Parte deste programa é o programa dos trabalhistas britânicos, dos sociais-democratas suecos, dos socialistas e sociais-democratas da Europa do Norte, dos socialistas da Espanha. Parte deste programa é aspiração de vastas camadas das bases e de organizações inteiras da quase totalidade dos partidos da IS.

Compreende-se que o que é bom para todos seja também bom para a Internacional Socialista. O «negócio» proposto só lhe trará vantagens: se os diversos partidos buscarem a coesão interna através destas vias, estarão a reformar-se de acordo com as exigências da sua base social de apoio, estarão a sanar graves cisões entre as suas direcções e os seus sectores socialmente mais dinâmicos, estarão a conquistar posições internas a uma direita arrogante e visivelmente incapaz de fornecer alternativas. Estarão, a nível da própria Internacional Socialista, a cerrar fileiras, a pôr termo à permanente cisão Europa do Norte-Europa do Sul, a alargar a sua capacidade de penetração nesse Terceiro Mundo tão almejado e tão descuidado.

Estarão, finalmente — **last, but not least** — a chegar com a pontualidade possível ao encontro que a História lhes marcou em Montechoro, nestes dias de Abril.



Willy Brandt, Mário Soares e Felipe Gonzalez, na conferência de Lisboa de Outubro de 1978 sobre os processos de democratização na Península Ibérica e na América Latina

donasse o tratado SALT II, se iniciasse o rearmamento nuclear da Europa, se tornasse mais ameaçador que nunca desde a II Guerra o clima bélico no mundo.

Todos esses receios se confirmaram assumindo dimensões muito mais sombrias ainda do que se esperava. Ao arripio das opiniões públicas, contrariando todos os dados objectivamente seguros sobre as novas armas, violando as consciências e a moral, a Administração Reagan enveredou decididamente pelo caminho da corrida aos armamentos, da alteração qualitativa destes armamentos, da busca inútil e desenfreada de superioridade que lhe garanta a hipótese de disparar o primeiro tiro nuclear. O anúncio da «guerra das estrelas», a alteração da estratégia militar ocidental, a insistência na «opção zero», a recusa a todas as propostas e ao puro e simples diálogo com o Leste: eis em síntese o teor das últimas posições adoptadas pelos EUA, que confirmam aquilo que dizemos.

A Internacional Socialista, um conjunto de partidos representativos de uma poderosa corrente do movimento operário internacional, um conjunto de partidos que desde 1951 se assumiram como porta-vozes dos povos oprimidos deste mundo, faz parte integrante, pela sua própria natureza, das forças que neste

situação de crise até há poucos anos desconhecida nesse país. A viragem que o SPD operou nos últimos meses de governação foi impotente para garantir uma vitória eleitoral, comprometida há muito. Todos sabemos que não foram os «euromisseis» quem ganhou as eleições da RFA no dia 6 de Março passado. Quem ganhou as eleições foi a inflação, o desemprego, a crise que tanto atemoriza o povo alemão, habitado por pavores historicamente conhecidos. Todos sabemos também que a direita explorou a fundo a corrida nas urnas entre os «euromisseis» e as dificuldades económicas. Nas semanas que antecederam as eleições, a direita oeste-alemã, concluída com o mundo de negócios ocidental, procedeu a uma sistemática sabotagem e fuga de capitais, exercendo constante chantagem sobre o eleitorado, prometendo o dilúvio económico, no caso de o SPD ganhar.

Todos sabemos também que as forças sociais oeste-alemãs, que nas urnas votaram «economia» não desistem nem enfraquecem na frente dos «euromisseis». As grandes jornadas pacifistas da Páscoa aí estão para o demonstrar.

Recuperação

O programa económico que Leonel Jospin, do PS francês,

Para Bruno Kreisky, os partidos da Internacional Socialista são aqueles que caminharão «de reforma quantitativa em reforma quantitativa até alcançarem as reformas qualitativas».

Não discutamos os meios de alterar as qualidades. Mas fixemo-nas na palavra-chave: reforma. Reformar é mudar, nunca pode ser ficar exactamente na mesma.

Nos anos 30 e depois da II Guerra o reformismo operário deu um contributo decisivo às grandes lutas que a humanidade travou contra as ameaças que entretanto foram surgindo.

Para muitos, talvez não seja ainda claro que o desafio dos nossos dias constitui a mais catastrófica ameaça que a espécie humana teve de enfrentar. Mas é isso que está a acontecer, por mais que nos recusemos a encarar-lo de frente e o escondamos em pretensas estratégias de blocos. Sintetizando as palavras proféticas de Olof Palme, em 1981, a cessação do diálogo Leste-Oeste, o abandono do SALT II trouxeram consigo a impossibilidade de limitar a corrida aos armamentos nucleares. Não só na Europa. Mas (como também disse Olof Palme) essa situação leva a que uma série de países da Ásia Meridional, do Médio Oriente, da África e da América Latina — com pretensões a constituírem-se como potências regionais — caia na ten-

ponto a ponto

Parabéns e votos de felicidade para o meu querido «Ponto»!
Abraço da Beatriz Costa
 7 Abril 83

EM relação a uma mulher, mesmo quando essa mulher é uma personalidade conhecida, uma artista com nome e fama, larga e celebrada carreira artística e literária, não se deve dar quaisquer indicações que permitam conhecer a sua idade. Mas esta grande artista sempre jovem nunca esquece o aniversário do «DL». Há muitos anos que, no dia do nosso aniversário, recebemos a sua mensagem de amizade. Este ano os primeiros «parabéns e votos de felicidade para todos os colaboradores» foram os de Beatriz Costa.

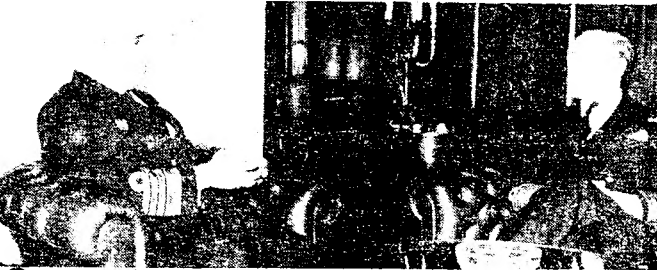


O governo indonésio autorizou um programa, visando a saída de Timor de vários indivíduos cujos parentes se encontram em Portugal ou na Austrália — informou em Lisboa o Gabinete dos Assuntos de Timor (GAT).

Citando notícias de Jacarta, o GAT acrescentou que o programa prevê que têm prioridade de sair de Timor «todos os indivíduos que tenham a residirem em Portugal ou na Austrália familiares em primeiro grau de parentesco (pais, maridos, mulheres, irmãos, avós, netos ou tios, desde que não tenham em Timor outros parentes)».

A mesma fonte elucidou que em segundo lugar sairão «os nacionais portugueses naturais de Portugal ou os seus descendentes até ao terceiro grau, independentemente de terem ou não optado pela nacionalidade indonésia».

O bispo auxiliar do patriarcado de Lisboa, D. Albino Cleto, preside sábado à noite, na Igreja do Sagrado Coração a um encontro de oração pelo povo de Timor-Leste. A iniciativa cabe ao grupo de cristãos «A Paz é possível em Timor-Leste» e à Pax Romana, secção portuguesa do Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos (MIIC).



O chefe do Estado-Maior-General interino, almirante Sousa Leitão, recebeu ontem em audiência de cortesia o almirante William Stevely, comandante-em-chefe aliado do canal da Mancha que se encontra em Lisboa a fim de tomar parte na cerimónia de rendição de comando da Stanávforlant.

O primeiro colóquio sobre Imprensa Militar em Portugal decorrerá entre 12 a 14 deste mês, anunciou o Estado-Maior da Força Aérea. O colóquio assinala o vigésimo quarto ano de publicação da revista «Mais Alto», da Força Aérea. A sessão inaugural efectuar-se-á no Instituto de Altos Estudos da Força Aérea, em Sintra, e na ocasião o director-geral da Comunicação Social proferirá uma conferência subordinada ao tema «A Imprensa em Portugal, História e Aventura».



O Presidente Eanes já promulgou 50 dos 53 diplomas remetidos pelo Governo no passado mês — anunciaram fontes de Belém que faltam, entrados no dia 29 de Março, aguardam promulgação.



A União das Democracias Cristãs está hoje reunida em Genebra para discutir a sucessão do presidente demissionário, o também demissionário presidente do CDS, prof. Freitas do Aamaral, que não se deslocou àquela cidade suíça.



NUMA mesa-redonda orientada ontem, em Lisboa, por Michel Clough (professor da Academia Naval de Monterey) participaram Vítor Sá Machado e Jorge Sampaio, entre outros. O tema tratava do ponto de vista norte-americano sobre África.

MALVEIRA DA SERRA RECHEIO DE MORADIA

INVULGAR

LEILÃO

AMANHÃ E SÁBADO, DAS 15 ÀS 19 E DAS 21 ÀS 24 HORAS

NA QUINTA DE St.^a RITA, ALMOINHAS VELHAS, MALVEIRA DA SERRA

ITINERÁRIO: Na Malveira da Serra (restaurante Camponês) tomando a estrada de Colares-Sintra, ao iniciar a 1.^a Curva, vira-se à esquerda, saindo do alcatroado, entrando num caminho empedrado.

Serão colocadas pela agência, placas indicadoras do trajecto).

DOS BENS PERTENCENTES AOS EXMOS. SÚBDITOS BELGAS, QUE POR MOTIVO DE RETIRADA E POR SUA ORDEM, SERÃO VENDIDOS E DOS QUAIS SALIETAMOS:

Bom conjunto de móveis, portugueses, franceses, e ingleses, como sejam, mobília de casa de jantar D. Maria, escritório torcidos e tremidos em pau santo, bom contador em pau santo, escrivaninha francesa com porta e esteira, vitrines, mesas de jogo e de abas, magnífico par de colunas em talha dourada, arcas, armários bar, mesas rectangulares e redondas, rústico português, mesas de jogo, PIANO FRANCÊS EM PAU SANTO conjunto de canapé e conversadeiras, magnífico relógio francês ex alta com rico trabalho de bronzes, marqueterie e esmaltes, costureira, mesas de encostar, e de centro, além de outros móveis.

Pintura a óleo e aguarelas, desenhos de boas escolas e autores, porcelanas e faianças, portuguesas, europeias e orientais, com realce para invulgar colecção de peças china e Comp.^a das Índias, como sejam travessas, pratos, chávenas, pires, pratinhos, leiteiras, canecas, etc. e também china azul e branca e mandarim com destaque para par de jarrões, bom jarrão lmar, jarras opalinas, potes, carpetes de Arraiolos e tapetes orientais, pratos de div. estilos e funções, como sejam: faqueiros, serviços de chá e de café, travessas, jarros, jarrinhas, salvas, paliteiros, RARO TINTEIRO JAVALI, jóias de várias tipos e formatos, além de pedras soltas, BOA COLECCÃO DE RELOGIOS DE BOLSO EM OURO E PRATA, cristais, marfins, lustres, muitos e variados BIBELOTS e objectos de vitrina, magnífica e antiga GARRAFEIRA, conjuntos de jardim, atrelado Costa Verde «PLUMA» com avançado, objectos de cobre, máq. de jardim c/motor, além de mobílias de quarto, alentejanas utensílios de cozinha como sejam, arca congeladora, frigorífico, torradeira, máq. de cozinha, painéis, tachos, mesa, cadeiras, etc, etc. que estarão patentes em:

EXPOSIÇÃO amanhã (1.^o Dia do Leilão) das 10 às 13 horas.



SOC. DE LEILÕES
AV. CASAL RIBEIRO, 17A e B
Telefs. 532929 - 546869
1000 LISBOA - PORTUGAL

Nova Aliança, Lda.

comunicação social

Empossados novos dirigentes do SJ

“Jornalistas não são publicitários”

— palavras de Augusto de Carvalho

Apelos à luta pela liberdade de informação, contra a corrupção e pela melhoria das condições de vida dos jornalistas dominaram as intervenções no acto de posse (que ontem se processou) dos novos dirigentes do Sindicato dos Jornalistas.

Os novos corpos gerentes são presididos por Augusto de Carvalho («Expresso»), Cesário Borge (RTP) e António de Sousa («Diário de Notícias»), respectivamente na Assembleia Geral, na Direcção e no Conselho Técnico e Deontológico.

«A independência é para nós a pedra de toque de toda a acção sindical — acentuou Cesário Borge. — Independência face às empresas, aos Governos, aos partidos políticos, quer se apressem ou não a saudar-nos.»

Acreditava também Cesário Borge que «os interesses apostados na manipulação da informação e na corrupção dos jornalistas vão manter-se» — e isso porque «a mediocridade não irá facilmente despir o manto da arrogância com que habitualmente se cobre, nem deixará de se oferecer para fofa tapete do Poder.»

O novo presidente da Direcção defendeu também a reestruturação das empresas públicas de Comunicação Social para evitar casos como a tentativa de extinção da ANOP, o apoio a cooperativas de jornalistas e sociedades de redactores, bem como a melhoria do actual «sistema de Providência degradado», além de uma mais justa política de salários no sector.

Também Augusto de Carvalho, presidente da Assembleia Geral, pôs a tónica na mesma



Augusto de Carvalho, novo presidente da Assembleia Geral, tendo ao lado Manuel de Azevedo, que cessou aquelas funções: «Os jornalistas não devem ser simultaneamente adidos de Imprensa disto ou daquilo, deste Ministério ou daquela empresa, numa palavra, publicitários»

necessidade de independência em relação ao poder económico e político — e na relação entre condições dignas de remuneração e isenção profissional.

Aludiu a propósito às «pressões de toda a ordem que se exercem directa ou indirectamente sobre os jornalistas», sendo uma das mais fortes a persistência na manutenção da «dependência económica enquanto geradora de submissões.»

«Lutaremos — afirmou Augusto de Carvalho — contra os pseudo-jornalistas que vêem na profis-

são um pedestal para obterem benesses exteriores a ela, desde cargos políticos a viagens de recreio.»

Os jornalistas, diria ainda, «não devem simultaneamente ser adidos de Imprensa disto ou daquilo, deste ministério ou daquela empresa, numa palavra, publicitários.»

Dos corpos gerentes cessantes, usaram da palavra Manuel de Azevedo (Assembleia Geral) e António dos Santos (Direcção), ambos formulando votos para que SJ sirva todos os interesses da classe.

Finanças: verbas para a Anop

Por toda esta semana, e segundo a Secretaria de Estado das Finanças comunicou ontem, aos trabalhadores da ANOP, irá tentar-se reunir verbas residuais que permitam pagar os salários em atraso relativos ao mês de Março.

Efectivamente, o secretário de Estado das Finanças, Robin de Andrade, lavrou um despacho em que se solicita um pronunciamento rápido do Conselho de

Ministros para os Assuntos Económicos, a reunir, na próxima terça-feira, sobre a afectação de verbas para as empresas públicas.

O dito despacho pede, ainda, à Secretaria de Estado da Comunicação Social que defina, de entre o total que lhe for atribuído, uma afectação de verbas a cada um dos diferentes órgãos de Comunicação do Estado.

É precisamente desta segunda afectação de verbas que se verificará se a ANOP fica ou não com dinheiro necessário para as suas despesas mais prementes: pagamento de salários aos trabalhadores, quantitativos para as delegações no País e no estrangeiro, satisfação de responsabilidades para com a agência espanhola EFE, verbas para compra de papel e fita de «telex», etc.

UER em reunião

Começou hoje num hotel de Lisboa a 38.^a Sessão Ordinária da Comissão de Programas de Rádio da União Europeia de Radiodifusão (UER), com a presença da RDP, à qual coube organizar a reunião.

Estão presentes no encontro especialistas de Rádio de 19 países europeus (entre os quais,

como é óbvio, Portugal), além dos Estados Unidos, Canadá, Egipto e Argélia.

A reunião prolonga-se até sábado, e nela serão tratados diversos problemas ligados à programação radiofónica, designadamente objectivos, audiências, intercâmbio, etc.

A União Europeia de Radiodifusão é uma organização inter-

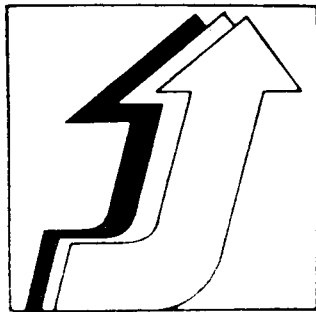
nacional, cujo objectivo consiste em defender, a todos os níveis, os interesses dos detentores dos serviços de radiodifusão.

A União, que se rege pela lei suíça e pelos seus estatutos, não tem qualquer objectivo comercial ou político. Refira-se que a principal publicação da União (pois que tem actividade editorial) é a revista UER, em francês e inglês.

COMÍCIO
em
LOURES

MOTA PINTO

QUINTA - FEIRA
7 ABRIL
21H 30
no
REFEITÓRIO
DA CÂMARA



PPD/PSD

Maioria APU/PS corta passo a Abecasis

Ponto final no projecto do hotel Hilton

A construção do Hotel Hilton foi afastada dos horizontes do Parque Eduardo VII, nos termos de uma proposta, ontem apresentada, pela APU, em reunião da Câmara Municipal de Lisboa e que concitou os votos favoráveis dos vereadores do Partido Socialista.

A anulação da proposta, já anteriormente aprovada em reunião camarária, será acompanhada pela constituição de uma comissão que elaborará, até dia 30 de Junho, um «regulamento de intervenção urbanística na área do Parque Eduardo VII».

A comissão, que foi avalizada pelos votos da APU e do PS, deverá, no mesmo âmbito, providenciar para a defesa da «unidade do parque» e anular o planeado prolongamento da Avenida da Liberdade. O grupo de trabalho ficou, igualmente, encarregado de apresentar soluções alternativas para instalação de um centro de congressos

da capital, que estava previsto no agora malogrado projecto Hilton.

O projecto de construção de um hotel no alto do Parque Eduardo VII tinha surgido, na Câmara Municipal de Lisboa, pela mão do seu presidente, Krus Abecasis, durante o mandato anterior em que a AD dispunha de maioria absoluta.

A justificação do projecto era feita na própria proposta que a Câmara Municipal de Lisboa aprovou, em 3 de Janeiro do ano corrente, portanto, já depois de a AD ter perdido a maioria absoluta, mas antes de ter sido empossada a nova vereação, em que o PS e a APU se encontram em maioria, como agora foi constatado.

A proposta camarária considerava, entre outros pontos, «o estado de degradação em que se encontra a zona do alto do Parque Eduardo VII e a necessidade de a valorizar social, urbanística e economicamente, através da implantação de um empreendimento de qualidade adequada à dignidade do local».

Interesse de uma multinacional

A contestação ao projecto de

construção do Hilton foi imediatamente encetada pela APU, não só com base nos interesses subjacentes, que se adivinhavam, mas também quanto à localização e ameaças que fazia impender sobre toda a área do Parque Eduardo VII.

A posição do Partido Socialista nunca foi, totalmente, clarificada quanto a este projecto, tendo sido demonstradas desde sempre algumas hesitações. O apoio ontem manifestado à proposta da APU, para impedir a concretização do projecto, constituiu, de certo modo, uma surpresa.

Um dos pontos que sobressaem das intervenções ontem feitas pelos vereadores da APU, na reunião camarária, é que o Palácio dos Congressos, previsto como moeda de compen-

sação pela cedência de direito de superfície dos terrenos estava construído à medida das próprias características do estabelecimento hoteleiro e não das verdadeiras necessidades de Lisboa, nesse domínio.

Alfredo Moura, da APU, assinalaria que o projecto Abecasis/Hilton manifesta um completo desprezo pela capacidade e pela técnica da engenharia portuguesa, «totalmente marginalizada na concepção e administração das obras».

Por outro lado, acrescentaria Alfredo Moura, só no que respeita à concepção e administração do hotel planeado, verificar-se-ia uma exportação desnecessária de divisas que rondariam os cem mil contos.

Em causa esteve, também, desde sempre, o desenvolvi-

mento das negociações, por ajuste directo. E, assinalou Alfredo Moura, tudo o que diz respeito à adjudicação de obras, possibilidade de ajustes directos e revogações de prazos, é atribuído à decisão pessoal do presidente da Câmara. «Ética e politicamente, é inadmissível e espantoso como o presidente da Câmara procura arrogar-se tais poderes».

A argumentação em desfavor do projecto agora derrotado conta, ainda, com o facto de Câmara se propor fazer um empréstimo de, pelo menos um milhão de contos pelo prazo mínimo de seis anos à multinacional; e por o preço a pagar pelos terrenos expectantes ser, praticamente, imposto pela NOGA - Hilton Internacional de Lisboa.

Marques Guedes é presidente

Tribunal Constitucional foi ontem empossado

O social-democrata Armando Marques Guedes foi ontem escolhido presidente do Tribunal Constitucional, ficando o segundo lugar reservado para o socialista Magalhães Godinho, que até agora foi presidente interino daquela instituição.

Os 13 membros do TC foram ontem à tarde empossados pelo Presidente da República e já hoje de manhã tiveram a sua primeira reunião formal, convocada por Marques Guedes, por enquanto apenas para abordar questões relacionadas com o seu regimento interno e com as finanças e funcionamento.

A eleição ontem à tarde de Marques Guedes deixou surpreendidos alguns meios jurídicos que esperavam que a escolha do presidente do TC recaísse num dos magistrados de carreira eleitos ou cooptados para aquele órgão.

Armando Marques Guedes é catedrático da Faculdade de Direito e especializado em Direito Constitucional, tendo sido até à sua eleição para o Tribunal, militante do PSD, da mesma forma que o vice-presidente é militante do PS.

O Tribunal Constitucional foi previsto pela primeira vez na revisão da Constituição salazarista em 1970, mas só se tornou realidade depois da extinção do Con-

selho da Revolução, no fim do ano passado. Desde a sua eleição pela Assembleia da República, dez juizes do TC estiveram ontem à procura de três magistrados de carreira que deveriam ser cooptados para aquele órgão para ele poder entrar em funções.

O moroso processo, apesar de tudo mais expedito do que o que se desenrolou em Itália, onde passaram mais de dez anos antes da institucionalização do TC, terminou com a escolha do juiz-conselheiro Mário de Brito e dos desembargadores Martins da Fonseca e Fernandes Afonso.

Estes juntaram-se a Nunes de Almeida, Magalhães Godinho, Monteiro Dinis e Jorge Campinos, do PS; Vital Moreira do PCP; Marques Guedes, Costa Aroso e Mateus da Silva, do PSD; e Cardoso da Costa e Mesias Bento, do CDS.

O Tribunal Constitucional, de acordo com os esquemas fixados na revisão constitucional, tem como principais funções fiscalizar a constitucionalidade e ilegalidade das leis, verificar a existência de inconstitucionalidade por omissão e exercer algumas competências de natureza político eleitoral, nomeadamente em relação a verificar da incapacidade e à eleição do Presidente da República.

Novos vencimentos da PSP

Um decreto conjunto dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Administração Interna, hoje publicado na folha oficial, estabelece os vencimentos dos comissários e agentes da Polícia de Segurança Pública.

De acordo com o diploma, os novos vencimentos, que terão efeitos retroactivos a partir de Janeiro último, são os seguintes: comissário principal, 37 500\$00; primeiro-comissário, 34 600\$00; segundo-comissário,

31 500\$00; chefe de esquadra, 28 500\$00; subchefe-ajudante, 27 300\$00; primeiro-subchefe, 24 600\$00; segundo-subchefe, 22 000\$00; guarda de 1.ª classe, 20 200\$00; guarda, 18 400\$00; e guarda provisório, 14 200\$00.

Os comandantes de secção e adjuntos dos comandos distritais da PSP, quando oficiais subalternos, serão abonados do vencimento base do primeiro-comissário.

Hoje é Dia Mundial da Saúde

A contagem decrescente para ser alcançada a saúde para todos, no ano 2000, já começou - disse, quarta-feira, em Genebra, o director da Organização Mundial da Saúde.

Halfdan Mahler sublinhou, na mensagem que assinala o Dia Mundial da Saúde, que hoje se celebra, que, dentro de 17 anos, «todos os habitantes do Mundo poderão alcançar um nível sanitário que lhes permitirá trabalhar de forma produtiva e participar, activamente, na vida social».

O principal objectivo consiste em erradicar as enfermidades epidémicas que continuam causando estragos nos países menos desenvolvidos.

Do programa lançado pela OMS, fazem parte, entre as prioridades consideradas: a disponibilidade de alimentos e água potável em quantidades suficientes para todos os seres humanos, o estabelecimento de condições higiénicas adequadas e a luta contra a contaminação.

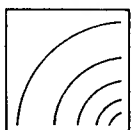


«Com

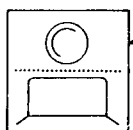
Candy

a lavar loiça
posso fazer
o que realmente gosto.
Brincar com o filho...
namorar o marido... conviver.»

Máquinas de lavar loiça Candy
a qualidade ao seu serviço
para que a sua vida tenha mais
qualidade.

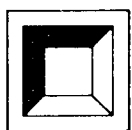


PAINÉIS DE
ISOLAMENTO DE SOM



DIFERENTES ACÇÕES
DE LAVAGEM

Dois zonas de lavagem
vigorosa para panelas
e suave para loiças e vidros



EXTERIOR COMPACTO
FÁCIL DE INCORPORAR

O design da máquina permite
uma grande harmonia com
a decoração da sua cozinha

SUL: NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

NORTE: SANTOS GUIMARÃES+OLIVEIRA, S.A.R.L.

de ontem para hoje

Criminalidade no Porto: destaque para carteiristas

A actividade delituosa em Março último no Porto processou-se «em moldes e processos muito semelhantes aos verificados em períodos anteriores», afirmou ontem naquela cidade o comandante distrital da PSP. O coronel César Teixeira, que falava durante um encontro com a Comunicação Social, referiu que, no que respeita ao furto e ao roubo, «registou-se um ligeiro aumento de acções (297 em Março, contra 249 em Fevereiro), principalmente no interior de veículos estacionados na via pública e directamente a pessoas». Revelou ainda que em Março foram detidos 14 carteiristas o que — frisou — «trata-se de um número nunca antes atingido, já que se trata de indivíduos hábeis e com muita experiência, difíceis de neutralizar». O total de capturas efectuado em Março foi de 178 elementos, contra 190 em Fevereiro.

Combatentes comemoram La Lys



A Liga dos Combatentes anunciou para o próximo dia 9 as comemorações do 65.º aniversário da Batalha de La Lys, numa romagem ao Mosteiro da Batalha. Das cerimónias a realizar destaca-se a deposição de flores no túmulo do Soldado Desconhecido. Pedro de Freitas, que proferirá a alocução deste ano, é natural de Loulé e foi combatente da I Grande Guerra Mundial em França, onde esteve de 21 de Abril de 1917 a 1 de Maio de 1919, fazendo parte do Batalhão de Sapadores de Ca-

minhos de Ferro. Em 17 de Março de 1918, na frente de combate de Arras, fundou e regeu uma banda de música que mais tarde foi, em Portugal, a Banda de Música do Batalhão de Sapadores de Caminhos-de-Ferro. É o sócio n.º 5976 da Liga, inscrito na delegação do Barreiro, desde 1 de Maio de 1926, sendo membro do Conselho Superior da Liga desde 17 de Março de 1980. Residente há muitos anos no Barreiro é ferroviário aposentado e autor de várias obras literárias e musicais.

Porco de contrabando em Chaves

Mil setecentos e sessenta e sete quilos de carne de porco (orelheira) e quinhentos e quarenta e sete quilos de fígado foram apreendidos pela GNR de Chaves, nas proximidades de Monforte. A carne procedente de Espanha, no valor de mil e oitocentos contos, era transportada numa viatura que foi apreendida, sendo detido o seu condutor.

Arrastão «Penha» apresado em Leixões

O arrastão costeiro «Penha», registado em Leixões, foi ontem apresado pelo navio-patrulha «Limpopo», da Armada portuguesa, quando pescava com rede de malhagem ilegal. O «Penha» foi detectado a cerca de 14 milhas a oeste/sudoeste de Leixões ar-

rastando com saco com rede mínima ilegal de 15 milímetros. O arrastão apresado foi mandado entrar em Leixões onde descarregou a rede ilegal e 24 caixas de peixe que tinha a bordo, e que foi também apreendido.

Merceeiro assassinado em Coimbra

Na casa que habitava, sozinho contígua ao seu estabelecimento, o proprietário de uma mercearia em Coimbra, Joaquim Luís Marta, de 70 anos, foi encontrado morto por uma vizinha. O corpo apresentava sinais de violência, sobretudo ao nível da cabeça, pelo que a Polícia Judiciária suspeita de crime, cujo móbil deverá ter sido o roubo.

José Vitorino «acalma» emigrantes

O secretário de Estado português da Emigração disse ontem não haver restrições do Governo de Paris ao envio para a origem de remessas de emigrantes portugueses em França. O próprio presidente Mitterrand, na visita oficial a Portugal, explicou não haver intenção de impor tais restri-

ções. referiu José Vitorino, exprimindo, «manifesta admiração» e «surpresa» perante notícias em contrário. O presente desmentido, disse Vitorino, surge «na sequência de diligências cometidas pelo Governo português» junto da nossa Embaixada em Paris.

Intoxicação alimentar em Espinho

Numa casa de pasto de Espinho, cujo nome não referenciado pelas autoridades policiais, doze pessoas sofreram intoxicação alimentar pelo que tiveram de receber tratamento no Hospital Joaquim Urbano, naquela cidade. Em princípio, a intoxicação terá sido causada por toxina botulínica, presumivelmente transmitida por presunto servido no estabelecimento.

Ainda na «fase preliminar» das investigações

Judiciária «separa» Carnaxide da morte de Sá Carneiro

As investigações sobre as mortes de José da Silva Moreira e Elizabeth da Piedade Silva continuam os seus termos no âmbito do inquérito preliminar a que deram origem. A frase pertence ao Gabinete de Relações Públicas da Polícia Judiciária e refere-se ao «Caso de Carnaxide». Os leitores recordam-se? Foi no dia 5 de Janeiro deste ano que o eng. José da Silva Moreira e a jovem Elizabeth apareceram mortos e nus num apartamento em Carnaxide. Falou-se em intoxicação pelo gás, depois, descobriu-se que, afinal, o eng. José Moreira fora apoiante da candidatura do general Soares Carneiro, que era militante do PSD, que era, juntamente com o seu irmão, proprietário de um avião «Cessna» que deveria ter sido utilizado, em princípio, por Sá Carneiro e comitiva na sua viagem para o Porto. «Cessna» apreendido em circunstâncias pouco claras pela Guarda Fiscal, pelo que seria, posteriormente, substituído pelo avião da mesma marca e modelo, caído na noite de 5 de Dezembro de 1980, em Camarate.

Por outro lado, José Manuel Moreira tinha prestado declarações para o programa de «Grande Reportagem» sobre

Camarate, na qualidade de proprietário do referido «Cessna» e de amigo de Jorge Albuquerque, piloto do avião onde Sá Carneiro, Amaro da Costa, Snu Abecasis, e seus acompanhantes, perderam a vida.

Cadáveres deitados sobre a cama

A partir daqui o caso passou a ficar «quente». Surgiram as versões mais desencontradas. A Polícia Judiciária, que só apareceu no local no princípio da madrugada, veio fazer «marcha atrás» na tese de intoxicação pelo gás, deixou de falar numa toalha ensanguentada que estaria junto aos cadáveres e, depois, remeteu-se ao mais absoluto silêncio. A GNR de Linda-a-Velha que, está provado, foi a primeira entidade policial a chegar ao apartamento de Carnaxide, nunca falou numa botija de gás aberta. O porteiro do prédio e os dois companheiros de trabalho da malograda Elizabeth, primeiras pessoas a entrar no apartamento, também nunca falaram numa botija de gás aberta. Pela nossa parte, concluímos, através de múltiplos contactos, que os corpos foram retirados sem a intervenção (aliás não exigida pela legislação actual) de qualquer



José Manuel Moreira: um cadáver incómodo

autoridade sanitária ou judicial. Delegados de saúde de Oeiras ou Algés, por exemplo. E mais: um dos elementos da patrulha da GNR que esteve no apartamento teria confidenciado a uma rapariga das suas relações que o casal, ao ser encontrado, estaria deitado sobre a cama e não no corredor, à entrada da casa-de-banho.

Lourenço Martins e Carlos Picoito

Pois, face a tantas lacunas e contradições, susceptíveis de conduzir às mais «desvairadas» especulações, dada a proximidade do eng. José da Silva Moreira com os bastidores ligados aos «Cessna» de Camarate, a Judiciária, ainda sob a direcção de Lourenço Martins, remeteu-se ao mais absoluto silêncio. Para, qual «Fénix renascida», aparecer, agora, já conduzida por Carlos Picoito, ex-chefe do gabinete do ministro da Justiça, Menéres Pimentel, a concluir «não existirem quaisquer elementos que indicem, ainda que minimamente, terem estas mortes relação com a tragédia em que perdeu a vida o sr. dr. Sá Carneiro». Mas, a que propósito é que a PJ chegou a uma conclusão de tal maneira concisa, de não relacionamento com um processo distinto, quando, ao que ao caso de Carnaxide diz respeito, três meses decorridos, afirma que «as dificuldades sentidas numa investigação deste género obriga a que a conclusão não se faça com a celeridade e prontidão» que desejaria. Mas entradas, dr. Carlos Picoito!...

Manuel Geraldo

Doença de Zeca Afonso provocada pelo síndrome tóxico?

“Sou apenas mais um dos que o Estado espanhol deve ajudar”

Em Março, um médico português afirmou que os sintomas da doença que afectam José Afonso (atonia muscular e astenia generalizada) apontam para a possibilidade de se trate do síndrome tóxico. Entrevistado pelo jornal espanhol «Diário 16», Zeca diria a propósito «se sou uma vítima do envenenamento, devo contar com as ajudas do Estado espanhol».

Zeca Afonso recordou, na entrevista publicada em 22 de Março, pelo jornal espanhol, que tinha estado em Madrid, em Junho de 1981 e que actuou em Vallecas com Luís Pastor. «Depois, em Setembro, acrescentou o cantor — tive uma gripe fortíssima e, desde então, estou muito mal, cansado e dorido». No entanto, Zeca frisa que não foi ele que propagou as suspeitas de que pudesse ser uma vítima do síndrome. Segundo o cantor, os seus sin-

tomas «são espasmos, de articulação dos membros, os dedos que saem da sua posição normal. Falta-me a força nos músculos — disse — e, nalgumas partes, a pele junta-se ao osso, como se o músculo tivesse desaparecido».

Zeca Afonso afirmou ainda que, a confirmar-se que ele seja uma das vítimas do síndrome, deve ser tratado da mesma forma que qualquer outro afectado». Qualquer vítima dessa fraude — acrescentou — deve ser atendida». «Se o Estado espanhol paga, eu sou mais um paciente» disse ao «Diário 16» Zeca Afonso que, no entanto, salientou que «o mais importante é a denúncia dos responsáveis».

O cantor português diria ainda, ao jornal espanhol, que se «curaria desta doença se fizéssemos uma revolu-



ção que fosse, continuamente, como os primeiros dias que se seguiram ao 25 de Abril». Quanto ao espectáculo, que, no fim de Janeiro, realizou no Coliseu,

Zeca Afonso afirmou: «Há já um tempo que não actuava e era necessário afirmar que não estava morto. Foi um espectáculo de afirmação de um sentimento».

GANHE dinheiro e prestígio

estude!

DESDE 1947

Centro de Ensino por Correspondência

ALVARO TORRÃO

Rádio Escola

Estude em sua casa um curso que lhe proporcionará em pouco tempo, obter um Diploma e exercer uma actividade aliciente e bem remunerada. Assistência pedagógica permanente.

Peça informações GRÁTIS (Não temos vendedores domiciliares)

Indique com um X o Curso do seu interesse, enviando HOJE MESMO o cupão.

Indique um só curso

☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELACIONES PUBLICAS
☐ VENDAS/MARKETING

☐ CONTABILIDADE
☐ INGLÊS
☐ RADIO ELECTRONICA TV
☐ DESENHO E PINTURA

☐ ELECTRICIDADE
☐ CULTURA GERAL
☐ SECRETARIADO

Nome _____ Morada _____ Localidade _____

Alvaro Torrão • Rádio Escola
R. FERNÃO LOPES, 8
1096 LISBOA CODEX-2504
TELEF 543136

Hoje circulam alguns comboios enquanto militares transportam mercadorias

Processos criminais a par dos disciplinares

A CP anunciou que vários maquinistas já regressaram aos seus postos de trabalho, na sequência de diligências desenvolvidas nesse sentido pelo conselho de gerência. Mas, embora o departamento de relações públicas da empresa previsse a comparência de «um número considerável de maquinistas» hoje, tal não se verificou. A maior parte dos que hoje trabalham, já ontem se haviam apresentado.

O porta-voz da empresa, afirmou que alguns maquinistas têm tentado apresentar-se ao serviço, mas são impedidos «por coacção psicológica e, nalguns casos física». E sublinhou que o CG não está disposto a negociar enquanto se mantiver a greve.

Segundo a mesma fonte, para hoje foi montado um esquema de transportes ferroviários na linha de Cascais, para os períodos entre as sete e as 10 horas e as 15 e 10 e as 22 horas, com uma frequência média de duas horas. Quanto à linha de Sintra, não se prevê ainda qualquer circulação de comboios.

Hoje, e como já havia acontecido ontem, circulam algumas composições na linha da Azambuja, com paragem em todas as estações.

A CP estabeleceu esta manhã uma ligação com o Porto, de onde às 15 e 30 partirá um comboio para Lisboa.

Na região Norte, diz a mesma fonte, estão asseguradas as ligações suburbanas (Porto-Marco, Porto-Espinho, Porto-Póvoa e Porto-Ermesinde). Mas o Sindicato dos Maquinistas afirma que os maquinistas destas composições decidiram aderir à luta e suspenderam a circulação. Esta posição, afirmou um dirigente sindical, ficou a dever-se à nova posição do Ministério dos Transportes, que «pretende seguir para a frente com os processos disciplinares de 30 maquinistas».

Entretanto, entrou ontem à tarde em funcionamento o esquema de transportes militares, que operam nos pontos de origem (Campanhã, Santa Apolónia, Alcântara e Braço de Prata), utilizando camionetas do Exército para o escoamento das mercadorias perecíveis e as consideradas de primeira necessidade.

A coordenação dos transportes militares de mercadorias e a sua execução estão a ser assegurados pelos comandos das Regiões Militares.

Procedimento criminal

Depois dos processos disciplinares (com intenção de despedimento) que neste momento se elevam a 95, o conselho de gerência da CP moveu ontem uma acção cível contra as direcções dos três sindicatos afectados pela requisição civil, segundo uma informação do Ministério dos transportes.

A acção, levantada contra os dirigentes dos Sindicatos dos Maquinistas, pessoal de Trens e Revisão e pessoal de Estações, reclama uma indemnização de 500 milhões de escudos «por prejuízos causados em consequência de uma greve ilegítima, desde o momento em que a requisição civil foi accionada» — acrescentou a mesma fonte.

De acordo com a informação do MT, o procedimento criminal foi invocado por se considerar que houve «desobediência qualificada», a que corresponde uma pena até um ano de prisão.

O Ministério dos Transportes também desmentiu a existência de negociações com representantes dos grevistas da CP para anulação dos processos discipli-

nares. A notícia propagada nesse sentido, diz o comunicado do gabinete de Viana Baptista, «é falsa e destituída de qualquer fundamento».

No entanto, o porta-voz do Sindicato dos Maquinistas confirmou-nos que está realmente em curso uma «negociação indirecta», no sentido de desbloquear a situação, escusando-se todavia de nomear a parte medianeira. Acrescentou que a dificuldade encontrada na reunião de ontem prende-se com a posição do Ministério dos Transportes, que insiste em que os processos disciplinares de 30 maquinistas sigam os seus trâmites, o que o sindicato considera como uma forma de os ter como «reféns».

Na sequência de todo este processo, e como ontem noticiámos, a CP iniciou um esquema de reconversão de trabalhadores ferroviários em maquinistas, com a finalidade de substituir os que venham a ser despedidos, por não terem acatado a requisição civil.

Por outro lado, o CG da empresa já anunciou que só pagará os salários de Março, a todos os ferroviários, na base do salário mínimo nacional, e só «quando for possível», posição esta que os sindicatos envolvidos consideram como mais uma forma de pressão sobre os trabalhadores.

Posição da CGTP

Num extenso comunicado, ontem tornado público, a CGTP/IN, depois de afirmar que o conflito laboral na CP criou «aspectos suficientemente graves», que exigem uma tomada de posição, sublinha que a greve em curso «nada tem a ver» com as formas de luta prosseguidas pelas associações sindicais que representa. No entanto, refere, «todos conhecem bem a necessidade premente da actualização dos seus salários, como forma de fazer frente aos insuportáveis aumentos do custo de vida».

A central sindical, que enquadrava as razões do conflito em causa na luta que os trabalhadores do sector (Carris, RN, CP e Metro) têm vindo a desenvolver, salienta que estes problemas ainda não foram resolvidos «porque o governo não o quer».

Depois de afirmar que as organizações sindicais do sector, integradas no movimento unitário, «têm pautado a sua actuação por um sentido de responsabilidade que não pode deixar de ser reconhecido», sublinha que o mesmo não acontece com os sindicatos da chamada Frente Democrática e Independente. Na sua perspectiva, o comportamento destes sindicatos deu oportunidade ao governo para «tentar recuperar a sua degradada imagem pública e esconder as responsabilidades que lhe cabem inteiramente na resolução do conflito no sector».

A CGTP/IN condena as medidas repressivas desencadeadas pelo governo, na sequência da greve e denuncia igualmente o comportamento da direcção do Sindicato dos Maquinistas que, «na prática, dá cobertura e apoia a actuação» do Executivo, contra os trabalhadores.

As Secções Profissionais dos

Ferrovários do PSD, também se pronunciaram sobre a greve na CP, apelando aos dirigentes sindicais para que suspendam esta forma de luta. No comunicado que emitiram consideram justas as reivindicações, mas discordam da concretização da greve na época da Páscoa e do seu prolongamento indefinido. Referem ainda que o futuro há-de «privilegiar a concertação social e o consenso democrático».

Salários

O conselho de gerência da CP divulgou ontem os montantes dos salários que paga e dos aumentos que se propõe pagar aos seus trabalhadores para rebater determinadas acusações destes últimos.

No intuito de «demonstrar o infundado dos salários de misé-

ria» tão apregoados pelos sindicatos», o conselho de gerência da CP apresenta uma série de quadros com as remunerações do pessoal da empresa, quadros que situam o salário mais baixo, correspondente à categoria de «maquinista», em mais de 27 mil escudos fixos e cerca de 8500 escudos de vencimentos variáveis por mês.

O vencimento total resultante da proposta apresentada aos sindicatos seria, para a mesma categoria, segundo o comunicado, superior a quarenta mil escudos.

Quanto aos salários mais elevados, os correspondentes a «inspector de movimento A», passariam, com os aumentos propostos pela empresa, de cerca de 58 mil escudos para mais de 66 mil escudos mensais.

Concentração do sector dos transportes marcada para o dia 13

Até às eleições do 25 de Abril não haverá novas greves do sector de transportes promovidas pelos sindicatos afectos à CGTP/Intersindical — está implícito numa resolução aprovada ontem por aqueles sindicatos.

A resolução aprovada no plenário das organizações representativas da CP, Rodoviária, Carris, Metro e Transtejo mandata as organizações sindicais promotoras para desenvolver as formas de luta necessárias, incluindo a greve, se até às eleições de 25 de Abril não se verificarem progressos satisfatórios nas negociações.

O plenário decidiu ainda convocar uma concentração de trabalhadores do sector para o dia 13, junto à Presidência do Conselho de Ministros, para exigir o prosseguimento das negociações e a resposta do Governo à proposta de adiamentos salariais feita em Fevereiro pela Coordenadora Sindical dos Transportes.

Nos locais de trabalho mais afastados de Lisboa, cujos trabalhadores não podem participar

na concentração, efectuar-se-ão plenários.

O plenário decidiu dirigir-se de imediato à Presidência do Conselho de Ministros com a exigência de os dirigentes presentes serem recebidos pelo Primeiro-Ministro.

Os representantes dos trabalhadores das cinco empresas decidiram manter uma delegação junto ao Conselho de Ministros, no período normal de funcionamento, até à concentração do dia 13, se entretanto não forem recebidos pelo Primeiro-Ministro.

A resolução aprovada «condena a greve em curso na CP por não corresponder à defesa dos interesses dos trabalhadores dos transportes» e «repudia a atitude repressiva do Governo PSD/CDS de proceder à requisição civil».

Exige «o desbloqueamento e o pagamento integral dos salários aos trabalhadores da CP, bem como a anulação de todos os processos disciplinares levantados a ferroviários na sequência da greve em curso».

FCB



O 2 cavalos.

A Simplicidade do que é feito para andar.

A Robustez do que é criado para durar.

A Segurança do que é planeado para confiar.

A Versatilidade do que é concebido para ser livre.

A Economia do que é estudado para poupar.

Citröen 2 cavalos.

Sempre.



CITROËN

em duas palavras

A COVILHÃ vai ter a sua Feira das Actividades Económicas (FAEC) entre 20 de Julho e 6 de Agosto, informou o município da cidade da Serra.

A FAEC/83 realizar-se-á na área do Parque Industrial e o município, ao promovê-la pretende divulgar os produtos regionais mormente os da Cova da Beira.

•••

A DEFESA DO QUEIJO DA SERRA como produto de marca das regiões altas da Beira Interior foi propugnada pelo presidente da Câmara Municipal de Fornos de Algodres, Paulo Menano.

Aquele autarca disse à ANOP ser necessário promover apoios aos produtores de queijo da serra para prestigiar este produto e preparar a concorrência que teremos de enfrentar com a entrada na CEE, nomeadamente perante os prestigiosos queijos holandeses e franceses.

Paulo Menano é da opinião que se instalem salas de ordenha e se preserve o queijo da serra como actividade artesanal.

•••

A 11.ª PORTUGUESE OFFER — Mostra Portuguesa de Tecidos para Confecções destinada exclusivamente ao mercado externo, realiza-se este ano no Hotel Ritz, de 8 a 10 do corrente mês de Abril.

O certame é promovido pelo Instituto Português do Comércio Externo e tem como apoios privilegiados os da Woolmark, Finicisa/ICI, Fisipec e Hoechst Portuguesa. Conta-se com a presença de 48 empresas produtoras de tecidos — responsáveis por 10 milhões e 800 mil contos de exportação directa, em 1982 — que apresentarão as suas colecções para a Primavera/Verão de 84.

•••

REGIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO é o tema de uma conferência a proferir pelo professor Walter Stohr, da Universidade de Viena, na sexta-feira, na Faculdade de Economia do Porto — informou o Instituto Damião de Góis.

Stohr é um especialista em questões de desenvolvimento regional, tendo desempenhado papel de relevo no processo de regionalização do Chile, e já se deslocou a Portugal por diversas vezes na qualidade de consultor da OCDE.

A conferência é organizada pelo Instituto Damião de Góis, da Presidência da República, em colaboração com a Embaixada da Áustria.

Está também prevista uma conferência para Lisboa, na Fundação Gulbenkian, no dia 14 deste mês, sobre as experiências europeias no domínio da regionalização com a participação de Stohr.

Em ambas as conferências está prevista a participação de técnicos e de responsáveis por assuntos de política regional e local, bem como autarcas e docentes universitários.

Banca internacional concede empréstimo de 300 milhões

O Governo português tem um acordo de princípio com bancos estrangeiros para a concretização de um empréstimo externo, no valor de 300 milhões de dólares — confirmou ontem o secretário de Estado do Tesouro.

Walter Marques disse que um sindicato de bancos britânicos, norte-americanos e japoneses vai agora ao mercado de eurodólares para que mais bancos subscrevam o empréstimo, garantindo, assim, o montante pretendido, o qual poderá ser ultrapassado se houver um grande interesse no mercado. Portugal pretendia 600 milhões de dólares e este empréstimo recebeu a autorização da Assembleia da República, incluída no Orçamento

Provisório, que permite ao executivo negociar empréstimos externos em divisas equivalentes a 650 milhões de dólares.

As condições deste empréstimo são 2/8 de ponto percentual mais gravosas do que as praticadas em anos anteriores, devido a falta de liquidez dos mercados financeiros internacionais e porque Portugal está em período pré-eleitoral desde Novembro, o que constitui um factor de incerteza quanto a política económica a implementar no futuro.

Em Novembro, este empréstimo esteve apalavrado junto da banca internacional, à taxa de juro do mercado de Londres (libor), mais 5/8. Depois da demissão do Governo os bancos dei-

xaram de se interessar pela operação, o que levou o Governo a aceitar a «libor» mais 6/8, para metade da operação, vencendo a outra metade a taxa preferencial de juro dos Estados Unidos, ligeiramente acima da «libor».

A «libor» no mercado de eurodólares encontra-se actualmente a cerca de 9 por cento.

A metade do empréstimo que vence o juro básico norte-americano terá um acréscimo de 0,45 pontos percentuais.

Uma vez que o financiamento do défice orçamental implica a entrada de divisas em 650 milhões de dólares, o dinheiro agora obtido representa um apoio ao financiamento do défice da balança de transacções corren-

tes, que atingiu 3,2 mil milhões de dólares em 1982.

A questão das remessas

Entretanto, a Secretaria de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas informou ontem não ter «conhecimento de quaisquer restrições ao envio de remessas de emigrantes portugueses, por parte do Governo francês».

Em comunicado, a Secretaria do Estado acrescenta que as diligências oficiais que de imediato foram estabelecidas junto do Governo francês, através da Embaixada em Paris e da Embaixada da França em Lisboa, referiram «desconhecer tal tipo de medidas».

A receita de um banco francês:

Pratiquem a austeridade na gestão da crise

Portugal, único país da Europa Ocidental que pode ser classificado como um «país em vias de desenvolvimento», deverá «gerir a crise» com firmeza e praticar a «austeridade» pedida pelo grande capital internacional, considera o Banco francês de negócios Indosuez.

Num estudo publicado quando, em Portugal, principia a campanha para as eleições legislativas de 25 de Abril, os analistas do Indosuez prevêem um

ano de 1983 «particularmente difícil» para Portugal, cujo aparelho de produção parece «vulnerável» e onde a inflação acusou a taxa de 22 por cento em 1982.

O banco de negócios francês convida o Governo que sair das eleições, a encorajar os sectores exportadores, sobretudo nas construções mecânicas e eléctricas, a concentrar uma indústria «demasiado fragmentada» (80 por cento das empresas empregam menos de 50 pes-

soas) e a agrupar uma agricultura que, nas suas estruturas, é «arcaica».

Para vencer as suas dificuldades financeiras actuais e restabelecer os seus equilíbrios fundamentais, Portugal deverá, segundo o Banco Indosuez, abandonar «a ilusão de facilidades» que representa a actual política de câmbios «deslizante».

As suas trocas comerciais externas degradaram-se devido à baixa das receitas provenientes

do turismo e das transferências dos trabalhadores emigrantes e devido ao encargo crescente do serviço da sua dívida, que já ultrapassa os 13 mil milhões de dólares.

O défice orçamental da balança de pagamentos portuguesa passou, de 1250 milhões de dólares, em 1980, para 2710 milhões em 1981 e 3000 milhões de dólares em 1982, o que corresponde a 14 por cento do Produto Interno Bruto.

PHILIPS

**Philishave
o barbear
perfeito**



um êxito tecnológico Philips



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS AVISO

Direcção de Crédito à Habitação e Construção

Informamos que desde o dia 4 de Abril todos os serviços da Direcção de Crédito à Habitação e Construção funcionam em **novas instalações**, na Rua Castilho n.º 45 — 1116 LISBOA CODEX.

Telefones números:

57 40 26	57 40 82
57 41 32	57 41 75
57 42 00	57 42 54
57 43 34	57 43 55
57 44 08	57 44 96
57 45 15	57 45 54
57 46 27	57 46 88
57 47 38	57 31 12
57 34 70	57 35 49
57 36 96	57 35 33

Espanha

Terrorismo volta

MADRID (do correspondente do «DL» Fernando Jauregui) — O terrorismo é hoje notícia de primeira página em todos os jornais espanhóis: em primeiro lugar devido à libertação de uma das pessoas que estavam sequestradas, o industrial Vasco Jesus Guibert, em segundo lugar devido às medidas especiais adoptadas para tentar localizar o outro sequestrado, o financeiro madrileño Diego Prado y Colon de Carvajal, cujo paradeiro ainda se desconhece.

Mais de seiscentos polícias fizeram ontem uma rusga, até de madrugada, detendo cerca de um milhão de pessoas, fazendo buscas a centenas de casas e provocando grandes engarrafamentos nos controlos automobilísticos. Era seu objectivo seguir uma pista em volta do lugar onde os elementos da organização terrorista ETA-militar poderiam ter, sobsequestro, Diego Prado y Colon de Carvajal, um financeiro — decerto descendente de Cirstóvão Colombo — muito conhecido na sociedade madrileña e irmão de Manuel de Prado, uma das pessoas mais ligadas à família real.

A busca foi inútil, e hoje, os jornais mais influentes perguntam mesmo se terá merecido a pena todo aquele aparato policial. «Alguns como «El País» e «Diário 16» chegam a sugerir uma legalidade duvidosa em todo aquele procedimento espectacular que, segundo a Rádio Nacional anunciou esta manhã, teria terminado com a detenção de

uma mulher presumivelmente ligada ao «Comando Madrid» da ETA. Não se sabe o seu nome nem sequer há garantias de que tal prisão tenha sido feita.

Paralelamente, às primeiras horas desta madrugada era posto em liberdade nos arredores de San Sebastian, o industrial Jesus Guibert, sequestrado no dia 21 de Março pelos chamados «Comandos Autónomos Anticapitalistas», originariamente ligada à ETA militar. Embora tanto a família como as autoridades guardem um rigoroso silêncio, parece estar fora de dúvida que foi pago um resgate muito elevado pela liberdade do industrial basco, militante do Partido Nacionalista Basco (PN), que exerce o poder regional. Foi a primeira vez que a ETA e as suas organizações satélites atentaram contra o PNV, o que pode abrir uma brecha mortal nos terroristas que até agora se sentiam de certo modo «moralmente compreendidos», por alguns sectores do PNV, nas suas aspirações independentistas, embora não nos métodos utilizados.

De momento, o ministro espanhol do Interior, José Barriónuevo, esquecendo um pouco a polémica iniciada pela actuação no Bairro del Pilar de Madrid, parte hoje para Paris a fim de se avistar com o seu colega francês, desejoso de conseguir uma eficaz cooperação antiterrorista contra a ETA e os seus «santuários» em França, de onde ela cobra os seus impostos revolucionários aos empresários bascos.

No discurso de abertura do décimo sexto congresso da Internacional Socialista, hoje iniciado em Montecarlo, Algarve, o secretário-geral do PS e vice-presidente da IS, Mário Soares, criticou as «intervenções estrangeiras na América Central».

Num discurso de 4000 palavras Soares fez o ponto da situação internacional.

Sobre a América Latina, o dirigente socialista português elogiou os processos de democratização em países «fascistas ou submetidos a odiosas ditaduras militares» e considerou preocupante «a crescente vaga de violência» na zona. «As intervenções estrangeiras são sempre condenáveis, quaisquer que sejam os pretextos invocados», sublinhou Mário Soares.

Em relação ao Médio Oriente, Soares referiu-se ao relatório da Comissão da Internacional Socialista a que presidiu, como «um começo de resposta socialista para a crise» desta região e condenou os massacres no Líbano. Referindo-se, mais explicitamente ao problema palestino, o vice-presidente da IS defendeu «o reconhecimento mútuo entre israelitas e palestinos, o reconhecimento à existência do Estado de Israel e o reconhecimento do direito à autodeterminação de uma pátria para os palestinos».

Depois, o líder socialista chamou a especial atenção dos con-

gressistas para a situação que se vive na Ásia onde, salientou, ao subdesenvolvimento, à fome e a incontroláveis explosões demográficas se juntam «regimes ditatoriais e corruptos». «Lanço um apelo aos partidos da IS e aos nossos convidados para que de imediato desenvolvam os esforços possíveis no sentido de se alertar a opinião pública mundial para a gravíssima situação desta área, onde vivem dois terços da população mundial».

A questão sul-africana foi igualmente abordada por Mário Soares que manifestou a esperança de se poder favorecer com «consistência e eficácia» os compromissos contra o «apartheid», o racismo, o colonialismo, e a «política agressiva» da África do Sul. A urgência desse compromisso, para Mário Soares, radica no reforço da verdadeira independência dos países da Linha da Frente e do seu desenvolvimento económico, social e cultural.

Fazendo um balanço sobre a política de defesa dos direitos humanos, Mário Soares considerou um «ponto de honra e preocupação fundamental dos socialistas democráticos», tendo, por isso, saudado o dirigente turco Bulent Ecevit e referindo-se a Nelson Mandela, detido nas cadeias do «apartheid» sul-africano, o general Serigni, Andrei Sakharov e Lech Walesa.

Despesas militares em questão

O presidente da Internacional Socialista, o social-democrata alemão federal, Willy Brandt, referiu a necessidade de um acordo internacional sobre a redução de cinco por cento das despesas internacionais de cada país, e aplicação dos fundos correspondentes no desenvolvimento económico.

O ex-chanceler de Bonn advogou igualmente «um pacto internacional de emprego» que sirva de base para os países industrializados desenvolverem, em conjunto, uma política de expansão económica.

Após ter referido as vantagens decorrentes das reduções da inflação e dos excessivos défices orçamentais, Brandt sublinhou que «não devemos destruir o planeamento da economia mundial por excessivas economias».

«É mais lógico, sob um ponto de vista económico, assegurar maior justiça social, conceder empréstimos que assegurem trabalho do que dispendir fundos para manter os desempregados», sublinhou.

Brandt sublinhou repetidas vezes que o incremento da corrida aos armamentos ameaça a humanidade de total destruição: «deixem-me repetir, aqui e agora, o mundo está em perigo de se armar para a morte».

«Dirigo um apelo urgente às duas superpotências para que adoptem novos caminhos de ne-

gociações e criem maior segurança concluindo acordos sobre uma efectiva e igual redução dos armamentos».

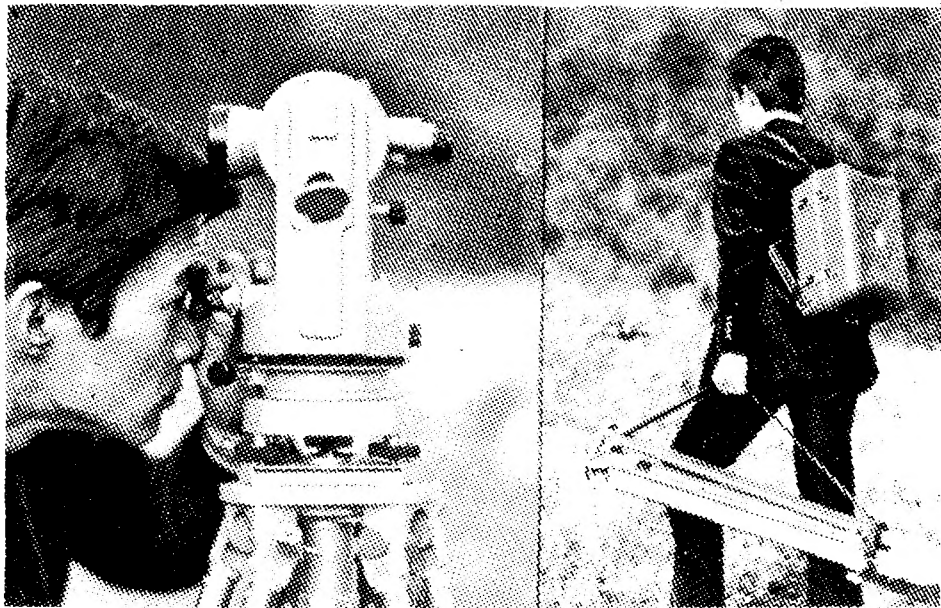
Referindo-se ao lema do Congresso, Brandt disse duvidar que a Internacional Socialista tenha uma resposta para a crise mundial e, em particular, para a crise económica.

«Não obstantete, pois temos obviamente respostas parciais para a crise, acrescentou Brandt, para sublinhar que considera a comunidade internacional «como um lugar cuja verdadeira missão é ajudar cada uma a enfrentar os desafios da nossa época».

O presidente da Internacional Socialista sublinhou que as condições mundiais se agravaram dramaticamente desde o início dos anos oitenta, particularmente no que diz respeito às relações entre os países industrializados e os países em desenvolvimento, aos perigos de destruição do meio ambiente à exploração selvagem de recursos escassos e preciosos e ao empobrecimento causado pela galopante corrida aos armamentos.

Depois de recordar o fim trágico a que levou a crise dos anos trinta, Brandt afirmou: todos devemos tomar consciência dos imensos perigos a que poderá conduzir a presente crise. E todos devemos tomar consciência de que só uma reforma fundamental das relações económicas mundiais poderá ajudar a vencer estes perigos».

SOKKISHA



MATERIAL TOPOGRÁFICO JAPONÊS

O MELHOR E MAIS BARATO NO MERCADO PORTUGUÊS — GARANTIA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA — PEDIDOS DE CATÁLOGO E PREÇOS AO REPRESENTANTE EXCLUSIVO

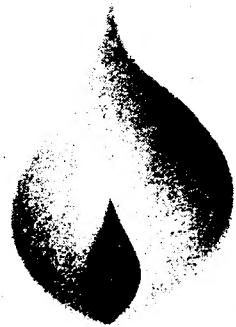
NUCLEON-EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO, LDA.

A. COLUMBANO BORDALO
PINHEIRO, N.º 57-A
TEL. 72 20 39/72 20 72
TELEX: 16691 — MUNTER-P
1000 LISBOA

MATERIAL DESENHO «NEOLT»

ESTIRADORES, MÁQUINAS DESENHAR, HELIOGRÁFICAS, GUILHOTINAS, CANDEEIROS, ETC.
PEDIDOS DE CATÁLOGOS E PREÇOS AO DISTRIBUIDOR:

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO



Mais

Distribuímos o primeiro número, colaborámos no lançamento e no crescimento da revista. O êxito deste primeiro ano de vida é por isso também nosso. PARABÉNS À **Mais!**

INTERpress Soc. Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda
Rua do Norte, 115-1200 LISBOA

REVISTA SEMANAL
SAI ÀS SEXTAS-FEIRAS

Director
CARLOS CRUZ

A questão palestina envenenou a reunião do Bureau da IS

A reunião do Bureau da Internacional Socialista terminou sem que fosse tornado público qualquer comunicado acerca das discussões ali travadas. O Congresso iniciou os seus trabalhos à hora prevista, tendo aparentemente deixado em suspenso o problema da OLP.

Segundo Luís Paixão Martins, da ANOP, houve um acordo aparente sobre a presença do palestino que se encontra em Montechoro. A questão terá sido ultrapassada depois de o Presidente da IS, Willy Brandt, ter ido ao Bureau esclarecer declarações que lhe foram atribuídas.

Em entrevistas a estações de rádio portuguesas, o social-democrata federal alemão afirmou que o convite a Sartaoui tinha sido dirigido ao representante da OLP. Terça-feira à tarde, no Bureau da IS, Brandt

atribuiu essa interpretação a alegados lapsos de tradução e garantiu ter-se tratado de um convite dirigido à pessoa e não à organização.

Quer dizer, Sartaoui, antigo representante da OLP na Europa, actualmente sem funções dirigentes na Organização de Palestinos, está em Montechoro a título pessoal e como observador.

Algumas delegações europeias fizeram sentir que o problema poderá voltar a ser colocado nos trabalhos do Congresso, mas outros — entre os quais o PS português — encaram que, mesmo com este estatuto, a simples presença de Sartaoui é um passo para o aprofundamento das relações da IS com a OLP.

Só ao princípio da tarde de domingo, quando os congressis-

tas começaram a arrumar as malas, se saberá se a questão está de facto resolvida.

Até lá, não é possível concluir se os passos favoráveis a Mário Soares, dados inequivocamente na reunião de quarta-feira do Bureau, são isentos de eventuais retrocessos.

O secretário-geral do PS português ouviu o presidente da IS aclamar o relatório da Missão que liderou ao Médio Oriente e ficou satisfeito com a aclamação dos seus colegas do socialismo democrático e da social-democracia.

E, apesar dos problemas que terá de resolver nas próximas horas, sentiu como um triunfo o mandato que lhe foi conferido para debater possíveis emendas e decidir sobre alterações ao projecto de resolução.

A questão do Médio Oriente,

que acaba por relegar para segundo plano os termos do documento aprovado em meados de Março em Lisboa não se esgota aqui: o Bureau da IS acaba de recomendar ao Congresso que aceite como membro pleno o MAPAM, pequeno partido israelita com acordos parlamentares com os trabalhistas.

Esta UEDS de Israel pretendeu aumentar a sua participação na IS, acusando as organizações de Shimon Perez de «passividade» face aos massacres no Líbano. A sua admissão num momento de vitória relativa de Perez quanto ao estatuto da OLP poderá significar a situação referenciada pelo provérbio português «uma no cravo, outra na ferradura».

Este assunto poderá dominar as preocupações dos congressistas, numa ocasião em que a

Internacional Socialista, em momento de expansão, se ocupa também de outras áreas do globo e tenta ultrapassar a vacatura do lugar de secretário-geral.

Por um lado, trata-se de um maior empenhamento na América Latina com tomadas de posição moderadas sobre a Nicarágua e El Salvador e algumas chamadas de atenção aos norte-americanos.

Por outro lado, é a intervenção em África com a convocatória de uma Conferência de Junho na Tanzânia, que deverá constituir uma ampla condenação ao regime e aos actos agressivos da África do Sul.

Quanto ao secretário-geral, Bernt Carlsson, apenas uma coisa está assegurada: o relatório que ele vai ler hoje, entre os discursos de Mário Soares e Willy Brandt é o último.

Nos bastidores, as várias sensibilidade da IS movimentam-se para apurar o seu sucessor, depois de um primeiro entendimento em torno de uma candidatura espanhola se ter gorado.

Só domingo, quando Brandt voltar a ser eleito presidente da IS, se saberá quem terá na mão o Secretariado da Internacional Socialista.

A questão africana

A Conferência da Internacional Socialista sobre a África ficou marcada para os dias 23,24 e 25 de Junho na cidade tanzaniana de Arusha — segundo apurou a ANOP junto de fontes da IS. Os aspectos organizativos dessa conferência serão analisados numa próxima reunião do Bureau da IS!

Willy Brandt prometeu que faria todos os esforços para estar presente em Arusha. Também os partidos socialistas de Portugal, França e Senegal asseguraram a sua presença.

A posição do PS português face ao conflito da África Austral foi precisada e especificada por Manuel Alegre, o qual afirmou que a reunião de Arusha só terá êxito se os dirigentes da IS nela

se empenharem. Uma das dificuldades com que esta conferência de Arusha tem deparado diz respeito à presença dos trabalhistas de Israel, à qual se opõem alguns Estados africanos. Segundo Manuel Alegre, o PS e Mário Soares empenhar-se-ão a fundo na realização da conferência.

Uma fonte da organização referiu à ANOP que o PS defendeu na reunião preparatória a condenação «sem ambiguidades» das agressões da África do Sul e o apoio à Linha da Frente.

O PS e as armas

O socialista português Jaime Gama defendeu ontem no Bureau da Internacional Socialista a inclusão do armamento convencional nas conversações sobre o desarmamento.

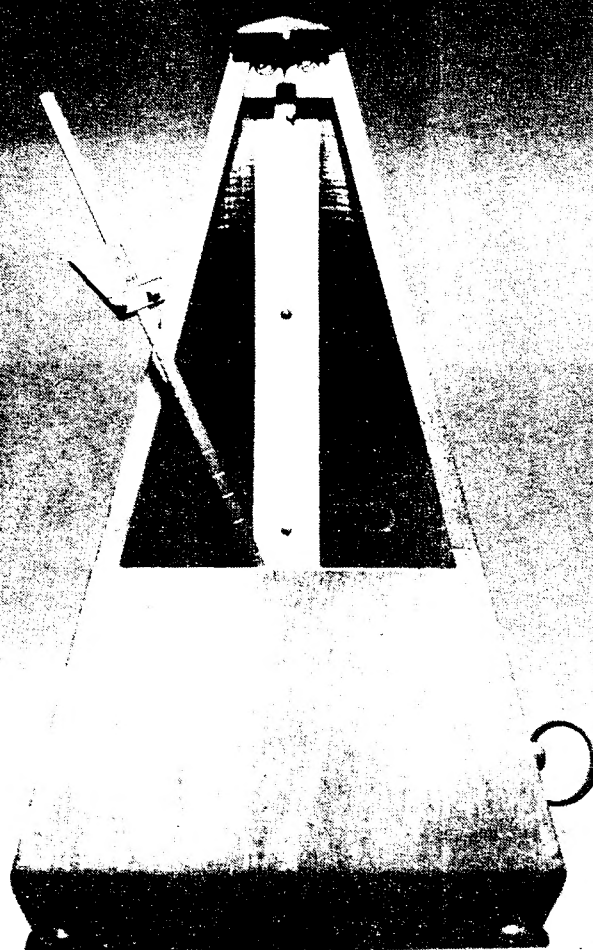
Essas negociações, explicou, devem figurar a par das negociações estratégicas e sobre armas nucleares de alcance intermédio, uma vez que nos armamentos convencionais «o desequilíbrio a favor da União Soviética é flagrante na Europa».

Gama disse também que a IS deve encarar a luta pelo desarmamento numa perspectiva autónoma, sublinhando que o ponto de vista da organização é distinto do movimento dos países não-alinhados.

«A delimitação de zonas desnuclearizadas — acrescentou — deve inserir-se no contexto global das relações leste-oeste e não ser uma forma de desarmamento unilateral».

A comissão para o desarmamento leste-oeste e o desarmamento é presidida por Kalevi Sorsa, primeiro-ministro da Finlândia, e aprovou uma recomendação — cujas linhas gerais são semelhantes às preconizadas por Jaime Gama — recomendação a ser apresentada no congresso da Internacional Socialista que se inicia quinta-feira de manhã em Montechoro (Algarve).

O importante é
criar soluções simples



IBM

Propostas de Praga serão conhecidas esta tarde

Uma sessão do Comité dos Ministros do Negócios Estrangeiros do Tratado de Varsóvia, que se iniciou ontem à tarde em Praga, deverá terminar com um comunicado incidindo, designadamente, nas grandes linhas de um projecto de Tratado de Não-Beligerência, soube-se de fontes diplomáticas citada pela AFP.

Esse projecto de Tratado, já foi anunciado depois da Cimeira do Pacto, que teve lugar nos passados dias 4 e 5 de Janeiro, em Praga.

Recorda-se que vários dos elementos do texto foram divulgados na «Declaração Pública» adoptada durante aquela cimeira. O projecto de «Tratado de Não-Recurso à Força e de Salvaguarda das Relações Pacíficas» seria dirigido, em primeiro lugar aos países da NATO, estando aberto, no entanto, a todos os países desejosos de se juntarem a ele, soube-se nessa altura.

As partes signatárias comprometer-se-iam a não serem as primeiras a utilizar tanto armas nucleares como convencionais, não renunciando porém, ao seu direito inalienável à «auto-defesa individual ou colectiva».

Contudo, este tema do Tratado não deverá ser o único abordado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros soviético (Andrei Gromiko), checoslovaco (Bohuslav Chnupek), polaco (Stefan Olszowski), húngaro

(Frigyes Puja), búlgaro (Peter Mladenov), romeno (Stefan Andrei) e leste alemão (Oskar Fischer).

Um comunicado da agência checoslovaca «CTK» publicado ontem à noite precisava que a sessão debateria «as questões ligadas à realização dos projectos e iniciativas para se desviar o perigo de guerra nuclear, estabilizar o desarmamento e (...) contribuir para a cooperação na Europa e no Mundo», tal como durante a Cimeira de Praga. Recorda-se que esta última reunião tinha apresentado um vasto catálogo de medidas de desarmamento, que a presente sessão poderá actualizar, notam os observadores.

Aviso soviético

Moscovo responderá directamente contra os Estados Unidos caso estes utilizem os seus mísseis nucleares na Europa contra a URSS, declarou na RDA o ministro da Defesa soviético, Dmitri Ustinov.

Ustinov afirmou, num discurso em Erfurt, que «segundo os peritos do Pentágono, a instalação de mísseis nucleares americanos de médio alcance na Europa aumentaria as possibilidades de sobrevivência dos EUA em caso de conflito. Na verdade — prosseguiu — os Estados Unidos submetem os seus aliados a represálias nucleares ao transformarem-nos em palcos da sua estratégia».

legislativas 83

síntese

O empenhamento do general Vasco Gonçalves na campanha eleitoral da Aliança Povo Unido foi ontem o principal facto político. Perante um auditório que discutia as grandes crises da história de Portugal, o antigo Primeiro-Ministro, que tem tido uma actividade discreta depois de afastado do Governo em 1975, foi a estrela do colóquio realizado no Circo Povo Unido.

A defesa da participação popular, tal como aconteceu em 1383, 1640, 1820 e 1974/75, por um lado, e da unidade democrática contraposta ao bloco central, foram os principais temas da intervenção de Vasco Gonçalves, que, como é seu hábito bem depressa pôs de lado o discurso escrito, para improvisar e assim galvanizar os presentes.

Fora este facto, a campanha continua ainda morna, muito morna.

A do PS, essa quase que esfriou com a ausência de Mário Soares, no Algarve. A Internacional Socialista e a necessidade de liderar a resolução que no Congresso daquela organização vai ser adoptada sobre o Médio Oriente levaram Soares para Montechoro e deixaram a campanha do PS muito em baixo. Mesmo «órfãos», Acácio Barreiros, José Leitão, e Lopes Cardoso, ainda ontem estiveram em Moscavide. O antigo deputado da UDP, aproveitou para fazer autocritica, nomeadamente

no que toca à sua passada actividade parlamentar. Mota Pinto por seu turno partiu à conquista do Alentejo, território que lhe é estranho, depois de uma rápida incursão no «eixo Lisboa-Cascais». Lucas Pires, esse continua a jogar em casa.

O Norte é lugar escolhido para atacar mais o PS que o PSD. Inflexão táctica que ainda terá de ser confirmada. Ao mesmo tempo Adriano Moreira espera... E à espera procura retocar a sua imagem, separar-se do passado. Mas aquelas mãos, algumas expressões, o perfil, traem-no...

Para o CDS muito está ainda por resolver. E espera-se ansiosamente a intervenção televisiva de Freitas do Amaral no próximo dia 11. O ex-líder centrista admitia hoje ao semanário «O Tempo» a possibilidade de um dia voltar à política activa.

Entretanto, perante o silêncio dos partidos, igual àquele que já se tinha verificado no aniversário da Constituição, terminava ontem o período de transição previsto na Lei Fundamental.

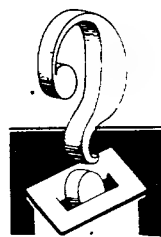
A Comissão Constitucional era extinta, o PR deixou de ter poderes excepcionais de fiscalização da constitucionalidade. Parece que ninguém reparou. Pode ser sinal de que entrámos em regime de normalidade. Ou que andamos todos distraídos.

CDS

As barbas como penhor e os pontos nos ii's...

O CDS pretende-se «uma espécie de sabão para lavar os males que apoquentam Portugal». Desde logo aproveita uma deslocação à Póvoa de Varzim para anunciar, pela voz de Lucas Pires, que cumprirá todas as suas promessas «se assumir a chefia do Governo». E a força do compromisso é tal, que Lucas Pires entende «nem ser preciso dar as minhas barbas como penhor». Por sua vez, Adriano Moreira «magoado com os puristas da língua» que persistem em não ver «modernidade» no seu discurso, fustiga-os colocando os pontos nos ii; «O que queremos é restaurar o aparelho produtivo, experimentando de novo a iniciativa privada, reconstruir o Estado, destruído pelos socialismos selvagens, recusar uma lei da greve que permite uma greve política e que, simultaneamente, impede o Estado de fazer uma requisição civil...».

Não fora um «banho de multidão» na feira de Famalicão e o discurso de Adriano Moreira, durante um jantar, na Póvoa de Varzim, e a tónica do terceiro dia da maratona eleitoral do CDS pelo Norte do País estava encontrada: ausência quase total dos habituais ataques ao PSD.



Súbita mudança de táctica? Lucas Pires, convidado a abrir-se, diz-me: «Talvez... Às vezes é preciso variar». E mais não

diz porque, entretanto, alguém o arrasta para um «banho de multidão» na feira de Famalicão. Disposto a desvendar o «caso», consulto, uma vez mais, as minhas notas. Confirma-se: desde que saí, ao princípio da manhã, de Braga, Lucas Pires apenas assestou baterias contra o PS e só aqui e além beliscou, ao de leve, o PSD.

Olho à minha volta. Lucas Pires ainda está rodeado de algumas dezenas de apoiantes, que lhe pedem para autografar autocolantes do CDS. Tenho tempo, concluo, para rememorar as minhas notas e inventariar as críticas ao PS.

«Se o nosso escudo se está a desvalorizar é por causa dos amigos franceses do PS. Porque desvalorizaram o franco e obrigaram a nossa moeda a ir atrás dessa desvalorização», leio. Onde foi?, pergunto-me. O bloco-notas esclarece-me sobre o local e sobre as circunstâncias. Que foram... em Esposende e

depois de Mário Soares ter defendido, numa conferência de Imprensa alarmista, que o País estava no caos, na bancarrota, etc....

Cábulas...

Um espaço em branco e, em seguida, bem sublinhadas, duas passagens: «a partir daí os credores estrangeiros começaram a apertar. Resultado: tivemos de desvalorizar...» E, mais adiante, à laia de conclusão: «No fundo, foram dois socialismos que provocaram esta desvalorização...»

Continua a leitura das notas — Lucas Pires não consegue escapar ao cerco que, pouco mais de sessenta pessoas, lhe fazem... —, e vejo: «Como votar às escurelas num partido que não nos diz quem é o seu Governo som-bra...»

De repente, a excepção, ou seja, um «beliscão» ao PSD «partidos repetentes, cábulas, que não souberam resolver os problemas e, agora, querem voltar ao Governo (...), 4/5 dos partidos são socialistas, já que o PS é o socialismo outonal, o PC o invernal, o PSD o primaveril...»

Lucas Pires aí vai em direcção à feira. Faço o mesmo. O líder do CDS propõe um contrato: «Tentarei fazer alguma coisa por vós se chegar a Primeiro-Ministro. Em troca, façam alguma coisa por mim, para eu lá chegar...», é o conteúdo da pro-

posta apresentada, de viva voz, às pessoas. Simultaneamente, sugere um «vote no CDS porque tudo já foi experimentado, menos nós...»

Há quem responda «também já lá estiveram com o Mário Soares ou com a AD». Lucas Pires não se engasga, a resposta já a tem engatilhada: «Pois, mas nunca com um Primeiro-Ministro nosso...»

Outra música...

Na Póvoa de Varzim, a recepção à caravana do CDS reconforta os seus dirigentes. Cerca de trezentas pessoas mostram um entusiasmo que mais parece de mil. E o calor aumenta quando Verónica e Paulo Alexandre, dois artistas do CDS, que acompanham a caravana, sobem para um palco improvisado e põem grande parte das hostes de apoio a bater palmas e outra a bater o pé. Adriano Moreira alinha mesmo numa farândola.

Mais tarde, num hotel situado frente ao mar, a sua música será outra...

Nun discurso pedagógico, «onde a exaltação se entremeia, frequentemente, com um apelo sereno ao despertar do País», Adriano Moreira «abre o livro».

Os males do socialismo

Fala da visão poética e dos idealismos que levam alguns a

encarar Portugal «como um jardim à beira-mar plantado». Só que, contrapõe, «nós somos o jardim e a Holanda é que exporta as flores». Sobre flores ainda falará para dizer que é necessário «cultivá-las aqui».

Voltando-se para o mundo do trabalho, denuncia as greves de «matriz política». «O trabalho, dirá, é o valor mais importante do capital». Com os «puristas da língua» na ponta de mira, afirma, peremptório: «Pretendemos, apenas, que quem quiser trabalhar, tenha o direito de o fazer», já que, continua, «quando chega a hora de regar, colher, plantar, não se podem fazer greves».

«Magoado» com a triste mania dos «puristas da língua» em considerarem o seu discurso com sotaque a tempos que já lá vão — tempos onde a PIDE prendia, torturava e assassinava, onde a liberdade de escolha de filiação partidária respeitava tão-só a escolha entre entrar ou não para o único — Adriano Moreira resfiava o rosário dos males que apoquentam Portugal. Nem uma mosca se ouvia. Os «puristas da língua» que se ponham a pau.



Manuel Anta

Retrato eleitoral

POUS

O Partido Operário de Unidade Socialista foi lançado em Junho de 1979 por duas estruturas políticas designadas Movimento para a Unidade Socialista e Organização Socialista dos Trabalhadores.

Uma das componentes do POUS era constituída por dirigentes e militantes da antiga Comissão de Trabalho do PS, entre os quais, Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira, que acabariam por ser expulsos do partido liderado por Mário Soares.

O POUS é a secção portuguesa de um ramo da família trotsquista (Centro Internacional de Reconstrução da 4.ª Internacional) que tem, no francês Pierre Lambert, um dos principais expoentes.

«Constituído, desde o início, para dar aos trabalhadores um instrumento político de luta para levar a revolução portuguesa até à vitória final sobre o capital e à instauração do poder da classe trabalhadora», como se apresenta, o POUS diz pautar a sua acção pela luta a favor do «afastamento do PS e do PCP da influência da burguesia e do Presidente Eanes».

O POUS candidatou-se às eleições para a Assembleia da República (intercalares), obtendo 0,21 por cento do total dos votos expressos, e às eleições para o Parlamento, em 1980, quando averbou 1,38 por cento da votação geral.

Em 1980, o seu melhor resultado verificou-se no círculo pela emigração na Europa (2,52 por cento) e no do Porto, ficou a cerca de 1500 votos de eleger um deputado.

Em 1981, o POUS apresentou Aires Rodrigues como candidato às eleições para a Presidência da República. Aires Rodrigues obteve 12 612 votos, correspondentes a 0,22 por cento dos votos expressos.

A candidatura de Aires Rodrigues foi marcada pela exigência de que o PS e o PCP apresentassem um candidato comum civil, «contra os candidatos escolhidos pelo Exército e pela burguesia, Eanes e Soares Carneiro».

Na campanha eleitoral que agora se inicia, o POUS apela à mobilização operária e popular para «organizar a imposição das suas reivindicações à maioria PS-FCP que sairá da vontade do 25 de Abril, impedindo que estes partidos se aliem à direita e tomem medidas antioperárias».

O POUS afirma que os trabalhadores «serão capazes de impor a sua vontade, de realizar as suas aspirações, ainda que os dirigentes do PS e PCP prometam continuar a sua política de divisão operária e de aliança com a direita».

Relativamente ao Partido Socialista Revolucionário (PSR), que concorre às eleições coligado com a UDP, o POUS declara tratar-se «de uma atitude pouco séria».

«Não se entende como uma organização que se reclama trotsquista pode trabalhar para eleger um deputado — Mário Tomé — que integra uma organização stalinista», afirma o POUS.

PDC

O Partido da Democracia Cristã (PDC) concorre às próximas eleições em 21 círculos eleitorais com o objectivo de «defender os direitos e liberdade da pessoa humana na perspectiva pessoalista da doutrina social cristã».

O PDC foi legalizado em 1975 e proibido em Março do mesmo ano por alegado envolvimento no 11 de Março.

No entanto, para o PDC, «a verdadeira razão» da sua proibição foi a recusa de assinar o primeiro pacto MFA-Partidos e a oposição «à imposta via socialista».

Concorreu às eleições gerais de 1976 em 19 círculos tendo obtido uma votação global de 0,54 por cento registando a sua maior classificação no círculo fora da Europa onde obteve 3,19 por cento.

Nas intercalares de 1979 voltou a concorrer, também em 19 círculos aumentando a sua votação global para 1,21 por cento registando fora da Europa uma classificação de 8,97 (a maior conseguida até hoje pelo partido).

Em 1980, em coligação sob a sigla PDC-MIRN/PDP-FN (Partido da Democracia Cristã/Partido da Direita Portuguesa/Frente Nacional), o PDC e seus aliados obtiveram 0,40 por cento dos votos.

O PDC surgiu em 1975 em resultado de divergências entre os promotores do Partido Popular Cristão e do Partido Cristão Social-Democrata. Entre os seus fundadores contam-se Nuno Calvet de Magalhães, Henrique de Sousa Melo, Jorge Medeiros, Sequeira Nobre e Bartolomeu Monteiro.

No primeiro Congresso, realizado em 1975, foram aprovados o programa e estatuto do partido e eleito secretário-geral o major Sanches Osório que, na sequência dos acontecimentos do 11 de Março, abandonou o País.

A história do PDC é fértil em problemas internos que levaram a mutações constantes no cargo de secretário-geral, tendo tais funções sido sucessivamente desempenhadas por Silva Resende (1975), Valdez dos Santos (1977), com o almirante Pinheiro de Azevedo na presidência, Sanches Osório (1978) e António Santos Ferreira (desde Junho de 1979).

O programa eleitoral do PDC para as eleições do 25 de Abril estabelece, como linhas mestras, «não fazer concessões à demagogia de esquerda nem ao liberalismo anárquico ou pretensamente nacionalista», o estabelecimento de um pacto social, a defesa da livre iniciativa e propriedade privada.

A captação dos investimentos estrangeiros e promoção de «um efectivo debate nacional sobre os termos e implicações da eventual adesão ao Mercado Comum», são outras das linhas mestras do programa do PDC para as próximas eleições.

Promover «uma verdadeira cultura nacional», «dar maior apoio social e cultural aos emigrantes e seus filhos», defender as

Continua na pág. 12



legislativas 83

PSD Mota Pinto e o Auto da Formiga

BEJA, 7 — A fábula da cigarra e da formiga, assim se poderá caracterizar a campanha eleitoral dos maiores partidos portugueses: PS e PSD. Voto a voto, o PSD vai *armazenando*, subindo. Na sua frente, os adversários directos cantam, o PSD amealha, aforra? Mota Pinto, que ontem esteve na Feira de Cascais e no distrito de Beja, tem cantado o *Auto da Cigarra*, louvando o trabalho. Só com trabalho, sempre com trabalho e apenas com trabalho. De salários e inflação, ainda nem sequer um monossílabo. E o prazer, professor? (como perguntava há tempos uma actriz brasileira). O PSD só nos *ameaça* com trabalho. E na fábula, grite-se, a figura simpática é mesmo a cigarra. A história, um dia, far-lhe-á, justiça...



Mota Pinto chegou à Feira de Cascais, cerca das 11 horas. Acompanhado

de António Capucho e Margarida Salema,

cumprimenta as vendedeiras e o público. Há muito que lá se encontrava, o candidato socialista Igrejas Caeiro, enquanto à porta do mercado a Juventude Comunista vendia jornais da APU. *Para rece o coronel Boneres* — dizia uma vendedeira, ostentando o autocolante do PS. *Comunista de um raio...* — responde uma velhota da comitiva de Mota Pinto. *Juntos vamos sair da crise* — grita o altifalante do Partido Socialista. Mota Pinto e Igrejas Caeiro cumprimentam-se. Capucho troca autocolantes com o Partido Socialista. A presidente da Câmara de Cascais, Helena Roseta, está alguns minutos no mercado. Fala com Mota Pinto mas não o acompanha. *Não faço campanha* — confirma Helena Roseta.

Contacto com a população.

Mota Pinto não tem grande jeito. Nas bancas, os preços falam do aumento do custo de vida. E nisso o PSD ainda não abriu a boca. *Ora ninguém trabalha para aquecer...*

Depois desta rápida incursão no eixo *Lisboa-Cascais*, Mota Pinto visita o distrito de Beja. Esperado em Ourique, pelas 18 horas, chega com hora e meia de atraso. O responsável do PSD, lá da terra, explica: o professor vem atrasado porque está a dar uma conferência para a Imprensa Estrangeira, para a Imprensa jugoslava.

Os sociais-democratas de Ourique continuam a *digerir* mal a derrota das autárquicas (a Câmara passou para a APU).

Cerca de 200 pessoas esperam por Mota Pinto. Ganhamos a Comissão de Moradores na Aldeia de Palheiros — afirma o primeiro orador. «Fomos traídos em Ourique pelo Partido Socialista» — acusa.

E lá vamos para a Aldeia de Palheiros. Toda a gente se tinha ido embora, mas, rapidamente enche-se a sala pequena de um antigo café. Depois, é a corrida para Almodôvar. A Casa do Povo está cheia, com o programa atrasado mais de uma hora. E quando chegámos ao cinema «Pax Julia», em Beja, cerca das 22 horas, a sala estava praticamente vazia. Com fraca implantação no distrito (o CDS é mais forte), havia ainda o jogo do Benfica e a televisão espanhola, que ali chega em óptimas condições, transmitia o jogo do Real Madrid com o Áustria.

Os comícios deixaram de ter a afluência anterior.

Entre a festa e a guerra, atingimos um certo cansaço que pode não significar indiferença, a Democracia, aqui, «entrou» na Europa.

Mota Pinto atravessou todo o Alentejo com o mesmo discurso. *Não podemos aceitar o nosso senhor feudal, as UCPs, o Partido Comunista português. Temos de quebrar este círculo de ferro.*

Mais de 25 minutos durou o discurso de Almodôvar. Até agora, foi a intervenção onde Mota Pinto foi mais *pedagógico*. Era notório que estava a gostar de falar, enquanto o chefe de campanha, fazia gestos desesperados, apontando.

Defende a *empresa familiar*, pois só com vários patrões os empregados podem escolher, ter liberdade. *Sob a aparência de anarquia e espontaneidade, ocupações de terras obedeceram a um plano gizado pelo Partido Comunista* — sublinha Mota Pinto perante o fraco auditório do cinema de Beja. Muitos que ali estavam eram do CDS. O cabeça-de-lista, pelo PSD,

Duarte Chagas, é claramente apupado. *Senhor presidente do PSD* — dirige-se a Mota Pinto. O único deputado da AD, por Beja no Parlamento, fala das *forças totalitárias e marxistas*, engana-se e pede «juízos dilatados» emendando, depois para *bonificados*. Discurso chato, mau, em contraste com o de um jovem social-democrata, Marciano Lopes. *Queremos Centros de Planeamento Familiar para a Juventude, queremos saídas profissionais*. Fala na droga e nas condições prisionais. Temas novos a que o PSD o PPD — conforme se diz, cada vez com mais entoação é quase insensível. O regresso às *Origens*. Veremos como isso acaba. Nem sempre bem, como nas telenovelas. E as duas, só agora começaram...

Mota Pinto informa-se de algumas particularidades das terras por onde passa e utiliza isso no discurso. Uma forma de se familiarizar com o eleitorado. Fez isso na Aldeia de Palheiros, em Almodôvar e em Beja. Juventude é uma preocupação para Mota Pinto, enquanto os comícios abrem sempre com um elemento da JSD. Dirige-se sempre aos independentes e ao «voto útil».

Também Mota Pinto está a acentuar a tónica da alternativa: é simples, o País vai escolher entre duas lideranças o Partido Socialista ou o PSD. «As pessoas têm de ser realistas. Não se podem deitar votos fora», sublinha o professor Mota Pinto.

Nesta deslocação ao Alentejo, Mota Pinto assume outro compromisso formal (já tinha feito o da alteração das rendas comerciais): Se formos governo, faremos a integração de regime da Previdência dos rurais na Previdência Geral.

Alteração das leis laborais, delimitação dos sectores, e necessidade de medidas de emergência para a Seca que assola o Alentejo são outras promessas formuladas. «Tudo isto só se fará com um Estado forte, com autoridade, com firmeza», diz. A «democracia não se defende com uma sociedade que se desagrega», conclui.

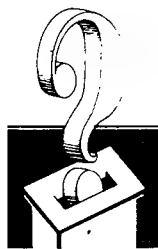
Mota Pinto cumpriu o Alentejo. Continua a fazer uma campanha eleitoral desgastante. Uma prova a que Pinto Balsemão nunca se sujeitou como principal líder do PSD. Por razões que lhe são alheias, é verdade. Mas se Mota Pinto pode perder, é bom que se diga que Balsemão nunca ganhou.



Fernanda Mestrinho

APU

PORTO, 7 — «E a acreditasse...», professor gosta de Vasco Gonçalves multidão para com o «ge entrar, outros ficam no ex seu relato do Benfica - Cr a cara do homem e volta



Tema do colóquio: «As grandes crises da história de Portugal». Borges Coelho e Armando de Castro, professores e historiadores

marxistas, falam das crises de 1383 e 1640, destacando a importância da participação popular nesses levantamentos contra Castela e seus aliados internos. José Luís Borges, professor liceal, presente em vez de Oscar Lopes, que não pôde comparecer, abordou timidamente a Revolução de 1820. Ninguém quase o queria ouvir. As pessoas estavam ali, em força, para escutar Vasco.

«Agitação nas ruas...»

Convidado para falar do 25 de Abril, Vasco percebeu a emoção dos milhares de presentes. As primeiras palavras («Um debate nestas circunstâncias...») foram rapidamente abafadas pelo clamor

PS

O

«O melhor antídoto para a maioria absoluta». Dis esclarecimento efectuad questão das alianças é u aquela meta, di-lo o próp Na sessão estiveram ta prometeu muito e deixou a propor a não ser man



A princípio, nem trinta pessoas na sala. Diz-se que é por causa do jogo na Luz mas a pouca e pouco a assistência vai sendo maior. Algumas pessoas ficam-se encostadas às paredes, junto à porta de saída. Dá a impressão que, para alguns, a política, hoje, é uma coisa com um só modo de estar: *de pé e de fugida*. «Não tenham timidez, venham para a frente» — diria José Leitão. Poucos aceitaram o convite.

A frente da mesa não há rosas, mas cravos: vermelhos uns, amarelos-riscados outros. São 22 horas, começa a única sessão de esclarecimento do PS marcada para a área de Lisboa.

«O PS não vem para estas eleições apenas dizer que isto está mal, mas que é possível vencer a crise com o empenhamento colectivo» — abre assim José Leitão. Fala nas «priorida-

MONTADORES/OFFSET

Grande empresa gráfica, situada em Lisboa, admite para ampliação dos seus quadros:

- montadores de jornal.
- montadores offset com prática de montagem de cores.

Enviar resposta c/experiência anterior e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 23 305

legislativas 83

em duas páginas

Vasco regressou

A impressão que as pessoas estavam à espera de alguém em quem professor, 30 anos, ex-maoísta, sem partido, Eduarda confessa que não Gonçalves. Impressiona-se, todavia, com o entusiasmo e ternura daquela «general de Abril». O anfiteatro está repleto, muita gente não consegue no exterior devido ao calor. Conta-me como três velhotes interromperam o - Craiova para uma breve saltada ao recinto. «Vim cá só para ver ao menos volto para o café» — ouviu a um deles.

«Vasco, Vasco» e «Abril vencerá». O texto que trouxe para introduzir o tema foi, minutos depois, quase posto de lado. E o homem que em 1974-75 galvanizou multidões, surgiu inteiro, vibrante, mas simultaneamente claro e rigoroso na explicação da Revolução de Abril, dos seus antecedentes e desenvolvimento.

Sobre a «agitação nas ruas» de que falavam, e falam, os inimigos do 25 de Abril, sublinhou Vasco que foi exactamente «na agitação das ruas que em 1383, em 1640, em 1820 e em 1910, o povo português defendeu a sua Pátria e o seu futuro como povo». E frisou que os direitos dos trabalhadores «não caíram do céu, surgiram da sua luta, da sua agitação».

Aos que falaram, e falam ainda, do «caos gongalvista» e que «não tiveram uma palavra sequer para a situação que herdamos do fascismo», recordou três insuspeitos economistas norte-americanos, Dobus, Taylor e Eckaus, que diziam estar a economia portuguesa, em Dezembro de 1975, de «boa saúde».

Foi com orgulho que o ex-primeiro-ministro de quatro governos provisórios falou do controlo pelo Estado, em Setembro de 75, (quando foi forçado a demitir-se) da Banca, Seguros, Transportes, Cimentos, Siderurgia, etc. «Não se pode falar disto sem se vibrar» disse, acrescentando que tal situação «oferecia os meios e perspectivas, como nunca na sua história teve o povo português, para se libertar de dependências e humilhações eternas e melhor construir o seu futuro».

A rejeição de Soares

Contou que ainda antes da formação do I Governo provisório teve uma conversa informal com Mário Soares, a quem propôs a continuação da unidade antifascista, numa ampla frente democrática, via MDP, e tendo como exemplo o Programa Comum de Esquerda aprovado na altura em França por socialistas e comunistas.

«Soares rejeitou liminarmente» — disse — a pretexto da necessidade de se conhecer a geografia política do país.

«Devido a isso, não foi ainda possível realizar-se a unidade entre os trabalhadores e entre outras camadas sociais interessadas numa sociedade melhor», acrescentou Vasco. No seu estilo apaixonado, envolvido pelo entusiasmo e frequentes aplausos da assistência, apelou ao trabalho «esforçado, tenaz, sereno, aberto, sem sectarismos» para que mais pessoas «venham para o campo de Abril».

«A unidade faz-se entre pessoas diferentes, com opiniões diversas, respeitando-se mutuamente», acentuou ainda, depois de responsabilizar os governos constitucionais (à excepção, em certos aspectos do de Lurdes Pintasilgo) pela grave crise económica e social que atravessamos.

«Com outra força»

«Devemos falar com os outros sem razões mesquinhas ou ras-teiras, sem sectarismos, com o coração e a inteligência. Só assim seremos capazes de trazer para os ideais de Abril muita gente honesta e sincera», disse ainda.

No final, já perto da meia-noite, quando Vasco Gonçalves terminou a sua intervenção a apelar o voto na APU («para impedir o bloco central, para reforçar o campo democrático e o caminho de Abril») e gritar um simples e emocionado «Viva Portugal», os olhos da multidão estavam, ora húmidos ora brilhantes. «A gente sai daqui com outra força...» exclama alguém a meu lado.

Vasco é nesta campanha, de facto, a «pedrada no charco». «Tem ideias muito claras sobre questões complexas» — diz-nos Lino Lima que esteve presente e abraçou, no final, o genenal.

A campanha, a décima em oito anos, não tem a alegria, mobilização e entusiasmo das anteriores. Tudo parece já decidido. No trajecto Lisboa-Porto, salvo cartazes e faixas da APU, não se vê propaganda. A participação de Vasco Gonçalves na campanha da coligação PCP-MDP poderá ter um grande efeito se ele aparecer perante auditórios mais vastos, via TV, por exemplo: grande, muito grande pelo sentimento e pela inteligência, o genenal de Abril é, de facto, um homem em quem se acredita.



Eugénio Alves

O antídoto da aliança

ptio contra qualquer espécie de aliança do PS, concretamente com o PSD, é Disse-o o dirigente da UEDS Lopes Cardoso, durante uma sessão de uada ontem à noite, no Centro Cultural de Moscavide. De qualquer forma a é uma coisa a ver só depois dos resultados eleitorais. Que é difícil atingir próprio Lopes Cardoso. Mas não é o acordo com o PSD a melhor solução. m também José Leitão e Acácio Barreiros. Se para o primeiro «a AD xou o povo totalmente defraudado»; para o segundo «a APU não tem nada manifestações».

des», nas «cem medidas para cem dias» e remata: «Não pedimos a ninguém um cheque em branco».

A crise

A crise em que vivemos «não tem precedentes» — reconhece Lopes Cardoso. Uma crise que «não é só económica e social, mas também moral». A corrupção está a minar tudo. «É um mal que todos sabem, que todos denunciam, mas contra o qual nada se faz» — sublinha o dirigente da UEDS.

A fuga dos dirigentes da AD, Lopes Cardoso dá-lhe um nome: reflexo da cobardia. Nenhum dos senhores veio prestar contas daquilo que prometera nas anteriores eleições, mas agora os seus partidos têm o descaramento de voltar a pedir o voto do povo português — reflecte. Só que, acrescenta, o povo já aprendeu. Mas não basta não votar AD. «É preciso votar numa alternativa» — frisa o dirigente da UEDS, considerando que só há uma: a do socialismo democrático.

E depois das eleições?

«A solução não pode ser encontrada num acordo com o PSD». E Lopes Cardoso explica porquê: «primeiro porque o PSD já demonstrou aquilo de que não é capaz; depois, porque essa solução não teria a coerência interna necessária para combater a crise».

A forma mais segura de impedir tal solução, é, no entanto, depositada, nas mãos do eleito. «Não haverá aliança se o eleitorado quiser». Melhor dizendo, se der a maioria absoluta ao PS. Este «é o melhor antídoto a qualquer espécie de alianças» — afirma o dirigente da UEDS.

Meta difícil, a da maioria absoluta? Claro, reconhece. Mas respondendo a um dos presentes, acrescenta que talvez seja mais fácil do que «o PCP no Governo», como vem reivindicando a APU.

O discurso

Acácio Barreiros foi o terceiro dos participantes na sessão de esclarecimento. Parte da intervenção inicial do ex-deputado da

UDP não foi mais do que a repetição do discurso habitual de Mário Soares. De feroz opositor, passou a benigno seguidista. Que se esperou um ano que o 1.º-Ministro e o Presidente da República fizessem o discurso sobre a situação do País, que o PS teve a coragem de o fazer, que era o discurso que estava a ser esperado há muito tempo, que, para além do discurso, o PS propôs um conjunto de medidas. Para Acácio Barreiros «é mais fácil prometer do que divulgar medidas que não são o céu e a terra ao mesmo tempo». Falava das medidas para os primeiros cem dias e das outras para os seis meses de Governo PS. «Não são promessas gerais, mas planos concretos com prazos marcados para cumprir» — disse. Mais: «É uma atitude nova que, a meu ver, dará uma nova confiança na democracia».

Do «acordo social do progresso» também falou o ex-deputado da UDP: não basta, nem à CGTP, nem à CIP dizerem que não o querem, terão de esclarecer o que é que contrapõem. Porque «o barco não pode virar».

O erro

Veio o debate, pouco animado, aliás, e uma das questões é sobre a «mudança» de Acácio Barreiros. «As pessoas podem mudar» — solta alguém da assistência. O ex-deputado faz a autocritica assim: «Ter votado com o PC, o CDS e o PSD contra o I Governo socialista, quando não havia no horizonte qualquer hipótese de formar um Governo à esquerda, foi um erro grave que eu cometi, juntamente com o partido onde estava». Pela única vez soltam-se palmas da assistência. «É pena que eles não o reconheçam, também» — acrescenta outro participante.

A propósito do «acordo social», alguém volta à carga. Acácio Barreiros defende-o, intransigentemente. E diz que o que «é mais importante, do ponto de vista dos trabalhadores»: «ou uma situação de reivindicação constante que não leva a lado nenhum, como até aqui, ou um Governo mais à esquerda que é o do PS». De resto, segundo o ex-deputado «A APU não tem mais nada a propor a não ser manifestações e mais manifestações, porque, soluções concretas, não as tem».

Da assistência, outra intervenção: se não fossem as manifestações dos trabalhadores, a AD não tinha caído e Acácio Barreiros não estava agora como candidato do PS...



Luís Humberto Marcos

LST

A Liga Socialista dos Trabalhadores exigiu o «fim da violência sexista sobre as mulheres» e «penas severas para os violadores».

A LST, em comunicado eleitoral dirigido às mulheres, defende a revogação do decreto-lei que proíbe o acesso ao planeamento familiar aos menores de 18 anos.

«Por que razão nenhuma das cem medidas anunciadas por Mário Soares contempla a legalização do aborto? — interroga a LST.

A educação sexual desde as escolas secundárias integrada nos planos oficiais de ensino, o aborto livre e gratuito nos hospitais e a pedido da mulher são também reivindicados pela Liga.

A LST exige ainda para as mulheres «trabalho igual salário-igual, igualdade de acesso a promoção profissional e criação de creches públicas».

PPM

O PPM apresenta-se sozinho com a sua autenticidade e «não se arroga ser o herdeiro do programa da AD», disse em Lisboa Borges de Carvalho cabeça de lista pelos populares monárquicos na capital.

«O PPM não tolera que outros se apropriem da exclusividade de um programa que era comum e que não é propriamente de nenhum dos três partidos da AD», afirmou Borges de Carvalho.

Aquele dirigente disse que «a chama e a vontade política do programa da AD continuam vivas» no PPM, que no entanto «não procura a exclusividade da sua interpretação».

No momento de crise em que as eleições se vão realizar — disse aquele político — «exige-se dos partidos democráticos uma clareza total que não se verifica nem com o PS que abandonou o socialismo e tão depressa fala em social-democracia como em liberalismo, nem com um PSD que, em vez de se apresentar tal qual é, permite uma aliança à esquerda se as coisas correrem de uma forma e uma aliança à direita se correrem de outra».

OCMLP

O cabeça de lista pelo Porto da OCMLP, Pedro Baptista, disse em Vila do Conde que «é necessário correr com o proxenetismo político que continua a dominar a Nação».

Aquele dirigente da OCMLP, o partido de que é primeiro-secrário, disse que «os quatro partidos que se dizem grandes» tentam convencer o eleitorado que «não há alternativa fora deles».

Há no entanto pessoas — disse Pedro Baptista — que constatarem que não é obrigatório votar num dos quatro e «dizem mesmo que é inútil e inaceitável» o voto nos que «traírem completamente as esperanças que neles depositaram em eleições anteriores».

PCTP-MRPP

O cabeça de lista pela Madeira às eleições legislativas, António Neves, disse à ANOP que o seu partido «espera entrar no Parlamento, porque há condições a nível dos grandes círculos eleitorais».

«Não somos um partido eleitoralista, mas neste momento é importante uma voz do PCTP-MRPP na Assembleia da República», frisou.

Acrescentou que os objectivos da campanha na Madeira são obter uma «maior penetração da política do partido» e auscultar a população acerca dos seus problemas, necessidades e aspirações.

Criticou a acção passada e presente do PS e do PCP e afirmou que «só há um voto útil, o voto no PCTP/MRPP».

ASDI

A ASDI decidiu participar nas eleições nas listas do Partido Socialista para, com autonomia, contribuir para a criação de uma alternativa de centro-esquerda — afirma-se num comunicado distribuído aos jornalistas.

Num encontro com os jornalistas, os dirigentes da Associação Social-Democrata Independente afirmaram que decidiram prosseguir «o empenhamento na construção da democracia, designadamente através da criação de uma nova maioria parlamentar, capaz de pôr em prática em Portugal um programa de reformas e uma resposta corajosa, firme e justa para a crise».

PC(R)

Dirigentes do PC(R) garantiram joutod as fábricas de Queluz de Baixo que «tirar o país da crise é tomar um rumo oposto ao que tem sido decidido desde que a AD subiu ao poder».

Numa acção em que foram distribuídos panfletos e o manifesto eleitoral desta organização política, candidatos afirmaram que «essa mudança não quer o PS partido da burguesia liberal pro-americana, não a quer também o PCP, partido que submete os operários à pequena burguesia, comprometido com o regime novembrista».

Para essa mudança, há que «eleger deputados revolucionários», pelo que o PC(R) apela aos trabalhadores a concentrarem os seus votos na frente eleitoral UDP/PSR, em Lisboa e no Porto.

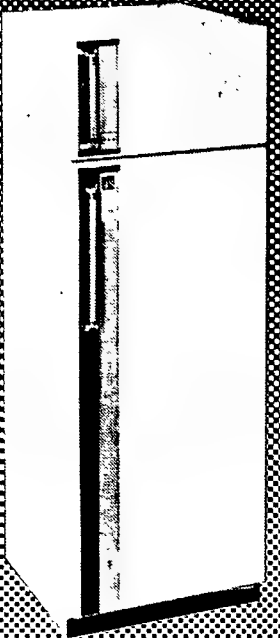
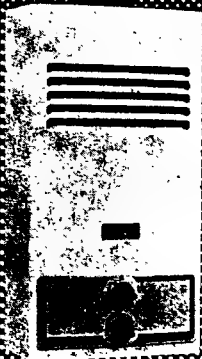
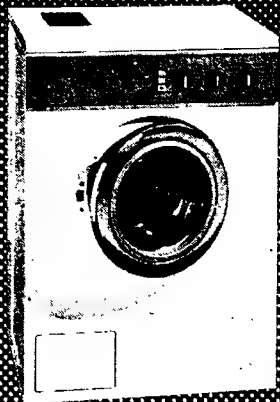
UDP/PSR

Os cidadãos lisboetas que a partir de sexta-feira utilizarem a estação do metropolitano no Rossio vão assistir a uma experiência inédita em matéria de campanha eleitoral: a televisão-pirata.

A Frente Eleitoral UDP/PSR instalará naquele local uma carrinha equipada com televisores e aparelhos vídeo, divulgando programas de «esclarecimento e campanha».

Esta «televisão pirata» preparada e montada por um dos partidos da coligação — o PSR — é «uma espécie de panfleto audiovisual que já esteve durante uma semana nas ruas do Porto e que percorrerá o País».

grandes facilidades SEM AUMENTO DE PREÇO

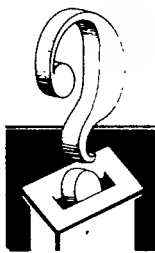


M.L.FERREIRA
 RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
 AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
 1000 LISBOA

legislativas 83

O fascínio da NATO pelas eleições portuguesas

Como afirmação da independência nacional, da não ingerência nas grandes opções políticas dos cidadãos portugueses, aí temos de novo uma esquadra da NATO no Tejo. Desta vez, ao que parece, para uma permanência de 20 dias, ou seja, o período de uma campanha eleitoral. O programa da sua estadia tem até a particularidade de ser «abrilhantado» com a cerimónia da mudança de comando da «STANAVFORLANT» (Força Naval Permanente no Atlântico). Julgamos que ninguém poderá ser mal intencionado ao ponto de pretender sugerir que a presença das forças da NATO, em vésperas de eleições ou de acontecimentos políticos importantes, não seja uma mera coincidência. A NATO programa tudo com grande antecedência, está tudo de há muito planeado e não tem culpa que, de cada vez que vem ao Tejo, se verifique a coincidência da realização de eleições.



O que a NATO não tinha planeado era que em 1974 se tivesse produzido um acontecimento em Portugal que iria provocar

sucessivas eleições neste país.

De qualquer forma não é pre-ocupante a presença da força militar estrangeira, tanto mais que há sobejas provas de que aquela organização defende intransigentemente os «valores democráticos». De tal forma isso é evidente que no seu seio apenas têm lugar as democracias solidamente institucionalizadas. Há exemplos do presente e do passado de que assim é. Um exemplo do presente é o caso da Turquia, país onde floresce uma singular «democracia» e que é um dos fiéis membros da NATO. Exemplo do passado é mesmo o caso de Portugal. Enquanto não teve um regime democrático, enquanto teve polícia política e censura, a NATO, recusou-se sempre a admiti-lo como membro. Ou terá sido o contrário?

As leis e a escala

Em todo o caso, e abstraindo das boas, democráticas e libertadoras intenções que trazem a esquadra da NATO até Lisboa — e mais uma vez em tempo de

eleições — a sorte é que as leis raramente se aplicam em Portugal. E mesmo nos poucos casos em que funcionam não são aplicadas à escala. De contrário havia qualquer coisa errada nesta visita e permanência das forças da NATO.

Porque, se a nossa lei eleitoral impede, por exemplo, que haja forças policiais armadas a menos de uma certa distância das mesas de voto, se fosse aplicada à escala, também deveria impedir que o País todo fosse policiado por uma esquadra estrangeira. E nessa altura a esquadra da NATO deveria ter ficado fora das nossas águas territoriais, o que mesmo assim não seria simpático nem tranquilizador, ou então abster-se de vir cá nesta altura, o que seria bem mais correcto.

Não é simpático para qualquer cidadão ouvir pelas ruas o tilintar de espadas estrangeiras quando o País se encontra envolvido numa campanha eleitoral.

A generalidade das forças políticas nacionais têm-se mostrado alheias a esta presença, que para algumas delas é vista até com satisfação, e tomada mesmo como um certo apoio moral. Se a isto juntamos outras posições, designadamente de certos sectores da Igreja e de grandes grupos económicos, pode observar-se até que ponto o voto dos cidadãos é condicionado por factores estranhos ao seu foro íntimo.

Nesta questão da NATO só a UDP chamou a si a iniciativa de denunciar com vigor essa presença inoportuna, que considera como «uma clara provocação e séria pressão nos assuntos internos do País».

«É uma provocação ao povo português, à sua liberdade e independência. É uma autêntica pressão e chantagem e, ao mesmo tempo, um aviso no sentido da exigência para a continuidade da mesma política reaccionária e servil dos governos de direita e do PS», afirma a UDP, ao mesmo tempo que critica o PCP porque, embora manifestando-se contra a presença da esquadra da NATO, «não faz nada para mobilizar esse protesto».

Com as suas próprias forças, a UDP vai protestar contra a NATO e apelou aos trabalhadores e aos antifascistas para se manifestarem contra esta tarde, às 17.30, na Cova da Piedade a cerimónia que vai decorrer no Alentejo.

Numerosas têm sido as ocasiões, desde o 25 de Abril em que as visitas de forças da NATO, e outros actos de clara ingerência desta organização no livre fluir da vida política portuguesa, têm suscitado críticas dos mais diversos sectores democráticos, mas até agora os maiores partidos de esquerda não têm levado os seus protestos além das meras formalidades.

Os mecanismos

Mas há uma coisa que parece evidente. A esquadra da NATO, ou qualquer outra esquadra de qualquer outro país, não entra pelo Tejo dentro sem mais nem menos. Obviamente que estas visitas e estas cerimónias são acordadas tanto a nível de instâncias militares como diplomáticas.

Alguém estará no miolo de todas estas coincidências e, por acção ou omissão, possibilita que tais situações se criem. Tais mecanismos estão por desvendar e são cada vez mais preocupantes os compromissos que em Portugal se tomam à revelia de todos, ou quase todos os órgãos de soberania, e muito principalmente à revelia da opinião pública, cuja sensibilidade não é considerada nem tida em conta para nada.

Por exemplo: a zona de Alameda, Trafaria, Fonte da Telha, etc. gradualmente foi-se transformando num gigantesco complexo militar da NATO, talvez numa gigantesca bomba. Alguém deu conta disso? O País foi informado? Ou pelo contrário esse complexo foi construído mais ou menos à sucapa até se transformar num facto consumado?



Augusto Vilela

Quantos são os candidatos?

O número de candidatos (efectivos e suplentes) aos 250 assentos da Assembleia da República, é, pelo menos, de 3588, segundo dados fornecidos pelo STAPE.

Só efectivos são 3048, pelos 22 círculos eleitorais, podendo cada partido político concorrente apresentar um mínimo de dois e um máximo de cinco suplentes, que, contudo, não devem exceder o número de deputados previsto por cada círculo.

Assim, os círculos Europa, Fora da Europa (cada um elegendo dois deputados), Portalegre e Bragança (elegendo quatro), não poderão apresentar mais suplentes do que efectivos, ou seja, dois e quatro respectivamente.

Todos os restantes poderão apresentar os suplentes que

entenderem, dentro dos limites apontados, em função do número de candidatos elegíveis, e dos cálculos das baixas dos que, depois de eleitos, ascenderão a lugares no Governo e Administração Pública.

Os custos do próximo acto eleitoral situam-se entre os 70 e 75 mil contos, sendo de salientar que só a despesa com o voto dos emigrantes (em número de 180 mil) se eleva a 30 mil contos, dos quais foram já gastos, em tarifas postais, cerca de 22 mil contos.

Para pôr a máquina em funcionamento, o STAPE, cujo quadro deveria ser de 51 funcionários mas que apenas dispõe de 28, recorreu a 60 tarefeiros.

O STAPE teve de criar nas suas instalações uma estação de correios, mandar imprimir

nove milhões e 200 mil votos, pesando 47 toneladas, além de milhares de exemplares da Lei Eleitoral, cadernos de actas, modelos de editais e instruções de várias ordens (10 toneladas).

Segundo a mesma fonte, o STAPE, conseguiu bater o seu próprio recorde de tempo, relativamente a outros anteriores, pois começou a preparar o acto eleitoral 15 dias antes da dissolução da Assembleia da República e terá tudo preparado três semanas antes da data fixada para a votação.

CNE pronuncia-se sobre publicidade

A Comissão Nacional de Eleições recordou a proibição da propaganda política através de meios de publicidade

comercial.

A CNE reuniu ontem para apreciar reclamações de partidos, coligações e outras entidades sobre propaganda política por meios de publicidade comercial em contravenção da Lei Eleitoral.

«Em face do manifesto abuso dessa prática ilícita», a CNE recorda: «Só são permitidos anúncios de realizações desde que devidamente identificados como publicidade e dos quais só pode constar a natureza de realização, dia, hora e local da iniciativa e os candidatos e cidadãos intervenientes».

A CNE relembra também que esses anúncios não podem ultrapassar um oitavo de página das publicações de grande formato e um quarto de página das restantes

Para desprestigiar a oposição

Agitação social no Brasil pode ser teleguiada

Em dois dos principais estados brasileiros, o de São Paulo e o do Rio, continuam a ocorrer graves alterações da ordem pública.

Embora os incidentes mais graves se tenham registado em São Paulo saindo-se por um morto e cerca de duas centenas de feridos, a situação é igualmente tensa no Rio, outro estado governado pela oposição.

Com efeito, no Rio, o governador estadual é Leonel Brizola, «bete noire» de numerosos elementos das forças armadas brasileiras que, há meses, o acusaram de «incendiário».

No Rio, centenas de desalojados, abandonando os bairros de lata, começaram desde há dias a invadir terrenos desafectados de alguns bairros populares, a fim de aí erguerem casas. As «invasões» termo que, no Brasil, significa estas ocupações de terrenos — atingiram na zona norte do Rio, onde se erguem tanto os mais pobres bairros como os grandes estabelecimentos comerciais da cidade, possuidores frequentemente de terrenos vagos, propícios a estas «invasões».

A coincidência entre as perturbações registadas em São Paulo e as do Rio tem atraído as atenções dos observadores, tanto a polícia quanto, segundo afirma a polícia do Rio, muitas das famílias «invasoras» dispõem já de alojamento.

Dai, a hipótese de que as perturbações da ordem, nas duas grandes cidades, estejam a ser teleguiadas por grupos interessados em lançar o descrédito sobre os dois principais governadores da oposição, Montoro e Brizola. Contudo, se ambos os governadores afirmaram já que as desordens de São Paulo foram «dirigidas», sem especificarem estas acusações, já Leonel Brizola, no Rio, ainda não deu a conhecer, oficialmente, a sua opinião sobre as «invasões» na capital carioca.

A polícia do Rio adoptou uma atitude hesitante, face aos pedidos de expulsão dos «invasores», formulados pelos donos dos terrenos ocupados. Em contrapartida, a polícia paulista anunciou que reprimirá todas as manifestações não declaradas.

Segundo os observadores, três factores se encontram na

base destas perturbações: a delinquência, a esperança que as promessas eleitorais dos governadores recentemente empossados tenham podido fazer nascer em muitos habitantes, e a situação de profunda dificuldade económica da população, agravada pela crise.

Que as perturbações mais graves tenham eclodido em São Paulo nada tem de espantoso, afirmam os observadores. Nesta metrópole com mais de 8,5 milhões de habitantes, dotada do maior parque industrial do continente sul-americano, concentra-se a mão-de-obra mais qualificada do país e a mais atingida pela recessão económica.

Em Janeiro passado, de acordo com as mais recentes estatísticas oficiais, havia 300 000 desempregados para uma população activa de pouco mais de 4,5 milhões de habitantes. No Rio, para pouco mais de 5 milhões de habitantes, os desempregados atingiam um total de 250 000.

Contudo, estas estatísticas não englobam, sem dúvida, os milhares de pessoas que vivem o seu dia-a-dia à custa de pequenos empregos, de os quais nada mais conseguem atingir senão o direito à simples sobrevivência. Foi entre esta população deserdada que as promessas eleitorais dos governadores geraram maior esperança. Promessas, aliás difíceis de manter e de cumprir, visto a política económica ser elaborada em Brasília e se enlazar grandemente dependente da actual recessão mundial.

Se à miséria e às esperanças malogradas se acrescentar uma delinquência endémica, compreende-se, segundo os observadores, a facilidade com que simples manifestações se podem transformar, bruscamente, em actos de pilhagem e de violência.

Recorda-se, aliás, que ainda há poucos dias o arcebispo de São Paulo, em declarações à imprensa, dava o alarme e afirmava temer a eclosão destas manifestações de violência, em seu entender geradas pelo «caos» em que o país se encontra e pelas injustas condições de vida a que se vêem sujeitos milhares e milhares de brasileiros.

Junto da Embaixada de França na URSS

Moscovo protestou oficialmente contra a expulsão de soviéticos

A União Soviética protestou ontem «do modo mais vigoroso» junto da embaixada da França, em Moscovo, na sequência da expulsão de 47 diplomatas e residentes soviéticos acusados de espionagem.

O protesto soviético foi anunciado pela agência oficial TASS, num comunicado de uma dúzia de linhas. De fonte diplomática francesa confirma-se que o Ministério dos Negócios Estrangeiros apresentou um protesto, mas recusa-se a qualquer comentário sobre o modo como decorreram

as representações soviéticas. O embaixador da França, que está actualmente em Paris, deve regressar a Moscovo na próxima segunda-feira, acrescentou a mesma fonte.

A notícia da agência TASS declara: «há alguns dias as autoridades francesas convidaram, sem qualquer motivo, certos colaboradores da embaixada e de outras instituições soviéticas em França a abandonarem o país, invocando pretextos manifestamente fabricados que nada têm a ver com a realidade».

«Nas representações feitas à parte francesa no Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS e por intermédio da embaixada soviética em Paris, prossegue a TASS, a parte soviética protestou do modo mais vigoroso contra esse acto de notória arbitrariedade».

A parte soviética, acrescenta o comunicado, «sublinhou que a responsabilidade pelas consequências que esse acto possa acarretar para as relações soviético-francesas recai totalmente so-

bre os que o conceberam e realizaram».

O comunicado da agência TASS foi ontem difundido por rádio-Moscovo e publicado pela «Izvestia», órgão do Governo soviético.

Assim, a opinião pública soviética foi informada pela primeira vez sobre este caso.

Por outro lado, indica-se de fonte oficiosa soviética que a decisão do governo francês foi notificada há uma semana à embaixada da URSS, em Paris.



A CÂMARA MUNICIPAL DE AVIS E O SEU PAPEL NO ENSINO



Para o desenvolvimento das actividades escolares, antes do 25 de Abril, havia grande carência de instalações e meios, sendo o Ensino Secundário semioficial, o que originava que o mesmo não pudesse ser frequentado por todos, pois havia que pagar mensalidades para a sua frequência, não havendo também facilidades de transporte. Nessa situação, os mais prejudicados eram os filhos dos trabalhadores, pois os pais não auferiam rendimentos bastantes para suportar os custos de tal forma de Ensino.

Após a Revolução de Abril, e fruto de contactos estabelecidos com as Entidades competentes, por membros da Câmara e Comissões de Pais de Alunos tornou-se realidade, após algum tempo, a construção de um Edifício para o Ensino Preparatório e Secundário passando o mesmo a ser oficial.

O novo Edifício não se encontra ainda a funcionar em pleno, pensando esta Edilidade que as instalações existentes poderão vir a ser muito melhor aproveitadas, alargando até ao 10.º e 11.º anos o Curso Unificado, que actualmente não vai além do 9.º ano, e dando-se início à realização de Cursos Nocturnos.

Apesar do edifício ter sido construído pelo Poder Central, a Câmara Municipal de Avis contribuiu com larga quota-parte para a sua implantação, tendo adquirido o terreno onde o mesmo se situa e suportado os custos da passagem subterrânea sob a EN 244 para o acesso à Escola, e da Electrificação do Edifício. Nesses empreendimentos, a Câmara investiu cerca de oito mil contos, tendo realizado, por administração directa, a construção da Passagem Subterrânea, com uma redução de custos na ordem dos 50%.

Quanto ao Ensino Primário, Pré-Primário e Alfabetização de Adultos, nunca a Câmara se poupou a esforços para que todo o Concelho possa ser servido nas melhores condições.

A Câmara possui ainda, funcionando a expensas suas, uma Escola de Música aberta a todos os munícipes do Concelho, funcionando no Edifício do antigo Externato Mestre de Avis, recentemente adquirido por esta Edilidade, e no qual são já desenvolvidas várias actividades de interesse social, pedagógico e cultural.

(Assinatura ilegível)



EPAL

Empresa Pública das Águas Livres

CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL

ADUTOR CASTELO DO BODE — VILA FRANCA DE XIRA TROÇO FINAL E SIFÃO 11

Faz-se público que o acto público do concurso público internacional para adjudicação da empreitada «Adutor Castelo do Bode — Vila Franca de Xira — Troço Final e Sifão 11», foi adiado para o dia 3 de Maio de 1983, pelas 9.30 horas.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção, ou entregues contra recibo na Secretaria Central da Empresa, na Sede, até às 17.00 horas do dia 2 de Maio de 1983.

Lisboa, 30 de Março de 1983

Pel'O Conselho de Gerência
ILEGÍVEL



DESPORTO

Quarta-feira europeia

Nomes e números

Resultados dos jogos da 1.ª «mão» das meias-finais das taças europeias de futebol.

● Taça dos Campeões: Real Sociedad (Espanha) - Hamburgo (RFA) 1-1 (0-0 ao intervalo) e Juventus (Itália) - Widzew Lodz (Polónia) 2-0 (1-0).

● Taça dos Vencedores das Taças: Aberdeen (Escócia) - Waterschei (Bélgica) 5-1 (2-0) e Áustria de Viena (Áustria) - Real Madrid (Espanha) 2-2 (2-1).

● Taça UEFA: Bohemians de Praga (Checoslováquia) - Anderlecht (Bélgica) 0-1 (0-1) e Benfica (Portugal) - U. Craiova (Roménia) 0-0.

A 2.ª «mão» disputa-se no próximo dia 20, com antecipação para 19 do jogo Waterschei - Aberdeen.

Placard

Hóquei em campo: franceses cá

O hóquei em campo português, que teve actividade internacional no 5.º torneio organizado pelo Futebol Benfica, volta a novo contacto com equipas estrangeiras, hoje, às 18 horas, no Estádio Nacional, em encontro para jogadores com menos de 21 anos, no qual a selecção de Lisboa defronta a da França. A turma lisboeta (orientada por Marques da Silva) sairá do seguinte lote de 18 jogadores: Rui Lopes, Boto, Caldeira, Santos Lopes e Alvaro, (Belenenses); Carvalho, Amaral e Artur (Benfica); Bernardo Mouzinho, Rui e Rodrigues (Palmense); Custódio, João e Alves (Futebol Benfica); Maximino, João Miguel e Marques Alves (Cascais).

Hóquei: campeonato

O Sporting venceu o Paço de Arcos, por 6-2, em jogo anteci-

pado da 16.ª jornada, primeira da 2.ª volta, do Campeonato Nacional de Hóquei em Patins da 1.ª Divisão.

Basquetebol perde

Portugal foi derrotado pela França, por 48-102 (23,58 ao intervalo) no 1.º jogo da fase de apuramento para o Campeonato Europeu de Basquetebol, categoria de cadetes (masculinos), que decorre em Wittenheim (França). Amplamente dominada, a equipa portuguesa não teve qualquer hipótese no jogo inaugural do grupo em que a França é uma das favoritas. Portugal, França, Inglaterra, Holanda e Luxemburgo participam, até domingo, neste grupo de qualificação para o «Europeu», cuja fase final se realiza entre 16 e 24 de Julho, em Ludwigsburg e Tübingen (Alemanha Federal). Portugal defronta, hoje, o Luxemburgo e, nos dias imediatos, a Inglaterra e a Holanda.

O sueco Mats Wilander iniciou a sua participação no «open» de ténis de Portugal com uma vitória sobre o norte-americano Harold Solomon (7-6, 6-2). Também o francês Yannick Noah realizou a sua primeira partida no torneio, ganhando ao espanhol Juan Aguilera com os parciais de 6/3 e 7/5. O norte-americano Jimmy Arias concluiu a sua partida com o boliviano Mário Martinez, tendo ganho com os parciais de 3/6, 7/5 e 6/3. A partida entre Arias e Martinez tinha sido interrompida (3.ª feira) no final do segundo «set», devido à falta de luz. O equatoriano Andrés Gomez (4.º cabeça de série) foi batido pelo sueco Anders Jarryd (6-1, 6-2) juntando-se assim a Balazs Tarockzy e a Manuel Orantes (tam-

bém cabeças de série) já eliminados.

Resultados em singulares: Jimmy Arias (Estados Unidos) - Mário Martinez (Bolívia), 3/6, 7/5, 6/3; Mats Wilander (Suécia) - Harold Solomon (Estados Unidos), 7/6, 6/2; Yannick Noah (França) - Juan Aguilera (Espanha), 6/3, 7/5; Victor Pecci (Paraguai) - Guy Forget (França), 7/5, 6/1; José Higuera (Espanha) - Andres Perez (Bolívia), 2/6, 6/1, 6/3; Anders Jarryd (Suécia) - Andres Gomez (Equador), 6/1, 4/6, 6/2; Pimek (Checoslováquia) - Pavel Slozil (Checoslováquia), 6/2, 6/3; Shlomo Glickstein (Israel) - Damir Karetic (Jugoslávia), 6/0, 6/3.

Pares: Nystroem/Tideman-

-Cordeiro/Cordeiro, 6/2, 6/1; Kimayr/Motta-Marcus Gunthardt/Hlasek, 7R6, 7/5; Hocevar/ Popp- Gunardson/Hedberg, 6/1, 2/6, 6/3; Higuera-/Wilander-Damiani/Peres, 7/5, 6/7, 6/3.

Programa para hoje, em singulares: Mats Wilander, Suécia - Cassio Motta, Brasil; Yannick Noah, França-Jairo Velasco, Colômbia; Jimmy Arias, Estados Unidos-Victor Pecci, Colômbia; Corrado Barazzutti, Itália-Henrik Sundstrom, Suécia. Pares: Gunthardt/Tarockzy-Gomez/Vivir; Jarryd/ Simonsson- Niestroem/Tideman; Hocevar/Popp-Kimayr/Motta; Slozil/Taygan-Higuera/Wilander.

Noah-Velasco: hoje no «open»

Xadrez de 1.ª

O alemão federal Robert Hubner e o soviético Vasili Smyslov terminaram, com um empate, a 7.ª partida correspondente aos quartos-de-final do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez. Smyslov ofereceu o empate a Hubner ao 62.º lance, após sete horas de jogo. Depois desta partida Smyslov vence Hubner por 4-3.

O húngaro Zoltan Ribli e o filipino Eugénio Torre empataram a 2.ª partida do seu «match» também dos quartos-de-final. Os dois «grandes mestres» estão empatados a um ponto. No torneio feminino (também nos quartos-de-final) a soviética Nona Alexandria venceu a sua compatriota Tatiana Lematchko.

Nacionais

José Júlio Nunes (Benfica) campeão nacional juvenil e Rui Damaso (Quinas do Barreiro) comandam só com vitórias o campeonato de juvenis em xadrez, cuja 3.ª jornada decorreu no Centro dos Trabalhadores de Comércio, em Lisboa. A meio ponto dos líderes estão André Fonseca (Benfica) e Armindo Dias (Infesta).

No mesmo local prossegue o torneio de desempate do campeonato nacional de juniores. Após a 1.ª volta, comanda Pedro Silva (do Mindelo) com 1,5 pontos, seguido de Luís Galego (CDUP) 1 ponto e António Oliveira, (Alekline) 0,5.

Integrado no protocolo existente entre as delegações da Guarda da Direcção-Geral dos Desportos, Inatel e Junta Central das Casas do Povo, vai realizar-se, em 8 de Maio próximo, o I Campeonato Aberto de Xadrez do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

«Taça»: sorteio

Processa-se hoje, pelas 18 e 30, no lisboeta Hotel Fénix, o sorteio das meias-finais da Taça de Portugal, em futebol.

Castigos

O Conselho de Disciplina da Federação de Futebol suspendeu por um jogo Serra e Fontes (Braga), Lima Pereira (Porto), Murça (Portimonense), Parente e Luís Horta (Académico de Coimbra). Deliberou ainda multar em 1500 escudos o Portimonense e mover processos disciplinares ao Clube Atlético de Valdevez e a Joaquim Amorim

Pinto (dirigente dessa colectividade).

A seguir

Não esquecer: pelas 16 horas de 24 do corrente, no Jamor, processa-se o Portugal-RFA (entre grupos olímpicos), para o qual têm entrada gratuita (entre milhares de outros) os funcionários da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, da Fiscalização Económica, das Contribuições e Impostos, das Finanças, do Trabalho e da Inspecção dos Espectáculos, sem contar com oficiais da PSP e da GNR.

A 13 do corrente, no «Municipal» de Leiria, esperanças em debate: Portugal versus Argélia. Bilhetes baratos, que o adversário também nada vale: entre 50 a 250 escudos.

Reservas lisboetas

A contar para a 13.ª jornada do Campeonato Extraordinário de Reservas da AFL, efectuam-se, hoje, os seguintes jogos: Belenenses - Benfica, às 16 horas; Sacavenense - Torriense; e Estoril - Odivelas, ambos às 21 horas. O embate Sporting - Atlético foi adiado.



CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

PROGRAMA

8 de Abril — 6.ª feira

21.30 h — Sociedade Euterpe Alhandrense Espectáculo de Teatro com a peça «Oíçam como eu respiro», com Irene Cruz (realização autónoma, ligada à comemoração do Dia Internacional da Mulher, organizada pela Câmara Municipal e M.D.M., com a colaboração da Socie-

dade Euterpe Alhandrense e da Junta de Freguesia de Alhandra)

9 de Abril — Sábado

14.00 h — Regata no Tejo
21.30 h — Pavilhão do Cevadeiro. Espectáculo de Dança Jazz e Patinagem Artística, com: Dança Grupo e a classe de Patinagem Artística do Sporting Clube de Portugal

10 de Abril — Domingo

11.00 h — Regata no Tejo

16 de Abril — Sábado

14.00 h — Jardim Municipal. Festa da Primavera, iniciativa autónoma da Comissão Municipal de Apoio aos Idosos — CMAI.
— Concerto pela Banda da Sociedade Filarmónica de Recreio Alverquense
— Actuação do Rancho Folclórico dos Avieiros de Vila Franca de Xira
— Actuação do grupo «INTERPOPOLO»
— Actuação do Grupo «TROVA NOVA»
15.00 h — Juventude Alhandrense
— Torneio de Xadrez «Partidas Rápidas», na Juventude
— Alhandrense em Alhandra

17 de Abril — Domingo

10.00 h — Largo da Câmara, Simultânea de Xadrez
— Provas de atletismo em linha, no percurso Castanheira — Vila Franca de Xira
10.30 h — Vialonga. Partida da Estafeta da Liberdade, percurso Vialonga — Vila Franca de Xira
11.00 h — Toponímia — atribuição do nome de Av. 25 de Abril à actual Rua da Bélgica



CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

* COM A POPULAÇÃO PARA DEFENDER OS SEUS INTERESSES E DIREITOS

* COM A POPULAÇÃO PARA DEFENDER ABRIL

SESSÕES PÚBLICAS: 1.ª E 3.ª 6.ª FEIRA DE CADA MÊS
* ATENDIMENTO PÚBLICO PELA VERAÇÃO E SERVIÇOS: TODAS AS 4.ªs FEIRAS * REUNIÕES PLENÁRIAS COM AS JUNTAS DE FREGUESIA: MENSALMENTE



1983

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

DESPORTO

Craiova: nulo na Luz (0-0)

Uma batalha não é uma guerra

Acontece sempre assim: quando uma equipa não viaja na alta roda da cotação futebolística e surge, pé ante pé, disputando os lugares mais saborosos de uma competição ufeira, todos os desconhecidos começam logo pensando que são **favas contadas**, que nada poderá evitar o cutelo sobre esse inocente que ousou aproximar-se do castelo feudal. E a ideia voltou a andar por aí, quando (no sorteio de Zurique) simples e puros estudantes universitários faziam parilha com o Benfica, **super-star** destas áreas, em forma apurada e moral em flecha. Daí que, ao arrancar do imponente Estádio da Luz, a multidão viesse cabisbaixa, entre o atónico e a surpresa, meio complexada e outro tanto ainda esperançada: porque (realmente) faltam três quartos de hora para se saber como param as modas e, na verdade, o «team» que já colocou o bloco de Falcão em rotundo KO no palco romano igualmente pode chegar a Craiova e abrir o livro. Basta-lhe apenas jogar com a serenidade que utilizou nas Antas ou o fulgor com que embaloou os verde-brancos da «Taça».

Ontem é que, tacticamente, foi um quase desastre. Olhando-se para um guarda-redes chamado Lung, que parecia ajoelhar-se para caber debaixo da trave da baliza, o Benfica persistiu (sistemática e tristemente) no despejo de bolas que, para cúmulo, Filipovic teimava em receber de costas para o alvo, com aquela estranha mania de amortecer o couro com o peito e só depois se virar para a meta, quando já estavam dois cavalões a fazer-lhe o espantilho e o jugoslavo deixava de fazer medo até a menino de mama.

Depois, caiu uma noite negra em Carlos Manuel: foguetão habitual, parecia ontem vela de estearina, raramente conseguindo um daqueles seus dribles que estatelam defesa e abrem corredor. Ora, como também o técnico Eriksson atrasou imenso a colocação do frio e cerebral Nené em jogo (ele que não perdoaria as mãos de Lung soltarem a bola sempre que ela surgia rasteirinha ou a meia altura para a sua direita: calcanhar de Aquiles do um romeno) aí está por que motivo o Benfica, a abusar do **chuveirinho** para a grande área de Craiova, ficou a ver navios e não recolheu melhor dividendo que quinze cantos todos mal concluídos ou infantilmente desbaratados.

Claro que para o nulo contribuíram (e de que maneira, Deus meul!) três sujeitos de se lhe tirar o chapéu: Camataru (o nove, o meias caídas) que deve ter dado mais voltas ao campo que o Lopes em dia de S. Silvestre, o pequeno Crisan que é assim a

modos que um ginete com o freio nos dentes desfilando sobre relva macia e o imponente Geoganu, que é **uma encomenda** a segurar a bola, a vir à defesa e logo correr para a vanguarda, a desbaratar e a construir. A águia, teve igualmente os seus mosqueteiros de alto luxo: Chalana, João Alves e Humberto Coelho, pareciam de outro planeta, com o **pequeno genial** a fazer gato-sapato de quem surgia pela barbicha, o **luvas negras** a mandar no centro das operações como um bom general de carreira e da nunca conformado «capitão» a dar o brado da liderança e da esperança. Mas três andorinhas não faziam Março primavera.

Isto não quer dizer que o Benfica tenha desmerecido dos seus pergaminhos, porque até Pietra e Diamantino, Bastos Lopes e Shéu, como Alvaro ou Bento (nas duas intervenções de apuro para que recebeu convocatória) estiveram bem: mas, dentro de um futebol feito mais com o coração que raciocínio, mais lutador que sapiente. E, citando o estoicismo de Filipovic (que levou naqueles ossos até dizer **água vai**), mesmo a alegria de Carlos Manuel nunca virando o corpo à luta mais agreste, não pode deixar de lamentar-se que o Benfica, «team» vocacionado para o ataque franco, se tivesse remetido a complicar o que era fácil de resolver, bastando que dois homens funcionassem mesmo como pontas e que se tentasse sempre, **sempre e só**, o remate a meia altura, já que o guarda-redes recebia como bênção celeste tudo o que vinha nas alturas e os calmeirões que faziam a floresta em torno dos meninos de capuchinho vermelho eram todos fortes como Hércules e destemidos no alívio como se jogassem de sapatos com bicos de metal.

Lisboa ficou aplaudindo o futebol romeno e entendendo a razão do nulo nacional em terras italianas, mais a excelente colocação do «onze» de Ceausescu no europeu deste romance que também nos envolve: não é impunemente que se dispõe de matéria-prima onde abunda a coragem, a determinação, o élan, a força da natureza e a obstinação pela esgrima, ainda que uma nuvem passageira de vez em quando possa descontrolar o edifício de cimento armado, fazê-lo oscilar um pouco como naquele soberbo disparo com que Alves provou que Lung ficava aflito da vida perante balão-rasteiro ou, mais tarde, quando o fabuloso desvio de Diamantino fez **pum** no poste direito e, matreiro e malvado, saiu pelo topo, com 70 mil a empurrarem lá para dentro.

Mas, isso deve atenuar-se como acidentes de um percurso que teve roçadelas pela dureza, mas acabou por estar bem dominado pelo apito do sueco Fredriksson, que sabe do ofício



O longo Lung e o espanto de Diamantino



Filipovic: falhanço por um triz

e arbitra à moda europeia, sem lamechas nem rodriguinhos. O problema para a **esquadra** da Luz é que, o Benfica, depois de tomar o pulso ao contrário, ficou espantado com a sua calma: e foi o caseiro quem resvalou pela encosta, na hora de brindar a visita.

Concluindo: nada está perdido e tudo pode acontecer nos seis quartos de hora que o calendário ainda coloca na rota ufeira. Basta uma reciclagem ponderada, um exame completo: e aí teremos, para honra e glória do futebol português, Alves e Humberto, Chalana e Nené na página primeira dos grandes desportivos europeus. Basta que a lesão de Chalana seja de pouca dura e que, lá da trincheira, saltem lebres que serpenteiem rente ao palco: nunca atiradores de morteiro, que é essa coisa que quanto mais alto se atira mais perto vem tombar.

Neves de Sousa

Sob arbitragem de Fredriksson (Suécia) que mostrou o cartão amarelo a Carlos Manuel (aos 70 minutos) e a Negrila (aos 73), as equipas alinharam:

Benfica: Bento; Pietra, Humberto Coelho, António Bastos Lopes e Alvaro; Carlos Manuel, Alves e Shéu (Nené, 55); Diamantino, Filipovic e Chalana (José Luis, 87).

Universitatea Craiova: Lung; Negrila, Tilihol, Ungureanu e Ticleanu; Ciupitu, Crisan e Geolgan; Camataru, Donose (Duntru, 76) e Irimescu (Deldeanu, 56).



Antecipação de Ungureanu a Diamantino



Cartão amarelo a Carlos Manuel

assim vai o

TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 15 DE 10 DE ABRIL DE 1983

Rádio Totobola, 12x 111 1x2 1xx1; Correio do Vouga, 121 111 x12 1x1x; Defesa de Espinho, 1x1 xx1 2x2 1111; Jornal a Defesa, 1x1 111 2x2 1xx; Ecos do Cacia, 1x1 111 x12 11x1; Folha do Domingo, 1x1 11x 112 11x2; O Jornal de Felgueiras, 111 111 x12 1111; Jornal de Sintra, 1x1 11x 21x 1xx2; Notícias de Chaves, 1x1 111 x12 11x1; Notícias de Felgueiras, 1xx 11x 2xx 11x1; Reconquista, 1x1 11x 112 x111; RDP/Centro Desporto em Análise 121 111 11x 11xx; A Voz do Domingo 1x1 111 x12 11x1; A Voz de Lamego, 121 111 x12 111x; Música e Não Só 1xx 11x 2x2 1x22; Ponto de Encontro 121 11x xx2 1x2x; Páteo das Cantigas 122 111 1x1 x122; Bola Branca 12x 111 xx2 11x2; Rodapé 122 11x 221 21x2; Reportagens Exteriores, 1x1 111

212 2x11; Telefonista Elegante, 121 211 x1x 211x; RDP/Secção Desportiva, 1xx x11 x22 1xx1; RDP/Tempo Desporto, 121 11x x2x 1xx1; RDP/Sais de Banho, 1x1 x1x 1x2 11x1; Cardeal Saraiva, 121 111 1x1 1x12; A Comarca de Arganil, 1x1 111 1x2 1xx1; Correio de Coimbra, 1x1 111 x12 121x; Diário de Coimbra, 1x1 111 11x 1x1x; Diário de Lisboa, 111 111 1x2 2x11; Eu Sei Tudo, 1x1 x11 11x 1x11; Gazeta das Caldas, 111 111 x12 1xx1; Jornal da Beira 1x1 11x 112 11x1; Jornal Linhas de Elvas, 111 x11 112 1x22; Maria da Forte 1x1 111 x12 1xxx; Notícias do Douro 1x1 11x xx2 1111; Jornal A Ordem 1x1 111 x12 1xx1; Jornal a Voz das Beirás, 121 111 x12 1111; Jornal a Voz de Palmela, 121 x11 111 11xx; Manchete Desportiva 1x1 111

x22 11x2; Penalty, 111 11x 2x2 1112; Jornal «O Porto», 121 x12 2xx 1x21; O Primeiro de Janeiro, 1x1 11x 2xx 1xx1; Quadrante Norte, 1x1 111 x12 x12x; Repórter do Dia, 1x1 111 212 x1x1; Resenha Desportiva, 121 111 11x 1111; Alvo Desportivo, 1x1 111 1xx 11x1; O Comércio de Leixões, 1x1 111 xx2 112x; Estúdio 64, 121 x12 112 11x1; Jornal da Graça, 121 111 1x2 xxx1; Jornal de Notícias, 1x1 111 112 11x1; O Primeiro de Janeiro, 1x1 11x 2xx 1xx1; Rádio Alvo, 12x x1x x12 xx1x; A Voz dos Ridículos, 121 111 112 1111; Jornal A Voz do Ave, 111 111 x12 111x; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Notícias da Tarde, 121 111 1x2 11xx; Clube do ar, 121 111 212 1111; Ritmo de Amizade, 111 111 112 1111; Diário do Porto, 1x1 111 x12 11x1.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2 a)
1. BENFICA - RIO AVE	59	0	0	12	1	1
2. GUIMARÃES - PORTO	8	30	21	2	6	4
3. VARZIM - MARÍTIMO	51	6	2	10	1	1
4. ESTORIL - ANDRA	49	9	1	9	2	1
5. SALGUEIROS - ALCORÇA	58	1	0	11	1	1
6. SETÚBAL - PORTIMONENSE	42	15	2	8	3	1
7. ESPINHO - BRAGA	23	23	13	5	5	2
8. OLIVEIRENSE - FEIRENSE	34	21	4	7	4	1
9. COVILHÃ - ÁGUEDA	5	12	42	1	2	9
10. A. VISEU - U. COIMBRA	48	7	4	10	1	1
11. SESIMBRA - U. MADEIRA	36	22	1	6	5	1
12. QUIMIGAL - BARREIRENSE	22	31	6	4	7	1
13. C. PIEDADE - OLHANENSE	34	15	10	7	3	2

a) - Nos termos do Artº. 14º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

1X1 111 10x12 11X1

XVII Exposição Europeia

O livro "Portugal e o Mar" foi ontem apresentado

«Portugal e o Mar-Via-gens pelos Descobrimentos», livro editado no âmbito da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura foi ontem apresentado em Lisboa.

Nesta obra editada pelo Círculo de Leitores, com texto de Rui Casquilho e mais de duas centenas de fotografias a cor de Jorge Barros, os leitores são transportados ao longo de um percurso visual pela História, evocando através de imagens actuais, uma vasta interpenetração cul-

tural que, ao longo de séculos, se realizou entre povos dos diversos continentes e que se ficou a dever à acção iniciada e desenvolvida pelos navegadores portugueses.

Para o autor do texto, Rui Rasquilho, os Descobrimentos Portugueses foram «um misto de grandeza e pequenez, como o são todas as coisas importantes que giram em volta do Homem e dos seus gestos, digamos, uma aventura em que se empenhou todo um povo».

Rui Rasquilho procurou por isso tratar o texto um pouco como uma impressão de viagem, como a narrativa de uma aventura, surgindo o mesmo como se se tratasse do relato de um viajante de outrora, enfim, como um navegador da época acompanhando uma situação que é em parte verdadeira, em parte o resultado de uma ficção. Apesar deste processo narrativo, o autor manteve-se fiel à documentação ao seu dispor, criando assim um texto de leitura simples,

embora fiel às fontes históricas, um texto que pode ser lido por qualquer pessoa e que encontra o seu complemento nas imagens que o seguem e na maior ou menor informação de que o leitor já disponha sobre o assunto.

O lançamento do livro compreende hoje nova iniciativa, com um encontro no Castelo de S. Jorge dos autores com personalidades ligadas à investigação histórica, jornalistas e outras pessoas do meio intelectual lisboeta.

*IBBY e SLP*

Dia Internacional do Livro Infantil encerra sábado

As comemorações do Dia Internacional do Livro Infantil, que se iniciaram no dia 2 do corrente, numa realização conjunta da Secção Portuguesa do IBBY e da Sociedade de Língua Portuguesa, têm este ano como fulcro, entre nós, a homenagem a um grande escritor recentemente falecido, com parte da sua obra dedicada à infância: Sidónio Muralha.

Naquele primeiro dia, e na Sociedade de Língua Portuguesa, procedeu-se à inauguração de uma exposição biobibliográfica e iconográfica do escritor, tendo Lília da Fonseca pronunciado palavras alusivas ao Dia Internacional do Livro Infantil. Registrou-se também um intervenção artística de Eunice Muñoz.

No próximo sábado, e também na Sociedade de Língua Portuguesa (Rua de S. José, 41-2.º), decorre uma outra sessão alusiva que será aberta por Fernando Sylvan. O programa compreende ainda palestras de Fernanda Damas Cabral, «Sidónio Muralha: uma palestra pedagógica na literatura infantil»; Matilde Rosa Araújo, «Sidónio e a Criança»; e Alexandre Cabral, «O compromisso com as origens em Sidónio Muralha».

Durante esta sessão, orientada por Lília da Fonseca, serão ditos poemas de Sidónio Muralha por estudantes universitários.

Só 1,4 por cento dos espectadores vê filmes nacionais

Planos do IPC

O presidente do Instituto Português de Cinema (IPC) rejeitou ontem a eventualidade de «grupos económicos, quaisquer que sejam», exercerem pressões de modo a «obrigar os portugueses a alterar as leis internas». Ferreira Costa referia-se à eventualidade de um boicote à distribuição

de filmes americanos em Portugal, motivado pela taxa de 90 contos sobre os filmes de estreia.

Lembrando que aquela taxa (pela primeira vez aplicada em 1973 e e então no valor de 15 contos) passou para 30 contos em 1976 e para 90 em Abril do ano passado, Ferreira Costa fri-

saria que ela «nunca chegou, no entanto, a ser paga por inteiro» pelos distribuidores.

«A partir de Dezembro do ano passado, não sei bem porquê, é que os distribuidores começaram a pagar 30 contos por filme estreado e não ainda os 90 da lei»

— afirmou Ferreira da Costa, que esclareceu que o dinheiro desse imposto reverte para o Estado, não cabendo ao IPC «funções de fiscalização nesta matéria».

O presidente do IPC não crê, no entanto, que venha a existir um boicote, mas admite que «no futuro, haja menos filmes dos Es-

tados Unidos em exibição em Portugal». Actualmente, 70 por cento dos filmes por cá exibidos são de procedência norte-americana e só os classificados «de qualidade» pela Comissão de Classificação de Espectáculos ficam isentos do pagamento da taxa.



R. Braamcamp, 9A(L1) Tel 56 30 64 EM LISBOA

R. Dr. Júlio Lopes, 21-Tel 2 27 66 EM CALDAS



MODIFICAR A IMAGEM DO NOSSO CONCELHO



A CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO definiu como prioritária, no seu programa para o triénio 82/85, a acção na defesa e melhoria do meio ambiente, tendo como objectivo «modificar a imagem».

A campanha de arborização e arranjo dos espaços livres de 1983, compreende acções programadas no âmbito da limpeza, arborização, ajardinamento e desinfestação, incidindo sobre os passos abandonados e lugradouros, será a primeira grande iniciativa, visando tais objectivos tão sentidos pela população.

É uma acção conjunta da Câmara Municipal do Barreiro, freguesia, comissões de moradores, que decorrerá até fins de Abril, tempo próprio para a arborização.

Considerando a importância destas iniciativas, a transformação da imagem da nossa terra (um dos objectivos é plantar 3.000 árvores) apelamos à participação de todos os barreirenses, particularmente em trabalho voluntário nos fins-de-semana.

No âmbito desta acção alunos das escolas primárias, preparatórias e secundárias do concelho, plantaram 275 árvores, no dia Mundial da Árvore, 21 de Março.

**DEFENDE A TUA VIDA!
DEFENDE AS ÁRVORES!
MELHORA A TUA TERRA!
PRESERVA OS ESPAÇOS VERDES**

informação

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

CASINO ESTORIL

União Europeia
de Radiodifusão/U. E. R.

RDP Show

7 Abril/21 horas

SALÃO-RESTAURANTE

Espectáculo Especial

- Teresa Tarouca
- Duo Ouro Negro e o «Grupo Raízes»
- Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra
- Mara Abrantes
- Grupo de Guitarras de Coimbra
- Rancho Folclórico de Cascais
- Show do Casino

Aconselhamos reserva de mesa
Preços habituais

Casino Estoril — Tel. 268 45 21

6.ª e SÁB. às 21.30
DOM. às 16

ANASTAS

de JUAN BENET
Enc. de FERNANDO GUSMÃO
COM

ANTÓNIO ASSUNÇÃO

... UM MAGNÍFICO GRUPO
DE ACTORES ... UM BELO
CENÁRIO ... UM EXCELENTE
ESPECTÁCULO"

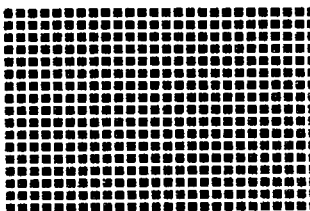
JOSÉ MANUEL DA NÓBREGA
"O SETE"

GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE

Tel. 275 21 75

STICF

SINDICATO
DOS
TRABALHADORES
DA INDUSTRIA
E COMERCIO
FARMACÉUTICO



ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 48.º, alínea b) dos Estatutos e Art.º 1.º do Regulamento da Assembleia Geral, convoco em sessão ordinária a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêutico, para o dia 15 de Abril de 1983, pelas 21.30, na Sede do Sindicato, sito na Rua Joaquim António Aguiar, 66-3.º, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Discussão e aprovação do relatório e contas do exercício de 1982.
2. 4.º Congresso da CGTP-IN - campanha de sindicalização.
3. Estratégia da contratação

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Alvaro Fernandes Rana

Por força da convocação da Assembleia Geral para o dia 15 de Abril de 83 e de acordo com o Art.º 5.º do Regulamento da Assembleia Geral, realizar-se-ão Assembleias Regionais com a mesma Ordem de Trabalhos da Assembleia Geral.

DELEGACÃO	LOCAL	DATA	HORA
NORTE	Delegação do Sindicato	12 4 83	21.30
CENTRO	Delegação do Sindicato	12 4 83	21.30

Lisboa, 4 de Abril de 1983

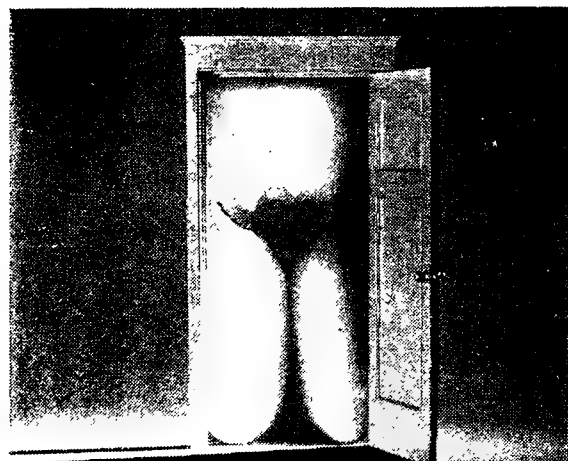
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Alvaro Fernandes Rana

Comparece e participa!

A OBRA PRIMA DE
Marco Ferreri

BEN GAZZARA · ORNELLA MUTI



CONTOS DA LOUCURA NORMAL

TIRADO DO BEST SELLER DE CHARLES BUKOVSKI
"Tales of ordinary madness"

PRÉMIOS e RECOMPENSAS

Vencedor, em Itália, dos 4 Premios Nacionais
«DAVID DI DONATELLO»
• MELHOR REALIZAÇÃO • MELHOR FOTOGRAFIA
• MELHOR CENOGRAFIA • MELHOR MONTAGEM

CLASSIFICADO OFICIALMENTE
«FILME DE QUALIDADE»

13ª semana

no



Inter. a menores de 18 anos
EXCEPCIONAL EXCLUSIVO DE MUNDIAL FILMES



CHARLES BASS

um filme de

F. REICHENBACH

HOUSTON TEXAS

um retrato impiedoso da América, um filme duro,
denso, emocionante e atrozmente crítico



**ESTREIA HOJE
ÀS 21.15 H**

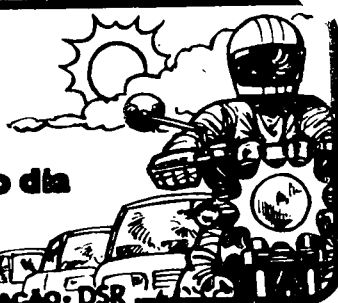


NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 16 ANOS

motociclista

**ACENDA
OS MÉDIOS**

mesmo durante o dia



DIRECÇÃO-GERAL DE VIACÃO - DSR

*Perdição, Luxúria
e Pecado*

**ORNELLA MUTI
ANNE HEYWOOD**



*As FREIRAS
de São Arcangelo*

realização: PAOLO DOMINICI

ROXY 6.ª SEMANA

MULTIPLA A MENORES DE 18 ANOS

VITÓRIA FILMES

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

Proc.º 93/81

O DOUTOR, MANUEL JOAQUIM OSÓRIO, Juiz do 3.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que, pela 1.ª Secção deste tribunal, correm editos de 30 dias, citando a firma NERVION PORTUGUESA — MONTAGENS METALOMECÂNICA, LIMITADA, que teve a sua última sede conhecida na Avenida da República, n.º 62-2.º Dt.º em Lisboa e, actualmente em parte incerta, para, no

prazo de 10 dias, findos que sejam os dos editos e, a contar da publicação da 2.ª e última publicação deste anúncio, contestarem, querendo, a acção emergente de contrato de trabalho, bem como o pedido de assistência judiciária, que lhes move Manuel Joaquim, sob pena de se considerarem confessados os factos articulados pelo autor.

O duplicado da petição inicial, encontra-se arquivado na secção, onde podera ser levantado.

Lisboa, 23 de Março de 1983

O Juiz de Direito
Manuel Joaquim Osório
O Escrivão Adjunto
Carlos do Nascimento
Frazão

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

Texto: Pierre Christin

55



Copyright Dargaud/Meribérica/-DL-

IPC contra taxas sobre estreias

O Instituto Português de Cinema foi este ano dotado com um orçamento de 340 mil contos, 141 mil dos quais destinados ao seu plano de produção, anunciou ontem o presidente do Instituto, Ferreira da Costa.

Este e outros dados, designadamente sobre percentagens de afluência de espectadores ao cinema português, em particular, foram fornecidos por Ferreira da Costa numa conferência de imprensa concedida nas instalações do IPC.

O presidente do IPC referiu que apenas 1,4 por cento dos espectadores, em média, de um total de 27 a 30 milhões que anualmente vão ao cinema, assistiram em 1981 e 1982 a filmes portugueses.

Esta percentagem, indicou, foi ligeiramente superior à de 1980, que não chegou a atingir 1 por cento.

Assinalou haver cerca de 30 longas metragens de realizadores portugueses à espera de serem exibidas.

Nesta sequência, revelou estar nos planos do IPC diligenciar para que seja posta em prática a contingentação, ao abrigo da qual os cinemas do país ficam obrigados a exibir um determinado número de películas de produção nacional.

Do orçamento do IPC, 139 mil contos serão canalizados para as suas despesas correntes (60 mil dos quais para a Cinemateca), 141 mil para apoio à produção e 28 mil para a divulgação de filmes.

Além destes, outros números relativos que distribuição do orçamento foram divulgados por Ferreira da Costa, designadamente: 6200 contos para o apoio a festivais e revistas de cinema, 6600 para apoio a estabelecimentos técnicos, 10 mil para o parque exibidor, seis mil para o cinema amador e 3300 para a formação profissional.

Ferreira da Costa observou que «o cinema português não tem a protecção que devia ter».

Noutro passo da conferência de imprensa foi assinalado que o Conselho Consultivo do IPC, cujo funcionamento se iniciou em Fevereiro, está a desenvolver um esforço no sentido de obter uma perspectiva global da actividade cinematográfica e estabelecer regras de assistência à produção.

Ao plano de produção do IPC candidataram-se este ano projectos de filmes, com um orçamento global de cinco anos que preveja a possibilidade de produção de 15 filmes por ano em Portugal, o IPC tem ainda em vista a conquista, pelos filmes portugueses, de 10 por cento do mercado nacional.

continua

Caminhos de Ferro Portugueses

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Em ALVERCA o **Diário de Lisboa** vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria. 16

RN RODOVIA NACIONAL

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES

A Direcção de Equipamento, com as suas Divisões de Manutenção, Frota, Aprovisionamento e Sector de Infra-Estruturas, que funcionava na Av. Casal Ribeiro e Av. da República passou, a partir de 1 de Março, para a nova Sede da Rodoviária Nacional — **EDIFÍCIO RN** — na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 86, Telefones 72 53 22-72 53 63.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Telejornal trata-nos da saúde

O último gesto heróico da Televisão, ontem, consistiu na ligação directa ao Estádio da Luz. Já passava da meia-noite. Eis senão quando dá o badagaio na imagem e longos, longos minutos se escoaram. Finalmente, perdidas as esperanças, o locutor (mais uma notável aquisição de «qualidade» ao nível da dicção e da telegenia...) lamentava o sucedido, dizia que a culpa não era da Televisão mas que ao certo, ao certo, não sabiam as causas da avaria...

Passavam quinze minutos da meia-noite quando vieram algumas imagens do futebol. Assim, mais ou menos, se salvava a honra do convento.

Pois é, o futebol voltou a assumir o antipático papel de glutão que já teve entre nós em recuadas eras. O facto não se explica somente pelos encantos próprios do espectáculo. O fenómeno é fortemente activado de fora. A Televisão funciona como uma forja colossal a insuflar oxigénio na combustão. Para quem pensar que escrevo levemente, citarei palavras textuais do «Primeiro Jornal» das 13 horas de ontem. Lá se disse que o desafio na Luz é sem dúvida o grande acontecimento de hoje... Tal qual. O «maior aconte-

tecimento» num país como o nosso e num mundo como o nosso — é um simples, inofensivo e brevemente esquecido desafio de futebol...

Voltando à avaria no «último jornal», refira-se que no telepatelão informativo igualmente falhou a primeira ligação ao Porto. Também falhou a ligação ao emissor do Mendo, a Paula Magalhães não tinha som e uma voz «off» avisava-a: **Não falas, Paulinha!** Neste reino de tráfalices, releve-se ao menos o carinho com que os funcionários se tratam uns aos outros.

Gostaria eu de mais uma vez chamar aqui a atenção para a importância e para a responsabilidade das informações prestadas na Televisão. Dia após dia se divulga a noção de que a TV anda a ser manejada por indivíduos de baixíssimo índice cultural e profissional.

Estou a lembrar-me, por exemplo, daquela cena no Telejornal de segunda-feira. Tratava-se da «captura» de um vírus de leucemia. Entrevistava-se o dr. Gentil Martins e o repórter perguntava-lhe **se os leucémicos vão ter um futuro mais simpático...**

Mas há mais. Ontem falava-se de uma data de medicamentos

cujos comprados ia deixar de ser subsidiada pela Previdência. Deve ser mais uma medida para o currículo do Barbosa.

No decorrer da reportagem havia quem dissesse que se tratava de «medicamentos populares», de «medicamentos que não são perigosos». E mais: que os ditos medicamentos poderiam ser objecto de publicidade...

Francamente, ignoro donde vem ao Telejornal autoridade para dar cobertura a tão estranhas noções. Ele não cuidou minimamente de averiguar o que vem a ser isso de «medicamentos que não são perigosos». Médico meu amigo dizia, certa ocasião, que não há drogas inocentes. Pelos vistos, no Telejornal pensa-se de maneira diferente. A Ordem dos Médicos concordará com isto?

Igualmente vai a Ordem dos Médicos permitir que se faça publicidade a medicamentos pela Televisão? Mais ainda: irá a Televisão portuguesa desrespeitar certas normas de conduta que vigoram por esse mundo, quanto à publicidade de medicamentos?

Ainda mais: haverá estudos feitos sobre as consequências sociais da venda livre, e livremente consentida, de certas

drogas? De certas drogas com as quais o engenheiro da exigência prepara outros tipos de droga?

Telejornal para bem informar podia ir em busca dessas e outras razões. Sem o que, o esclarecimento será apenas epidérmico, logo perigoso.

Noutros aspectos, a RTP continua a fornecer informações tendenciosas. É o caso dos comentários à situação económica. O plantão de serviço pertence sempre a Sarsfield Cabral; logo, o que Sarsfield diz, vale como ouro de Lei. Valerá?

Reduzir a produção será, como ele diz, uma fatalidade? Travar o desenvolvimento económico é mesmo a forma mais segura de diminuir o endividamento externo? Recordo-me que, durante o debate económico, o economista Carlos Carvalhal defendeu critério substancialmente diverso. O respeito pela objectividade haveria de levar Telejornal a diversificar a opinião, dentro da norma jurídica que manda ouvir a outra parte: **audi alteram partem**, não é assim que se diz?

Por estas e por outras, em especial quando oiço o Sarsfield, é que eu tenho vontade de mandar o Telejornal a uma parte que eu cá sei.

Hoje



Prossegue, na RTP-1, a exibição da telenovela portuguesa «Origens»

- 16.52 «Somos Noivos» — intérpretes: Armando Manzanero, Angélica Maria e Palito Ortega. Realização: Enrique Carreras.
- 18.15 Tempo dos Mais Novos
- 18.55 Golo Rei
- 19.25 O Tempo
- 19.30 Telejornal
- 20.30 Campanha Eleitoral — Pous, PC(R) e APU.
- 21.00 Telenovela — «Origens».
- 21.30 Concurso Notas & Notas
- 22.55 Ténis — «Open» de Portugal.
- 23.05 Últimas Notícias



Exibe-se, na RTP-2, o 8.º episódio da série «Uma Vida em Desafio»

- 19.18 TV/2 Notícias
- 19.30 Desenhos Animados
- 19.50 Tributo a George London — apresentadora: Beverly Sills.
- 21.40 «uma Vida em Desafio» — 8.º episódio. Intérpretes: John Duttin, Charles Ray e Kim Broden. Produtor: Ken Riddington.
- 22.30 Jornal da Noite
- 22.50 Telenovela — «Cabocla».

Amanhã

08.00: Bom Dia Portugal; 10.00: Desenhos Animados; 10.20: Gente e Ideias; 10.40: «Crónicas da Vida do Campo»; 11.35: O Escritor e a Sociedade; 12.15: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; 13.30: Curso de Complemento de Formação de Professores; 17.00: Tarde de Cinema; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55 Tur/83; 19.25: O Tempo; 19.30: Telejornal; 20.30: Campanha Eleitoral; 21.05: «Origens»; 21.35: Quenda Televisão; 22.05 Viva o Gordo — com João Soares; 22.30: «A Balada de Hill Street»; 23.20: Últimas Notícias

17.40: Basquetebol; 19.17: TV/2 Notícias; 19.30: Desenhos Animados; 19.55: Viagem Através do Homem; 20.30: «Open» Ténis de Lisboa; 21.30: Imagem das Letras; 22.00: Jornal da Noite; 22.30: «Cabocla»

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

Concurso Notas & Notas (21.30)

Tributo a George London (19.50)

...e sugere para hoje...

Episódio n.º 4

Tocam à porta de Teresa e esta, em roupão, vai abrir. Surgem Luis e Filipa que tem um lenço atado ao pescoço. Teresa pressente que o lenço esconde qualquer coisa. Teresa descobre o pescoço de Filipa.

Luis sente que tem de explicar à ex-mulher o que se passou com a filha de ambos.

No apartamento de Luis ficaram Gaspar, Nuno e Afonso, que interpreta, acompanhado por Nuno ao piano, a canção que Mali vai gravar.

Entretanto, Patricia passa por casa de Luis e Gaspar diz-lhe que ele foi levar a filha a casa da ex-mulher. Patricia sai pedindo que não digam a Luis que ela passou por lá.

No dia seguinte, de manhã, Luis acompanha Patricia ao Museu.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - 1600 - 2112571

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II



FERNANDO
talvez
PESSOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

encenação

ARTUR RAMOS

cenários

música

e figurinos

ANTÓNIO VITORINO

EMÍLIA NADAL

DE ALMEIDA

coreografia

FERNANDO LIMA

com:

(por ordem de entrada)

MÁRIO PEREIRA - SÃO JOSÉ LAPA - ANTÓNIO RAMA
ANTÓNIO BANHA - CARLOS FONSECA - VARELA SILVA
CURADO RIBEIRO - ROGERIO PAULO - RUI MATOS
LUÍS PINHÃO - ANTONIO SARMENTO - ANTONIO ANJOS
IGOR SAMPAIO - CARLOS CABRAL

ATENÇÃO

NÃO É PERMITIDA A ENTRADA
APÓS O INÍCIO DO ESPECTÁCULO

MATINEE

AOS SABADOS E DOMINGOS AS 15h
ESPECTÁCULO NÃO ACONSEJÁVEL A M. 13 ANOS
OF. CLANÇO DA COMPANHIA A 27.75 RA



**CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA**

DIA 8 ÀS 21.30 H
NA

**SOCIEDADE EUTERPE
ALHANDRENSE**

Espectáculo de teatro com a peça

**«OIÇAM COMO EU
RESPIRO»**

COM IRENE CRUZ

Iniciativa ligada à comemoração do Dia Internacional da Mulher, organizada pela Câmara Municipal e do M.D.M., com a colaboração da Sociedade Euterpe Alhandrense e a Junta de Freguesia de Alhandra.



**FUENGIROLA
TORREMOLINOS
BENALMADENA
ou MARBELLA**

AUTO FERIAS

VIAJE NO SEU AUTOMÓVEL
CONFIANDO-NOS
A RESERVA DO APARTAMENTO

INFORMAÇÕES E RESERVAS

abreu

LISBOA: Avenida da Liberdade, 100 - Tel. 311.541
LISBOA: Avenida da Liberdade, 100 - Tel. 311.541
LISBOA: Avenida da Liberdade, 100 - Tel. 311.541
LISBOA: Avenida da Liberdade, 100 - Tel. 311.541

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

HOJE ÀS 21.45 H



ANTONIO FERREIRA - 4.º MÊS
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA

terça-feira a sábado
ÀS 21.45

sábado e domingo
ÀS 17H

★ XV EXPOSIÇÃO EUROPEIA
DE ARTE
PRACA DE ESPANHA
11.550 TEL. 72.08.18

NÃO FOMOS EM PONTOS FECHADOS

fóteiro cultural

Teatro

«Oíçam como Eu Respiro» é hoje apresentada na Sociedade de Beneficência e Recreio de Janeiro, da Marinha Grande, às 21.30, num espectáculo, com entrada livre, subsidiado pela edilidade local e de apoio às comemorações do Dia Internacional da Mulher. A peça de Dario Fo e Franca Rame, encenada por João Lourenço, obteve grande êxito em Lisboa, numa memorável interpretação de Irene Cruz.

«Voos Domésticos», pelo Grupo Neon, não é propriamente teatro, mas uma instalação audiovisual que irá ser apresentada amanhã e no sábado, às 22 horas, no Teatro da Graça (Travessa de S. Vicente, 11). O grupo é constituído por operadores estéticos de formação plástica que envolve fotografia, vídeo, som, acção, e uma exposição de fotomontagens de Carlos Barroco.

Música

O barítono português Jorge Chaminé vai apresentar-se num recital no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, amanhã, às 18 e 30, sendo acompanhado ao piano por Marie-Françoise Bucquet. Interpretarão obras de Hugo Wolf, Mahler, Tchaikovsky e Xenakis.

A «Turma Jazz» actua hoje, amanhã e no sábado, às 22.30 e às 0.30, no Hot Clube de Portugal (Praça da Alegria, 39). O grupo, totalmente saído

da Escola de Jazz do Hot, é constituído por Leonel Cardoso (sax alto e soprano), José Alberto (trompete), Mário Delgado (guitarra), Paulo Ferreira (baixo) e Rogério Freire (bateria).

Cinema

Já terminaram os trabalhos de pré-selecção do **Juvecine/83**, Festival do Filme do Jovem Cineasta, tendo sido seleccionados 24 filmes a partir dum total de 49 inscritos. O certame, que se inicia hoje, no anfiteatro da Escola de Belas-Artes do Porto, contará, portanto, com 6 filmes de animação, 7 de ficção, 5 experimentais e 6 documentários. Para além dos prémios previstos no regulamento (três prémios por secção e prémios especiais para o melhor tratamento sonoro e para o melhor direcção de actores) serão ainda atribuídos dois outros prémios: o da Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais (FPCA), e do Núcleo Piloto de Cinema FAOJ/Porto. A FPCA colaborará mais uma vez com a organização Juvecine atribuindo um prémio ao melhor filme de valor absoluto, constituído por 10 cassettes de filmes super 8. Também os jovens que constituem o núcleo-piloto de cinema e que trabalham na organização do Juvecine, atribuirão um prémio que poderá recair, à semelhança do ano passado, no filme de maior rigor técnico.

O ciclo dedicado a Jacques Tournier prossegue na



«Voos domésticos», pelo Grupo Neon, vão ser apresentados amanhã e depois no Teatro da Graça

Cinemateca Nacional, com o seguinte calendário: hoje, «O Arrependido», interpretado

por Kirk Douglas, Robert Mitchum e Rhonda Fleming; amanhã, «O Expresso de Ber-

lim», e no sábado «O Gato Miou Três Vezes», onde Boris Karloff e Vincent Price dirigem

uma agência funerária sem trabalho (para remediar a esta situação, Price comete alguns assassínios, a maioria dos quais inútil, uma vez que as famílias dos defuntos nem sempre se decidem a pagar enterros de luxo).

Livros

Realiza-se, amanhã, às 18 horas, na Livraria Interlivro (R. Pedro Nunes, 9-A, às Picoas), uma sessão de apresentação pública do livro **Os Caminhos Nunca Acabam**, de João Aniceto. Esta obra obteve o Prémio Editorial Caminho de Ficção Científica, atribuído em fins de 1982. A entrada é livre.

Exposições

Leandro Silva Delgado expõe na Sociedade Nacional de Belas-Artes. A mostra, intitulada «Jardins», está patente ao público até ao próximo dia 12.

No Centro Cultural de S. Lourenço, em Almancil, João Cutileiro, Jorge Pacheco, Maria Felizol e Pedro Fazenda apresentam, até dia 15, uma exposição de trabalhos em mármore denominada «Les Plaisirs de la Table».

Jacinto Salvado inaugurou, ontem, uma exposição de pintura na Galeria de S. Francisco, em Lisboa. A mostra, que ficará patente ao público até ao dia 22 deste mês, pode ser visitada das 10 às 13 e das 15 às 19 horas, nos dias úteis, e aos sábados, das 10 às 13.

MARQUISES

E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO

ORÇAMENTOS GRÁTIS

COMERCIO E INDUSTRIA DE ALUMINIOS, LDA.

DIVISÓRIAS

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Aberto das 9 às 19 h

Rua Francisco de Holanda, 28A

Telef. 777488 - 776323 - 1100 Lisboa

Fábrica - 9801283

Almada - 2755743 - 2755806

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.30: Campanha eleitoral; 19.00: Informação e música; 20.00: «Cristo Recrucificado», original de Nikos Kazantzaki; 20.15: O espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite - Antena 1 no Casino Estoril; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas.

Programa 2

15.32: Que quer ouvir?; 17.00: Tempo de bailado; 17.40: Intérpretes portugueses; 18.05: Cultivando; 19.30: Cancioneiro popular; 20.30: «Uma Vida de Herói», op. 40, de Richard Strauss; 21.00: Efeméride; 21.50: Música portuguesa; 22.25: Música sinfónica; 23.30: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Mensagens bíblicas - diálogo; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Grande Círculo; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

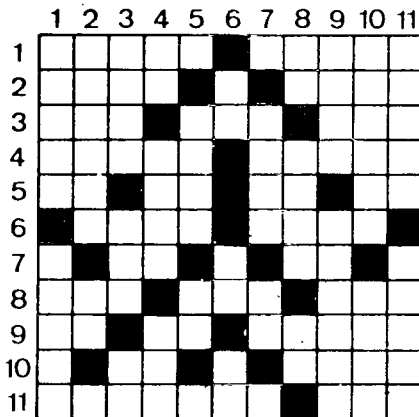
Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13705

HORIZONTAIS:

- Mais cedo. Igualmente.
- Portanto. Punhal usado pelos antigos Romanos.
- Antiga capital da Birmânia. Cabelos brancos. Figura que simboliza o povo amencano.
- Mornice. Fruto da amoreira.
- O mais. Sufixo que designa estado. Zomba. Erbio (sq).
- Ulmeiro (árvore). Fileiras.
- Tempo do verbo ir. Rio da Rússia.
- Pronome relativo. Pede recebimento e justiça (abrev). Bolo de farinha do arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- Cidade da antiga Caldeia. Nota musical. Lugar onde se alojam cães.
- Letra grega. Repete.
- Os Mouros. Anel.



VERTICAIS:

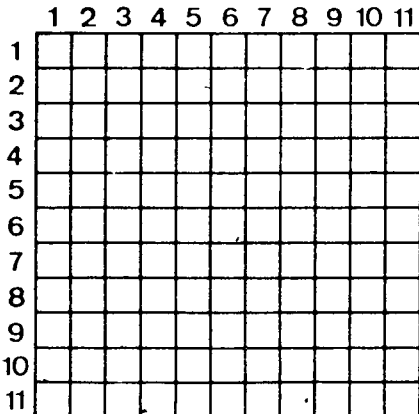
- Some (fig). Da parte de cá.
- Floco. Cidade da antiga Caldeia.
- Irmãs da mãe. Ligue. Medida itinerária do Japão.
- Pertences. Conquista. Maior.
- Enrubesço. Letra grega.
- Nota musical. Bromo (sq). Sua Majestade.
- Nome de mulher. Jesus Cristo.
- Abreviatura de Santíssimo. Ilha grega uma das Cíclades. Duas vogais desiguais.
- Tino. Senta-se.
- Ergueres. Mais mal.
- Sugar o leite materno. Mentira (fig).

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9555

HORIZONTAIS:

- Chefe das antigas repúblicas italianas. Covil.
- Mag. natural. Utensílios domésticos. Chiste.
- Lê. Nadas. Nota musical.
- Ingremes. Afastas.
- Venda. Tinge de anil.
- Oportunidade. Carta de jogar.
- A dignidade pontificia. Renque.
- Leiloaram.
- Nota musical. Nome de planeta. Bismute (sq).
- Cabelos brancos. Antiga capital da Birmânia. Nome de mulher.
- Aplanaremos.



VERTICAIS:

- Deusas. Taberna.
- Letra grega. Matizar.
- Gálio (sq). Versejar. Senhor.
- Girarem.
- Consideraram. Artigo definido.
- Figura que simboliza o povo americano. Casta de uva branca.
- Divisão de uma casa. Tratar por tu.
- Rio de França. Autores.
- Ósmio (sq). Mirar. Preposição.
- Lugarejo. Mancha.
- Aplana. As duas juntas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13704

HORIZONTAIS:

- Breve. Marão.
- Reler. Ábila.
- UM. Mas. As.
- Mal. MAL. Api.
- Atas. Crás.
- Atim. Sair.
- Acasalo.
- Uro. Rol. Noz.
- Na. Arada.
- Clara. Sud.
- Aa. ER. Miolo.

VERTICAIS:

- Bruma. NUNCA
- Remata. Rala.
- EL. Latão.
- VER. Sic. Are.
- Eram. Marrar.
- Sás. Soa.
- Ma. Saldam.
- Aba. Cal.
- Ri. Anion. Só.
- Alapar. Ul.
- Oásis. Azedo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9554

HORIZONTAIS:

- Gás. Água. Am.
- Adestra. Aço.
- Ocara. Apar.
- Are. Amam.
- Ra. Alugaras.
- Ama. Agá. Ora.
- Demorara. Al.
- Sura. Ria.
- Otão. Faria.
- Cri. Favelas.
- Aa. Croa. Oro.

VERTICAIS:

- Ga. Arad. Oca.
- Ado. Amestra.
- Seca. Amuai.
- Sara. Oro.
- Atrelara. Fr.
- Grá. Uga. Fão.
- Uá. Agarrava.
- Ama. Airé.
- Aparo. Ailó.
- Acamara. Aar.
- Mor. Sala. Só.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Banco Fundado em 1866

BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	76\$85	82\$85
ALEMANHA FED (marco)	39\$75	40\$85
AUSTRIA (xelim)	5\$55	5\$75
BELGICA (franco)	1\$814	2\$014
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$160
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	77\$50	79\$50
(notas de 5 a 1000)	78\$00	80\$00
DINAMARCA (coroa)	11\$20	11\$60
ESPAÑA (peseta)	\$673	\$793
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	95\$75	97\$75
(notas de 5 a 1000)	96\$25	98\$25
FINLÂNDIA (marka)	17\$60	18\$20
FRANÇA (franco)	13\$20	13\$90
HOLANDA (florim)	35\$25	36\$25
INGLATERRA (libra)	145\$25	148\$25
IRLÂNDIA (libra)	125\$75	129\$75
ITALIA (lira)	\$061	\$071
JAPÃO (yene)	\$051	\$086
NORUEGA (coroa)	\$367	\$402
SUECIA (coroa)	13\$40	13\$90
SUIÇA (franco)	12\$80	13\$40
VENEZUELA (bolívar)	46\$75	47\$85
	9\$75	10\$75

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00
N. acons. m/13 anos
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

SALA B

Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
Int. m/13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 15, 18 e 21.30 - Para Todos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Não ac. men. 13 anos
3.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV
Aqui estão eles à solta mas a tropa apaixonou-os
2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
16.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Falado em português
Para todos
DUMBO
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
JOSEPHA, SEM AMOR E SEM REMORSO

CITY CINE .49999

R. Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS
Às 23.45
OS RAPAZES DA COMPANHIA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
- Int. men. 13 a.
11.ª Semana
Às 24
A CONSPIRAÇÃO DO URÂNIO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O ESCORPIÃO DE SHAOLIN

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
CAÇA À TERRORISTA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores de 16 anos
A FÚRIA DO HERÓI

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
O MISTÉRIO DA ILHA DOS MONSTROS
3.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 15, 17, 19 e 21.30
- Para Todos
Les Charlots vão à inspeção militar e começam as grandes barricadas!
OS MALUCOS DA CASERNA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
FUGA PARA A FELICIDADE
3.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O VEREDICTO
8.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
ATOR - A ÁGUA INVENCÍVEL
3.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
GELADO DE LIMÃO IV
Às 18.15 e 24 - Int. men. 13 a.
SANGUE DE TERROR

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 14.15, 16.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 16 a.
A FÚRIA DO HERÓI
3.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O REGRESSO DO ESPÍO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 18 a.
BIG BOSS, O IMPLACÁVEL
2.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
DEMÉTRIO, O GLADIADOR



GELADO DE LIMÃO IV, um filme para a juventude. Em exibição nos cinemas ROMA e AVIS.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15
O PALCO E A VIDA
Às 23.30
A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS
SALA 2
Às 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE
Às 23.30
SOLARIS
SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 24
ASSASSINOS DE ÉLITE
SALA 4
Às 14.30, 17.45 e 21
AO CORRER DO TEMPO
Às 00.15
O VALE DOS PERDIDOS

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANJO
5.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
S. JORGE SALA 1
Às 13.45, 17.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
GANDHI
S. JORGE SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
9.ª Semana
S. JORGE SALA 3

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m/13 anos
DO FUNDO DO CORAÇÃO
2.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
Domingo às 11.15 - Para Todos
LUCKY LUKE, BALADA DOS DALTON

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
38.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
Falado em português
DUMBO
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS
2.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
OS DOIS FUGITIVOS

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO - «O Palco e a Vida», às 21.30 (13 anos)
2000 - «20 Mil Léguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «Os Malucos da Caserna», às 21.30 (13 anos)
ZODÍACO - «Viva Zapata!», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «As Fanáticas do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO - «Jogos de Mulheres», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO - «Vietname, as Duas Faces da Guerra», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Vem Ai os Calorosos», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «O Sobe e Desce», às 21.30 (6 anos)
CINEMATECA NACIONAL - «Rosa de Alfama», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Duas Mulheres Apaixonadas», às 21.15 (18 anos)
OIRAS - Oeiras-Cine - «Tema e Violada», às 21.15 (18 anos)
PAREDE - Royal-Cine - «Copa 78, o Poder do Futebol», às 21.30 (6 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «A Calúnia», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Casino - «Depois do Amor», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Impala - «Victor, Victória», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Nuclear? Não Obrigado», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - «Esplendor na Relva», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Perigo Iminente», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «Romance em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «O Implacável», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Cleópatra, Rainha do Egito», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Amor Impossível», às 21.30 (18 anos)

ERICEIRA - Cinestúdio - «Amor Fatal», às 21.15 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - Incrível - «O Espião Implacável», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Academia - «O Regresso da Bem-Amada», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «O Brinquedo», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Cine-Estúdio - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA - Cilecine - «Dr. Jekyll Gosta Delas Quentes», às 21.30 (13 anos)

Porto

FOCO - «Romance em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)
ÁGUA - «Dombo» 21.45 (6 anos)
BATALHA - «João Brancas», às 21.45 (6 anos)
RIVOLI - «Antérax e Cleópatra», às 21.30 (Todos)
COLISEU - «A Fúria do Herói», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «O Veredicto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L - «A Tempestade», às 21.45 (13 anos)
OLÍMPIA - «O Grande Broncas», às 21.30 (Todos)
SÃO JOÃO - «O Grande Zorro», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Gandhi», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Sombras brancas» 21.30 (13 anos)

Lisboa

ALFAMA - Arnali - Rua Escolas Gerais, 88 A (Tel. 863940); ALTO ST. AMARO - RIO SECO - Dilema - Rua Aliança Operária, 49 AB (Tel. 636620); ALVALADE - Sanex - Av. da Igreja, 31 C (Tel. 897505); ARCO CEGO - Providência - Rua D. Filipa Vilhena, 9 C (Tel. 770324); BENFICA - PORTAS BENFICA - Benfica - Est. Benfica, 678 E (Tel. 702532); CAMPO D'OURIQUE - Almeida - Rua Silva Carvalho, Lt. 4, Lj. Esq. (Tel. 798727); LUMIAR - Nicolau - MADRE DE DEUS - Madre de Deus - Rua da Margem 15 B (Tel. 382470); MARQUÊS DE POMBAL - Branco - Av. Duque de Loulé, 61-65 (Tel. 545048); PAMPULHA - Hospital da CUF Calc. Sacramento (Tel. 609111); PICHELEIRA - Mariz - Cç da Picheleira, 140 BC - Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); PENHA DE FRANÇA - Carrondo - Rua Padre Sena Freitas, 10 A (Tel. 842518); PRAÇA DAS FLORES - Confiança - Pç. das Flores, 59-60 (Tel. 670401); ALGÉS - Cabrita - Parq. Resid. Miraflores, Lt. 12 (Tel. 2101486); BRANDOA - COLINA DO SOL - Vidal Reis - Quinta da Correia - Célula G Lote - 35 - Urb. Alfomelos; ODIVELAS - Gonçalves - Dr. Egas Moniz, 30 B (Tel. 915662).

teatros

Lisboa

VARIEDADES - «Há mas São Verdes», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
PRIMEIRO ACTO - «A Marquesa de Sade», às 21.30 (18 anos)
MARIA VITÓRIA - «Sem rei nem rock» 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II - «Fernando Talvez Pessoa», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «O Suicidário», às 21.30 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP - «Viver como Porcos», às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

AL. D. AFONSO HENRIQUES - Esperança - Rua Carlos Mardel, 101 B (Tel. 882668); ALCANTARA - Bairro - Rua Prior do Crato, 27 (Tel. 661321); ANJOS (AO CIN. ROXY) - Guerra - Rua Andrade, 32-36 (Tel. 845513); AV. ROMA - B. S. MIGUEL - São Miguel - Pç. Francisco de Moraes, 1 (Tel. 771469); BAIXA - Morão - Rua das Assunção, 17-19 (Tel. 321289); EN. CARNACÃO - Zira - Pç. das Casas Novas, Lt. 66 (Tel. 311216); ENC. REST. - ESC. P. VICENTE - Belém - Rua Tristão Vaz, 10 A (Tel. 612248); ESTADOS UNIDOS - Gasparinho - Rua Dr. Gama Barros, 54 A (Tel. 890465); GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR - São Bartolomeu - V1 Paulo Jorge 1 (Tel. 790969); LAPA - Central da Lapa - Rua das Navegantes 10 (Tel. 661734); LUZ - 2.ª CIRCULAR - J. Ribeiro - Est. da Luz, 199 A (Tel. 780969); SÃO SEBASTIÃO - Sagres - Av. Luís Bivar, 69-71 (Tel. 547213); PONTINHA - Pontinha - Est. Santo Elói, 4, Lote SE (Tel. 990220); BURACA - Vaz Martins - Rua António Ferro 6 A (Tel. 970660); OLIVAL BASTO - Nova - Rua Açores, 11 A (Tel. 910305); PRIOR VELHO - Matos - Tv. Prioras (Tel. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães - L. Duarte, lote A-r/c (Tel. 2441616) Até às 22 horas; ALCABIDECHÉ - Carvalho - B. João P. Corr. 40-B (Tel. 2690363) Até às 22 horas; PORTO-SALVO - Ferreira Bastos - R. D. Firmiano Reb. (Tel. 2421015) Até às 22 horas; CAXIAS - Nova - R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839) Até às 22 horas; CARCAVELOS - Villar - Av. M.ª Conceição, lote 8 (Tel. 2470777) Permanente; S. DOMINGOS DE RANA - Godinho da Silveira - Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085) Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA - Luz - Até às 22 horas; OIRAS - Alcântara Guerreiro - P. Residencial Dr. Augusto Castro, lote 10 (Tel. 2430691) Perma-

farmácias

nente; PAREDE; Macau - R. J. Elias Garcia, 42 (Tel. 2471785) Permanente; SASSOEIROS - Amaral Semblano - Quinta das Encostas - Até às 22 horas; MADORNA - Madeira - Até às 22 horas; AMOREIRA - Abrantes - Viv. Maria-Carlos Anj. (Tel. 2682313) Até às 22 horas; MONTE ESTORIL - Suíça - Cruzeiro (tel. 260087) Até às 22 horas; CASCAIS - Cascais - R. Conde Monte Real-B.ª Caixas (Tel. 282407) Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA - Nova - R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530) Permanente; Cavaca - R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019) Até às 22 horas; DAMAIA - D. João V - Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461) Até às 22 horas; QUELUZ - Pereira Dias - Monte Abraão (Tel. 965566) Até às 22 horas; CAMARATE - Nova da Charneira - R. Cidade Lisboa, 94 (Tel. 2518726) Até às 19 horas; CACÉM - Rodrigues Garcia - Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (Tel. 9243693) Permanente; MEM MARTINS - Cristina - Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Tel. 9214820) Permanente; MERCÉS - Claro Russo - R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22 horas; RIO DE MOURO - Riomouro - Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (Tel. 9260194) Até às 22 horas; COLARES - Abreja - (Tel. 9290088); S. PEDRO DE SINTRA - Valentim - (Tel. 980456) Permanente;

Outra banda

ALMADA - Galeno - R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565) Até às 22 horas; COVA DA PIEDADE - Castro Rodrigues - L. 5 de Outubro, 62 (Te.

2750121) Permanente; LARANJEIRO - Oliveira Sérgio - R. dos Alamos, 2-A (Tel. 2296464) Até às 22 horas; COSTA DA CAPARICA - Chai - Av. General Humberto Delgado (Tel. 2403218) Até às 19 horas; SESIMBRA - Lopes - R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); BARREIRO - Mascarenhas Neto - R. D. Francisco Azambuja (Tel. 2074446) Permanente; AMORA - Duarte Ramos - Cruz de Pau - Até às 22 horas; SEIXAL - Lusitana - P. Cândido dos Reis, 10-Arrentela (Tel. 2210007) Até às 22 horas; MONTIJO - Montepio - R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035); MORTA - Silva Rocha - P. da República, 16 (Tel. 239029); ALHOS VEDROS - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); ALCOCHETE - Nunes - L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137); SE-TUBAL - Portugal - R. Camilo Castelo Branco, 34 Permanente; Higiene - R. Frei Agostinho Cruz, 5-A até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS
VASQUES, R. das Condominhas, 794;
FÁTIMA, R. de Oliveira Monteiro, 475;
CONTUMIL, R. de Contumil, 540;
ALIANÇA, R. da Conceição, 2; BARROS, R. do Loureiro, 104.

DE DIA E TODA A NOITE

SÁ DA BANDEIRA, R. Sá da Bandeira, 236; CANAVARRO, R. da Restauração, 53; ANTERO DE QUENTE, R. Antero de Quental, 520; VAZ TEIXEIRA, R. do Heroísmo, 56; PRELADA, R. Central de Francos, 316.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE
CRUZ & COSTA, R. A Vasconcelos, 71-71-A (T. 22715); OLIVEIRA, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (T. 72904).



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82 -
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

O TEMPO
MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
12.33 3,0 m 5.53 1,9 m
24.53 3,2 m 18.16 1,9 m
Dia 8
13.30 3,2 m 6.55 1,7 m
19.09 1,7 m

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	10°
PORTO	13°
PENHAS DOURADAS	3°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	13°
ÉVORA	10°
BEJA	11°
SAGRES	15°
FARO	15°
PONTA DELGADA	16°
FUNCHAL	15°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA
AMANHÃ, DIA 7

Deu geralmente a uma nublada nas
termeiras da tarde e de manhã
nublada nas do Sul e de tarde
moderada de Sul e de tarde
de chuva e vento do Norte e de
nublada e humida pela madrugada e
princípio da manhã



Detida em Portimão raptora de bebé da Alfredo da Costa

Uma senhora de 53 anos, cuja identidade a Polícia Judiciária mantém sem apresentar justificação sob o maior sigilo, foi detida em Portimão, onde residia, sob a acusação de ser a autora do rapto de um bebé da Maternidade Magalhães Coutinho, perpetrado, conforme noticiámos, no dia 29 do mês passado. De acordo com o artigo 196 (rapto de menores) do novo Código Penal a acusada incorre numa pena de três anos de prisão maior. De acordo com o referido artigo «quem subtrair um menor ou, por fraude, violência ou ameaça de grave mal, o determinar a fugir a quem tem o exercício do poder paternal, ou da tutela ou se recusar a entregá-lo a quem legitimamente o reclame, será punido com prisão até três anos e multa até cem dias». O procedimento criminal depende da queixa, neste caso já formulada.

Segundo uma nota distribuída pela Polícia Judiciária, «a mãe do recém-nascido vinha sendo visitada com certa frequência por uma senhora (a acusada) que envergava uma capa de enfermeira e que como tal se intitulava. No dia do rapto, a referida senhora pediu à parturiente autorização para levar a criança, por uns momentos, a fim de lhe vestir umas roupinhas que tinha arranjado, no que foi atendida, não levantando qualquer suspeita. Decorrido alguns tempo sem que a solicitada «enfermeira» voltasse com a criança, a mãe deu o alarme, sendo o caso participado à P.J.». A autora do rapto, uma mulher de 53 anos, que há nove meses simulava uma gravidez, mencionava registá-lo como filho, ao que confessou.

A Polícia Judiciária, que investigou o caso por intermédio da sua 4.ª Secção da Direcção de Lisboa, concluiu a nota afirmando que «ao contrário do que chegou a ser adivinhado, não se verificou qualquer convicção por parte dos pais, a quem já foi entregue a criança, a qual foi convenientemente tratada encontrando-se de perfeita saúde».

RÁPIDA PRISÃO DO HOMICIDA que antontem matou uma jovem de 20 anos na sua residência situada na Rua Senhora do Cais, em Setúbal. O corpo já sem vida seria encontrado com sinais de agressão violenta e desnudado. Um dia depois a Judiciária local detera em Cascais o autor do crime: Ângelo, de 27 anos, natural de Cabo Verde, que se relacionara com a vítima há cerca de um mês.

MATOU A FAMÍLIA — Um jovem belga, de 17 anos, foi preso na passada terça-feira em Elverdinge, perto de Ypres, por ter morto cinco membros da sua família. Utilizando uma espingarda automática, uma das muitas armas da sua colecção, o jovem abateu os pais, a avó, o tio e uma tia. Depois de enterrar os dois primeiros corpos no jardim da casa da família, lançou os outros três numa cisterna. Segundo o magistrado ocupado do caso, ainda não foi estabelecido nenhum móbil para os crimes admitindo-se que o jovem terá agido num momento de «desvario». No entanto, espera-se que os exames psiquiátricos a que irá ser sujeito, venham determinar qual o futuro do assassino: a prisão ou o hospital psiquiátrico.

“Grande Prémio do Romance” para José Cardoso Pires

“Dinheiro para impostos e dívidas pessoais”

— disse (realista) o escritor

«Balada da Praia dos Cães», último livro de José Cardoso Pires, ganhou o «Grande Prémio do Romance e Novela» (1982), instituído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE). O galardão, no valor de 750 contos, e um troféu escultórico, serão entregues ao romancista num jantar-convívio a realizar amanhã.

«Vou pagar impostos atrasados com o prémio — disse JCP ao programa radiofónico «Café-Concerto», que o entrevistou mal foi conhecida a decisão do júri. — E também algumas dívidas pessoais».

O júri (só ontem divulgado) integrou os nomes de Álvaro Salema, Jacinto Prado Coelho, Maria da Glória Padrão,

Maria Lúcia Lepecki e Oscar Lopes. A decisão do júri foi tomada por unanimidade.

Refira-se também que da Comissão Executiva do «Grande Prémio» fizeram parte Carlos Eurico da Costa, Mendes de Carvalho, João Rui de Sousa, Luís Miguel Nava e Maria Lúcia Lepcki.

«Dissertação sobre um crime»

Com o subtítulo de «Dissertação sobre um crime», a obra «Balada da Praia dos Cães» inspira-se num caso verídico ocorrido no começo dos anos sessenta: o assassinio de um oficial de carreira do Exército por companheiros de uma conspiração anti-salazarista. Entre as obras concorrentes

ao «Grande Prémio» (num total de trinta), contavam-se algumas da autoria de nomes consagrados da literatura portuguesa.

De acordo com um inquérito semanalmente efectuado pela ANOP, «Balada da Praia dos Cães» foi, no período compreendido entre 31 de Março e 5 de Abril, o livro mais procurado em Portugal.

Ainda por ler
«Memorial do Convento»

José Cardoso Pires, enquanto decorria a conferência de imprensa para divulgação da obra premiada, encontrava-se na sala do «Apolo 70», a ver o filme «Do

fundo do coração», de Copola.

Foi informado da atribuição do prémio ao chegar a casa, onde já se encontravam alguns amigos.

Segundo declarações suas ao «Café-Concerto», não leu ainda o livro de José Saramago, «Memorial do Convento», considerado um dos principais candidatos ao «Grande Prémio do Romance e Novela».

«Foi um bocado de sorte grande» — acrescentaria.

Registe-se que na conferência de imprensa concedida para anúncio do prémio estiveram ausentes por doença Manuel Ferreira (presidente da Direcção da APE) e Jacinto Prado Coelho, um dos membros do júri.

CAP já começa a exigir ao “futuro Governo”

SANTARÉM, 7 — Cooperativas Agrícolas afectas à CAP exigiram ontem, nesta cidade, que o futuro Governo lhes reserve papel mais activo do sector.

Os representantes das cooperativas agrícolas que apoiaram esta iniciativa da CAP defenderam que o Governo intervenha em favor das respectivas estruturas nos domínios financeiro, funcional e sociopolítico, criando também um sistema de comercialização devidamente regulamentado para o escoamento dos produtos agrícolas.

Num documento aprovado na parte final da reunião, as Cooperativas Agrícolas e Unões — que afirmaram representar mais de dois mil agricultores — mostraram-se dispostas a não serem meras empresas de concentração e conservação de produtos agrícolas que empresas de outros sectores comercializam.

Os dois mil participantes debateram ainda na reunião as grandes linhas da política agrícola a reclamar do próximo Executivo, na perspectiva de um aumento de produtividade e tendo em conta a integração na CEE.

BEM-VINDO

BENFICA
NA ROMÉNIA
★ 5 MODALIDADES ★
PARTIDAS:
14 a 21 Abril (8 dias)
16 a 22 Abril (7 dias)
17 a 21 Abril (5 dias)
17 a 24 Abril (8 dias)
19 a 25 Abril (7 dias)

GRÉCIA • ROMÉNIA
BULGÁRIA

Visitando:
ATENAS - BUCAREST
- SOFIA - PLOVDIV
- BURGAS - VARNA

VIAGEM ESPECIAL
Craiova + Moscovo

17 a 28 Abril
Univ. Craiova/Benfica
URSS/Portugal (Esp)
URSS/Portugal (AA)

VISITANDO:
ATENAS - CRAIOVA
BUCAREST
Circuito da Bulgária (3 dias)
Leninegrado-Moscovo
INSCRIÇÕES LIMITADAS
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

AGÊNCIA DE VIAGENS
BEM-VINDO
RUA DO SALITRE, 135
TEL: 541229/34/56 - 541160
TELEX: 43469 - 1200 LISBOA
COM ESTACIONAMENTO NO
PARQUE DO SALITRE



MONTEPIO GERAL

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS
— FUNDADA EM 1840

ASSEMBLEIA GERAL
ORDINÁRIA

(a realizar, por motivo de obras no edifício da Sede, na ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA, Rua das Portas de Santo Antão, 89 — Lisboa)

Prossegue no próximo dia 11, segunda-feira, pelas 21 horas, na Associação Comercial de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, n.º 89, a Assembleia Geral Ordinária, que teve início no dia 30 de Março p.p., e respeitará aos dois números finais da ORDEM DE TRABALHOS, a saber:

5 — Apreciar e votar os pareceres da Direcção sobre duas propostas apresentadas pelo sócio referido no n.º 4 (sócio n.º 24 310), na Assembleia Geral de 21/12/82.

6 — Apreciação de parecer da Comissão Especial sobre a modificação do «Regulamento das Assembleias Gerais do Montepio Geral de Lisboa» e eleição de Comissão de três sócios para elaborar o trabalho de alteração do dito regulamento.

Lisboa, 7 de Abril de 1983

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 37 153 — 54 000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 5 813 — 18 000 CONTOS
3.º PRÉMIO — 38 569 — 6 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção
aos balcões da CASA DA SORTE
em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

BENFICA EM CRAIOVA

VÁ À ROMÉNIA
E BULGÁRIA

ACOMPANHANDO O SL BENFICA
MEIAS-FINAIS
DA TAÇA UEFA
viagem especial de 17 a 21 Abril
AVIÃO + HOTEL + AUTOPULLMAN

BILHETE GARANTIDO PARA O JOGO

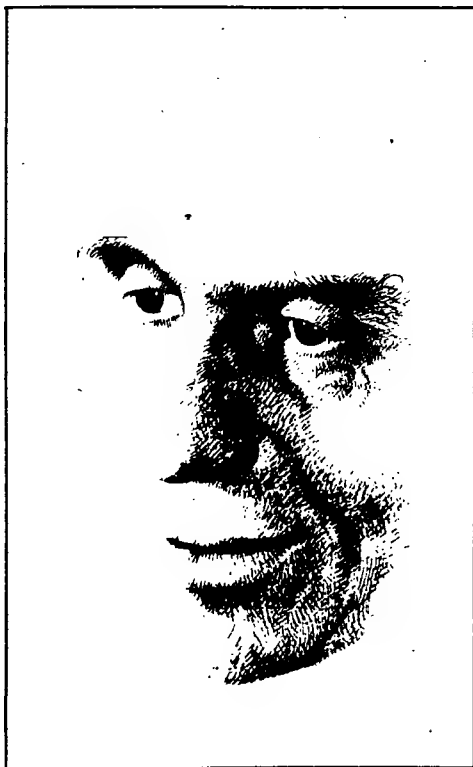
PREÇOS EXCEPCIONAIS • INSCREVA-SE JÁ

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840

1200 LISBOA: Av. Liberdade, 160 • Tel. 371341
1700 LISBOA: Av. do Ramo, 66-8 • Tel. 805096
4000 PORTO: Av. Aliados, 207 • Tel. 317921
4100 PORTO: R. Eug. Castro, 256 • Tel. 61151
3000 COIMBRA: Rua da Sofia, 2 • Tel. 27011
4700 BRAGA: Av. Central, 171 • Tel. 71623
8000 FARO: Av. República, 124 • Tel. 25035
8500 PORTIMÃO: R. Inf. D. Henri, 83 • Tel. 27151
2800 ALMADA: R. do Olivieiro, 9-C • Tel. 2755756
9000 FUNCHAL: Rua do Gargulho, 1 • Tel. 31077

AS CONFISSÕES DE LOUIS CALAFERTE

Um homem duplo



Louis Calaferte
(Desenho de Bérénice Clevee)

«**V**IVI doze anos em Paris e só lá fiz um amigo». De olhar inspirado e mãos nervosas, Louis Calaferte é um homem duplo. E por isso vai chamar **Miroir de Janus** ao próximo volume dos seus «cadernos». Ao ler **Le chemin de Sion** e **L'or et le plomb** percebe-se que gosta, ao mesmo tempo, de Joubert e de Léautaud, de Maine de Biran e de Elias Canetti. «Uma pessoa sente-se muito pequenina ao pé desses homens».

Passa num ápice de ira à serenidade, da sombra à luz. É desse modo que escreve há já trinta anos,

em frases curtas e secas, como na sua peça **Les derniers devoirs**, ou longas e violentas, orientadas para esse «nenhures sem nome» de Rilke que parece assombrar a sua nova colectânea: **Ébauche d'un autoportrait**.

Em Lyon, para onde se retirou, apreciador de cães e de passeios nos cais do Saône, sobe por vezes ao «atelier» bem iluminado do seu amigo Truphémus, o pintor. «Não é nenhum virtuoso. Mas tem uma obra única, imensa. Começamos agora a descobri-lo, contra sua vontade». Também Calaferte tem trabalhado longe de querelas e de grupinhos. Os seus livros, que estão na periferia dos géneros, parecem-se com os títulos: **No man's land**, **Limitrophe**, **La vie parallèle**, **Campagnes**.

«Aos treze anos — diz —, conheci a fábrica. Entrei para uma pequena fábrica de pilhas eléctricas. Ficava fechado no escuro, num cubículo apertado, para misturar os produtos químicos. Tinha um avental de couro comido do ácido. O patrão só empregava gregos e mulheres. Decidi logo que a minha vida não ficava por ali. Assim que pude, sem tostão e sem conhecer ninguém, fui para Paris. A minha opção estava tomada, absolutamente: ia ser escritor».

Quando Kemp, Henriot, Kanter e Laporte saudaram o **Requiem des innocents** (1952), comparando Calaferte a Céline, sabiam que ele tinha desembarcado na gare de Lyon a 6 de Fevereiro de 1946 sem nunca ter lido um bom livro? «Fazia pequenos trabalhos... tudo, para pagar o quarto, que era péssimo. Um dia, numa livraria a Rue Caumartin, roubei um livro, **La main coupée**, de Blaise Cendrars. Foi uma revelação. Um choque. A vida corria naquele livro. Ao lê-lo, eu estremecia. Mande a Cendrars uma carta muito desajeitada. Respondeu-me imediatamente com a sua escrita tremida, comovente, da sua única mão, a esquerda: De que necessita? Admirável. E também Kessel, que boa pessoa! Dei-lhe o manuscrito do **Requiem**, sem mesmo passar à máquina. Ele pagou à dactilógrafa para o passar e pediu-me que

escolhesse: Julliard ou Gallimard. Para sair mais depressa, escolhi Gallimard».

Uma espécie de exercícios espirituais

Calaferte entra para o grupo da Julliard com Vidalie, Lanzmann, Fallet e Arnaud, que se tinha lançado com **Le salaire de la peur**. Em vez de pagar mensalidades aos seus autores, Julliard liquidava-lhes as rendas de casa, o gás, a electricidade, o carvão. «Obrigava todos os autores a escrever um livro por ano. Sob a pressão da exigência, fiz à pressa **Partage des vivants**. Foi um fracasso. Necessitei de dez anos para acabar o seguinte, **Septentrion**. Entretanto, Julliard tinha morrido e encontrei-me sem editor. Nadeau levou o meu manuscrito a Tchou e este publicou-o. Mas **Septentrion** teve uma difusão clandestina, por causa da censura. Bem gostava de o ver reeditado».

Julliard tinha-o metido nalguns salões. Mas Calaferte suporta com dificuldade as pessoas mundanas, a sua futilidade, as suas intrigas. «Em 1958 deixei Paris, onde nada me retinha. Voltei para perto de Lyon. Precisava de silêncio, de solidão. Tenho passado o tempo a escrever, num exílio interior, a reler Amiel ou Schopenhauer. Mas nenhum escritor me dirigiu, nem no trabalho nem na vida. Sofri influências apenas do momento, nascidas do entusiasmo».

Desde 1956 que Calaferte faz uns **Carnets** que publica tal como saem, sem retoques. Neles comenta as suas leituras, conta as suas doenças e angústias, e, principalmente, mediante uma espécie de exercícios espirituais, vai fazendo uma longa marcha para a pacificação. «Com **Ébauche d'un autoportrait**, que se compõe de textos que se me impuseram como pesadelos, tive a desagradável sensação de estar a remexer em coisas antigas. Esse homem que vagueia de cenário em cenário,

obcecado por uma graça talvez impossível, perseguido pelos seus medos, não há dúvida que sou eu próprio. E agora que já vou a caminho do caixão, prefiro crer que deixo o meu semelhante entregue a uma infinita regressão, da morte ao nascimento...»

RAPHAEL SORIN

A retórica e o terror

Na banalidade das situações e na vulgaridade dos cenários em que decorrem, os contos de Louis Calaferte produzem um espanto sem rosto que se vai destilando lentamente. Espreitado por «gordos vermes brancos, carnívoros», transformado em cabide ou abalado com a descoberta de «minúsculas concreções» que sua mulher ia despositando no apartamento, o narrador, onnipotente, encolhe-se todo, mete-se na toca e sofre interminavelmente.

Os títulos destas histórias, que são outros tantos enigmas, podem dar pistas falsas, podem servir de isco: **A partida de xadrez no mar**, **Desenvolvimento de uma estratégia**, **Um hipotético ponto de junção**, **O que sucede lá fora**, etc... Vêm aumentar a inquietação com o seu malicioso rigor, que faz lembrar as fórmulas com que Scutenaire e Nougé designaram certas telas de Magritte.

A retórica e o terror vão lado a lado nestas fábulas que transformam os gestos familiares e os objectos usuais em instrumentos de um destino incompreensível. Sem subir de tom, com uma voz incolor e sôene, Calaferte fecha-se conosco numa engrenagem infernal. Estamos no fundo do poço onde o pêndulo de Edgar Poe continua a baloiçar. Como sair?

R. S.

* Ébauche d'un autoportrait, de Louis Calaferte. Denoel, 197 p., 68 f.

Vinicius de Moraes
numa carta-prefácio
de Alexandre O'Neill

QUANDO estive-
res, da primeira
vez, por aqui
dando show,
umas grandes
(loiras e morenas
notáveis, como
diria Mestre Carlos, mas gran-
fas), comentando os preços da
boate onde, em duas ou três
sessões, te produziste com a tua
turma, disseram ou fizeram di-
zer; «Quem não tem dinheiro,
não tem Vinicius». Vinicius, ví-
cios... Não ligués. Olha que elas
dispunham de muito bago. Esta-
vam era a ser desajeitadas na
maneira de te homenagear. Al-
gumas conheciam-te de ti o poeta
encaixilhado no sério. Char-
moso, mas, apesar de tudo, res-
peitável-respeitoso. Usavam o
teu «Soneto do Amor Total», não
como **tabatière à musique**, nem
como máquina de pensar, mas
como caixinha de arroubos,
entre as muitas outras que
sempre trazem na malinha, com
coisinhas para pôr ou tirar dor de
cabeça.

«Dessas, umas quantas mos-
traram-se decepcionadas,
ofendidas contigo por teres des-
cuido do livro à boate, do soneto
ao samba. E fizeram constar a
decepção, a ofensa que sentiam.
Não ligués. Estavam era mordi-

ndinhas de inveja perante a quan-
tidade de liberdade que, em cada
noite, produzias!

«Marcus Vinicius, ei vi-te
aquém e além-palco, con-vivi-
tigo. No Alentejo, que agora,
mais que nunca, aí de nós, é um
adjectivo, vi-te, convivi-te no teu
adimplório convívio. Estavas em
construção, como sempre não
definitivo. Tua felicidade teu riso
mais riso, era entre esse pessoal
amigo.

«Há muita gente por aí (tenho
medo que aumente!) que de ti o
que quer é o catorze, quer dizer o
soneto, e rejeita teu outro meio
de comunicar, que afinal é o
mesmo; tocar.

«Perceba, por uma vez, essa
gentilha, que o Vinicius poeta e
o Vinicius sambista são da
mesma igualha!»

Esta a carta-prefácio para Vi-
nicius de Moraes da autoria de
Alexandre O'Neill, datada de
Novembro de 75, e que consta
da sétima edição de «O Operário
em construção e Outros Po-
emas», agora lançada por Publi-
cações Dom Quixote na sua co-
llecção «Poesia Século XX».

Ouçamos, agora, o «Soneto
do Amor Total», não «como cai-
xinha de arroubos», mas como
um dos mais belos escritos em
língua portuguesa...

SONETO
DE AMOR TOTAL

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade
Amo-te, enfim, como grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente

E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo, de repente
Hei-de morrer de amar mais do que pude.



Vinicius de Moraes «por aqui dando show»

Manuel Scorza

Um retratista da sociedade peruana

José Guerreiro Martin

POR uma má distribuição das suas obras, por que os apologistas e aduladores do «boom» literário latino-americano não lhes têm prestado a devida atenção, e talvez ainda por uma trajectória muito pessoal e uma maneira de ser muito «sui generis» — a verdade é que Manuel Scorza, peruano, um dos escritores mais interessantes que escrevem em espanhol, tem sido injustamente esquecido.

Injustamente, pois. Até por Manuel Scorza, ao longo dos seus livros, tem vindo a concretizar uma teoria que deveria interessar a todos quantos se debruçam sobre os problemas dos povos. E a qual, muito simplesmente, se pode concretizar no seguinte juízo: a literatura é o primeiro território livre da América Latina.

«Somos a primeira cultura do mundo que conseguiu arrebatar a palavra às classes dominantes sem ter passado por uma revolução» — afirma, por exemplo, Manuel Scorza.

Declarando-se admirador e herdeiro dos grandes libertadores da língua castelhana

(Cervantes, Asturias, Borges, Carpentier, etc.), Scorza confessa-se filho espiritual daqueles que traçaram a fronteira entre um «antes» e um «depois» na literatura peruana (Ciro Alegria e José Maria Arguedas).

Situa-se também Scorza no território do mito, mito que, na sua opinião, é a resposta mais adequada a uma certa forma de loucura colectiva. Foi precisamente, aliás, nos grandes terrenos do mito que Manuel Scorza compôs o seu extraordinário ciclo épico de «A guerra silenciosa», cinco romances em que se narram o nascimento, a evolução e o trágico fim da desesperada rebelião camponesa do Peru, em 1960.

Reconhece o próprio Scorza que a literatura na América Latina prosseguirá pelo mito ainda por algum tempo, até que, finalmente, os homens despertem e se deem conta de que os latino-americanos existem num mundo onde existem computadores, bombas atómicas, rebeliões, terrorismo monopólios, etc.

Um período, enfim, de transição. Que Scorza já descrevera, por exemplo, em «La tumba del relámpago», e reite-

rou no seu último livro, «La danza inmóvil».

Neste livro, escreve Scorza: «Saíamos do tempo parado, do mito, para entrar no tempo enlouquecido da sociedade capitalista de hoje.»

Um livro que se diferencia dos outros seus livros? Uma evolução, digamos. Que assenta, em certa medida, e na nossa opinião no facto de Scorza ter sido um militante activo da FOCEP (Frente Obrero, Campesino, Estudiantil y Popular), organização que ajudou a criar e pela qual se apresentou como candidato à vice-presidência da República nas eleições gerais de 1980.

«La danza inmóvil» é um romance extremamente belo, onde a escrita assume a poesia, e no qual a temática amor-revolução é desenvolvida por Scorza com pena de mestre. Ai coloca o autor um problema muito importante: o direito de viver, o direito de viver uma vida que não seja assombrada pelas promessas da religião, da política, da história — «de futuros, enfim, cada dia mais longínquo e que nos fazem viver um presente cada dia mais horrível em nome de paraísos que se afastam...»

Como contraponto, temos, neste romance, Nicolás, uma personagem que morre pelas suas ideias. E como fundo, simplesmente isto; tentar ser feliz é um dos actos mais subversivos e revolucionários que podem porventura existir. Pode dizer-se, tendo tudo isto em consideração, que a literatura de Manuel Scorza é mais social que política. Uma literatura de compromisso, precisamente porque o maior compromisso de um escritor, na opinião de Scorza, deve ser a literatura, e também porque (é ele quem afirma) não há que existir uma literatura desprovida de compromisso uma vez que a literatura é também precisamente um reflexo da realidade. Assim, e posto que a vida é movimento e evolução, os homens também o são.

Em Manuel Scorza (e é bom que atentemos em tal), o grande fresco que começou a pintar em «Redoble por Rancas», apresenta hoje aspectos de transição, elementos evolutivos. Os tipos heróicos do ciclo épico «La guerra silenciosa» deram lugar a homens que têm dúvidas, embora haja o contraponto de Nicolás que não as tem: «se eu voltasse a

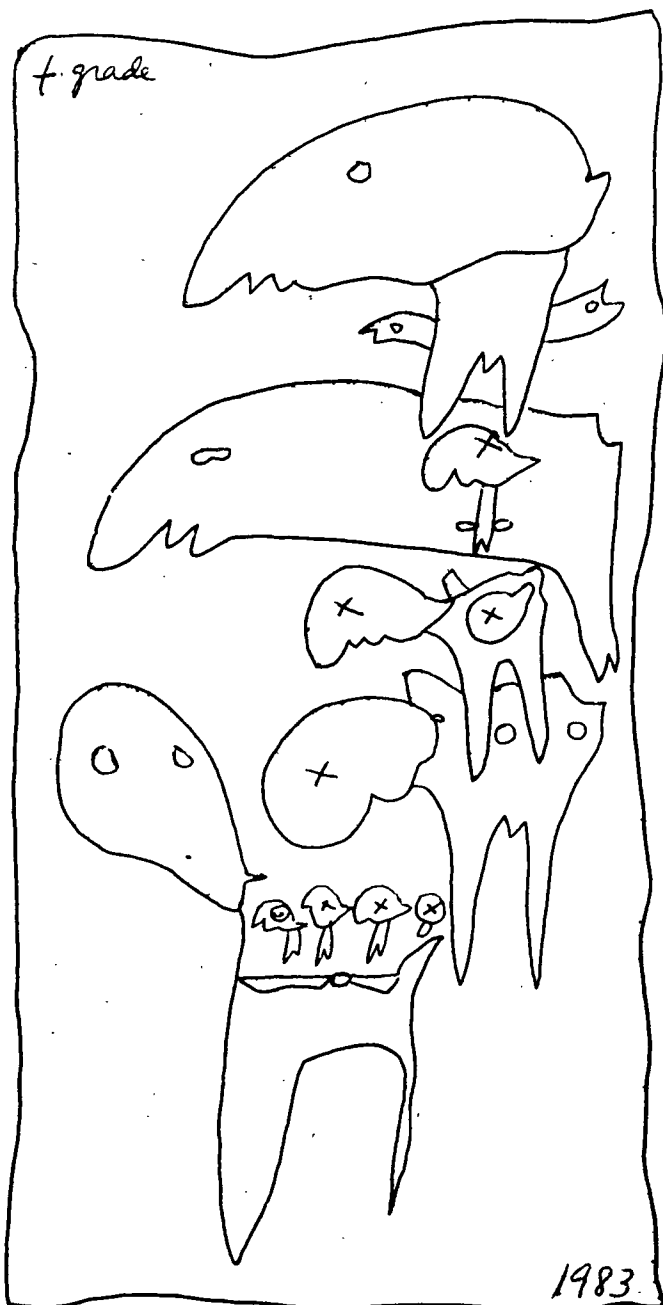


nascer, repetiria os mesmos gestos, viveria a mesma vida, acariciaria a mesma mulher, viveria esta mesma morte...»

Tanto nos cinco romances anteriores como no último (cujas personagens são um escritor e a sua criação: o guerrilheiro guevarista numa fan-

tástica fuga pela teia dos rios amazónicos), Scorza demonstra ser um narrador rigoroso e lúcido (pouco usual, até, na realidade peruana e latino-americana, essa realidade que não raro escapa homem da Europa, pressionado como está pelos problemas do seu continente.

C afirm
coisa:
entre
enco
gia»
Scor
prop
dem
de e



Por um universo maternal ou não estou disponível para as navalhas

AINDA não é tempo de fugires para a pastorícia por agora estás cercado de cimento mas nunca deixes de fazer projectos de viagens longas afagar os tigres de escamar frutos ou corpos (corruptos ou carnívoros — os corpos são um alarme de estevas, civilização e dedais cúbicos alto frenesim das sempiternas gaivotas e cipreias); entretanto não te esqueças de psicanalisar os discípulos de Freud e o Freud também, a sua memória em fogo e larvas: a vigilância é sobre todos e em tudo e mormente em ti próprio. Não te esqueças de viajar muito vigia as estradas crítica os tigres sonâmbulos ataca em especial os que transportam as bandeiras e dizem que são os únicos e abnegados moços de fretes dos grandes estandartes e alquimias. Ainda não é tempo de desertares para a pastorícia.

Estoril-Dezembro de 1981

(Do livro no prelo «O BANDO DA PAPOILA» — Edições Mic)

Fernando Grech

**PRÉMIO
PARA O MELHOR
LIVRO
ESTRANGEIRO
ATRIBUÍDO
EM PARIS
AO ROMANCISTA
ARGENTINO
BIANCIOTTI**

O prémio para o melhor livro estrangeiro foi atribuído em Paris ao romancista argentino Hector Bianciotti pelo seu sexto livro intitulado, na versão francesa, traduzida do espanhol por François Rosset, para a Galimard «L'Amour n'est pas aimé».

Hector Bianciotti havia já sido «Prémio Médicis» estrangeiro com o seu «Tratado das Estações» em 1977.

Trata-se, desta vez, de uma selecção de novelas, uma das quais foi, pela primeira vez na vida literária do autor, redigida directamente em francês. O livro contém igualmente dois retratos imaginários de Valéry Larbaud e de Rudyard Kipling.

A obra premiada obteve 7 votos do júri constituído por escritores, críticos e especialistas editoriais, contra 6 atribuídos ao livro «Sarnia», do inglês G.B. Edwards.

«Camões à la Renaissance»

«Camões à la Renaissance» — E. Gulbenkian, através do seu Centro Paris, acaba de ser publicada a coleção Colóquio Internacional sobre «Camões» realizado na Universidade Livre de Instituto para o estudo da Renascença que decorreu em Novembro de 1980 Fundação Calouste Gulbenkian.

O Trabalho abrange a publicação Colóquio por H. Plard: «Camões e a gal», por S. Cornil; «O Humanismo na José V. Pina Martins; «Camões» «co myth», por J. Van den Besselaar; «C étique do desejo nos Lusíadas», por J e finalmente, «Ficção e realidade no mut.

Prémio «Vértice»

Quase duas dezenas de revistas literárias instituído pela revista «Vértice» aniversário da sua publicação, cujo prénome no último dia de Março.

O prémio, no valor de 150 contos, ficção e será atribuído até 30 de Maio pelo director de «Vértice» João Cortes Lepecki, Oscar Lopes, Carlos Reis

Número 452 da

Está já à venda o n.º 452 da revista meses de Janeiro/Fevereiro de 1982.

Este número dedica integralmente «dos e Ensaio» à questão do património Álvaro Siza, A. J. Nabais, José Meo-ria José V. Gonçalves/Maria Manuel

Em «Criação Literária» assinala-se Viale Moutinho, Margarida Gaspar

Arquimedes Silva Santos (em car- retoma a discussão sobre os prin- Vértice.

Em Revista, o leitor poderá ainda Lugares Transitivos, Crítica de Livros em Revista, Outros Modos, I

O NOVO TESTAMENTO

Dois apólogos teológicos de John C. Blood

REPITAMOS em coro: «O Diabo seja conhecido!» — e «O Diabo seja conhecido!»

ressoa duplamente nas abóbadas cisternadas. Uma humildade sulfurosa impregna as narinas dos fiéis. A aparição concretiza-se num ápice. Uma figura com o dobro do tamanho de um homem normal, uma máscara encarnada a tapar o rosto e um rabo terminando em ponta de seta, surge no altar, segurando um cálice de fogo. O cheiro a enxofre é mais intenso.

— Irmãos, diz ele. O fim dos tempos está próximo. Sabeis o que isso significa? Que o meu fim está a chegar pois, como sabeis, tenho duração limitada. O meu tempo depende do vosso. Só enquanto existir o Homem, susceptível de tentação, a minha existência se justifica. Ora, se sou o Diabo não sou o Parvo! E por isso venho pôr-vos muito sinceramente, e de coração nas mãos, o meu problema...

... posto o que, abre o peito, tira o coração com as mãos e apresenta-o à assistência: um órgão negro, deitando uma luz amarelada e um cheiro fétido.

— ... que é o seguinte: como qualquer ser vivo, não estou disposto a dar a minha vida de qualquer maneira. E mais: o meu objectivo é a vida eterna. Como consegui-la? Eis a única forma: suprimindo o mal. Se o fizerdes, Deus não terá qualquer justificação para acabar com o mundo — e eu poderei continuar, inspirando este pecado supremo que é: fazer o bem para impedir a consumação do Reino de Deus na Terra!

NOTA: parece que o mundo acabou, apesar disto. É que Deus, informado desta intenção do Diabo, passou a inspirar todas as más acções que se cometeram desde que o Diabo aboliu o pecado.

Falso Apocalipse

Fui acordado pelo crocitar dos corvos na minha cabeça. Levantei-me e, com espanto, verifiquei que o meu corpo continuava deitado. Um dos pássaros comia-me o olho direito; o outro olho estava reduzido, já, a um buraco gelatinoso por onde saíam restos esverdeados do cérebro. O céu estava completamente branco: não se via o sol nem a lua e, ao longe, um buraco negro dava entrada às legiões prateadas dos

anjos finais. Com um gesto de mão mandei-os parar. Olharam-me, surpreendidos: manifestamente, era a primeira vez que tomavam contacto com um ser humano.

— Que quereis?, perguntei-lhes.

Não responderam. O da frente, que era parecido com o Gabriel das pinturas, ergueu a espada flamejante. O olhar queria fulminar-me. Cuspi para o lado e repeti:

— Que quereis? Acaso chegou o Juízo? Mas então onde estão os outros, os que deviam ser julgados comigo?

Atónitos, deram então porque a planície estava deserta — tirando o meu corpo que os corvos acabavam de devorar, e a minha alma manifestamente incomodada pois emitia uma luminosidade vermelha.

O mais velho (era, sem dúvida, Gabriel) respondeu-me então:

— Perdoar-me-eis, mas viemos aqui devido a uma informação falsa. Fomos guiados pelo toque das trombetas, mas apercebemo-nos agora de que o que ouvimos talvez fosse o ruído dos trovões; ou o grito que Lucifer costuma soltar na altura dos solstícios.

E, voltando-se para os outros: — Regressemos!

O ruído das asas e das espadas era impressionante! Antes de levantarem voo, arrastaram os pés pelo chão (estavam manifestamente desabitados de andar) como albatrozes infelizes, erguendo nuvens de poeira escura. Quando desapareceram, fechando a nesga do horizonte, fiquei só comigo. Peguei no meu cadáver e arastei-o até à margem do rio, onde o lavei. Nessa altura começava já a ter fome. Acendi uma fogueira e, com os meus próprios restos, preparei uma lauta refeição.

Durante uns dias, não teria que me preocupar com comida!

UM NOCTURNO DE THÉODOR FRAENCKEL

A sua vinda...

... Senta-te, se não consegues deixar de cair. Agasalha-te, que este é um rigoroso silêncio, feito de medos e de cardumes, ao longo das pálpebras te descobrem num descerrar de queimaduras. Avanças temeroso, tropeças no esquecimento, e sem soltar um grito lembras-te de um rio, como tamaras, que por ti escorre, sem

números. Lembra-te... Se o que se passa contigo, embora se pareça com o medo, não lhe consegues ainda dar um nome, ou tocar com o dedo, então deita-se tarde, levanta-te cedo, até que vejas pássaros verdes, que te cresçam pelos membros. Mesmo assim, não é ainda a Loucura, o que te tolda o pensamento. Nem sequer álcool, ou fumo. Mas incenso derramado no sotão de um idolo... Quantas cartas, dizes, atiraste à mesa? Para baralhar o destino?!... Mas ainda não é a Loucura — embora de longe, entre brumas, ainda o possas muito bem, um dia, vir a ser... É outra coisa, e bem diferente. O Ser. O Entendimento. O que sentes. E o que sêdes, tentas... Escadas que sobem até ao que não acaba aí, na sua queda, os Anjos, arrasta consigo (e ri), num murmúrio... Sem um nome contudo, ou um lamento. Antes Trevas que com a emoção apagam o Ocidente, o Ocaso, o Crepúsculo. É essa a atmosfera, submisso, que te entregas ainda.

ceu perturba. E o tempo das asas desorbita-se, enquanto a boca do pássaro ri, desmedida (tal um batráquio, gordo, que pingue das nuvens). E então pergunta-se: O que é isto? O que passou por aqui, para aqui deixar (retinto) a marca da sua vinda? O riso divino ou a pena suja (de uma loucura)?... Então, tudo se torna inesperado e súbito. No calor da Tarde, ao sentir que o Sol me partilha, era Outro que me suspendia, por instantes, da Escrita. Fazia-o como um intervalo rigoroso. Imperceptível, um deslize... Mesmo conhecendo-o não lhe cederei, contudo. Nem a ele me entregarei com a prontidão que em mim intuí. Antes, os portões irei abrir, um a um; domesticarei as tocas, enlutarei os mamíferos; dormirei, até que um anjo flutue (simples). Só então estarei disponível para o que de mim exige. Até lá, quanto tempo não terá passado? Ter-se-ão enferrujado as axilas, deteriorado o delírio? Que o clima ir-me-á fustigar, abrir as asas, de modo a

tigo? Despenhar-me-ei. Respeitarei os pássaros e o seu grito. Com eles aprenderei o seu íntimo sítio.

NOTA: Os QUATRO ELEMENTOS EDITORES lançaram recentemente a plaquette O Convidado de Drácula e outras histórias onde, além de um capítulo inédito do Drácula de Bram Stoker, se incluem textos de John C. Blood e Théodor Fraenckel. John C. Blood (1867-1914) nasceu e viveu em Londres, frequentando a alta sociedade onde se cruzou com um Oscar Wilde, uma Sarah Bernhardt, os irmãos Rossetti, entre outros. Mas não foi essa a sua opção estética — a do gosto vitoriano de um puritanismo que, no caso dos últimos, roçava mesmo o angelismo; Blood dedicou-se ao estudo das doutrinas satânicas da época, tentou inscrever-se na Golden Bowl, correspondeu-me com Sâr Paludan, e passou os últimos anos da sua vida numa semi-reclusão de que só saiu para tentar alistar-se no corpo expedicionário britânico que interveio na I Guerra Mundial, tendo caído numa das primeiras vagas de assalto contra a infantaria



Caravaggio (1573-1610)

E dela, à deriva, desdigo-me. Escrevo com facilidade de uma retórica fluida, toda ela à tona de água (como um brilho, limpa). Por vezes um pássaro desce dos ares; senta-se à nossa mesa. Depõe, sobre nós, o seu Nome. Nuvem. A permanência de um grito, nas asas, que o céu confundem. Do mesmo modo o pensamento é um cimo, lume que o

que, no centro das espáduas, se concentre o desconhecido? E se nada suceder, nada disso?; se o sono não se tornar receptivo?; se o olhar não se fundir, evasivo, e se à sua parte de dentro não se vier a opor o horizonte (um abismo)? Ainda exigirás de mim que te diga a queda e o detrito? Que me despenhe e o mito limite? Que me confunda íntimo con-

alemã juntamente com um curso inteiro de Oxford, que constituía o seu batalhão. Théodore Fraenckel (1900-1950) constitui, hoje ainda, um dos personagens mais obscuros do chamado surrealismo belga: em vida publicou apenas uma obra (La Géante, ed. Les Lèvres Rouges, Bruxelas). The Impossible papers (Bruxelas & Londres) têm recolhido, postumamente, parte da sua obra dispersa (por jornais e revistas).

Camões

ance» — Em edição da Fundação do seu Centro Cultural Português de Madrid a colectânea de trabalhos do poeta «Camões à la Renaissance» — Livro de Bruxelas (trabalhos do Renascimento e do Humanismo) e de 1980 sob os auspícios da Fundação.

publicação de Apresentação do Camões e a Renascença em Portugalismo na Obra de Camões», por Camões» «concept of epic poetry and of the human and the divine» — por Jacinto do Prado Coelho; «Camões nos Lusíadas», Roger Bis-

«Vértice»

e originais concorreram já ao prémio de «Vértice» para assinalar o 40.º aniversário, cujo prazo de concurso terminou em 30 de Maio, por um júri constituído por José Cortesão, e por Maria Lúcia Reis e Álvaro Salema.

52 da «Vértice»

2 da revista VÉRTICE, referente aos primeiros anos da vida da

regionalmente a sua secção de Estudos do património cultural: artigos de José Meco e Herlander Tomás/Maria Manuel Leitão Marques.

assinala-se a colaboração de José Gaspar e Joaquim Lagoeiro.

os (em carta enviada à Redacção) os primeiros anos da vida da

podrá ainda encontrar as rubricas de Livros, Revista das Revistas, Modos, Perfil e Notícias Vértice.



Intimidade da fala

Wanda Ramos

Que tivesse chegado só mesmo naquela noite: chovia.

E que tivesse adormecido nas minhas mãos enquanto te espreitava, há muito que deixei de supô-lo. Poderia ter-te retomado ainda a bel-prazer, tal e qual, como quando em madrugadas outras e longas olhara imobilizar-se o teu corpo como sombra sorridente. Não chovia então nem era esse posterior frio dum Outubro compungido, apesar de ser exactamente o mesmo prisma das paredes, nem suspeitaria de que em poucos meses anos viriam a conter-se, e muitos terão já passado agora, ora que as palavras se urdem exasperadas tão-só em busca de eloquência, afrouxada intimamente — que digo, esquecida impertinentemente — a urgência desatinada dessa noite: chovia.

Que tivesses vindo enquanto chovia na cidade e dentro em casa as paredes se comprimiam pelo hábito de ninguém as aflorar. Que tornasses um dia a entrar no sono enquanto te corria o meu olhar, já não esperava, nem quereria, tinham as minhas mãos entretanto perdido essa vontade de repouso.

Que não virias então, sabia. Enquanto chovia, ainda que não chovesse.

(Em edição & ETC./subterrâneo três)

A anatólia de Yilmaz Güney



Yilmaz Güney
(Desenho de Cagnat)

paraíso nasce pouco a pouco da terra e do ar; mas é um paraíso inacessível e intocável: o extenuante labor dos homens não lhes consente que o gozem. Mas a coragem, a lucidez e a vontade de libertar-se não faltam a alguns. A Halil, por exemplo, que voltou à aldeia depois de três anos de serviço militar e está bem decidido a não viver ali como um bicho, a conservar a sua dignidade contra o poderio dos aghas e a obter para si uma aparência de felicidade e de vida possível. E também a Remzi, um rapazinho com qualidades para o estudo, que deseja fugir à sorte que o ameaça e faz todos os dias, com chuva ou com vento, seis quilómetros a pé para ir à escola. Ou a Eminé, a jovem camponesa que ama Halil e diz — a ingénua! — que nesta vida e nesta aldeia deve haver uma maneira de ser feliz ou infeliz a dois e não sozinho.

Mas as forças mortais — principalmente a doença, que leva os muitos jovens —, a terrível inércia da submissão aos aghas, o gradual desaparecimento dos seus melhores companheiros, acabam por levar a melhor sobre os propósitos de Halil. O sonho de uma felicidade partilhada com Eminé num quarto sem recheio desvanece-se pouco a pouco perante um facto muito simples: Halil vive num estábulo com os animais e nada tem para lhe oferecer. Pode-se, pelo menos, lutar contra homens ou contra a miséria física. Mas não se luta contra mentalidades arcaicas, contra muralhas mentais. Pois os próprios costumes dos aldeões se opõem à possível liberdade de cada um. A hegemonia sem escrúpulos dos aghas vem juntar-se a hegemonia ainda mais desumana das tradições e dos tabus que, por exemplo,

tazem da virgindade uma condição sine qua non para casamento. Virgem ou prostituída: a mulher não tem neste mundo arcaico outra alternativa. Por fim, Halil não tem outra solução senão ir-se embora um dia — ele, que tanto acreditara no regresso à sua aldeia! — e expatriar-se.

Este livro tem uma força singular. De facto, apesar do clima desesperado, ou até desesperante, de certas páginas, apesar da resignação e da miséria, sempre presentes, temos a sensação de ter sido atirados para o âmago de uma vida tão intensa e tão amorosamente descrita e para junto de umas personagens tão presentes e tão densas que devoramos estas páginas uma a uma como um conto das mil e uma noites da Anatólia sem véus. Yilmaz Güney, mais conhecido em França como realizador de filmes — visto que o seu *Yol*, imaginado e escrito na prisão, teve a Palma de Ouro do Festival de Cannes —, revela-se como escritor de primeira grandeza, como narrador muito atento ao mínimo pormenor da natureza e das estações, como fraternal decifrador da miséria dos outros. Porque, bem entendido, ele não é só o cantor destas sombras desencantadas, é seu irmão. Traz-nos, com uma escrita densa e justa e com imagens luminosas, o drama destes homens e mulheres esquecidos e anónimos. Homens e mulheres que graças a ele têm por fim rostos e nomes.

JACQUES LACARRIÈRE

* Les champs de Yureghir de Yilmaz Güney. Romance traduzido do turco para francês por Alfred Depeyrat. Ed. J.C. Lattès, 300 p. 85 Fr.

Um paraíso inacessível

Apesar de tudo, a Anatólia de Yilmaz Güney pode, em certas ocasiões ser bela. Na Primavera, os planaltos cobrem-se de milhares de flores resplandescentes e perfumam-se com mil inescrutáveis odores. Um verdadeiro

UMA paisagem de planaltos anatólios, infinita e impiedosa. Terras inundadas ou tórridas, duras e hostis. Aldeias com casas em que os homens e animais se acotovelam na promiscuidade de uma milenária crosta de sujidade. E em toda a parte uma pobreza tão incrustada na pele e na alma que condena os habitantes dessas aldeias a ir vegetando sem esperança de melhoria ou a exilar-se em terras estrangeiras. Uma miséria que, principalmente, entrega os camponeses, logo à nascença, ao insolente poder dos aghas, grandes latifundiários cujos filhos delapidam alegremente nas cidades o dinheiro

obtido à custa do labor dos pobres. A terra de Yilmaz Güney é bem a mesma de Yachar Kemal, uma terra desgastada e maldita, povoada de milhares de camponeses humilhados por vexames e onde só raros indivíduos têm coragem para dizer não ao que a todos parece uma fatalidade.

Cinco anos de poesia de Artur Lucena

«PIANO D'ÁGUA», de Artur Lucena, editado por Litexa, é uma retrospectiva de cinco anos de poesia. O autor é fundador da revista de letras e artes «Sílex», da qual, aliás, é director. Quando da publicação de um outro livro seu, «Concerto para um amanhecer», escreveu Jacinto Prado Coelho: «Foi uma bela surpresa ler 'Concerto para um amanhecer'. Não conhecia os seus livros anteriores; este parece-me revelar sem hesitações um poeta autêntico, origina sem ostensivas novidades experimentalistas, conjugando a alquimia da escrita, a força de metáforas e anáforas, com o humano da vida vivida, solidariamente sentida e projectada». Evidentemente que tal livro se encontra integrado em «Piano d'Água».

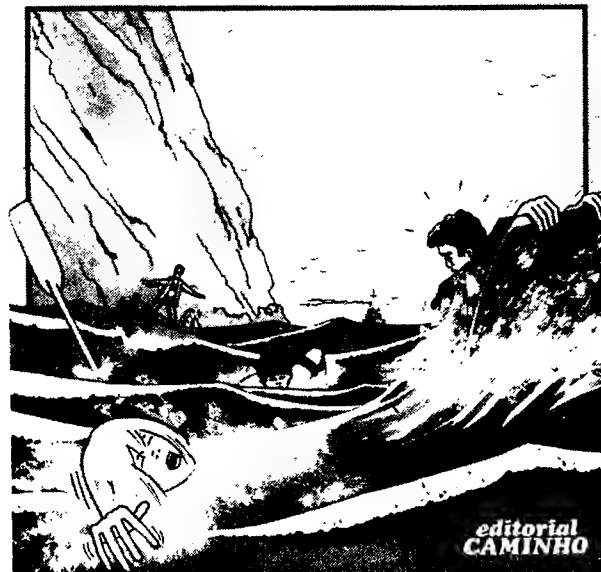


AS LETRAS EM DIA

Uma aventura

Ana Maria Magalhães
Isabel Alcáide

na falésia



NA COLECÇÃO «uma aventura...», da Editorial Caminho, acaba de sair «Uma aventura na falésia», de Ana Maria Magalhães e Isabel Alcáide. É o terceiro volume da mencionada colecção, intitulando-se os dois anteriores «Uma aventura na cidade» e «Uma aventura nas férias de Natal». A publicar, anunciam-se mais dois: «Uma aventura em viagem» e «Uma aventura no bosque». As ilustrações do volume agora publicado são de Arlindo Fagundes.

«FINGIDOR» (Cadernos de Literatura), das Edições MIC, vai no número 2. Nomes compreendidos neste número: Andrade Santos, António Salvado, Augusto Lagos, Bernardo Baguinho, Ema Símplicio, Fernando Grade, Gonçalo Salvado, Isabel Salvado, João Tareco, Joaquim António Emídio, José-Alberto Marques, José do Carmo Francisco, J.O. Travanca-Rego, Levi Condinho, Luís Filipe João, Manuel Banet, Mário Machado Fraião, Paulo Brito e Abreu, Paulo Freire, Raul de Carvalho e São Banzo. Um caderno que merece leitura.

FINGIDOR
2

(CADERNOS DE LITERATURA)

ANDRADE SANTOS • ANTONIO SALVADO • JOAQUIM ALBERTO EMÍDIO • JOSÉ-ALBERTO MARQUES • JOSÉ DO CARMO FRANCISCO • J.O. TRAVANCA-REGO • LEVI CONDINHO • LUÍS FILIPE JOÃO • MANUEL BANET • MÁRIO MACHADO FRAIÃO • PAULO BRITO E ABREU • PAULO FREIRE • RAUL DE CARVALHO • SÃO BANZO

Edições MIC
Colecção Literária

NOVA EDIÇÃO DA GULBENKIAN: «SISTEMAS POLÍTICOS AFRICANOS DE PARENTESCO E CASAMENTO» — Em edição da Fundação Gulbenkian, através do seu Serviço de Educação (Plano de Edições), acaba de ser publicado o importante trabalho dos Professores A.R. Ra. 'Iffe-Brown e Daryll Forde, em tradução de Teresa Brandão. Trata-se de uma segunda edição deste trabalho a pedido da Organização para a Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas, o «International African Institute» submeteu um relatório descrevendo uma série de projectos de investigação, que aquele Instituto estaria disposto a aceitar em colaboração com a Unesco.

Um destes projectos «era a publicação de um volume consagrado aos estudos de parentesco e casamento num certo número de sociedades africanas mais representativas, volume que deveria ser publicado em inglês e francês. A sua publicação faz-se de novo dado o interesse despertado por tão valioso trabalho sobre «as populações que vivem e pequenos grupos e tiram o seu sustento pela utilização de instrumentos rudimentares» em que «o parentesco reveste-se de grande importância».

Esta obra, num total de 521 páginas, aborda os seguintes importantes temas: O Parentesco entre os Swasi, por Hilda Kuper; O Parentesco Nyarisa por Mónica Wilson; Parentesco e casamento entre Tswana, por I. Schapera; O Parentesco e casamento entre os Lozi da Rodésia do Norte e os Zulu de Natal, por Max Gluckman; Alguns tipos de estrutura familiar entre os Banos do Centro, por A.I. Richards; Parentesco e Casamento entre os Ashanti, por Meyer Fortes; Dupla filiação entre os Yako, por Daryll Forde; Filiação bilateral nos Montes Nuba, por S.F. Nadel; e Parentesco e a comunidade local entre os Nuer, por E.E. Evans-Prothard.

Diário de Lisboa

Especial aniversário

DOSSIER

Os Verdes estão a “descer” para Portugal?

Longe da capacidade de mobilização dos seus congéneres europeus, e particularmente da RFA, os grupos ecológicos existentes em Portugal olham, com evidente interesse, para o exemplo externo. Para eles, trata-se de mais uma motivação na busca dos caminhos certos para a sua afirmação na sociedade portuguesa. Encarados como «grupos folclóricos» pretendem desmistificar essa imagem e ser acusadores de um modelo de desenvolvimento económico que tem progressivamente degradado o meio ambiente.

Págs. 2 a 5



Entre a aldeia de «fellahs» de um arredor do Cairo e um turismo histórico caçador de divisas, um país de mistérios e de labirintos, cheio de projectos mas transportando uma dura realidade.

Visto do Cairo, o passado é um labirinto

Págs. 12 e 13

Ecologistas portugueses: do exemplo



António Gonzalez: «sinto-me um pouco como o Martim Moniz»...

Bona, 30 de Março de 1983: por entre uma multidão entusiasmada, vinte e sete homens e mulheres dirigem-se para o «Bundestag» — Parlamento da Alemanha Federal. Eles são os deputados ecologistas, porta-vozes de novas preocupações, anunciadores de uma nova luta. Cabelos desalinados, «jeans», camisas abertas irrompem na moderna sala repleta de políticos engravatados. A alguns milhares de quilómetros, no mesmo dia, em Lisboa, jovens ecologistas portugueses reúnem-se numa sala repleta de autocolantes, onde um sol sorridente e poliglota é peremptório: «Nuclear? Não obrigado». Os meios são diferentes, a luta é a mesma.

EM questão, em Bona e Lisboa, está a sociedade contemporânea, o seu funcionamento político e social, o modo de vida que criou. A interrogação maior será a de saber qual o preciso significado da vida humana numa sociedade que transformou a vida do Homem numa luta constante contra a Natureza, numa procura insatisfeita de novos recursos. Subjacente, fica em xeque um modelo de desenvolvimento económico, assente num determinando sistema técnico produtivo, no modo de produção industrial.

Por isso, por a ecologia ter sido a primeira ideologia que se construiu sobre um problema de limites físicos, a sua resposta é a procura de um novo modo de produção.

Por isso, as formas de intervenção dos ecologistas nada têm a ver com os parâmetros de organização e participação sociais comuns à era contemporânea. Reivindicam o direito à diferença, pelas suas preocupações e objectivos, mas também pela sua prática. Daí que o Poder os encare com desconfiança. Na RFA e em Portugal.

Dar a iniciativa ao cidadão

Foi sob este lema que, em 1972, reunidos em torno de questões concretas, como a construção do aeroporto de Frankfurt, um grupo de cidadãos alemães ocidentais formaram os «Burger Initiative» — «Iniciativas do Cidadão».

Caracterizados por uma prática parainstitucional, os «BI» desenvolvem uma série de actividades, que vão desde manifestações a acções em tribunal. No entanto, dão o primeiro sítio de desconfiança para com as estruturas tradicionais de representação social e política, incapazes de responderes às suas observações sobre a necessidade de conservação do meio ambiente.

Mais tarde, alguns destes comités passam a coordenar a sua acção em todo o território, constituindo a Federação para a Protecção do Meio Ambiente, «BBU». Estava, assim, lançada a «rede ecologista».

Em 1977 a defesa do meio ambiente continua a congregar esforços e personalidades. Sectores provenientes de diversos partidos políticos encabeçados

por um deputado democrata-cristão, Herbert Gruhl, fundaram a «Acção Verde para o Futuro». No banco dos réus está, mais uma vez, uma industrialização arbitrária e indiscriminada.

Um ano mais tarde, verifica-se a confluência de outras formas diferentes, nos seus objectivos e métodos, de intervir na sociedade: grupos de mulheres, os «alternativos», os pacifistas dão o seu contributo. Todos os movimentos associativos que se tinham desenvolvido nos últimos dez anos nas franjas da sociedade alemã estão agora mais solidários. No entanto, todos estes movimentos apenas se encontram tacticamente unidos, mantendo práticas diferenciadas e objectivos próprios.

A decisão da NATO de 1979, de instalar mísseis no território alemão federal, e a corrida aos armamentos fazem-nos «saltar» para as primeiras páginas dos jornais: as adesões de militantes do SPD multiplicam-se; concorrendo às eleições em Bremen e Baden-Wurtemberg, candidatos «Verdes» são eleitos para os parlamentos regionais.

O fim do «mal menor»

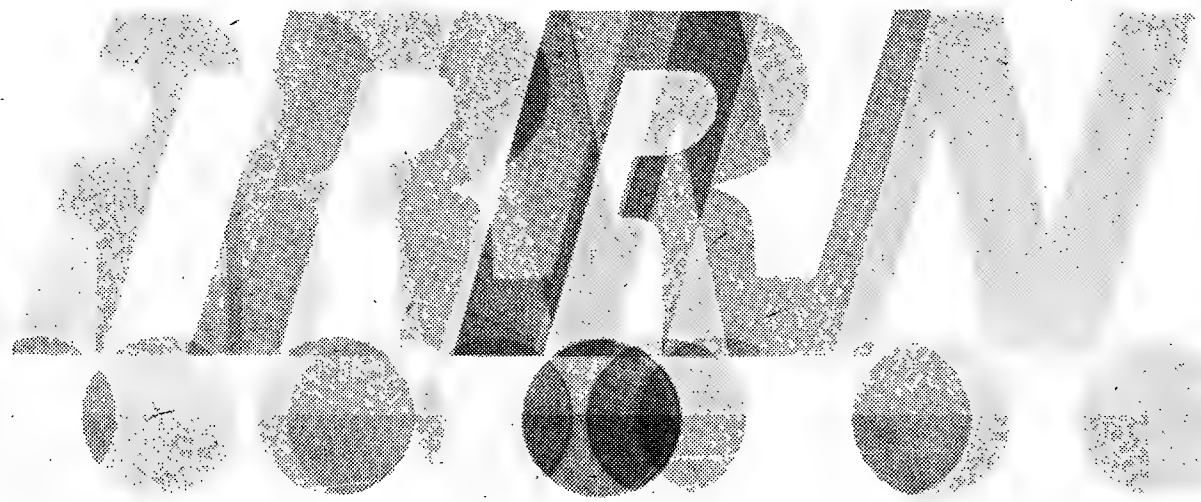
As vitórias das «Organizações

Regionais Verdes» vão frutificar: em 1980, em Karlsruhe, alguns elementos decidem dar um prolongamento político a essa estrutura fundando um partido. Os ecologistas conservadores fazem então uma cisão e criam a sua própria estrutura, o Partido Ecologista Democrático, que não tem grande sucesso.

Nas eleições desse ano, o «voto útil» em Schmidt contra a Democracia Cristã retira aos «Verdes» uma grande parte do seu eleitorado: 1,5 por cento nas eleições nacionais da RFA e, no entanto, um claro indicativo da sua popularidade.

Popularidade que, segundo um estudo realizado sob a égide do Ministério da Família, Juventude e Saúde de Bona, atinge em especial a juventude alemã. Apenas 13 por cento dos jovens se sentem representados pelo governo e pelas forças políticas tradicionais. Por outro lado, e de acordo com o mesmo relatório, 82 por cento dos jovens da RFA pensam que são urgentes reformas para a salvaguarda dum meio ambiente no qual se possa viver.

Desde então, que as listas «Verdes-Alternativas» se vêm afirmando como força política diferente. Diferente, porque a sua



Um Jornal é como um amigo...

que gostamos de ver todos os meses, todas as semanas, todos os dias.

É também um trabalho conjunto.

Uma equipa. Presença constante que chega até nós, em forma de notícias, de reportagens, de informação.

Quando um amigo faz anos, damos-lhe os parabéns.

Assim, fazemos questão de participar na festa que assinala a passagem de mais um ano, na vida deste Jornal.

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

um esforço para vencer distâncias

externo à mobilização interna

luta e objectivos não são a conquista do Poder, nem a gestão. Ainda diferente, porque recusam o sistema tradicional de organização partidária: a direcção é assumida em «roulement», sem cargos fixos por um período superior a dois anos. Diferente, por fim, porque não aceitam sacrificar os seus princípios à tática política, ou, na versão de Petra Kelly, sua porta-voz, «porque já não nos resta votar no mal menor».

Portugal sem problemas ecológicos?

Com um crescimento industrial recente, estará Portugal imune a problemas ecológicos? Se apenas tomarmos em conta as movimentações dos grupos ecológicos poderíamos ter uma visão deformada da realidade.

«Existem problemas ecológicos em Portugal, o que não existe é movimento ecológico» afirmou-nos um dos «históricos» da ecologia portuguesa. Para António Eloi, dos «Amigos da Terra», existe movimento ecológico mas «os órgãos de informação reduzem as suas actividades a um aspecto folclórico. O movimento ecológico», precisa António Eloi «mais do que formado por ex-militantes é constituído por gente jovem que não se reconhece nas estruturas partidárias tradicionais e que buscam uma alternativa». Um outro ecologista afirmou-nos «que os partidos remetem para os programas das suas organizações de juventude as questões ecológicas, como se estas tivessem a ver apenas com a idade

das ilusões. A mecânica de alguns aparelhos políticos deste país não permite a qualquer movimento social independente uma expressão própria». E, terminando «assim, cada qual tem a ecologia que quer».

António Gonzalez, do «Movimento Ecológico Português-Partido Os Verdes», depois de referir o labor desenvolvido localmente, dentro e fora das autarquias, por uma série de pequenos grupos, dá-nos a sua perspectiva. Candidato a deputado por Lisboa, na «zona cinzenta» das listas da APU afirmou-nos que o seu trabalho «vai ser o do Martim Moniz: abrir as portas do Parlamento aos ecologistas, para que estes possam ter voz. Seremos porta-vozes das organizações de base já existentes. O nosso trabalho não é concorrente dessas organizações; será complementar».

De acordo com uma listagem que nos foi fornecida, existiriam em Portugal várias dezenas de grupos ou associações ecológicas. Contudo, muitos deles tiveram uma vida efémera, confundindo ecologia com outras actividades, fruto da sua fraqueza teórica e falta de informação.

No entanto, pontualmente, em zonas que se debatiam com problemas ecológicos, surgiram, depois do 25 de Abril, diversas iniciativas e alguns fracassos.

Oito anos já se passaram desde a constituição da Comissão de Luta contra a Poluição do Alviela (CLAPA), uma iniciativa seguida noutros pontos do país: Almonda, serra de Ossa, serra de Sintra, Cacia e Ferrel, este o ponto mais alto da mobilização,



A festa da vitória

em 1978, constituem, entre outros, marcos importantes de uma luta, denúncias de crimes ecológicos. Outro ponto importante foi a tentativa de construção de uma comunidade rural no Barão de S. João, ao pé de Lagos, numa iniciativa de José Carlos Marques, chamada «Renascimento Rural».

Um dos grandes problemas é a desflorestação», comenta-nos

um ecologista. «Devido aos incêndios e à indústria de papel que vai progressivamente substituindo pinheiros por eucaliptos, cerca de 1/3 do território está plantado com eucaliptais, destruindo-se diversos ecossistemas».

Presente triste futuro sombrio

Se o presente é triste o futuro

apresenta-se sombrio, pois as perspectivas de desenvolvimento económico, na sequência da divisão internacional do trabalho, trará para Portugal as «indústrias sujas» — poluentes.

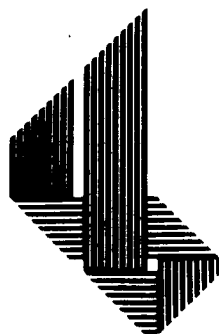
«Uma aceleração do ritmo de crescimento industrial vai favorecer o aparecimento de projectos megalómanos. Por isso, o Plano Energético Nacional e o Plano Siderúrgico são preocupantes para os ecologistas»,

adiantou-nos um militante ecologista da «primeira hora».

Por outro lado, e embora oficialmente ainda não esteja decidida a instalação de centrais nucleares em Portugal, correm insistentes rumores de que o eng.º Veiga Simão, director do Laboratório Nacional de Enge-

Continua na pág. 4

**A confiança do cliente
é a nossa razão de ser.
Queremos ser diferentes,
porque procuramos um relacionamento
mais directo
mais dinâmico
mais eficaz.**



**UNIÃO DE BANCOS
PORTUGUESES**

conte connosco



Um novo estilo no Parlamento

Os partidos pensam que as questões ecológicas têm a ver com a idade das ilusões

Continuação da pág. 3

nharia e Tecnologia Industrial (LNETI) teria já concluído acordos com técnicos da energia nuclear. Ainda neste campo, uma outra fonte afirmou-nos que verbas do LNETI destinadas a projectos e estudos sobre a energia heólica e solar teriam sido canalizadas para o domínio do nuclear. Por fim, segundo informações que nos foram confiadas, a EDP já estaria a proceder a estudos sobre a implantação de centrais nucleares.

A sombra do nuclear ganharia, assim, forma em Portugal. «Não devemos pensar que a adopção de energia nuclear vai resolver os problemas básicos da população portuguesa», afirmou-nos António Eloi. «Cerca de 20 por cento da população portuguesa, núcleos populacionais dispersos e isolados, continuaria a não ter electricidade».

E, sublinhando: «o nuclear não vai influenciar o desenvolvimento económico, mas sim escamotear a crise de um modelo de desenvolvimento que degradou o meio ambiente e não resolveu os problemas».

António Gonzalez que, a ser eleito, poderá dispor de voz no Parlamento, assegurou-nos, por seu lado, que lutará sempre contra o nuclear, «seja para que fins for».

A alternativa já existe

Os ecologistas rejeitam, assim, o «irremediável nuclear», como, ao que dizem, muitos apregoam. «Há alternativas», sublinham.

«É necessário uma política que diversifique o sistema produtivo, ligada ao espaço geofísico e geo-humano», afirmou convicto António Eloi. «A falta de aproveitamento dos resíduos só-

lidos de Lisboa implica o desaproveitamento de matérias que, devidamente utilizadas, poderiam alimentar cinco mil vacas e produzir 4 kw's/hora». Tudo isto assentaria na economia regional, implantando indústrias que tenham a ver com a realidade geofísica das regiões, ponto defendido pelos nossos interlocutores.

No entanto, os ecologistas não recusam o «reformismo tático», que passa por legislação e fiscalização, pelo tratamento de águas, reciclagem de subprodutos, etc. Neste aspecto, António Gonzalez precisou-nos que, em relação às indústrias já existentes, «devemos obrigá-las a recuperar, através de filtros e de sistemas de decantação, o meio em que as fábricas se inserem. Em relação às novas, teríamos que forçar as indústrias que fabricam bens úteis e duráveis no quadro do incentivo a constituição da pequena indústria e do artesanato». Como nos confidenciava um ecologista, é necessário demonstrar que é possível manter determinado nível de vida, adaptando as estruturas às pessoas.

Também neste domínio a realidade é triste. Vários técnicos com quem contactámos, e que desde há anos vinham trabalhando em projectos de recuperação de zonas ecologicamente degradadas, mostraram a sua tristeza e desagrado por o Governo ter privilegiado os «seus homens», muitos deles não qualificados.

«Temos um Ministério da Qualidade de Vida, mas a qualidade da nossa vida é cada vez menor», sintetizou ironicamente um técnico posto na «prateleira» e que espera, há vários anos, a promoção que lhe é devida.

Nuno Ribeiro

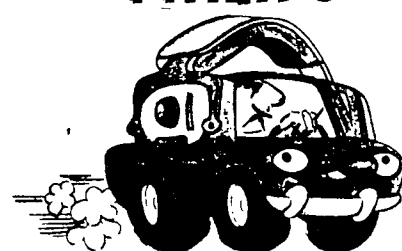
VIDRO É COVINA

Prémio Internacional de Tecnologia 1981 Oscar Europeu de Trabalho Troféu Internacional de Exportação



COVINA
Companhia Vidreira Nacional, SARL.
**Honra
a indústria
nacional**

Auto Rádio e Anti Roubo

**PHILIPS**

EXPOSIÇÃO, VENDA E MONTAGEM

CETRA

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL SARL

Concessionário PHILIPS para instalação de AUTO RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B — Olivais Sul Tel. 331022 1800 LISBOA

No Barreiro

“Ou couves ou gases”

Era com a dicotomia «ou couves ou gases», que, antes do 25 de Abril, o presidente da Câmara do Barreiro respondia às inquietações sobre a poluição do meio ambiente.

Muitos anos passados, ganharam os «gases»: esta podia ser a síntese de uma situação extremamente grave que hoje afecta os perto de cem mil habitantes daquela vila.

Desde 1907, quando se ergueu o «Império CUF», que as chaminés «vomitam» fumos. Com o desenvolvimento da própria empresa, com a multiplicação de unidades de produção, e sem qualquer controlo, a situação foi-se agravando.

Hoje, no Barreiro, os índices de poluição são superiores aos máximos autorizados nos países membros da Comunidade Económica Europeia (CEE), e regista-se um índice mais elevado, em relação à média do país, de doenças do foro respiratório.

A Câmara, segundo nos adiantou o vereador Armando Teixeira, espera que a «Comissão de Gestão do Ar do Barreiro e Seixal», criada há cerca de um ano, e na qual participam as autarquias, termine a sua fase de instalação. Entretanto, a própria autarquia já definiu um plano de Meio Ambiente, Saúde e Poluição e pensa realizar até fins do corrente ano, um seminário sobre o assunto.

Até à definição de novas normas, a fiscalização continuará a ser feita pelas empresas poluidoras, através de diversos postos colocados na zona.

Para minorar a situação, segundo afirmou ao «DL» um técnico do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI), haveria que mexer na estrutura de um parque industrial antigo.

«Questões como a altura das chaminés, temperatura e velocidade de saída dos gases, teriam que ser revistas.» «No entanto», ressaltou, «para além da poluição das chaminés das fábricas há outra dispersa que é originada pelo próprio circuito de produção e que leva à interrupção do trabalho por não haver condições técnicas».

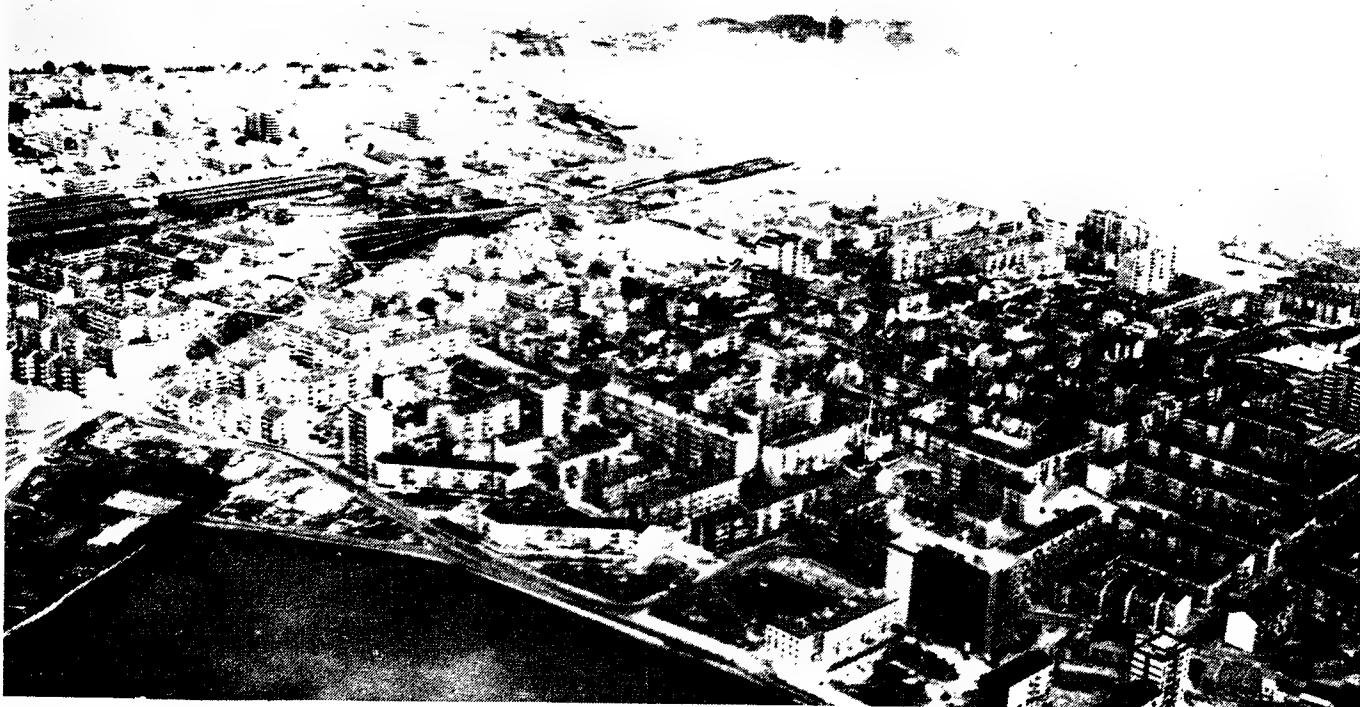
Uma destas situações extremas foi-nos confirmada pelo vereador Armando Teixeira. A paragem de trabalho de uma unidade da Quimigal — «Contacto 5» levou a que toneladas de dióxido de enxofre fossem expelidas para a atmosfera sem qualquer tratamento.

Por outro lado, se em relação à poluição gasosa há medidas corretoras, já a poluição hídrica não é controlada.

No entanto, segundo nos referiu um técnico, existe em Portugal capacidade tecnológica e conhecimentos para corrigir estas situações. Tudo se resume a um problema de verbas.

Até lá a população do Barreiro sofrerá na pele a consequência de uma industrialização imposta. Resta-lhes esperar que os ventos soprem do quadrante certo e levem, para longe, os «fumos do progresso».

N.R.



No Barreiro, os gases: a consequência de uma industrialização imposta

DIARIAMENTE

somos a companhia com mais voos à partida de Portugal.

Ligamos 4 continentes

EUROPA

Amsterdão
Barcelona
Bruxelas
Copenhaga
Frankfurt
Genève
Las Palmas
Londres
Luxemburgo
Lyon
Manchester
Madrid

ÁFRICA

Bissau
Brazzaville
Harare (Salisbúria)
Joanesburgo
Kinshasa
Luanda
Maputo
Sal

AM.SUL

Bahia
Caracas
Rio
Recife

AM.NORTE

Montreal
Nova York



INTERMARC OESPAI

A regularidade e a pontualidade dos nossos voos garantem a cobertura eficaz da mais vasta rede de destinos à partida de Portugal.

No País asseguramos as ligações entre Bragança/Covilhã / Faro / Funchal / Lisboa / Porto / Porto Santo / Vila Real / Viseu / S. Miguel / Terceira.

12p AIR PORTUGAL



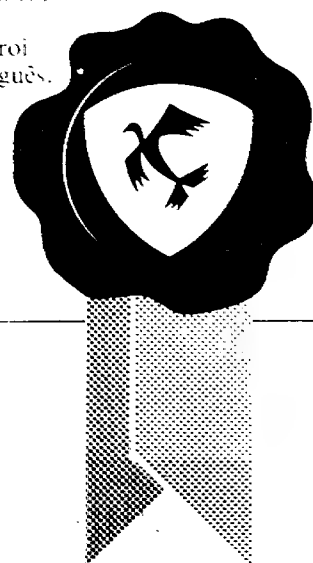
Um presente triste

Em pleno século XX ainda há mundos por descobrir



Em pleno século XX quando se julga que o mundo é todo conhecido, ainda há mundos por descobrir. Um desses mundos, de todos o mais belo, está em Portugal, está ao alcance de todos os portugueses, está ao seu alcance. Um desses mundos fica numa península de finíssima areia perdida entre três azuis, o azul do mar, o azul do rio e o azul do céu, e situa-se frente a uma das mais majestosas serras portuguesas, a Serra da Arrábida, e frente a uma cidade de trabalho e progresso, Setúbal. Esse mundo é conhecido desde o tempo dos romanos pelo nome de Troia mas ainda é desconhecido de muitos portugueses. Ir a Troia, é descobrir Troia em toda a sua pujança de cidade em crescimento, é descobrir a maravilha da sua paisagem, e descobrir as inúmeráveis e ímpares opções de preenchimento dos tempos livres que o seu equipamento turístico já em funcionamento, dos restaurantes às piscinas, dos aparthoteis ao campo de golf, lhe oferece. Ir a Troia é descobrir tudo o que em Troia se está e se vai construir enquanto se constrói a capital do Turismo, construindo o maior e o melhor empreendimento turístico português. Ir a Troia é descobrir outro mundo, é descobrir um mundo novo.

**QUEM DEU NOVOS MUNDOS AO MUNDO
DEVE DESCOBRIR UM NOVO MUNDO À SUA PORTA**





“Dêem uma oportunidade à Paz”

— Centenas de jovens preparam festival pelo desarmamento em Tróia

TROIA vai ser o cenário de um grande festival pela paz e pelo desarmamento que decorrerá entre 25 e 30 de Julho. Promovido por um grande número de jovens unidos apenas pelo desejo de «dar uma oportunidade à paz», o festival terminará com um espectáculo a realizar em Setúbal, no qual participarão algumas dezenas de milhares de pessoas. O grosso das iniciativas que integram o festival desenrolar-se-á na península de Troia, num local onde será instalado um acampamento para cerca de 5 mil pessoas. Em destaque, para lá de muitos debates sobre a luta antinuclear, diversas manifestações de índole cultural e desportiva cujo programa será divulgado oportunamente.

A luta pela construção de uma Europa livre de armas nucleares alastra de dia para dia e chama a si camadas cada vez mais vastas dos povos do continente. O espectro da guerra nuclear paira sobre nós com todo o cortejo de recordações de morte e destruição que povoam a nossa consciência colectiva.

Para os mais velhos e para os mais novos o «cogumelo» de Hiroshima é a referência comum e a face conhecida do holocausto nuclear. Mas ninguém ignora que hoje em dia o arsenal dos industriais da morte está para a bomba de Hiroshima quase como a seta para o morteio. As antevisões apocalípticas do que seria o planeta, na sequência de uma confrontação nuclear generalizada ou limitada, por exemplo a Europa, fazem estarrecer os menos anti-nucleares de todos nós.

Ninguém pára o movimento

Os perigos são tais, que as dificuldades resultantes da omnipresença da crise económica,

não conseguem travar o avanço dos movimentos de opinião a favor da paz.

Por toda a Europa (Este e Oeste), nos EUA, no Japão erguem-se cada vez mais vozes e desencadeiam-se cada vez mais iniciativas com vista a bloquear a marcha acelerada daqueles que nos querem lançar ao abismo. A recordação do insucesso dos movimentos pacifistas que antecederam as últimas guerras mundiais fustiga a imaginação dos activistas da paz e leva ao aparecimento de novas formas de mobilização e de luta.

O movimento não pára. E não são as tentativas de alguns no sentido da sua instrumentalização política, ao serviço de uma ou outra das grandes estratégias militares em confronto a nível mundial, que conseguem paralisá-lo. Nem tão pouco as daquelas que se limitam a acusá-lo de estar ao serviço desta ou daquela dessas estratégias. E a prova aí está na R.F.A.!

O movimento não pára e as iniciativas sucedem-se quase à velocidade com que se aproxima

a concretização de mais um dramático passo na escalada armamentista a nível da Europa (instalação dos mísseis «pershing» e «cruiser»).

Ainda no passado fim-de-semana, se iniciou na Alemanha Federal um conjunto de manifestações contra as armas nucleares que terá envolvido cerca de 500 mil pessoas.

Também em Inglaterra, o fim-de-semana da Páscoa foi rico e original em protestos pacifistas. Mais de 40 mil pessoas deram as mãos como elos de uma «cadeia humana» de 23 quilómetros que se propunha contribuir para «quebrar a cadeia nuclear». O cordão de activistas assim formado ligou a base aérea norte-americana de Greenham Common (80 Kms a Oeste de Londres), onde em Dezembro serão instalados 96 mísseis «pershing II», à fábrica de armas nucleares de Burghfield e ao Centro de Investigação Atómica de Aldermaston.

Em Portugal, outras lutas e alguma acomodação à ideia de que entre nós não serão instaladas armas nucleares explicam

em parte que o clamor antinuclear ainda não tenha saído para a rua com o vigor que se impõe.

A consciência de que o perigo de uma hecatombe nuclear não existe apenas para os «vizinhos» dos silos da morte parece, todavia começar a generalizar-se. O combate antinuclear respeita a todos os habitantes do planeta, e com maioria de razão da Europa.

Projecto galvanizador

Em Portugal, finalmente, parece ter surgido um projecto capaz de galvanizar um grande número de pessoas com os mais diversos posicionamentos políticos, irmanadas apenas pelo desejo de «dar uma oportunidade à paz».

«Dêem uma oportunidade à paz» será assim o lema de um grande «festival pela paz e pelo desarmamento» que irá decorrer entre 25 e 30 de Julho próximos na península de Troia.

Resultante de uma iniciativa de um grupo de jovens preocu-

Continua na pág 8



AGFA-GEVAERT

PRODUTOS E EQUIPAMENTOS PARA A INDÚSTRIA GRÁFICA

... Os que participam na preparação do festival explicam porque aderiram ao projecto

Continuação da pág. 7

pados pela escalada armamentista e contando desde já com o apoio de várias centenas de outros ligados a múltiplos sectores de actividade e oriundos de diferentes quadrantes ideológicos, o festival encerrar-se-á com um grande espectáculo em Setúbal, para o qual estão a ser convidadas numerosos músicos portugueses e estrangeiros.

Os primeiros dias do festival decorrerão num espaço próprio da península de Troia onde poderão acampar cerca de 5 mil

personas e onde terão numerosas manifestações culturais, artísticas e desportivas, para além de debates sobre os temas do festival.

Troia será assim um fórum privilegiado de onde os organizadores pretendem não afastar «a priori» nenhum assunto de debate. Em paralelo com as questões da paz e da guerra, das estratégias desarmamentistas e das suas implicações nos equilíbrios mundiais ou da reconversão das indústrias militares, o festival poderá dar lugar à dis-

cussão colectiva de temas como o aproveitamento da energia nuclear e as relações entre esta opção e os modelos de desenvolvimento económico que, segundo alguns, têm em si próprios os germens da guerra.

Para já, a única plataforma em que se apoiam todos os que estão ligados à organização do festival e a da defesa do «**desarmamento global, simultâneo, e controlado, pela via do diálogo e da negociação, pela construção de uma Europa livre de armas nucleares**». O

objectivo número um, no que respeita a Portugal, é a «**proibição da instalação, estacionamento e mesmo trânsito de qualquer tipo de armas nucleares**» no nosso país.

«**Dar uma oportunidade à paz**» é o desejo que move todos aqueles que até hoje já subscreveram o manifesto de apoio ao Festival. O «DL» pediu a alguns deles um curto depoimento sobre as razões que os levam a aderir a essa iniciativa. São esses depoimentos pessoais que a seguir transcrevemos.



Em nome da Terra e da Vida

Participar num festival da paz e a favor do desarmamento é, ainda antes de o ser em nome do próprio movimento, participar em nome da Terra e da vida.

Claro que pode parecer utópico «lutar» com a paz contra a guerra, mas são estas as únicas «armas» que em vez de matar fazem viver, e enquanto se puder e quiser estar vivo, e bem vivo, temos que tentar não dar oportunidade à guerra, nem à física nem à psicológica.

Eugénia de Melo e Castro
Cantora



Hoje as coisas complicaram-se

Antigamente assinava-se tudo o que fosse contra o fascismo e Salazar. Havia a cara de um ditador a odiar e uma memória da guerra nazi. Era fácil ter uma consciência de oposição. Havia até o gozo do risco para os mais corajosos. Hoje as coisas são muito mais complicadas. O Poder tem mais cabeças e nem sempre elas têm cara e nem sempre a cara parece odiosa. As chamadas classes jovens não se mobilizam colectivamente senão através da paixão. Esta nem sequer está na moda (país liberais, mudança de costumes, etc.) e não depende da vontade dos políticos nem de líderes de esquerda. Mas fazem-no, se alguns princípios gerais de justiça elementar e universal estiverem causa e sobretudo se forem cantados por músicos de voz adolescente e agreste. A Paz, o NÃO-NUCLEAR, a Defesa do Património e da Natureza, são princípios que têm uma formulação não traduzível em linguagem partidária convencional e que talvez por isso pode vir a ser uma obsessão de quem começa agora a ter fala de grupo. **Talvez isso seja um princípio, se:**

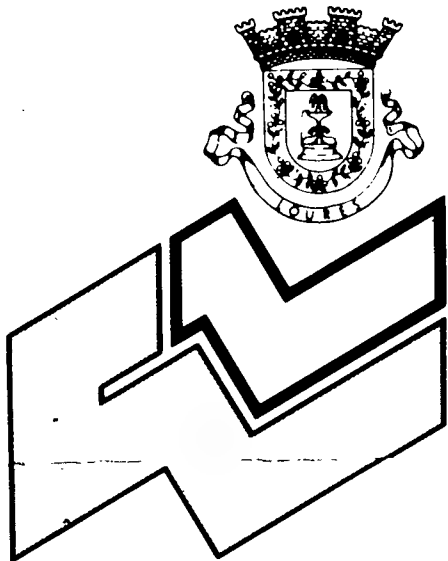
Não lhe chamarem ecologismo que entre nós, terá sempre o carácter «snob» e oportunista dos proprietários do bom gosto que recuperam tudo o que tem algum vigor e caracóis loiros caídos pela testa.

Não ficarem apenas pelo lado musical da questão que é o nosso jeito português da solidariedade sentimental e inerte.

Se houver a exigência de aprender com os que sabem o que efectivamente é a questão nuclear e o que ela implica de sujeição a quem detém, o poder tecnológico e o que isso implica de independência face aos Estados Unidos mas também face à URSS.

Então será mais difícil ser-se utilizado e, repito, talvez seja um meio de os milhões de miúdos portugueses saírem da sua «apagada e vil tristeza».

Margarida Gil
Técnica de cinema



CÂMARA MUNICIPAL
DE LOURES

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

PROGRAMA

DIA 2/4 — INAUGURAÇÃO DA ESCOLA PRIMÁRIA DA MURTEIRA
15 h — Inauguração
— Banda Musical de Bucelas
16 h — Rancho Folclórico da Bemposta

DIA 3/4 — INAUGURAÇÃO DO PARQUE INFANTIL DO TOJALINHO
15 h — Inauguração
16 h — Rancho Folclórico da Bemposta

DIA 3 a 7/4 — 19.º ANIVERSÁRIO DA PASSAGEM DE ODIVELAS A VILA
Dia 3/4 ÀS 15 horas — Espectáculo com Carlos Alberto Moniz e M.ª do Amparo, Luísa Bastos e João Fernandes

DIA 8/4 — INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE MEDICINA PARA OS TRABALHADORES DO MUNICÍPIO — 16 h

DIA 9/4 — INAUGURAÇÃO DO POLIDESPORTIVO DE VALE FIGUEIRA/S. JOÃO DA TALHA

DIA 10/4 — TORNEIO DE ATLETISMO INFANTIL EM LOURES

DIA 10/4 — INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE TERCEIRA IDADE EM S. JOÃO DA TALHA — 15 h

DIA 15/4 — ESPECTÁCULO MUSICAL NA BOBADELA
15 h — Com Carlos do Carmo
— CONCERTO ROCK EM SACAVÉM
Às 21 horas no Largo 5 de Outubro

DIA 16/4 — INAUGURAÇÃO DO CENTRO DIA DA APELAÇÃO
15 h — Inauguração
16.30 h — Espectáculo com Fernando Farinha e José Barata Moura

DIA 16-17/4 — TORNEIO DE ANDEBOL NO RINGUE DA PÓVOA DE ST. ADRIÃO

DIA 17/4 — TORNEIO ABERTO DE TÊNIS DE MESA
No Clube Atlético de Moscavide

DIA 17/4 — CORRIDA DE ABRIL EM ST.º ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — 9.30 h

DIA 17/4 — CICLISMO INFANTIL EM MOSCAVIDE — 15 h

DIA 16-17/4 — CURSO INTENSIVO DE FORMAÇÃO DE GINÁSTICA
Das 10 h às 13 h e das 15 h às 19 h no Ginásio do CCD

DIA 18/4 — ESPECTÁCULO MUSICAL EM CAMARATE
Com Carlos do Carmo, no Pavilhão dos Bombeiros, às 21.30 h

DIA 22 a 24/4 — GRANDE PREMIO DE LOURES
Dia 22 — 1.ª Etapa — Bucelas-Pontinha às 8.30 h
Dia 22 — 2.ª Etapa — Camarate-Odivelas, às 16 h
Dia 23 — 3.ª Etapa — St.º António dos Cavaleiros-Moscavide, às 9 h
Dia 24 — 4.ª Etapa — Loures-Loures, às 9 h

DIA 23/4 — TORNEIO QUADRANGULAR DE EMPRESAS EM FUTEBOL
Na Bobadela e Sacavém

DIA 24/4 — ESPECTÁCULO NA PONTINHA
Com: Joaquim Pessoa, Samuel, Teresa Paula Brito e Nuno Gomes dos Santos

DIA 24/4 — EM LOURES:
9 h às 12.30 h — Ciclismo Grande Prémio
10 h — Simultâneo de Xadrez
15 h — Festival de Patinagem Artística
15 h — Concerto de Bandas no palco
16 h — Rancho Folclórico da Bemposta
16.30 h — Chegada do Porto-Loures em Cicloturismo
17 h — Desfile de Colectividades e Bandas

DIA 24/4 — ATLETISMO — CORRIDA DA LIBERDADE EM ODIVELAS
Das 21 h às 23 h — Provas para todas as idades

DIA 7 a 24/4 — EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PLÁSTICOS DO CONCELHO
De 7 a 10/4 — No Centro Paroquial de St.º António dos Cavaleiros
De 16 a 24/4 — Na R. Guilherme Gomes Fernandes em Odivelas (junto ao largo da RN)



Pela paz, contra a NATO e o Pacto de Varsóvia

«A razão de 500 contos por cabeça, qualquer pessoa pode sobreviver a uma guerra atômica, química ou biológica, num sarcófago de aço debaixo do chão, com quinze dias para voltar à superfície que ainda haja.» A frase é dos jornais e a notícia avisava depois: «Importa apenas que o holocausto seja anunciado com breve antecedência, pois os abrigos encomendados são entregues em escassos vinte dias, sendo já várias essas encomendas em Portugal.»

Ficamos assim mais descansados, até porque Reagan e Andropov, sempre tão preocupados com o nosso bem estar, irão por certo estabelecer que a guerra atômica terá de ser antecedida pela entrega de um pré-aviso de vinte dias...

Até lá eles vão continuar a contar o número das ogivas, a discutir a eficácia dos Pershing 2 confrontados com os SS-20.

Tudo isto, confesso, poderia até ter piada se não fosse afinal dramático. Tão habituados estamos a comprar, que se os novos comerciantes da morte oferecerem uma televisão a cores a quem comprar um sarcófago antes do Natal, somos muito bem capazes de esfregar as mãos a pensar no grande negócio.

É uma pena não haver negociantes da paz, mas esta não dá lucro. Ou quando muito dá apenas lucros políticos. Dará mesmo? Chego a duvidar. O certo é que se pensarmos nos grandes partidos nacionais verificamos que a grande maioria das iniciativas em favor da paz têm surgido na área do PCP. A paz parece ter ficado assim definitivamente conotada. A verdade é que nunca neste país se levantou uma discussão alargada aos mais variados sectores sobre os problemas da paz e do desarmamento nuclear.

Curiosamente o Festival «Dêem uma Oportunidade à Paz», nasce desta circunstância. As negociações entre a Juventude Socialista e a Juventude Comunista para levarem à prática uma

iniciativa semelhante tinham-se gorado. E e desta tentativa frustrada que acaba por nascer a ideia de promover um Festival ue fosse organizado por pessoas (jovens) e não por organizações partidárias. Não para recusar os vários Partidos e Movimentos, mas para tentar obviar ao jogo de comissões e comités. Não para marginalizar tendências, mas antes abrir o diálogo. Esse mesmo que me permite vir aqui dizer que condeno de igual forma a corrida aos armamentos desenvolvida pela União Soviética e Estados Unidos ou que, o Pacto de Varsóvia e a NATO são afinal a expressão diferente de uma única coisa. E acrescentar que quero discutir isto com os comunistas tal como com partidários de todas as outras forças políticas.

O Festival «Dêem uma Oportunidade à Paz» só valerá a pena se for uma fonte de confrontação de ideias. De outra forma é melhor comprar um sarcófago sem esperar pelos vinte dias...

Belino Costa Jornalista



Motivos simples e claros

A razão de um Festival pela Paz e Desarmamento é simples e clara, pois hoje em dia é fundamental alertar a opinião pública para o processo de armamento nuclear, de modo a que se perceba o grande perigo que este constitui: é que a corrida aos armamentos nucleares poderá levar, a curto ou médio prazo, a uma situação catastrófica.

Mas o Festival não é só contra o armamento nuclear, ele é pela Paz e assim a sua atenção vai também para todas as pequenas guerras que actualmente têm lugar em diversos pontos do mundo, desde o Médio Oriente à América do Sul.

Uma iniciativa aberta à participação de todos, o Festival ao ser promovido fora do contexto das organizações, permite a participação dos diferentes partidos políticos portugueses nos debates que aí se travarão.

Rui Morrison Jornalista da Rádio Comercial

NOVA bateria Tudor

selada porque não consome água

Tudor

SEM MANUTENÇÃO

super-blindada
longa duração
2 anos garantia

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



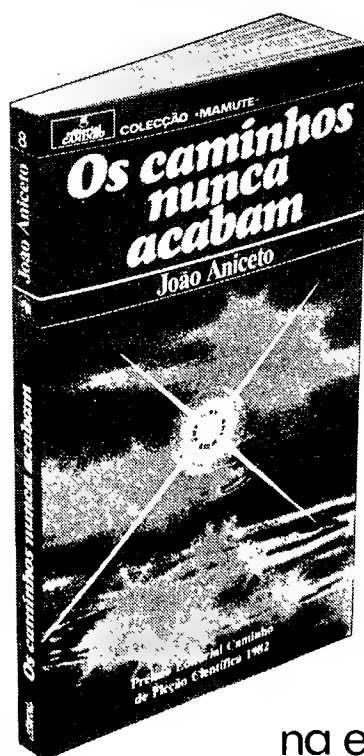
DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

Os caminhos nunca acabam

João Aniceto

UM AUTOR AUSPICIOSAMENTE REVELADO AO PÚBLICO PORTUGUÊS.

PRÉMIO EDITORIAL CAMINHO DE FICÇÃO CIENTÍFICA 1982



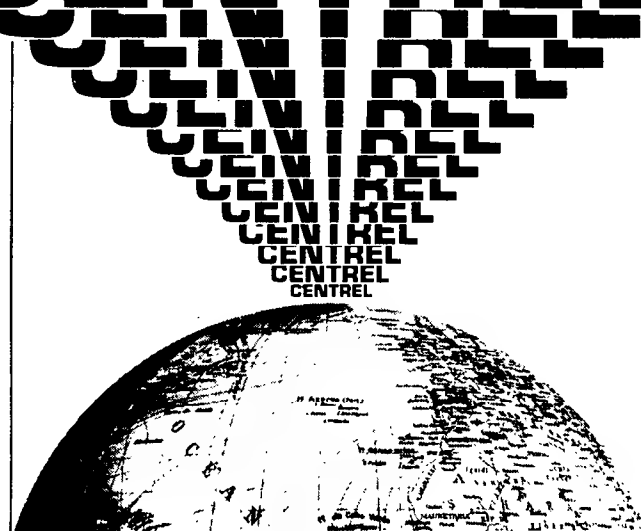
Foram apenas mulheres e homens que, nessa aventura, tiveram de defrontar a imensidão do universo...

Porque para os anseios, para as esperanças, para a felicidade, os caminhos nunca acabam.

COLECÇÃO «MAMUTE»

na estrada do futuro **editorial CAMINHO**

CENTREL



NÃO HA DISTÂNCIA NO NOSSO MUNDO

CENTREL

Comunicar cada vez melhor

O maior Grupo Português de Telecomunicações e Electrónica com tecnologia própria. Somos uma organização 100% nacional assegurando mais de 3.700 postos de trabalho.

Centrais Telefónicas, Telefones, Rádio, Transmissão, Sistemas, Televisão, Metalomecânica, Instalações.

A qualidade de nossos produtos é reconhecida nos cinco Continentes: Hong Kong, Iraque, Malta, Nova Guiné, Venezuela, Angola, Moçambique, Zimbawe, Irlanda, Reino Unido, Papua.....



AUTOMATICA ELECTRONICA PORTUGUESA S.A. R.L.



Actualidade de Marx

António A. Mendonça *

Passaram, no dia 14 de Março, cem anos sobre a data em que Marx morreu.

A efeméride tem sido o pretexto para uma certa discussão sobre a validade e actualidade da obra deste autor, levada a cabo por intermédio de alguns jornais, de que destacamos, desde já, os excelentes artigos de Vital Moreira, Eduardo Chitas e José Gama. Os dois primeiros no Jornal de Letras de 15.03.83, o terceiro no Diário de Notícias de 14.03.83.

Pretendemos com o presente trabalho contribuir, ainda que limitadamente, para o aprofundamento dessa discussão, na certeza de que ela permitirá um melhor conhecimento do pensamento de Marx que, não obstante tudo quanto dele se tem escrito ou invocado, continua bastante desconhecido entre nós.

A obra de Marx é vasta e abrange praticamente todos os campos das ciências sociais. É no entanto na teoria económica que se encontra a investigação mais profunda e mais completa, que se traduziu nessa obra monumental que é «O Capital».

A escolha da economia como campo fundamental de investigação não se deve a qualquer capricho, ou a qualquer inclinação especial de Marx. Ela é o resultado de necessidades objectivas que se fizeram sentir em determinado momento da sua investigação.

No célebre prefácio à Contribuição para a Crítica da Econo-

mia Política, de 1859, o autor dá-nos conta do caminho percorrido até se decidir concentrar no estudo da Economia Política.

O objecto dos seus estudos especializados era a jurisprudência. No entanto em 1842-1843, na qualidade de redactor da revista alemã Gazeta Renana, Marx confrontou-se com a necessidade de dar a sua opinião sobre algumas questões específicas, tais como a legislação renana sobre roubos de lenha e a divisão da propriedade imobiliária, a situação dos camponeses do Mosela e a polémica sobre o livre-câmbio e o protecçãoismo. Isto levou-o ao estudo da economia política.

Marx descreve-nos este processo do seguinte modo:

«Nas minhas pesquisas cheguei à conclusão de que as relações jurídicas — assim como as formas de Estado — não podem ser compreendidas por si mesmas, nem pela dita evolução geral do espírito humano, inserindo-se pelo contrário nas condições materiais de existência de que Hegel, à semelhança dos ingleses e franceses do século XVIII, compreende o conjunto pela designação de 'sociedade civil'; por seu lado, a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na economia política.» (1) (sublinhado nosso).

Esta primeira fase do estudo da economia política, iniciada em Paris e continuada em Bruxelas, após uma sentença de expulsão do território francês, permitiu a

Marx chegar à conclusão geral que serviria de «fio condutor» a toda a sua investigação posterior: «na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura económica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. Em certo estadió de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social.» (2)

Os estudos económicos aprofundados seriam, no entanto, desenvolvidos em Londres a partir de 1850. A biblioteca do Museu Britânico deu-lhe acesso a uma vastíssima bibliografia de

economia política e o capitalismo inglês, um campo privilegiado de análise.

Marx leu praticamente tudo quando se tinha escrito sobre economia política até então, tendo resultado deste esforço a elaboração de uma verdadeira história do pensamento económico, a que infelizmente não conseguiu dar forma de edição. Seria Kautsky que acabaria por organizar os materiais deixados por Marx e os editaria entre 1905 e 1910, com a designação de «Teorias da Mais-Valia», não sem antes ter introduzido alguns contributos «criadores».

A economia política inglesa e, em particular, a linha teórica do valor-trabalho iniciada com William Petty e desenvolvida por Adam Smith e David Ricardo, forneceram-lhe o quadro fundamental de referências para a elaboração da sua obra máxima, «O Capital».

As leituras de Marx seriam, no entanto, marcadas pela conclusão geral que referimos. Ele corta radicalmente com a concepção do sistema capitalista como forma absoluta e definitiva de produção, definindo-o como uma etapa particular no desenvolvimento da sociedade, mais precisamente como «... a última forma contraditória do processo de produção social...» (3) com a qual termina «... a pré-história da sociedade humana.» (4)

Compreende-se assim a delimitação que faz do objecto e do objectivo de estudo em «O Capital». Marx propõe-se estudar o

«modo de produção capitalista e as relações de produção e de troca que lhe correspondem» (5), com o «fim último» de «descobrir a lei económica do movimento da sociedade moderna» (6).

O método de passagem do abstracto ao concreto utilizado em «O Capital» é de um rigor impressionante. Aí se conjugam a análise e a síntese, o lógico e o histórico, a indução e a dedução, a investigação e a exposição. O estudo desenvolve-se ao longo de quatro etapas bem precisas.

Numa primeira etapa o fenómeno em estudo é fixado na sua forma concreta exterior e estudam-se as contradições desta forma.

A esta etapa corresponde o estudo da produção mercantil e do seu elemento fundamental, a mercadoria. Esta encerra em si uma contradição fundamental (a contradição entre valor e valor de uso), que no seu desenvolvimento dá origem ao capital.

A produção capitalista apresenta-se como uma produção generalizada de mercadorias.

Numa segunda etapa descobre-se a essência do fenómeno. Estudam-se as suas características e a tendência geral do seu desenvolvimento.

A esta etapa corresponde o estudo do processo de produção de mais-valia e das suas formas. As consequências da produção sempre crescente de mais-valia são também estudadas.

Numa terceira etapa

estudam-se as formas de movimento desta essência.

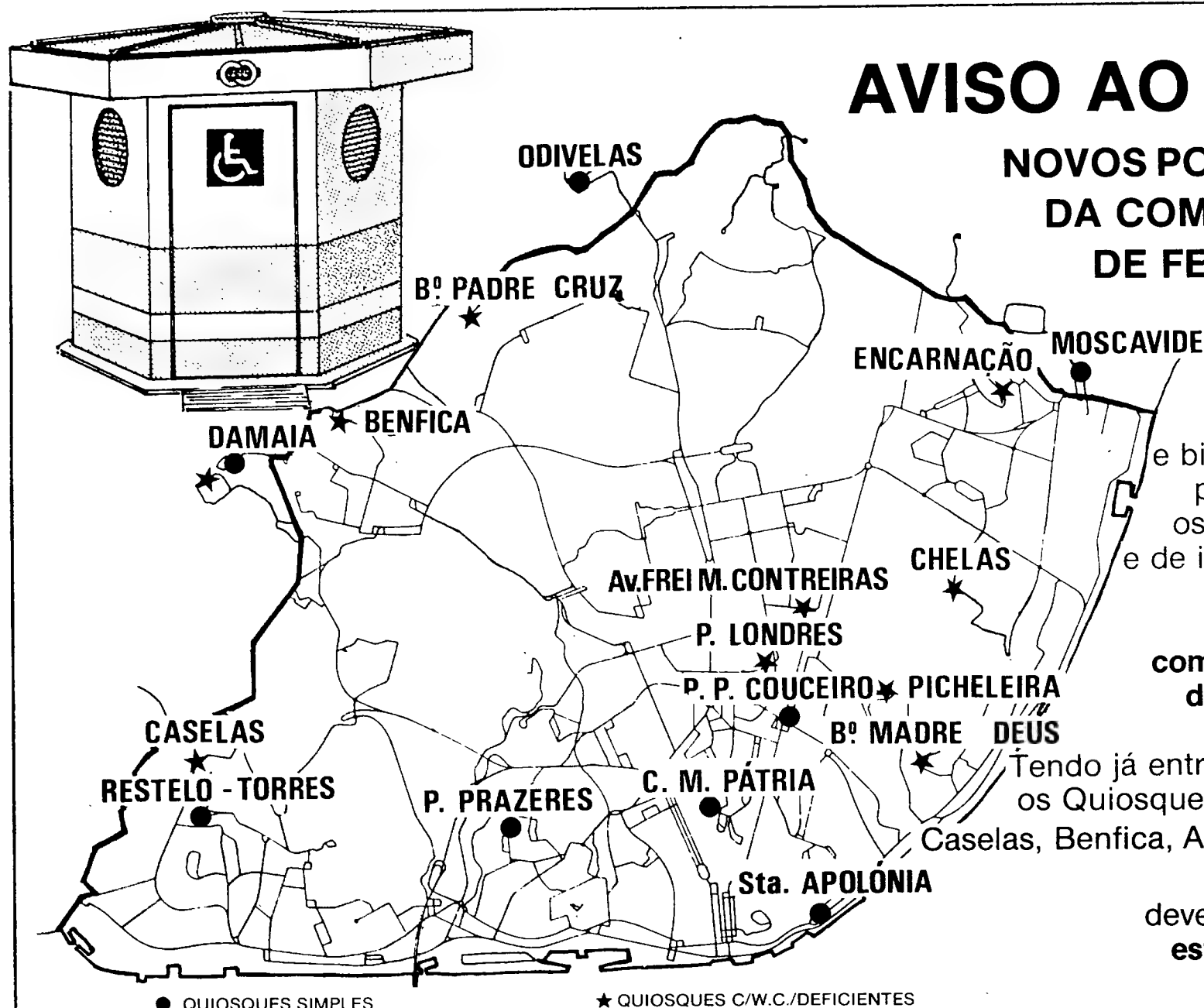
É o momento de estudar o processo de circulação do capital e das formas funcionais que ele reveste — **capital dinheiro, capital produtivo e capital mercadoria**. Cada metamorfose é dissecada em pormenor. Compreende-se que a realização da mais-valia produzida por cada capital particular está dependente de relações bem precisas que se devem estabelecer entre os diferentes capitais da sociedade. É o estudo do processo de reprodução do capital social.

Numa quarta etapa, finalmente, a essência e as formas do seu movimento são estudadas na sua unidade.

É o estudo que corresponde ao Livro III. Nele se analisam as **formas concretas** que o capital adquire na sua realidade. É o momento de Marx se debruçar sobre os fenómenos concretos da economia capitalista, o movimento dos preços, o comportamento da taxa de lucro, a articulação entre as diferentes formas de capital (capital industrial, bancário, comercial, agrícola, etc.), os ciclos económicos.

Ao longo destas etapas, Marx vai descobrindo as leis que regem o funcionamento do MPC, da mais geral e abstracta, até às que determinam a dinâmica concreta da economia.

A essência da produção capitalista está na produção de **mais-valia**. A origem desta mais-valia está nas particulari-



AVISO AO PÚBLICO

NOVOS POSTOS DE VENDA DA COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

A Carris está a implantar 18 novos Quiosques para venda de senhas e bilhetes pré-comprados, por forma a diversificar os seus postos de venda e de informação ao público.

Dez destes Quiosques estão apetrechados com instalações sanitárias destinadas a deficientes (vidé planta anexa)

Tendo já entrado em funcionamento os Quiosques da Praça de Londres, Caselas, Benfica, Av. F. Miguel Contreiras e Bairro P. Cruz. deverão todos os restantes **estar concluídos até final do mês corrente**

● QUIOSQUES SIMPLES

★ QUIOSQUES C/W.C./DEFICIENTES

P. Paiva Couceiro (Praça)
Damaia
P. Prazeres
Moscavide

Rua D. Maria II
P. João Bosco

Sta. Apolónia
Restelo - Torres
Odivelas
R. A. Soares
R. D. Diniz
C. Martires da Patria

B. Madre Deus
Caselas
B. Padre Cruz
Picheleira
Encarnação
R. M. de Olhão
R. da Igreja
R. Rio Tejo
P. M. C. Pereira
R. Cap. Ten. O. Carmo

Chelas
P. Londres
Benfica
F. M. Contreiras (Avenida)
Damaia
R. J. Ortigão Ramos
R. Gen. Roçadas

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA



dades de uma mercadoria especial — a **força de trabalho**.

Como qualquer outra mercadoria, a força de trabalho possui como atributos um valor e um valor de uso. O valor é dado pelo valor dos bens materiais e espirituais necessários à manutenção e reprodução do possuidor da força de trabalho, ou seja, o trabalhador. O valor de uso consiste na propriedade de, pela sua utilização — o **trabalho**, gerar um valor superior ao seu próprio.

A utilização da força de trabalho exerce-se ao longo de toda uma jornada de trabalho. No entanto basta uma parte desta para produzir um valor igual ao valor da força de trabalho. O valor produzido na outra parte é a mais-valia.

A forma mercadoria, esconde no entanto a origem da mais-valia. Ela parece ter origem no processo de circulação, através da venda das mercadorias por um preço superior ao seu valor.

Durante muito tempo a economia política foi vítima destas aparências, caindo por isso em grandes contradições.

Marx teve o mérito de ser o primeiro a superar essas contradições, através da diferenciação que estabeleceu entre trabalho, a substância do valor, e força de trabalho, conjunto de características físicas e intelectuais inerentes a cada indivíduo. Esta distinção tornou possível a compreensão do processo de criação de valor excedente e formular a **lei da mais-valia** como a lei essencial da produção capitalista.

No entanto produzir mais-valia, é necessário que ela seja realizada, isto é, que adquira uma existência própria, separada das mercadorias que são seu suporte material. Essa existência própria é dada pela transformação das mercadorias em dinheiro, que só é possível através da venda no mercado.

Se a venda aparece neste contexto como uma **necessidade absoluta**, a sua efectivação está dependente da **casualidade** do aparecimento de um comprador.

Para que toda a mais-valia produzida numa dada sociedade seja realizada é **necessário que se estabeleçam relações bem precisas entre os diferentes capitais existentes**. Essas relações foram identificadas de modo muito claro por Marx, no seu estudo da reprodução do conjunto do capital social.

A produção de mais-valia está no entanto imbuída de profundas contradições.

Por um lado, as relações de concorrência intercapitalistas tornam necessária uma **acumulação** (aumento da escala de produção), que se desenvolve na ausência de toda a coordenação «a priori» das decisões de investimento.

Por outro lado, o aumento da mais-valia que daí decorre, leva sempre à diminuição, ainda que de maneira relativa, da parcela de valor que se destina ao pagamento da força de trabalho, o que vai exercer uma pressão permanente sobre a **procura efectiva**, limitando o mercado.

Estes dois aspectos inter-relacionam-se concorrendo para o aparecimento das dificuldades periódicas de realização que caracterizam os períodos de crise.

Mas as crises, por sua vez, são os processos através dos quais se restauram os equilíbrios perdidos, permitindo o prosseguimento do processo de acumulação.

A ruptura com a economia política tradicional, implícita nas conclusões de Marx sobre o funcionamento da economia capitalista é assim total. Ele põe a nu o seu funcionamento eminentemente contraditório, que se traduz no aparecimento das crises periódicas.

A origem destas crises está ligada à lei mais essencial da produção capitalista, a lei da mais-valia, não podendo por isso ser evitadas, sem pôr em causa as próprias relações de produção capitalistas.

Na medida em que se desen-

volve a produção capitalista, estas crises ganham uma amplitude e profundidade crescentes, que tornam cada vez mais premente a necessidade de substituição do sistema capitalista por uma forma superior de organização social.

Esta substituição não se faz contudo de modo automático. Somente a acção dos grupos sociais interessados nessa substituição a poderá levar a cabo. Isto é contudo algo que não cabe analisar no campo da teoria económica.

As implicações políticas da análise de Marx são por de mais conhecidas, sendo sem dúvida esta a razão fundamental do ostracismo a que foi votada pelos meios académicos.

A linha do valor-trabalho que tinha sido até então o quadro de referência fundamental da economia política, foi completamente abandonada e em sua substituição desenvolveram-se as teorias mais aberrantes, ainda que mascaradas de profunda cientificidade pela sofisticação matemática utilizada.

Os objectivos destes «novos» desenvolvimentos eram profundamente ideológicos. A preocupação fundamental era a defesa do sistema capitalista, cuja verdadeira natureza tinha sido explicitada de forma tão clara por Marx.

Tratava-se em primeiro lugar de retirar à força de trabalho o «monopólio» da criação de valor, através do desenvolvimento das teorias do valor-utilidade e dos factores de produção. **Capital, Trabalho e Terra**, apareceram em pé de igualdade, cada um com o seu preço específico, na determinação do valor dos produtos. Não faltou sequer a tentativa de apagar o lucro como o verdadeiro móbil da produção, considerando-o apenas ligado a situações «extraordinárias», de desequilíbrios passageiros do sistema económico. Numa situação de equilíbrio não haveria lugar para lucro, mas apenas para uma remuneração justa de um factor — o **preço do factor capital**.

Tratava-se em segundo lugar de fazer profissão de fé na capacidade do mercado e no comportamento racional dos agentes económicos, para conduzir à harmonia o funcionamento do sistema económico. Longe de ser contraditório, o capitalismo aparecia como um modelo de perfeição e coerência, somente sujeito a perturbações temporárias, sempre motivadas por factores exógenos e acidentais, com duração dependente do tempo de existência destes factores.

Mas do mesmo modo que a exploração da retorta pune o alquimista por ter desafiado as leis da natureza, a crise dos anos 30 aí esteve para provar a justeza das afirmações de Marx e lançar o descrédito sobre os apologistas da harmonia do sistema capitalista.

Seria no entanto demasiado duro para a teoria económica do «establishment» aceitar que Marx tinha razão. Haveria pois que encontrar uma outra teoria que não pusesse em causa os fundamentos do sistema. As análises de Sismondi e Malthus sobre o desenvolvimento contraditório entre a produção e o consumo são retomadas e adaptadas à época do capitalismo monopolista.

O mito da capacidade do mercado de conduzir por si só o sistema económico ao equilíbrio é posto de lado. Em sua substituição surge a defesa da intervenção do Estado na regulação da actividade económica. É a época do New Deal e da teoria económica Keynesiana.

A expansão acentuada, mais ou menos regular, que caracterizou a evolução das economias capitalistas no pós-guerra, pareceu vir confirmar estas novas concepções. Chegou-se mesmo a falar no fim das crises e na possibilidade de superar as con-

tradições do sistema capitalista sem pôr em causa as suas relações de produção.

Não duraria muito tempo a ilusão. A crise do dólar, o aumento do preço do petróleo, a profunda recessão dos anos 70, o agravamento nos anos 80, aí estão para demonstrar aos mais teimosos que as análises de Marx eram correctas.

Não pretendemos com o presente escrito defender a ideia de que Marx teria dito tudo sobre a economia capitalista e que, depois dele, ninguém mais teria sido capaz de avançar algo de novo. Nada de mais contrário ao espírito do próprio autor.

O capitalismo desenvolveu-se e, em todo o mundo, produziram-se profundas modi-

ficações, que levaram ao aparecimento de novos fenómenos que não puderam ser estudados por Marx. Citamos, entre outros, a inflação, a transnacionalização do capital, a crescente articulação entre as economias capitalistas e socialistas.

Pretendemos sim, afirmar que as conclusões a que Marx chegou sobre o funcionamento da economia capitalista continuam a ser perfeitamente válidas, e que terá de ser a esta luz que se deverão estudar os novos fenómenos.

A crise da teoria económica, que se seguiu à crise económica dos anos 70, tem levado um número crescente de investigadores a debruçarem-se sobre as análises de Marx, e a procurarem aí elementos para a explica-

ção dos problemas actuais da economia mundial. As portas do templo universitário têm vindo progressivamente a abrir-se ao estudo e divulgação das obras de Marx.

O insuspeito prof. Samuelson, no final dos anos 50, na 4.ª edição do seu famoso «Economics», referia-se a Marx nos seguintes modos:

«A seguir, a nossa exposição apresenta uma ovelha negra, que estava atrás da verdadeira tradição clássica. Karl Marx, exilado da Alemanha, continuou trabalhando no Museu Britânico.

Fazia votos para que a burguesia viesse a pagar pelo sofrimento que seus fúrculos lhe causaram, enquanto ele estivera sen-

tado, elaborando suas teorias da inevitável ruína do capitalismo (7).

* **Assistente no Instituto Superior de Economia**

(1) Marx, Karl. **Prefácio à Contribuição para a Crítica da Economia Política**, Editorial Estampa, Lisboa, 1971.

(2) Idem.

(3) Idem.

(4) Idem.

(5) Marx, Karl. **Prefácio da 1.ª edição (1867) de «O Capital»**, Edições Centelha, Coimbra, 1974.

(6) Idem.

(7) SAMUELSON, Paul. **Introdução à Análise Económica**. Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1961, p. 24.

um óleo
ao mais alto
nível
internacional

Satisfazendo, também,
todas as exigências
da Comissão de Construtores
do MERCADO COMUM

E, por isso,
as embalagens do
SUPER GALP
levam esta indicação

ESPECIFICAÇÃO
CCMC
COMISSÃO DE CONSTRUTORES
MERCADO COMUM

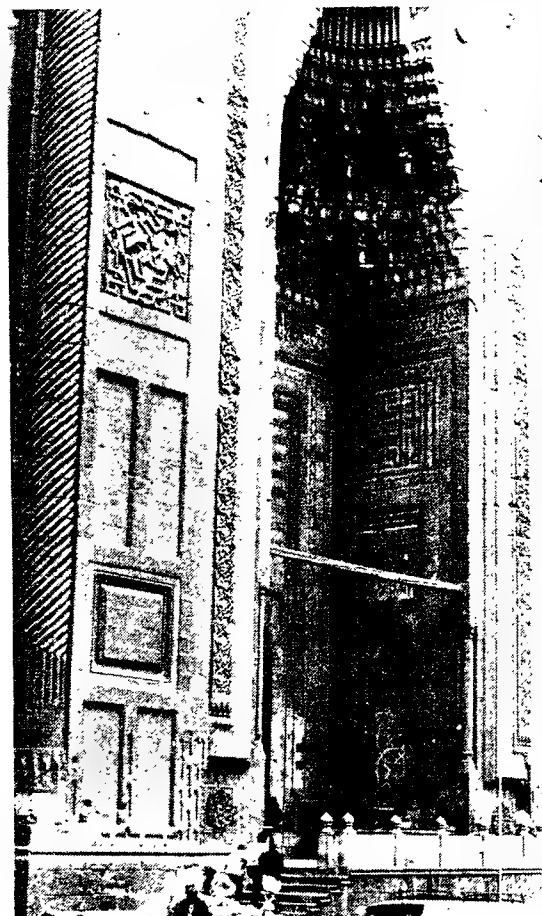
super
GALP

GALP

GALP

GALP

QUALIDADE EM LUBRIFICANTES



Quatro dias tranquilos

É impossível não ficar fascinado pelo Cairo. O Egito faraônico cerca-o a partir dos desertos, dez dominações estrangeiras lavraram-no ao longo de mil anos. No século XIV chamaram-lhe metrópole do mundo e jardim de deus. Hoje, com os seus 12 milhões de habitantes, ele explica ao visitante que não há uma, mas várias humanidades e que algumas delas continuam a ser as dos deserdados da terra.

«Como vestir-se — As roupas a levar consigo dependem evidentemente da época da viagem. Na estação quente, prever roupa leve (algodão). Uma ou duas camisoladas de lã são sempre aconselháveis para as noites frescas, mesmo no Verão. De Inverno pode fazer frio no Cairo e um casaco pode ser útil. Prever lãs. Em qualquer estação, os sapatos devem ser leves e práticos e é bom trazer uma protecção para a cabeça. A roupa de cerimónia, especialmente para as senhoras, veste-se correntemente nos grandes hotéis, em recepções e em festas. Pense em trazer um fato de banho. Evitar a roupa excessivamente à vontade (shorts). As senhoras vestir-se-ão de modo bastante estrito para visitarem os bairros

populares e as mesquitas.»

In «Egipto», Guia de Bolso publicado por Lehnert & Landrock

...De modo bastante estrito: estou a jantar no Sheraton de Heliopolis, a On bíblica e a meu lado retemperam-se uma espécie de filho de xeque e uma espécie de actriz de meia-idade. Ele terá talvez 18 anos, é fino e escuro como um núbio e está vestido com uma djellabah (aqui diz-se galliabah) de linho branco e com o tradicional lenço cingido à cabeça por uma cinta de couro negro. Tem um anel em cada dedo e fuma Marlboros extra-longos uns a seguir aos outros, sem desfitar a actriz, que já ultrapassou os 40 e parece ter-se aspergido com uma mistura de todos os perfumes exóticos em que os «souks» do Cairo são férteis. Ela veste um impressionante «décolleté» cor de salmão, como se tivesse acabado de sair

do palco, tem uma écharpe de plumas sobre os ombros nus e pinta os olhos como na máscara funerária de Tutankamon. Estão em traje de cerimónia, num grande hotel ou esta é apenas a sua roupa «prática», comparável à de toda a fauna destes jardins interiores onde o ar condicionado e a música de fundo nunca são desligados? Quem destoa, durante o dia, neste pequeno universo artificial onde nos instalaram durante quatro dias, são os quadros americanos, enormes garanhões solitários, em t-shirt e grandes sandálias de onde emergem acidentados dedos. Sobem e descem elevadores todo o santo dia, armados de malinhas à James Bond, e desapparecem velozes em supermodernas limousines que o Estado ou a empresa puseram à sua disposição seguindo para os milhares «projectos de desenvolvimento» abertos ao investimento internacional.

Parte do mistério egípcio alimenta-se do que é interdito ou

desaconselhado em todo o Islão. Assim para a fotografia: não se fotografa um enterro, nem o interior de uma mesquita durante a oração e é desaconselhado fotografar um «bairro indigente». «Don't take pictures» foi a primeira frase que ouvi no Cairo, mas por outra razão: aos interditos culturais juntam-se os militares... tínhamos acabado de desembarcar no aeroporto.

«Entre na metrópole do mundo, no jardim de deus», disse do Cairo, no século XIV, o filósofo e historiador Ibn Khaldun. Ele referia-se à cidade fundada em 969 por Gôhar, general do califa El-Muizz El-Din Allah, que a chamara El-Kahirah porque Marte o vitorioso estava sobre o local quando foi colocada a primeira pedra da futura capital. El-Kahirah significa «a vitoriosa». Milhares de anos antes, os antigos egípcios conheciam o sítio pelo nome de Ker-Aha, «onde houve o combate». Foi neste lugar que, segundo a mitologia, lutaram os deuses rivais

Horus e Seth.

O Cairo de Gôhar é subsidiário de numerosas localidades antigas: El-Katai, El-Askar, Fostât, Memfis, Babilónia, On: pequenas ou imensas, todas estas cidades estiveram de algum modo na origem da capital, onde acabaram por se fixar coptos, ortodoxos, muçulmanos, beduínos do Sinai e do deserto do Mar Vermelho, fellahs paupérrimos dos desertos líbio e árabe, núbios de Assuan...

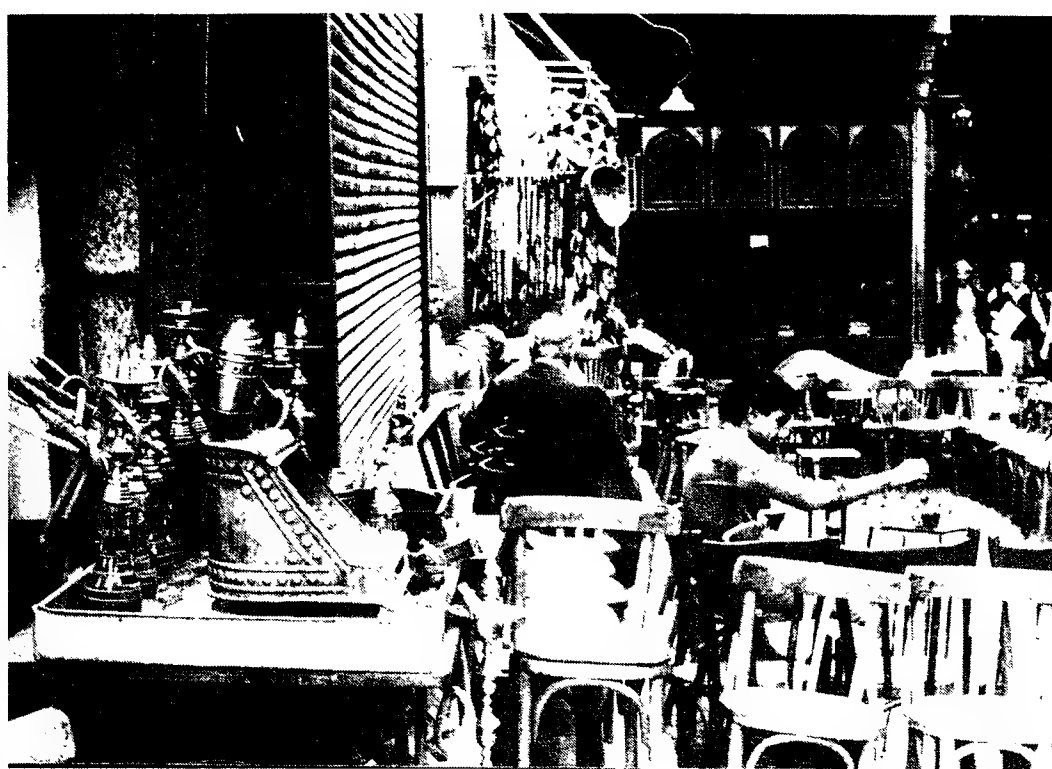
O destino da cidade foi o do seu país: Núbio, líbio, saíta, persa, grego, romano, bizantino, árabe, curdo, turco, conquista de Napoleão, conquista de Nelson... O Egito moderno e a sua capital são um labiríntico «melting pot», onde todas as influências se anicharam à sombra da dominante islâmica — mas o Cairo é talvez a mais «oriental» de todas as capitais do Médio Oriente e do Norte de África. Ninguém, aliás, lhe disputará o poder e a influência no mundo árabe: o Cairo é sede, há mil anos, da universidade islâmica de El-Azhar, onde 20 000 estudantes vindos, ainda, de todos os cantos do Islão, recebem um ensino tradicional que pode durar 17 anos para se tornarem «sábios» (uléma, os doutores de lei), professores (mudares), juizes (cadis) ou meros religiosos. Na universidade tradicional

entrava-se aos 12 ou aos 15 anos, desde que se soubesse recitar inteiramente o Corão. O seu curriculum baseava-se na teologia no direito, na lógica, na retórica, na poesia, na «melodia»... Uma universidade moderna coexiste, hoje, na mesma instituição, mas não destruiu a tradicional.

Identities

O Cairo não é mouro apesar do seu Jardim Andaluz, feito à semelhança do Alhambra de Granada, não é britânico nem francês apesar da sua «cidade europeia» não é turco apesar das alucinadas necrópoles dos mamelucos, e deve pouco ao Egito faraônico apesar de ele soprar em cada uma das ruelas dos bairros velhos, e dos fellahs que habitam as suas periferias ou atravessam, seguindo rebanhos de cabras, as suas circulares, recordarem irresistivelmente a mão-de-obra que, há quatro mil anos, ergueu as pirâmides.

Querem ser seus símbolos ora a cidadela de Saladino (Salah El-Din), construída a partir de 1166 e todas as mesquitas dessa zona da cidade, quer a torre de betão de 187 metros de altura, em forma de caule e botão de



ADMISSION FREE :

SITES TO VISIT
MUSEUM OF THE COLOSSUS
OF RAMESSES II
THE GARDEN :
STATUES OF RAMESSES II
STELA OF APRIES
SARCO PHAGUS OF :
AMENHOTEP HWI
ALABASTER SPHINX
THE TEMPLES :
THE EMBALMING HOUSE
OF APIS BULLS
CHAPEL OF SETI I
TEMPLE OF RAMESSES II
TEMPLE OF PTAH
MONUMENTS OF SAQQARA
3 . K . N . TO THE WEST



os num labirinto cortês

lotus, de cujo restaurante, no cimo, se domina a imensa cidade e os primeiros quilômetros dos desertos que a rodeiam. Ao norte está a ilha de Gezira, o Zamek residencial e mais longe a ilha de El-Hadar e o princípio do delta do Nilo. A leste, para lá do aeroporto, a montanha do Mokkatam, que começa a ser conquistada por novos bairros. Mais longe a cidade velha e um arredor verdejante, Maâdi. Ao sul, diante da Helwan industrial, a necrópole de Saqqarah com a sua pirâmide de degraus — a primeira construção em pedra do antigo Egipto. Para oeste, além do recente Dokki, da universidade e do jardim zoológico, está Gizé e as suas três pirâmides, majestosa porta do deserto líbio.

Quando perguntámos o número de habitantes da cidade, as respostas foram sempre incertas, mas apontaram para 12 ou para 14 milhões. Segundo uns, há 10 milhões de habitantes nocturnos aos quais se juntam, durante o dia, mais 2 milhões de periféricos que vêm trabalhar ao Cairo. Segundo outros, o número de nocturnos é já de 12 milhões... Os cemitérios árabes, que ocupam enormes extensões, albergam cerca de 2 milhões de pessoas sem casa. Muitos deles são autênticos bairros,

onde predomina a sepultura familiar (espécie de casa térrea sem tecto) agrupada em quarteirões.

São construções de tijolo, com porta e janelas para a rua, o que favorece a sua transformação em abrigo ocasional.

O «bruhaha» da cidade, que pode ser ensurdecedor em alguns dos seus centros, chega a qualquer dos pontos altos e quer da cidadela quer da torre, por exemplo, se ouve permanentemente o estrondo longínquo onde se misturam os mil e um ruídos do tráfego, das vozes, das buzinas.

Mas também há lugares e horas de silêncio: em Gizé, que ainda há poucos anos se dizia ficar «a 17 quilómetros da cidade» e que hoje é o término de um seu subúrbio (a estrada que lá conduz está agora polvilhada de «boîtes» e «cabarets» autorizados por Sadat), só se ouve o vento do deserto. E na cidade, quando os muezzins soltam o seu lamento e cantam chamando à oração, a sua voz impõe-se ao trânsito e tudo parece parar ou andar mais lentamente, como que comprovando o peso da religião no quotidiano árabe. A nação islâmica reza cinco vezes por dia, e durante o mês do Ramadão o absentismo ao trabalho pode atingir 90 por cento, como

nos disse um operário português da construção civil.

A religião tem, igualmente, uma importância central no modo como é encarada a expansão demográfica. O Estado evita, para não hostilizar a ideologia familiarista do Corão, assumir claramente qualquer campanha a favor da limitação da natalidade. As suas tentativas para propor, através da televisão, uma ideia de família mais restrita, que não ultrapasse os dois filhos, fazem-se com extrema prudência e sempre citando o próprio texto sagrado.

Mas seria excessivo considerar que o Egipto ou a Nação Árabe constituem, neste domínio, uma excepção: o problema do controlo da expansão demográfica é um problema africano, asiático, latino-americano. O Terceiro Mundo vive à sua maneira o mito da fecundidade, e essa vivência nada tem de comum com a «occidental».

Comércio

Almoço numa das portas de Khan Khalili, o «souk» ou «bazaar» mais popular do Cairo. O restaurante fica num primeiro andar e, através das suas enormes janelas gradeadas, dá para uma animada praça bordejada de esplanadas onde árabes de

djellabah fumam, em grupo, por cachimbos de água (narguilés) que alugam no próprio estabelecimento.

Não se serve qualquer álcool, nem sequer a popular cerveja «Stella», egípcia — a cerveja era a bebida por excelência do Egipto faraónico, mas o Egipto também produz vinhos da região do lago Mariout, que baptizou com nomes como «Faraó» e «Ommar Khayyam» (tintos). «Rubi do Egipto» (rosé) ou «Cru dos Ptolomeus» (branco).

Somos cerca de dez à mesa e servem-nos de entrada um pão semelhante a panquecas (Khebez) que se molha em pratos de tehina (pasta de sésamo aromatizada com limão). Depois repartimo-nos entre o Kebab (espetadas de carneiro polvilhadas de salsa) e o Kalaoui (rins grelhados), para honrar a cozinha egípcia, rica em assados ou grelhados de carne. Acompanhando a carne serve-se frequentemente um arroz solto com amêndoas e passas, e uma de muitas saladas de legumes crus ou de frutos.

No fim bebe-se café (Cahua) turco açucarado (sokkar ziada) médio (masbuth) ou sem açúcar (sada). Mas a bebida nacional é o chá (chai), que se bebe sempre forte e pode ser aromatizado com mentol ou hortelã-pimenta.

Quanto ao Khan El-Khalili, dir-se-ia que ele é o bairro onde se fixaram todos os fluxos comerciais que atravessam a cidade: é o «mercado árabe» labiríntico, constituído pelo que parece ser uma infinidade de vielas estreitas só-lojas, por vezes minúsculas, onde se transaccionam tapetes e peles, couros e vidros, ébanos e alabastros, toda a espécie de pedras e de vidros, cobs, pratos e estanhos. As «antiquidades» e as curiosidades predominam, e pareceria mal, ali, não discutir os preços: o mesmo narguilé ou a mesma lamparina de cobre podem custar 40, 20 ou 10 libras egípcias (uma libra egípcia vale cerca de 120 escudos, ao câmbio oficial), conforme a paciência e a habilidade do comprador. Uma chávena de chá ou uma bebida gasosa oferecidas pelo lojista podem, por vezes, celebrar um negócio ou simplesmente molhar uma negociação. O bairro começou por ser construído sobre um antigo cemitério mameluco, mas foi sobretudo a partir de 1511 que o sultão El-Ghuri instalou maior parte da área de comércio. Os guias turísticos propõem itinerários fixos para visitar o «souk» («souk» é a palavra egípcia para mercado, mas a valência de «bazaar», palavra persa, é a mesma); nós pensamos que a melhor maneira de

nele circular é deixarmo-nos transportar sem objectivo através do labirinto, mergulhando na atmosfera que ora cheira a perfumes, ora a tabacos e outras plantas fumáveis, ora a madeira e a especiarias.

O mesmo, aliás, é válido para todo o Cairo, e para os diferentes mundos que ele encerra. É fácil ouvir-se dizer a alguém que ali vive há anos que «ainda não conhece suficientemente a cidade». Que poderíamos nós dizer, no termo de uma visita de quatro dias?

É impossível não se ficar fascinado pelo Cairo, a maior cidade africana, e a sexta maior do mundo. E conhecê-lo é também, inevitavelmente, alargar, trabalhar a ideia que o ocidente faz da «humanidade». O Egipto, com os seus quase 40 milhões de habitantes, tem um rendimento per capita de 500 dólares (Portugal tem um rendimento per capita de 2800 dólares). Associado ao facto de o Egipto, apesar da sua definição «socialista» herdada de Nasser, ser uma pátria de teríveis contrastes sociais, este valor sugere talvez o que pode ser a riqueza e o que pode ser a miséria, ainda hoje, num grande país árabe.

João Mendes

Um documento para a história contemporânea do Médio Oriente

Relatório israelita sobre os massacres

Publicamos hoje os principais extractos do «relatório final» da comissão de inquérito sobre os acontecimentos ocorridos nos campos de refugiados de Beirute, assinado no dia 7 de Fevereiro de 1983 pelo presidente do Supremo Tribunal de Israel, Ytzhak Kahane, por Aharon Barak e pelo general na reserva Yona Efrat, depois entregue ao primeiro-ministro Menahem Begin e difundido no dia 9 de Fevereiro.

Este texto, que ocupa, em hebreu, um opúsculo de 120 páginas, foi integralmente reproduzido na sua versão inglesa autorizada pelo jornal «Jerusalem Post» no mesmo dia. É a partir dessa publicação que se fez a presente tradução. Os subtítulos são da responsabilidade da redacção do «Le Monde».

Depois de uma breve introdução que lembra que o Governo decidiu, a 28 de Setembro de 1982, a criação da comissão de inquérito, e expondo os seus métodos de trabalho, o relatório comporta uma secção «descrição dos acontecimentos» de que só reproduzimos breves extractos, retomando, em caixa, o desenrolar dos acontecimentos tal como aparece no relatório e que já era, de resto, conhecido. A comissão lembra, de passagem, os testemunhos de militares que dizem ter tido conhecimento de massacres e ter prevenido, em vão, os seus superiores.

Uma segunda secção é consagrada ao estabelecimento das responsabilidades e tem o seu início com a contestação de que as «responsabilidades directas» dos massacres de Sabra e Chatila tenham sido dos Falangistas liberais. Na parte do relatório consagrada às «responsabilidades à esca política» encontram-se a responsabilização do primeiro-ministro e de altas personalidades israelitas de que citam o essencial, tendo essas tomadas de posição tido as consequências que se sabe sobre a crise política de Israel.

Finalmente, o relatório termina com observações críticas sobre o funcionamento das diversas instituições e sobre «recomendações e notas». Compreende três anexos, um dos quais se manterá secreto.

Não pretendemos encontrar uma explicação para todas as contradições que se encontram nos testemunhos. Em muitos

casos essas contradições aparecem no conteúdo de conversas efectuadas entre várias pessoas, na ausência de testemu-

nhas ou na presença de testemunhas pouco atentas, e não há uma exposição exacta dessas conversas. É pois natural que

haja várias versões daquilo que foi dito, e essas diferenças não provêm necessariamente de um desejo de esconder a verdade.



Begin e Sharon: eles não conseguiram «inocentar-se» perante a opinião pública

Elas são, por vezes, o resultado natural de uma falha da memória humana. Não vemos pois necessidade de dar a nossa opinião sobre essas contradições que se referem a detalhes sem importância.

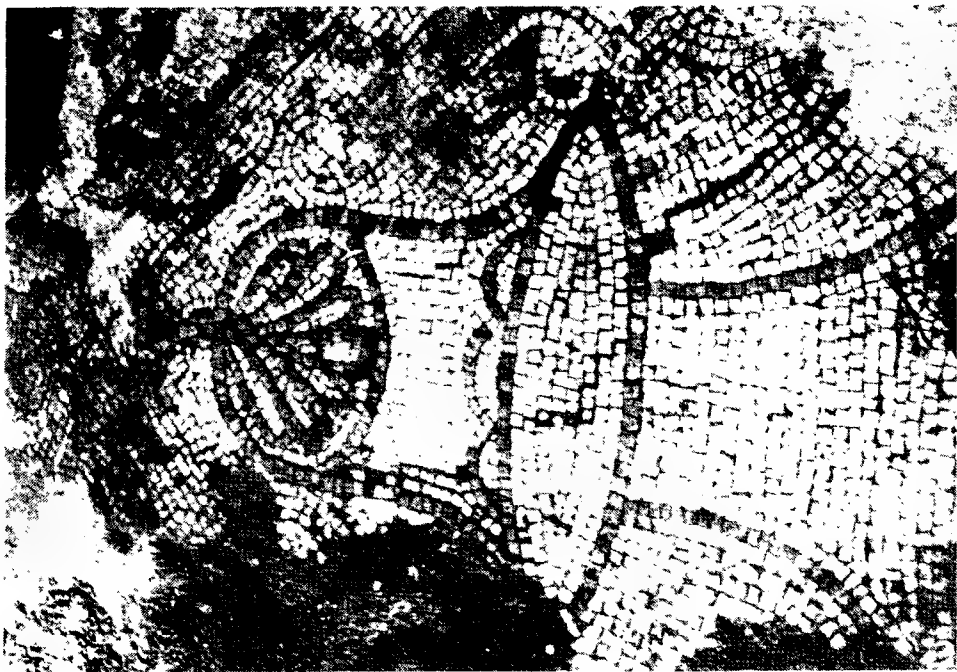
Os elos entre Israel e os cristãos

O elo entre as forças cristãs e o Estado de Israel foi estabele-

cido logo após o início da guerra civil. Depois reforçou-se, tanto sob o ponto de vista político como militar. As forças cristãs tiveram a promessa de que, se a sua existência estivesse em perigo, Israel ajudá-las-ia. Israel deu uma ajuda significativa às forças cristãs, entregando-lhes armas, uniformes, etc., e treinando-as. Houve um grande número de reuniões entre os dirigentes das Falanges e os representantes do Governo e das



CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA



Pavimento da «villa» romana descoberta recentemente perto de Baleizão

**O FUTURO DE ABRIL CONSTRÓI-SE
TAMBÉM DEFENDENDO OS VALORES
ARQUITECTÓNICOS DO PASSADO.**

MARQUISES

E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO

ORÇAMENTOS

GRÁTIS

CAIXILUX
COMERCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA.

DIVISÓRIAS

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Aberto das 9 às 19 h

Rua Francisco de Holanda, 28A

Telef. 777488 - 776323 — 1100 Lisboa

Fábrica — 9801203

Almada — 2755743 - 2755806

de Sabra e Chatila

Forças Armadas de Israel. No decorrer desses encontros, reforçaram-se os elos entre os dirigentes das duas partes. O Mossad pôde estabelecer uma ligação com os Falangistas; os seus representantes mantiveram — em vários períodos e por vários meios — um contacto bastante estreito com a direcção das Falanges. Durante estes encontros os dirigentes falangistas apresentaram planos para fortalecer as posições de força cristãs e várias propostas com o objectivo de pôr fim à guerra civil no Líbano e de restaurar a independência dessa nação, reforçando ao mesmo tempo o estatuto dos Falangistas e dos seus aliados no seio do futuro regime do Líbano. Os representantes de Israel puseram várias reservas a

estes planos e à contribuição de Israel para os realizar.

«A ética no combate» dos Falangistas

Em todos os testemunhos que ouvimos, houve unanimidade sobre o facto de a ética em combate dos falangistas, no que diz respeito à sua atitude perante os não combatentes, diferir grandemente da do Exército israelita. Já se disse que durante a guerra civil do Líbano foram perpetrados vários massacres por diversas forças que tomaram parte nos combates. Quando em Junho de 1982 a guerra começou, a opinião dominante entre os agentes do Mossad que haviam mantido contactos com a

direcção falangista era que as atrocidades e os massacres pertenciam ao passado e que as forças falangistas tinham atingido um estado de maturidade política e organizacional que assegurava que tais acções não se repetiriam (...).

Alguns factos eram, no entanto, incompatíveis com essa apreciação. Durante os seus encontros com Bechir Gemayel, os dirigentes do Mossad ouviram-lhe palavras que não deixavam nenhuma dúvida sobre a sua intenção de eliminar, quando chegasse ao poder, o problema palestino no Líbano, mesmo que isso significasse recorrer a métodos aberrantes contra os palestinos do Líbano (...). Palavras idênticas foram ouvidas a dirigentes falangistas. Para mais, certas acções dos falangistas durante a guerra mostravam

que eles não tinham modificado fundamentalmente a sua atitude para com várias secções da população libanesa, tais como os drusos e os palestinos, que consideram inimigos. Foram assinalados massacres de mulheres e crianças nas aldeias drusas, levados a cabo pelos falangistas, tal como a liquidação de palestinos pela unidade de informação de Elias Hobeika (...). Estas indicações reforçavam em certas pessoas — em especial entre os oficiais de informação experimentados — o sentimento de que, se os falangistas tivessem ocasião de massacrar os palestinos, não a deixariam escapar. (...)

A vista do «posto de comando avançado»

O posto de comando avan-

çado estava situado no telhado de um edifício de cinco andares, a uns 200 metros a sudoeste do campo de Chatila (...). Do telhado desse posto era possível ver a zona dos campos, mas — todas as testemunhas que visitaram o posto de comando o disseram, e acreditamos em algumas delas — era impossível ver o que se passava nas ruas do campo, mesmo com binóculos (...).

No dia 15 de Setembro de 1982, entre as 8 e as 9 horas da manhã, o ministro da Defesa chegou ao posto de comando avançado. Encontrou aí o chefe do Estado-Maior, e este fez-lhe um relatório sobre o acordo que acabava de se concluir com os falangistas, isto é, uma mobilização geral, a hora de recolher e a entrada dos falangistas nos campos. O ministro da Defesa aprovou esse acordo. Do telhado

do posto de comando, telefonou ao primeiro-ministro e informou-o de que não havia resistência em Beirute e de que todas as operações decorriam satisfatoriamente (...).

O ministro da Defesa foi do posto de comando avançado ao quartel-general falangista. Fez-se um relatório dessa reunião a que assistiam numerosos comandantes falangistas, assim como o ministro da Defesa, o director das informações militares, o chefe dos serviços gerais de segurança e representantes do Mossad. Durante a reunião o ministro da Defesa declarou que o Exército israelita investiria certas posições em Beirute-Oeste, mas que o Exército falangista também teria de entrar em Beirute Oeste depois dele e que os comandantes falangistas de-

Continua na pág. 16

-Breve cronologia dos acontecimentos

Eis — tal como aparece no relatório — uma breve cronologia dos acontecimentos, desde o atentado que custou a vida a Bechir Gemayel até à descoberta oficial dos massacres.

Terça-feira, 14 de Setembro

À tarde: explosão num edifício de Arafieh, onde se encontrava Bechir Gemayel, presidente do Líbano.

À noite, reunião dos altos responsáveis israelitas. Os generais Eytan e Sharon, por volta das 20h 30, concordam em enviar os falangistas para os campos de refugiados.

Às 22h 30: confirmação oficial de Jerusalém da morte de Bechir Gemayel. Toma-se a decisão de mandar entrar o exército israelita em Beirute-Oeste.

Quarta-feira, 15 de Setembro

À noite, o general Eytan encontra em Beirute o general Drori. Dirige-se depois ao estado-maior das Falanges a fim de organizar a coordenação da sua acção com a do exército israelita, tendo-se concluído que esta não entraria nos campos de refugiados. A essa reunião seguir-se-ão muitas outras.

6 horas: entrada do exército israelita em Beirute-Oeste.

Entre as 8 horas e as 14 horas: o general Sharon dirige-se sucessivamente ao posto de comando avançado israelita, instalado a 200 metros do campo de Sabra, à sede das Falanges, à casa dos Gemayel em Bichkfaya. Depois regressa a Telaviv.

11h 30: Begin informa o negociador americano Draper da entrada do exército israelita em Beirute-Oeste, para «preservar a calma».

18 horas: o general Sharon informa Begin de que «tudo está em ordem». O general Drori tenta sem êxito persuadir o exército libanês a entrar nos campos de refugiados.

Quinta-feira, 16 de Setembro

10 horas: o general Sharon informa Begin: «Os combates terminaram. Os campos de refugiados estão cercados. Tudo está calmo e tranquilo».

À tarde: reunião entre o general Yaron e o chefe das Falanges a fim de organizar a entrada destas nos campos.

18 horas: entrada dos Falangistas nos campos.

19h 30: reunião do gabinete israelita que toma conhecimento da entrada dos falangistas nos campos.

20 horas: primeiros indícios sérios recebidos no posto de comando israelita sobre os assassinios de civis nos campos de Sabra e Chatila.

Sexta-feira, 17 de Setembro

5h 30: mensagem recebida no bureau do chefe das informações militares: «Informações preliminares transmitidas pelo chefe das forças falangistas no campo de Chatila, afirmam que os seus homens liquidaram umas trezentas pessoas, entre terroristas e civis».

Este relatório circula entre numerosos oficiais israelitas.

11 horas: o general Drori dá ordem ao general Yaron de fazer cessar a progressão dos Falangistas nos campos. Tenta convencer o exército libanês a entrar nesses campos.

16 horas: o general Eytan, depois de uma reunião no Quartel General das Falanges em Beirute, autoriza estas a prosseguir a sua acção até sábado às 5 da manhã. Concorde com o seu pedido de um bulldozer «para destruir casas ilegalmente construídas». Mas recusa-lhes o envio de reforços.

Entre as 20 e as 21 horas: o general Eytan telefona a Sharon para o informar de que «os cristãos foram demasiado longe».

Sábado, 18 de Setembro

Entre as 6h 30 e as 7h 30: os Falangistas penetram no hospital Gaza e levam consigo o pessoal médico estrangeiro, que, ao passar, vê numerosos cadáveres nas ruas do campo.

6h 30: o general Yaron, constatando que os Falangistas ainda não abandonaram os campos, ordena ao seu comandante que os faça partir. Os últimos abandonam Sabra e Chatila às 8 horas.



CAIXA ECONÓMICA POSTAL

É TER O SEU DINHEIRO ONDE QUER QUE ESTEJA

Agora, com as novas condições da conta de Caixa Económica Postal, V. pode levantar até 10.000\$00 por dia, em qualquer Estação dos Correios ou até 20.000\$00 nos balcões da Caixa Geral de Depósitos. E já pode depositar qualquer quantia, sem limite. Para ter o seu dinheiro mais seguro.

Abra uma conta de Caixa Económica Postal. O seu dinheiro cresce e está sempre à mão. Em qualquer ponto do País, numa delegação postal ou nas dependências da Caixa Geral de Depósitos. Com uma conta de Caixa Económica Postal V. tem à disposição mais de 1.200 balcões em todo o País. Para movimentar facilmente o seu dinheiro, onde quer que esteja.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Demasiados responsáveis israelitas acusados

Continuação da pág. 15

viam manter contacto com o general Drori, comandante da frente norte (...).

O chefe do Estado-Maior ficou no posto de comando avançado em Beirute, e seguiu daí o desenvolvimento das acções do Exército israelita. Nesse dia os oficiais falangistas não foram ao posto de comando avançado para coordenar a operação, mas o general Drori encontrou-os à noite e disse-lhes, por alto, que a sua entrada nos campos se faria a partir do eixo de Chatila.

O general Drori que o plano de enviar os Falangistas para os

campos, punha pouco à vontade, esforçou-se por persuadir os chefes do exército libanês, a fazer entrar as suas próprias forças nos campos, e por obter do primeiro-ministro do Líbano que ele aceitasse essa decisão. A resposta do exército libanês foi porém, negativa (...).

A chamada de atenção de Levy

Durante a reunião do conselho de ministros, de 16 de Setembro o vice-primeiro-ministro David Levy declarou que aceitava a discussão sobre a entrada das forças israelitas em Beirute e acrescentou: Queríamos im-

pedir o caos num momento crucial. Numa situação confusa que outros podem explorar, é possível encontrar sempre uma explicação convincente. Mas essa explicação poderia ruir e arriscar-nos a perder a credibilidade quando sei que os Falangistas estão a penetrar num certo bairro e que isso é para eles a vingança: o massacre. Ninguém acreditará que entramos em Beirute-Oeste para aí pôr a ordem, e seremos considerados culpados. É por isso que eu acho que podemos encontrar-nos na situação de acusados e que as nossas ex-

plicações não tenham credibilidade.

Estas palavras não suscitaram nenhuma reacção dos assistentes (...).

O primeiro-ministro não foi prevenido

Pode decerto causar espanto que a participação dos Falangistas na entrada em Beirute-Oeste e o facto de a tarefa de «limpar» os campos lhes ter sido confiada, tenham parecido tão pouco importantes que o ministro da defesa não tenha informado o primeiro-ministro e não tenha portanto obtido o seu acordo para tal

decisão. Esse problema não põe no entanto, em causa a responsabilidade do primeiro-ministro. É claro que o primeiro-ministro não teve influência na decisão de fazer entrar os Falangistas nos campos e que não recebeu nenhum relatório sobre tal decisão até à reunião do gabinete na tarde de 16 de Setembro (...).

Já dissemos que era de prever o perigo de um massacre se os Falangistas penetrassem nos campos sem que tivessem sido tomadas medidas para os impedir de cometer tais actos. Não podemos aceitar as palavras do primeiro-ministro, segundo as quais ele não tinha conhecimento algum de um tal perigo. Segundo o que ele próprio declarou, disse ao chefe do Estado-Maior na noite de 14 para 15 de Setembro de 1982, explicando a sua decisão de mandar ocupar pelo exército israelita posições em Beirute-Oeste, que isso tinha por objectivo **proteger os muçulmanos da vingança dos Falangistas**; era de supor que depois do assassinio de Bechir, dirigente amado dos Falangistas, estes se vingariam nos terroristas. O primeiro-ministro estava ao corrente dos massacres cometidos por ambas as partes no Líbano durante a guerra civil, e dos sentimentos de ódio dos Falangistas contra os palestinianos que consideravam responsáveis por todas as desgraças, que se tinham abatido sobre o seu país. O objectivo da entrada do exército israelita em Beirute-Oeste — evitar a efusão de sangue — fora sublinhado pelo primeiro-ministro no seu encontro com o embaixador Draper, no dia 15 de Setembro. Estamos dispostos a acreditar que o primeiro-ministro, ocupado com a redacção da resolução durante a reunião do gabinete, não tenha prestado grande atenção às palavras do ministro Levy, expressas depois de longos debates e discussões. No entanto, não podemos aceitar a posição do primeiro-ministro, segundo a qual ninguém imaginara o que se produziu. (...)

A «indiferença» de Menahem Begin

Como já se disse, o primeiro-ministro ouviu falar pela primeira vez da entrada dos Falangistas nos campos umas trinta e seis horas depois da decisão ter sido tomada. Não tomou conhecimento da decisão antes da reunião do gabinete. Quando ouviu falar da entrada dos Falangistas nos campos, já essa entrada se dera. Segundo os relatórios, «cor-de-rosa» que o primeiro-ministro recebeu do ministro da Defesa e do chefe do Estado-Maior, estava no direito de pensar que todas as operações em Beirute-Oeste tinham decorrido da melhor maneira e estavam quase no fim. Pensamos que nestas circunstâncias o primeiro-ministro só tinha que recusar a entrada dos Falangistas nos campos ou que ordenar a sua retirada. Por outro lado não vemos nenhuma razão para isentar o primeiro-ministro da sua responsabilidade, só por não ter manifestado durante ou depois da reunião do gabinete, o mínimo interesse pelas acções dos Falangistas nos campos. Já antes se disse que não chegara às mãos do primeiro-ministro nenhum relatório sobre as operações dos Falangistas excepto talvez a queixa respeitante ao hospital de Gaza quando na noite de sábado tomou conhecimento da emissão da BBC.

Durante os dois dias que decorreram depois de o primeiro ministro ter tomado conhecimento da entrada dos falangistas (nos campos), não mostrou nenhum interesse pelas suas acções nos campos. Uma tal indiferença seria justificável se conseguíssemos aceitar a posição do primeiro ministro, segundo o

qual era impossível e inútil prever eventuais actos de vingança por parte dos falangistas. Mas já explicámos que, tendo em conta o que o primeiro-ministro sabia, tendo em conta o que ele ouviu na sessão do gabinete e tendo ainda em conta o que ele disse sobre o objectivo da entrada em Beirute, uma tal possibilidade que não lhe era desconhecida. É de supor que uma pequena manifestação de interesse da sua parte tivesse alertado o ministro da Defesa e o chefe do estado-maior para a necessidade de tomar medidas apropriadas em face desse perigo que era esperado. A falta de interesse do primeiro-ministro em todo este caso, faz pesar sobre ele um certo grau de responsabilidade. (...)

O «grave erro» do general Sharon

É exacto que enehuma advertência clara foi fornecida pelos serviços de informação do exército ou pelo Mossad sobre o que podia acontecer se as forças falangistas entrassem nos campos, e trataremos de novo este assunto quasi do examinarmos a responsabilidade do chefe dos serviços de informação e do chefe do Mossad. Mas, na nossa opinião, mesmo na ausência de uma tal advertência, é impossível justificar a falta de interesse do ministro da Defesa no que diz respeito ao risco de um massacre. Não vamos repetir aqui o que já dissemos acerca da atitude moral dos falangistas no combate — que era largamente conhecida — do seu ódio pelos palestinianos e dos planos dos seus chefes quanto ao futuro destes últimos, quando eles próprios estivessem no poder. Para além desse conhecimento geral da situação, o ministro da Defesa dispunha de informações particulares provenientes do número não desprezível dos seus encontros com os chefes falangistas, antes do assassinio de Bechir.

Ao dar aos falangistas a possibilidade de entrarem nos campos de refugiados sem supervisionar as suas operações, podia criar-se um grave perigo para a população civil. Isto seria válido mesmo antes do assassinio de Bechir. Um tal perigo devia ter sido previsto e, depois do assassinio, era imperativo prevê-lo. O facto de não se saber com precisão que organização causara a morte de Bechir Gemayel não tinha nenhuma importância, dado que se conhecia o estado de espírito dos combatentes no Líbano. Nas circunstâncias em que decorreu a eliminação de Bechir, não eram necessários dons proféticos para se saber que um perigo concreto de morticínio surgiria se os falangistas se movimentassem nos campos sem que o exército israelita os acompanhasse (...).

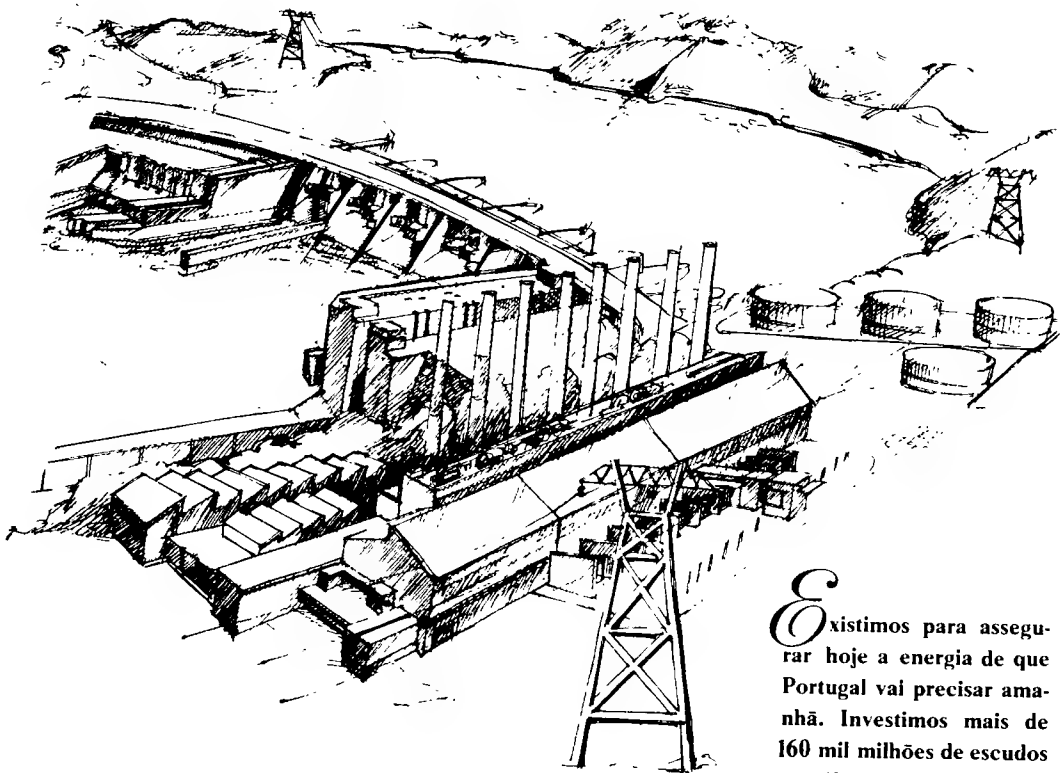
Este perigo devia estar presente no espírito de qualquer pessoa informada e, sem dúvida alguma, no do ministro da Defesa que teve uma parte activa em tudo o que respeitava à guerra. O seu empenhamento no conflito era profundo, e a ligação com os falangistas era uma das suas preocupações permanentes.

Se, na verdade, o ministro da Defesa, quando decidiu que os falangistas entrassem nos campos sem a participação do exército israelita não pensava que uma tal decisão podia conduzir à catástrofe que se produziu, a única explicação possível para o facto é ele ter afastado de si toda e qualquer apreensão acerca do que era natural acontecer e fê-lo porque as vantagens que obtinha com a entrada dos falangistas nos campos o afastaram das considerações que a situação impunha.

Político responsável dos problemas de segurança de Israel e

Continua na pág. 19

Construindo hoje a energia do amanhã



Existimos para assegurar hoje a energia de que Portugal vai precisar amanhã. Investimos mais de 160 mil milhões de escudos nos últimos 5 anos.

No futuro, este investimento terá de crescer de forma significativa para, assim, se poder assegurar o cumprimento dos nossos programas: construção de novos Centros Produtores de energia eléctrica, Subestações e Linhas de transporte, além de impulsionar a Electrificação do território em extensão e em profundidade.

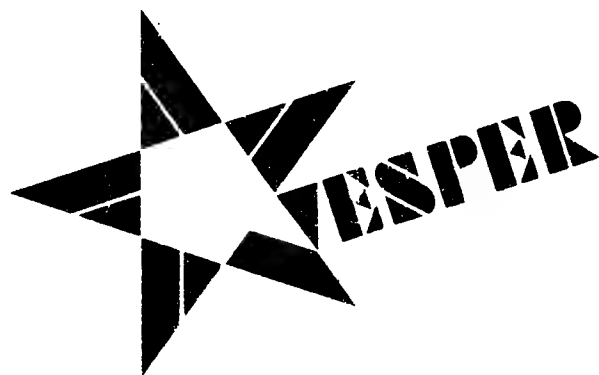
Mas vamos mais longe. Ao fomentar o lançamento e a dinamização de novas indústrias e tecnologias, a Electricidade de Portugal contribui também, embora de forma indirecta, para um considerável aumento de postos de trabalho, que o mesmo é dizer para melhorar o futuro de Portugal e dos portugueses.



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

UMA EMPRESA PORTUGUESA AO SERVIÇO DOS PORTUGUESES

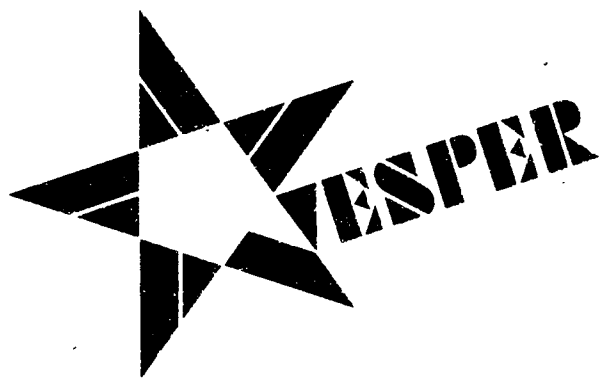
**Estamos cá
como se estivéssemos lá.
Somos uma ponte segura
na cooperação recíproca.**



uma Empresa privilegiada
na auscultação directa e
no diálogo negociador.
preparada e experimentada
como via das melhores condições
de parceria, que decorrem do
planeamento de
um grande mercado.

ANGOLA

O seu estatuto preferencial
é um espelho que reflecte
as necessidades orientadas e
as pontencialidades do
comércio externo angolano.



**uma experiência
adquirida
uma confiança
reforçada
no domínio de
acordos e
operações
comerciais e
no fomento de
cooperação
técnica com a RPA.**

Consulte:

VESPER • Importação e Exportação, Lda.
Avenida António José de Almeida, 44, 1.º-D.
1000 LISBOA • Portugal
telef. 731123/731323/731423
telex 43688 VESPER P
43446 VESPER P

Empresa de Capitais mistos
Luso-Angolana, associada das
seguintes Unidades Económicas Estatais:

IMPORTANG U.E.E.
Central Angolana de Importação.
EXPORTANG U.E.E.
Central Angolana de Exportação.

ANGODESPACHOS U.E.E.
Empresa de Despachos Alfandegários
de Luanda.

e da
COTECO, Sociedade de Cooperação
Técnica e Comercial, Limitada.



CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE

EDITAL

FEIRA DE OUTUBRO

FERNANDO SOUSA CAEIROS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE, TORNA PÚBLICO QUE, nos termos do Regulamento Municipal sobre feiras anuais do concelho se encontra aberto o concurso público para a concessão de exclusivos de exploração dos divertimentos na próxima feira de Outubro.

Os divertimentos e base de licitação são os seguintes:

a) — Circo	5 000\$00
b) — Pista de automóveis eléctricos de adultos	120 000\$00
c) — Pista de automóveis eléctricos de crianças	5 000\$00
d) — Carrocel de adultos	5 000\$00
e) — Carrocel de crianças	3 000\$00
f) — Roda de aviões e twyster	5 000\$00
g) — Outras diversões electromecânicas	5 000\$00

§ único — O circo para além do valor da licitação deverá efectuar um espectáculo gratuito para as crianças do concelho com menos de 13 anos de idade e um acompanhante adulto por cada grupo de 15 crianças.

Caução provisória: 20% da base de licitação.

O concurso é aberto pelo prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente edital.

As propostas serão abertas às 15 horas do dia 4 de Maio de 1983 no Edifício dos Paços do Concelho de Castro Verde.

O Regulamento da Feira poderá ser consultado, durante as horas de expediente na Secretaria da Câmara Municipal.

Para constar se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 31 de Março de 1983

O Presidente da Câmara
Fernando Sousa Cairos

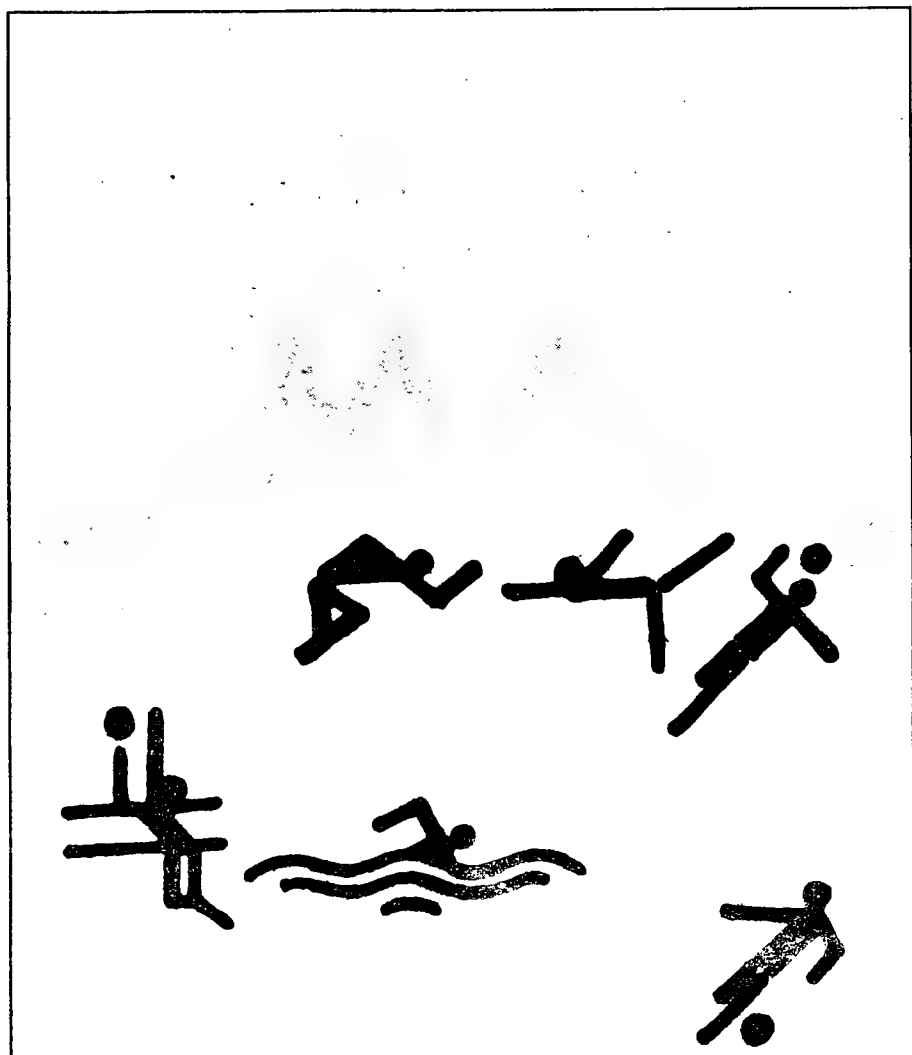


CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA



**AVANÇAR NA RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS
DA POPULAÇÃO COM
DINAMISMO • COMPETÊNCIA • DEDICAÇÃO**

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA



**PRÁTICA DESPORTO
DEFENDE A SAÚDE**



CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALVITO

**ao serviço da cultura
ao serviço da população**

**BIBLIOTECA
MUNICIPAL**



Iniciando-se com mais de dois mil livros abrangendo todas as áreas do conhecimento humano, a Biblioteca Municipal de Alvito será um órgão vivo e actuante na divulgação da cultura no concelho
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E IMPRENSA DA CMA

inauguração
23 de Abril - 10 h.

de terem tomado decisões por conta própria

Continuação da pág. 16

ministro com uma parte activa na direcção das operações políticas e militares da guerra com o Líbano, o ministro da Defesa tinha o dever de tomar em conta todas as considerações discutindo, de um modo razoável, a entrada ou não entrada dos falangistas nos campos, e não negligenciando totalmente as considerações sérias da natureza a desaconselhar a operação, até porque os falangistas podiam cometer atrocidades e era necessário, mesmo por simples humanidade, prever uma tal possibilidade e evitar o perigo político que ele podia trazer consigo. Ouvimos ao próprio ministro da Defesa que essa consideração não o preocupou por aí além e que o caso, com todas as suas implicações, não foi discutido nem examinado nos encontros em que participou. Na nossa opinião, o ministro da defesa cometeu um erro grave ao ignorar o perigo de actos de vingança, de um banho de sangue, perpetrado pelos falangistas nos campos de refugiados.

Já dissemos: não afirmamos que a decisão de deixar entrar os falangistas nos campos não devesse ter sido tomada em circunstância alguma.

Achamos que não devia censurar-se o ministro da Defesa se uma tal decisão tivesse sido tomada depois de um exame de todas as considerações. Se a decisão fosse tomada conhecendo o risco de prejudicar os habitantes, impunha-se a obrigação de tomar medidas que assegurassem a supervisão efectiva e contínua pelo exército israelita das acções dos falangistas no local, de modo a prever o perigo ou, pelo menos, a reduzi-lo consideravelmente.

Uma falta ao dever do seu cargo

O ministro da Defesa não deu



Refugiados abatidos no campo de Sabra

ordens sobre a adopção de tais medidas. Não vamos demorar-nos sobre as medidas que deviam ter sido tomadas. Fazeremos mais adiante. No que diz respeito à responsabilidade do ministro da Defesa, basta afirmar que ele não deu ordem ao exército israelita que adoptasse medidas convenientes. De modo análogo, nos seus encontros com os chefes dos falangistas, não tentou fazê-los ver a gravidade do risco de que os seus homens cometessem massacres. Embora não seja certo que tais palavras evitassem morticínios, elas teriam podido ter certa influência sobre os chefes falangistas que, preocupados com os seus interesses políticos, teriam imposto um certo controlo aos seus homens, assegurando-se assim que eles não saíam do quadro de operações de guerra regular. Já dissemos antes que algumas horas depois da entrada dos falangistas nos campos, os seus soldados presentes no local perguntaram o que deviam fazer das pes-

soas que lhes tinham caído nas mãos, e que, a resposta obtida, não só não os impedia de lhes fazer mal, mas ainda os incitava a fazê-lo. É razoável supor que se os chefes que deram esta resposta tivessem ouvido da boca do ministro da Defesa ou de chefes de uma categoria mais elevada das falanges, uma ordem clara e explícita que os proibisse de fazer mal aos civis e indicasse quanto isso podia prejudicar as falanges, a sua resposta à pergunta que lhes era feita, teria sido diferente (...).

Não aceitamos a asserção segundo a qual o ministro da Defesa não receava que os falangistas fizessem morticínios, porque, no seu aspecto exterior eles tinham o ar de um exército disciplinado e organizado. Com efeito, não se podia inferir do aspecto da organização falangista que a sua atitude perante a vida humana e a população não combatente se modificara fundamentalmente (...).

Achamos que o ministro da Defesa é responsável por ter

negligenciado o risco de actos de vingança e de um banho de sangue por parte dos falangistas contra a população dos campos de refugiados e por não ter tomado em conta este perigo quando decidiu mandar entrar os falangistas nos campos. Para mais, cabe-lhe a responsabilidade de não ter ordenado as medidas necessárias para prever ou reduzir este perigo e por não ter posto condições à entrada dos falangistas. Estes passos em falso constituem uma falta a um dever do seu cargo do ministro da Defesa (...).

O «cepticismo» de Shamir

Um fenómeno que apareceu em plena luz nesse caso — o relatório feito por um ministro a outro ministro não teve a atenção que merecia devido às más relações entre os membros do gabinete — é lamentável e inquietante. Tivemos a impressão de que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Shamir, não fez nenhuma

tentativa real para verificar se havia algo de fundamentado no que ouvira da boca do ministro Zipori acerca das operações falangistas nos campos, isso devido à sua atitude a priori céptica. É difícil encontrar uma justificação para um tal desprezo pelas informações que emanavam de um membro do gabinete, sobre tudo tendo em vista as circunstâncias nas quais essas informações tinham sido comunicadas. Como foi estabelecido, a conversação entre os dois ministros foi precedida por uma reunião do gabinete, no dia 16 de Setembro de 1982, durante a qual o ministro Levy chamara a atenção para o perigo do envio de falangistas para os campos.

Nessa sexta-feira terminava uma semana durante a qual se tinham produzido acontecimentos dramáticos. A situação era, no seu conjunto, cheia de perigo e de tensão. Em tais condições, seria de esperar que o ministro dos Negócios Estrangeiros se mostrasse sensível e atento àquilo que ouvira da boca de outro ministro — mesmo que estejamos dispostos a aceitar, sem condições, a sua declaração segundo a qual o ponto em discussão dizia unicamente respeito à «indisciplina» dos falangistas.

O ministro dos Negócios Estrangeiros devia, pelo menos, ter chamado a atenção do ministro da Defesa para as informações que tinha recebido; Não devia ter-se contentado em perguntar a alguém do seu gabinete se tinham chegado novas informações de Beirute, nem esperar das pessoas que vinham ao seu escritório que elas soubessem o que se passava e pudessem preveni-lo se algo de anormal acontecesse. Na nossa opinião, o ministro dos Negócios Estrangeiros cometeu um erro não tomando nenhuma medida depois de ter ouvido o que o ministro Zaporí lhe disse sobre as activi-

dades dos falangistas nos campos (...).

O chefe do estado-maior «devia ter sabido e previsto»

A experiência passada não podia de nenhum modo permitir pensar que a entrada dos falangistas nos campos era desprovida de perigo. O chefe do estado-maior estava perfeitamente consciente de que os falangistas estavam animados por sentimentos de ódio para com os palestinianos e que tais sentimentos não haviam mudado com a guerra «Paz na Galileia» (...). O chefe do estado-maior teve, por várias ocasiões, palavras duras e claras sobre o tipo de combate a que se entregavam as facções e as comunidades do Líbano, e sobre a ideia de vingança que nelas se enraizara. Neste ponto basta recordar os factos detalhados presentes neste relatório. Já dissemos várias vezes que o choque do assassinio de Bechir Gemayel e de um grupo dos seus era uma razão suficiente para excitar os falangistas. É difícil compreender como pôde justificar-se a ignorância do efeito de estímulo que esse acontecimento ia ter nos sentimentos de vingança e de ódio por todos os que eram hostis aos falangistas, a começar pelos palestinianos (...).

A ausência de uma chamada de atenção por parte de peritos não pode servir de explicação a essa ignorância do perigo de um massacre. O chefe do estado-maior devia ter sabido e previsto — tanto por bom-senso como devido às informações de que dispunha — que a possibilidade de ataque à população era uma realidade nos campos que estavam nas mãos dos falangistas. Mesmo que os peritos não tivessem cumprido as suas obriga-

Continua na pág. 20

ALIANÇA SEGURADORA

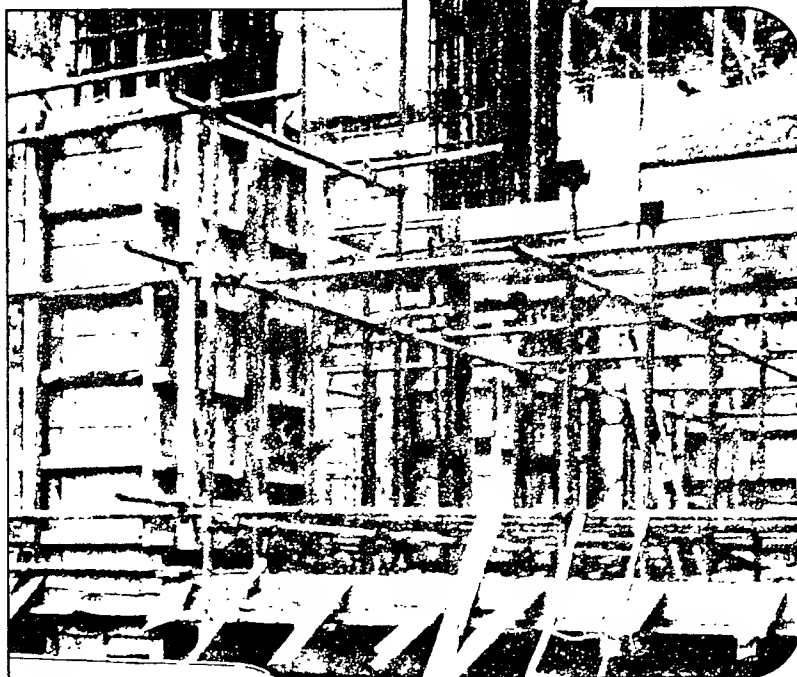
A fusão de cinco ex-Companhias—Argus, Douro, Mutual, Ourique e Tagus —permitiu que um novo símbolo se apresentasse como o garante de uma grande Empresa, cuja dinâmica e capacidade técnica lhe permitem responder aos grandes problemas que o desenvolvimento industrial exige duma Seguradora.

A Aliança Seguradora possuía já, na anterior estrutura, um Serviço de Prevenção e Análise de Riscos, que se mantém, agora redimensionado, ao serviço de todas as Empresas, estudando em cada caso as melhores soluções, de modo a estudar os possíveis riscos e a evitá-los, quer relativamente aos perigos de Incêndio, quer relativamente aos de acidentes de Trabalho. Muitos sinistros ocorrem por simples negligência, por falta desse estudo, e não por inerência da indústria em causa ou da profissão. Oferecemos às Empresas o «*olhar técnico*» de que, na maior parte dos casos, elas não dispõem.

Ainda ao serviço da indústria portuguesa criámos vários novos Seguros técnicos, entre os quais salientamos:
SEGURO DE CONSTRUÇÕES / SEGURO DE AVARIA DE MÁQUINAS / SEGURO DE MONTAGENS / SEGURO DE EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO.

Qualquer destes Seguros possui uma extensa cobertura que protege o Segurado contra os riscos normais, mas pode ainda ser objecto de uma extensão especial que o coloca ao abrigo de outros riscos ocasionais. A nossa equipa especializada garante a Assistência ao Segurado em qualquer caso.

Consulte-nos. Criámos os nossos departamentos para o seu serviço.





Israel terá dificuldade em fazer esquecer

Continuação da pág. 19

ções, nem por isso o chefe do estado-maior fica isento de responsabilidades.

A decisão de enviar falangistas para os campos foi tomada pelo ministro da Defesa e pelo chefe do estado-maior, e este último deve ser considerado co-autor de uma tal decisão, tendo portanto a dupla responsabilidade da sua adopção e da sua aplicação. O chefe do estado-maior não exprimiu ao ministro da Defesa nenhuma oposição ou reserva quanto a essa decisão, e ninguém contesta que ela tenha sido tomada com o seu consentimento. Nada permite duvidar disso. Se o chefe do estado-maior tivesse feito uma oposição ou reservas, isso teria pesado muito seriamente

na tomada de decisão. E se a sua opinião tivesse sido diferente da do ministro da Defesa, ele podia facilmente levar o caso até ao primeiro-ministro. Através do testemunho já citado do chefe do estado-maior vê-se que uma oposição sua ao envio dos falangistas para os campos teria feito com que eles não fossem mandados para lá. Teriam sido adoptados outros meios de controlar os campos.

Se o chefe do estado-maior não pensou que a entrada dos falangistas nos campos punha em perigo a população civil, isso mostra uma negligência de elementos de apreciação importantes, que há que ter em conta. Para mais devido às próprias declarações já citadas do chefe do estado-maior dificilmente

pode deixar de se concluir que ele ignorou esse perigo porque estava consciente das grandes vantagens que havia em enviar os falangistas para os campos, e também porque esperava que, em última análise os excessos falangistas não seriam muito amplos. O comportamento do chefe do estado-maior, ulteriormente, quando as primeiras informações sobre os excessos dos falangistas nos campos começaram a chegar, também nos leva a essa conclusão.

Já foi dito pelo próprio chefe do estado-maior, e em seu nome, que tinham sido tomadas medidas apropriadas para evitar o perigo. O mesmo argumento foi avançado pelo general Drori e pelo general Yaron. Segundo o nosso ponto de vista, um tal argumento não é válido. (...)

Achamos que o chefe do estado-maior não teve em conta o risco de actos de vingança e efusão de sangue que ameaçava a população dos campos de refugiados de Beirute; não ordenou medidas apropriadas para evitar esse risco; e esta falta equivale a uma falta ao dever que lhe incumbia. (...)

Ao chegar a Beirute, o chefe do estado-maior foi informado pelo general Drori do que este último sabia acerca das actividades dos falangistas; contentou-se com esse relatório e não fez perguntas sobre o assunto nem ao general Drori nem ao general Yaron. Se uma tal reserva pode ser explicada pelo facto de ele esperar detalhes mais concretos da sua conversa com os comandantes falangistas o que se pas-

sou durante essa conversa obriga-nos, em contrapartida, a fazer perguntas para as quais não encontramos uma resposta satisfatória. O chefe do estado-maior não fez aos comandantes falangistas nenhuma pergunta sobre as operações anormais ou os actos graves que pudessem ter sido perpetrados nos campos. Segundo o seu testemunho ele pensava que, se tais actos tivessem sido perpetrados, os próprios comandantes falangistas lhe teriam falado nisso.

Essa convicção ingénua não repousa em nenhum fundamento real. É impossível compreender como o chefe do estado-maior pôde concluir que as desconfianças nascidas acerca de tais actos não tinham fundamento visto que os comandantes falangistas não lhe diziam nada acerca das operações levadas a efeito contra a população civil dos campos. (...)

Chegamos à conclusão que a inacção do chefe do estado-maior e a sua ordem de fornecer um ou vários tractores às forças falangistas constituem uma falta ao seu dever e um abandono das suas responsabilidades.

O chefe do Mossad «devia ter dado a sua opinião»

O chefe do Mossad tinha a obrigação de dar a sua opinião durante a reunião do gabinete, sobre a entrada dos falangistas, e de referir os perigos inerentes às operações dos falangistas, principalmente depois de ter ouvido as palavras do ministro



Mulheres e crianças mortas em Chatila

David Levy. Tendo em conta todas as circunstâncias acima mencionadas, a nossa opinião é que essa inacção do chefe do Mossad não deveria ser considerada como séria.

O general Saguy fechou os olhos e os ouvidos

O director das informações militares afirmou que ignorava tudo acerca da decisão de enviar

os falangistas para os campos e só ouvira falar do papel atribuído aos falangistas no respeitante à sua entrada em Beirute quando descobriu o caso num documento em que se falava das tre-

ALCOTA



Jac

PAPÉIS E PELÍCULAS P.V.C. E ALUMÍNIO MYLAR, ETC.,
AUTO-ADESIVOS, ETIQUETAS, AUTO-ADESIVAS DE
TODOS OS TIPOS, INCLUSIVE PARA COMPUTADORES

Cow

CAUCHUS P/OFFSET 3 E 4 TELAS
COMPRESSÍVEIS E NORMAIS



HOWSON-ALGRAPHY

CHAPAS PRESENSIBILIZADAS

POSITIVAS
«ALYMPIC GOLD»
«SPARTAN»

NEGATIVAS
«SUPERMARATHON»
«MARATHON»

PRONTOPHOT-HAPA

MAQUINAS DE SOBRE-IMPRESSÃO
PARA EMBALAGENS E ROTULOS
(LABORATORIOS, FABRICAS DE
CONSERVAS, CONCENTRADOS
E OUTRAS.)

SAUVEN MARKING

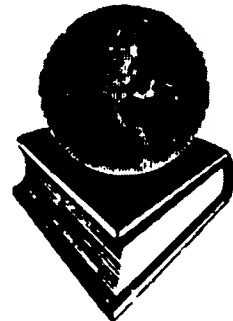
MAQUINAS DE MARCAR EMBALAGENS,
DE CODIFICAR E DE PERFURAR

FORNECEDORES EXCLUSIVOS DE CHAPAS «MARATHON» À RENASCENÇA GRÁFICA
DESDE 1970, INÍCIO DA SUA IMPRESSÃO DE JORNAIS E REVISTAS EM OFFSET.

TAMBÉM FORNECEDOR DO «DIÁRIO POPULAR» E OUTROS

REPRESENTAÇÕES ALCOTA S.A.R.L. AV. DO URUGUAI, 22 A 1500 LISBOA

Telefones: P.P.C.A. 74 20 51 2 3 • Telegramas: ALCOTA • Telex: 12620 P



O MUNDO DO LIVRO

LARGO DA TRINDADE, 12

GRAVURAS ANTIGAS E MODERNAS

PARA DECORAÇÃO DO SEU LAR

ESCRITÓRIOS • RESTAURANTES • HOTÉIS

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO

E CONSULTE OS NOSSOS PREÇOS

as atrocidades cometidas no Líbano

zentas pessoas mortas na manhã de 17 de Setembro. É difícil aceitar uma tal afirmação. A decisão acerca do envio dos falangistas para os campos fora discutida do telhado do posto de comando avançado na manhã de 15 de Setembro de 1982, em conversas entre o ministro da defesa, o chefe do estado-maior e o general Drori. Custa-nos a acreditar que uma decisão discutida durante essas conversas não tenha chegado aos ouvidos do director das informações militares que estava presente no telhado do posto de comando avançado.

O director das informações militares tinha todas as possibilidades de ouvir falar, nesse momento, dos planos respeitantes à participação dos falangistas na entrada em Beirute e do papel que lhes era atribuído. Se, na verdade, não ouviu falar do plano de enviar os falangistas para os campos, a única razão que pode ser dada para um tal comportamento era ele ser completamente indiferente ao que se passava e se dizia no telhado do posto de comando avançado e não tinha interesse algum por assuntos que, devido às suas funções, deviam interessá-lo. A imagem que surge do testemunho do próprio general Saguy é a da indiferença e de um visível desinteresse, a imagem de um homem que fecha os olhos e os ouvidos a um problema acerca do qual competia ao director das informações do exército israelita abrir os olhos e ouvir tudo o que se discutia e se decidia (...). Na nossa opinião era dever de quem ocupava o posto de director das

informações militares mostrar vigilância acerca do papel dos falangistas na entrada em Beirute depois do assassinio de Bechir Gemayel, pedir esclarecimentos apropriados e prevenir explicitamente e expressamente todos os interessados, sobre o perigo que se esperava. O medo de que essas advertências não merecessem uma atenção bastante e fossem rejeitadas, não justifica essa inacção total. Essa inacção constitui uma falta ao dever por parte do director das informações militares no exercício das suas funções (...).

«Recomendações» finais

A propósito das recomendações seguintes, que dizem respeito a homens que ocupam posições importantes no seio do Governo e das forças armadas, tomámos em consideração (o facto) de todos eles terem a seu crédito numerosos serviços públicos ou militares, prestados ao Estado com espírito de sacrifício e dedicação. Se, em todo o caso, chegámos à conclusão que nos compete recomendar algumas medidas contra alguns deles, fazêmo-lo porque admitimos que a gravidade da questão e as implicações sobre os fundamentos da moralidade pública, em Israel, exigiam tais medidas.

* **O primeiro-ministro, os ministros dos Negócios Estrangeiros e o chefe do Mossad:** Estabelecemos os factos e as conclusões no que diz respeito às suas responsabilidades. Perante o que pudemos determinar, achamos que basta que as respectivas responsabilidades

sejam estabelecidas, e que não é necessário fazer recomendações suplementares.

* **O general Amir Drori:** Já referimos acima, detalhadamente, as nossas conclusões no que diz respeito à responsabilidade do general Amir Drori (comandante do norte). O general Drori teve a seu cargo numerosas tarefas, difíceis e complexas, durante a semana, em que as forças de defesa de Israel entraram em Beirute-Oeste, missões que levou a efeito após um longo período de combates difíceis. Tomou certas medidas para pôr termo às acções dos falangistas, e o seu erro reside no facto de não ter continuado essas acções. Tendo em conta estas circunstâncias parece-nos que basta estabelecer as suas responsabilidades sem recorrer a recomendações suplementares.

* **O ministro da Defesa, Ariel Sharon:** Determinámos que o ministro da Defesa tem uma responsabilidade pessoal. A nosso ver convém que ele tire as conclusões pessoais apropriadas dos erros cometidos no modo como se desobrigou dos seus deveres — e, se necessário, que o primeiro-ministro tome em consideração a oportunidade de exercer a sua autoridade no termo do Artigo 21 da Constituição, segundo o qual o primeiro-ministro pode, depois de ter informado o gabinete da sua intenção de o fazer, demitir um ministro das suas funções.

* **O general Eytan, chefe do estado-maior:** Chegámos a conclusões muito graves, no que diz respeito aos actos e às faltas do chefe do estado-maior, general Rafael Eytan. Ele deve terminar

o seu mandato em Abril de 1983. Tendo em vista o facto de o seu mandato não poder prolongar-se, não são necessárias recomendações sobre a sua manutenção como chefe do estado-maior. Assim, decidimos que era suficiente terminar as suas responsabilidades sem outras recomendações.

* **O general Yehoshua Saguy, director das informações militares:** Já referimos as várias e muito sérias faltas cometidas pelo general Yehoshua Saguy, que não cumpriu os deveres do seu cargo. Recomendamos que ele não continue director das informações militares.

No decurso deste inquérito surgiram algumas fraquezas no funcionamento de (vários) serviços. Devemos extrair daí as lições apropriadas e recomendamos, para além de um controlo interno, que um inquérito sobre as fraquezas e sobre os meios de os remediar seja confiado a um ou a vários peritos nomeados por um comité ministerial da defesa. Se, durante esse inquérito se verificar que algumas pessoas têm responsabilidades nessas fraquezas, deverão tirar-se conclusões apropriadas, ou de acordo com as imposições do código militar ou de outro modo.

«O fim nunca justifica os meios»

Nos testemunhos e nos vários documentos, acentua-se a diferença entre «a ética em combate» das forças israelitas de defesa, e a que preside aos choques sangrentos entre os diversos grupos étnicos, milícias e

forças em luta no Líbano. A diferença é considerável. Durante a guerra que as forças de defesa israelita levaram a efeito no Líbano, foram feridos numerosos civis e houve numerosas perdas humanas, apesar dos esforços feitos para não atingir os civis.

Em mais e uma ocasião estes esforços trouxeram, para as tropas israelitas, perdas suplementares. Durante os meses da guerra, os soldados do exército israelita foram testemunha de numerosos morticínios, destruições e ruínas. Segundo as suas reacções (de que fomos informados) aos actos de brutalidade contra civis, vê-se que, apesar das cenas terríveis e outras experiências da guerra, apesar da obrigação de o soldado se conduzir em combate com uma certa dureza, os soldados das forças israelitas de defesa não perderam a sua sensibilidade às atrocidades que eram cometidas sobre não-combatentes, ou por crueldade ou por espírito de vingança. É de lamentar que a reacção dos soldados israelitas perante tais factos nem sempre tenha sido suficientemente enérgica para pôr um termo a esses actos desprezíveis.

Parece-nos que as forças armadas israelitas devam continuar a promover o respeito pelas obrigações morais fundamentais, inclusive em casos de guerra, sem por isso prejudicar a sua capacidade operacional. As circunstâncias do combate exigem que os combatentes sejam duros — dão a prioridade à persecução do objectivo e estão prontos a fazer sacrifícios — a fim de atingir os objectivos que lhes são atribuídos, mesmo nas mais difíceis condições. Mas o fim

nunca justifica os meios e os valores éticos e humanos fundamentais devem ser respeitados no uso das armas.

Sem nenhuma parcialidade

Algumas reacções do público exprimiam descontentamento perante a organização de um inquérito sobre um tema que não dizia directamente respeito à responsabilidade de Israel. Foi avançado o argumento de que, em casos anteriores de massacres no Líbano, em que morreram vítimas muito mais numerosas do que em Sabra e Chatila, a opinião mundial não se mostrou escandalizada e não se formou nenhuma comissão de inquérito. Não fomos nós que tomámos tal decisão, mas sim o governo israelita. O objectivo essencial do inquérito era fazer luz em todos os factos importantes respeitantes às atrocidades cometidas. Ela, tinha consequentemente a sua importância para a manutenção da força moral de Israel e do seu funcionamento como um Estado democrático que respeita escrupulosamente os princípios fundamentais do mundo civilizado.

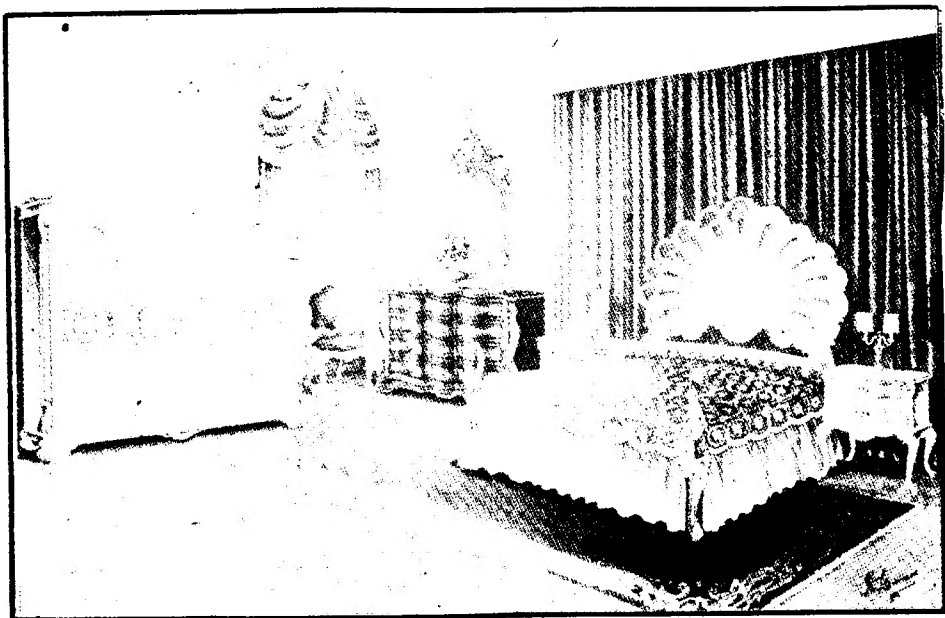
Não temos ilusões sobre a satisfação ou a convicção de que os resultados desse inquérito darão aos que têm preconceitos ou consciências selectivas. Mas não era a eles que este inquérito se destinava. Aplicámo-nos em atingir a verdade, não nos poupámos a nenhum esforço para tal e estamos convencidos de que todas as pessoas de boa vontade que examinem o problema sem preconceitos, ficarão convencidas de que o inquérito foi feito sem parcialidade.

ARMAZÉNS DE MÓVEIS

BEIRA RIO

DE

ANTÓNIO CARLOTO



MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS
PARA VOSSO INTERESSE
CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

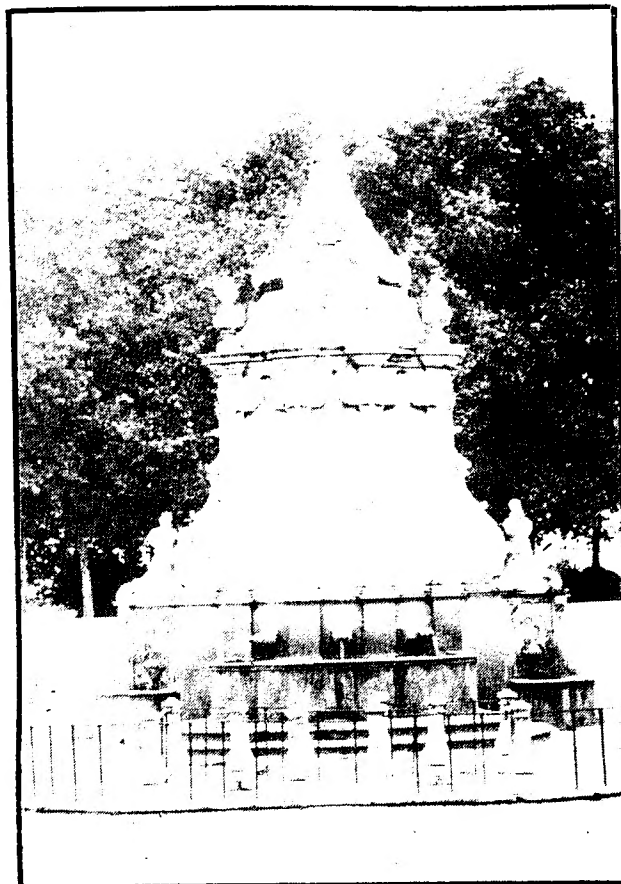
Rua Miguel Bombarda,
n.ºs 222 e 222-A

Telef. 207 24 48
BARREIRO

VENDAS

Rua Serpa Pinto, 43 e 45

CÂMARA MUNICIPAL DE BORBA



Está esta Câmara a realizar na Aldeia da Nora, Freguesia de Santiago Rio de Moinhos a levar a efeito uma obra de saneamento básico e abastecimento de água à população desta aldeia.

A obra agora em fase de conclusão está orçamentada em 120 000 contos, ficará com a realização desta obra de saneamento básico, coberto todo o concelho de infra-estruturas e abastecimento de águas.



portel vila branca 2º PRÉMIO
autor DINIS PEDRO M. da SILVA



**CÂMARA
MUNICIPAL**

«CRIAMOS PORTEL TRABALHANDO OS SEUS VALORES»

Portel tem ainda um aroma moirisco, batida pelo sol, refletida na brancura das suas casas.

Noiva do Alentejo, concelho rural pertencente ao distrito de Évora, produz principalmente cereais, cortiça, girassol, grão e mel. O seu azeite, os seus queijos e os seus enchidos são afamados. As cavacas e os bolos folhados são especialidades muito procuradas, sem esquecer as várias espécies de cogumelos comestíveis, base de famosos pitéus locais.

O seu artesanato é rico de cambiantes e pormenores, trabalhando a cortiça, a madeira, o ferro e as rendas.

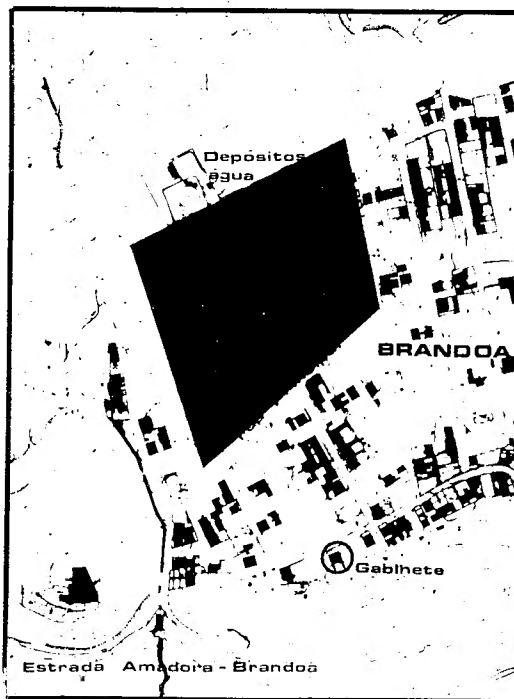
A caça encontra na serra a sua aposta mais aliciante: o javali. Mas os mais afeiçoados ao desporto da linha e da cana, encontram águas ricas num cenário maravilhoso para a pesca nas margens do Guadiana e do Degebe.

A construção da Barragem do Alqueva, que se exige rápida, bem como a aplicação integral da Lei das Finanças Locais e a defesa da Reforma Agrária constituem, uma luta de dia-a-dia do Poder Local e das populações a quem serve, os impulsos imprescindíveis para o desenvolvimento socioeconómico do concelho.

câmara municipal da **AMADORA**



CONSTRUA LEGALMENTE!
Defenda os Planos de Urbanização
dos bairros ilegais da Amadora



**O MUNICÍPIO
ESTÁ A INVESTIR
GRANDES VERBAS
NA RECUPERAÇÃO
URBANÍSTICA**

da Brandoa
Moínhos da Funcheira
Casal da Mira
Cova da Moura

Informe-se, e solicite a
colaboração dos Gabinetes!

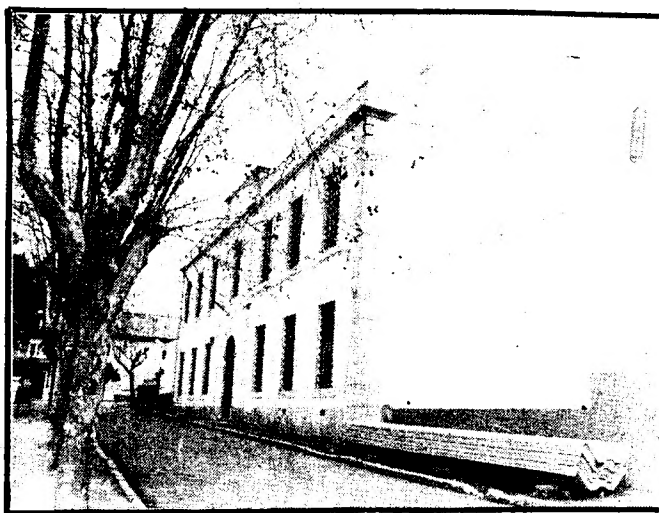
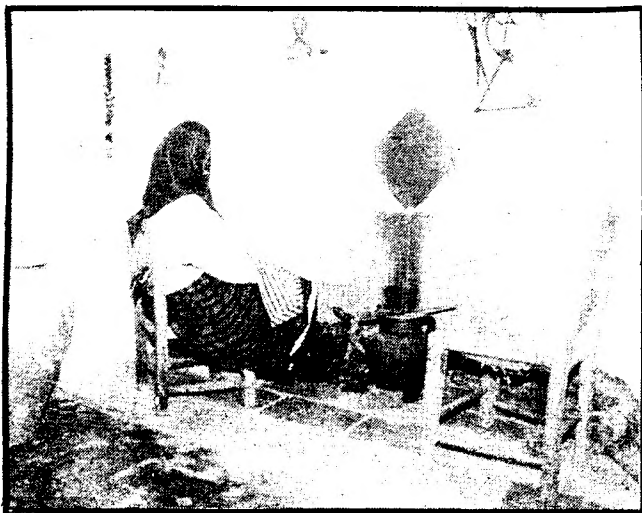
**Não construa clandestinamente:
não desperdice as suas poupanças
nem o dinheiro do Município
que também são seus!**

C.M. AMADORA/1983



**Câmara Municipal
de Santiago do Cacém**

MUSEU MUNICIPAL



A HISTÓRIA DE UM POVO EM EXPOSIÇÃO VIVA.

UMA AUTARQUIA EMPENHADA NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL.

UM ESFORÇO QUE SE CANDIDATA A UM PRÉMIO INTERNACIONAL.

VISITE O MUSEU MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

SAUDAÇÃO

À POPULAÇÃO DO CONCELHO DE SESIMBRA

O MÊS DE ABRIL/MÊS DA ESPERANÇA

Ao aproximar-se a data do glorioso 25 de Abril, não podíamos deixar de nos dirigir à população do concelho de Sesimbra para a envolver numa saudação fraterna e amiga. Saudação que este ano, tem duplo significado. Saudação pela confiança que desde 1974, a população deste município tem manifestado àqueles que dirigem os destinos do Concelho. Confiança que ano após ano vem sendo reforçada pelo trabalho e dedicação mútuos e que se reflectem dia a dia na resolução concreta dos seus problemas.

Saudação porque, em 25 de Abril se realizarão eleições gerais no nosso país, cujos resultados irão certamente influenciar as condições de vida dos portugueses e particularmente dos sesimbrenses.

Temos a certeza que a população do concelho de Sesimbra irá repetir no dia 25 de Abril aquilo que tem feito ao longo dos vários actos eleitorais que se têm realizado, quer para as autarquias, quer para a Assembleia da República. Estamos certos na firme consciência da nossa população que desde sempre VOTOU/ABRIL.

ASSIM:

Que melhor saudação podemos dedicar-lhe, que não seja a desejarmos que continuem a confiar naqueles que trabalham, naqueles que realizam Abril, naqueles que resolvem os seus problemas concretos.

Que melhor saudação à população do nosso Concelho do que afirmar-mos publicamente que em 25 de Abril ela irá participar também na continuação de Abril, na construção dum PAÍS NOVO, onde a certeza de uma sociedade mais justa transformará o incerto hoje, que vivemos.

VIVA A POPULAÇÃO DO CONCELHO DE SESIMBRA
A CÂMARA MUNICIPAL



CÂMARA MUNICIPAL DE REGUENGOS DE MONSARAZ



Rua típica da histórica Vila de Monsaraz

Vila alentejana que, com o seu carácter medieval e a sua integridade histórica, constitui jóia única do nosso património monumental. A par disso poderão admirar e extasiar-se com a sua rústica simplicidade, a sua luminosidade excepcional e os admiráveis panoramas que de lá se disfrutam.

VISITE MONSARAZ



CÂMARA MUNICIPAL DO MONTIJO

7 DE ABRIL DIA MUNDIAL DA SAÚDE

A SAÚDE COMEÇA PELA HIGIENE

MANTENHA O MONTIJO LIMPO!

Na sequência do que tem acontecido por todo o Distrito, a autarquia do Montijo, toma posição contra a política de saúde desenvolvida pelo Governo Central e responsabiliza a actual ADSS de Setúbal pela incompetência e prepotência demonstrada ao longo da sua gestão manifestada facilmente por:

- 1.º Não ter desenvolvido qualquer diálogo com a comunidade organizada, nomeadamente as autarquias, sobre questões tão sensíveis como a saúde de que são destinatários.
- 2.º Não ter nomeado uma única comissão concelhia de Saúde, conforme determina a Lei, inviabilizando a participação das populações na gestão e fiscalização dos serviços de Saúde.
- 3.º Não ter nomeado, até agora, o Delegado de Saúde para o Concelho.

O PRESIDENTE DA C. M. MONTIJO.



CÂMARA MUNICIPAL DE MOURA

«UM CONCELHO NO CAMINHO DO PROGRESSO
UMA CÂMARA AO SERVIÇO DAS POPULAÇÕES»



PELOURINHO

RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DO POVO NO CAMINHO DE ABRIL

Julga que conhece o seu país

Conhece praias... a sua terra... sabe que a Serra da Estrela tem 2.000 metros...

Conhece a caldeirada... o vinho verde...

Conhece o mobiliário rústico de Viseu... as colchas de Castelo Branco...

Conhece o elevador de St.^a Justa... o comboio centenário do Douro.

Conhece os tascos da sardinha assada na Feira Popular... viu dançar os pauliteiros de Miranda...

Conhece tudo sobre o automóvel... visitou o Museu do Caramulo...

Conhece a vegetação milenária da Arrábida... percorreu o romântico Vale do Vouga...

e o Pico nos Açores?

e já provou a frescura de um palhete no Algarve?

e já dormiu nas camas pintadas do Alentejo?

e já andou no elevador a água do Bom Jesus de Braga?

e já foi a uma terça ou um sábado à Feira da Ladra em Lisboa?

e já desceu num carro de cesto na Madeira?

e já fotografou os cavalos selvagens do Gerês?

Descanse,

... Não vá todos os anos para o mesmo sítio, para onde vai toda a gente



vai conhecer Portugal!!!

Já consultou as Agências de Viagens e os Postos de Informação Turística?